

KATHERINE LACCOM'T

TRILOGIA



A RÍADE

Autora premiada da Kindle Direct Publishing.

• R A F F A E L E •

LIVRO 03


de
e
editora



DADOS DE COPYRIGHT

SOBRE A OBRA PRESENTE:

A presente obra é disponibilizada pela equipe Le Livros e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura. É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

SOBRE A EQUIPE LE LIVROS:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.love](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste [LINK](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e

*poder, então nossa sociedade poderá enfim
evoluir a um novo nível."*



KATHERINE LACCOM'T

TRILOGIA

A RÍADE

Autora premiada da Kindle Direct Publishing

• R A F F A E L E •

LIVRO 03
LIVRO 03

DEE
EDITORA

KATHERINE LACCOMIT



A RÍADE

• R A F F A E L E •

Dea
editora

Copyright © KATHERINE LACCOM'T, 2020
Copyright © 3DEA EDITORA, 2020

Editor	Kelly Patrícia
Produção Editorial	Daniela Soares
Revisão	Valeria Bueno
Ilustração	Mia Klein
Imagem	Créditos à Antonio Lujak/ www.antoniolujak.com @antoniolujak

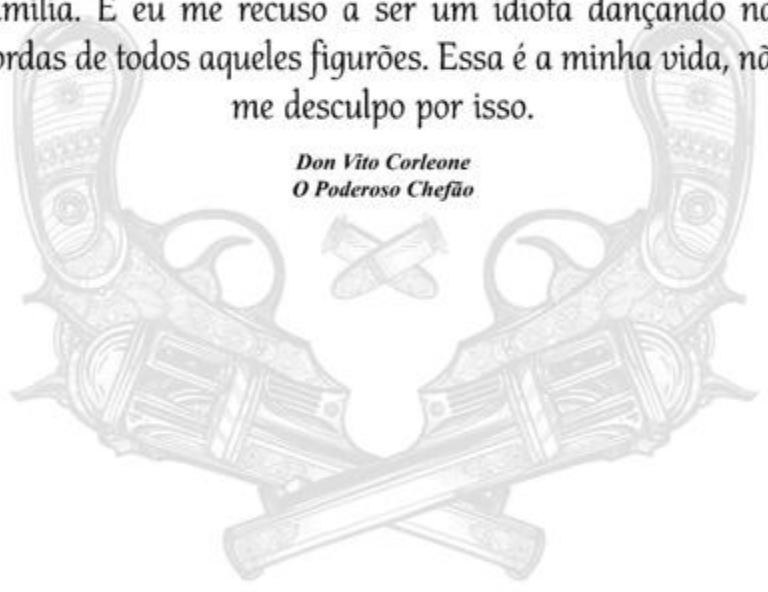
Texto de acordo com as normas do Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa (1990), em vigor desde 1º de Janeiro de 2009. Os personagens e as situações desta obra são reais apenas no universo da ficção; não se referem a pessoas e fatos, e sobre eles não emitem opinião.

É proibida a reprodução total e parcial desta obra, de qualquer forma ou por qualquer meio eletrônico, mecânico, inclusive por meio de processos xerográficos, incluindo ainda o uso da internet, sem permissão expressa da Editora, na pessoa de seu editor (Lei 9.610 de 19/02/1998).

Todos os direitos reservados à 3DEA Editora.
www.3deaeditora.com.br
contato@3deaeditora.com.br

Eu trabalhei toda a minha vida para cuidar da minha família. E eu me recuso a ser um idiota dançando nas cordas de todos aqueles figurões. Essa é a minha vida, não me desculpo por isso.

*Don Vito Corleone
O Poderoso Chefão*



Sumário

[Prólogo](#)

[Capítulo 01](#)

[Capítulo 02](#)

[Capítulo 03](#)

[Capítulo 04](#)

[Capítulo 05](#)

[Capítulo 06](#)

[Capítulo 07](#)

[Capítulo 08](#)

[Capítulo 09](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25](#)

[Capítulo 26](#)

[Capítulo 27](#)

[Capítulo 28](#)

[Capítulo 29](#)

[Capítulo 30](#)

[Capítulo 31](#)

[Capítulo 32](#)

[Capítulo 33](#)

[Capítulo 34](#)

[Capítulo 35](#)

[Capítulo 36](#)

[Capítulo 37](#)

[Capítulo 38](#)

[Epílogo](#)

Prólogo

Raffaele

O clube está escuro, iluminado apenas pelas luzes estroboscópicas. Pessoas dançam, bebem e se pegam pelos cantos. Não gosto de agitação porque qualquer coisa do tipo gera aglomeração e quanto mais pessoas juntas, mais o

perigo pode se esconder. Daqui do piso superior posso acompanhar o movimento de todos.

Olho ao redor mesmo com o lugar escuro e procuro por qualquer coisa suspeita. É meu dever fazer com que todos estejam seguros, mesmo na despedida de solteiro de Aniella e Levi. Eu queria poder arrancar os meus olhos ao vê-los agarrados em qualquer canto. Parecem dois adolescentes se pegando sem vergonha alguma. Do outro lado, Haniel e Mairheen dançam no ritmo completamente diferente da música que está tocando. Eles estão em seu próprio mundo.

Continuo a vasculhar o lugar e encontro um casal dançando muito perto. Ele fala no ouvido dela e ela ri, como se tudo no mundo estivesse bem. A mão dele está na cintura dela e a jovem não se incomoda em retirá-la. Eles se aproximam. Ele tenta beijá-la, mas ela se afasta ainda rindo. Não tenho absolutamente nada a ver com a situação, mas ela claramente não o quer.

Caminho entre o amontoado de pessoas, desço as escadas evitando as mulheres que querem a minha atenção e os homens que querem aparecer ao meu lado. É o eterno jogo de interesses.

Ignoro a todos e sigo em minha missão. Aceno para Denis, meu chefe de segurança, que me acompanha de perto. Neste inferno, todo cuidado é pouco.

Aproximo-me do casal que estava observando mais cedo, ele ainda tenta beijá-la, mas o sorriso que a jovem ostentava já não está aparente. Coloco-me atrás dela e aceno para o infeliz que tentou conquistá-la, ele não demora em me reconhecer, levanta as mãos e se afasta. Ela quase cai ao tentar se virar e eu a seguro.

— Raffaele Saints — ela fala.

— Ainda não sei se a chamo de Kin ou Sayuri — digo em seu ouvido. — Mas não interessa como eu a chame, não é? O

importante é quantos orgasmos eu posso lhe dar.

Ela tenta se afastar e eu a seguro entre os meus braços.

— Você é grosseiro e...

— Um grosseiro que tem mãos e boca que você adora.

— Raffaele!

Rio e beijo abaixo de sua orelha.

— É exatamente o nome que você grita quando estou entre as suas penas ou...

— Chega! Chega, seu bruto arrogante. Deixe-me ir.

Eu a solto, sorrio e afasto-me, voltando às sombras de onde posso observá-la. Ela vai até o bar e pega mais uma bebida.

Retorna à pista e encontra algumas meninas de Ani que parecem estar de folga, mas sabemos que elas são seguranças para Sayuri.

Elas dançam, riem e bebem. Homens se aproximam, mas elas os repelem. Boas meninas! Então, a música muda e as mulheres começam a gritar, o DJ anuncia que as mulheres dominarão a pista e todos os holofotes estão virados para lá.

Aniella é a primeira a se apresentar, pois festa é com ela mesmo. A mulher está grávida e não se importa de dançar loucamente. Mae chega trazendo com ela Sayuri, Zendaya e mais algumas

que

não

conheço.

Elas

pulam

e

cantam

despreocupadamente. Vejo Levi assistir sua futura esposa com um sorriso que chega a ser estranho em alguém que quase não sorri.

Haniel é um caso perdido com Mairheen, o homem lambe o chão que a esposa pisa.

Meus olhos pousam em Sayuri, que me surpreende com a sua dança. Nunca imaginei que ela dançasse dessa maneira.

Sempre foi tímida, participava do grupo de teatro na universidade, mas, até onde eu sei, ela sempre ficou nos bastidores. A música tem uma batida contagiante e a cena à nossa frente tira um sorriso de vários dos meus homens, mesmo de Denis.

(...) Qualquer garota seria má para você, mas você precisa de uma boa para esgotá-lo. Bang bang no quarto, eu sei que você quer. Bang bang sobre você, o deixarei ter. Espere um minuto que

te levarei para lá. Espere um minuto que vou te contar. Bang bang, lá vai o seu coração e eu sei que você quer no

banco de trás do meu carro, o deixarei ter isso [1](...).

Volto a olhar para Sayuri, que está completamente entregue.

E ao inferno se ela não é gostosa. Mesmo um cego enxergaria aquele corpo. Nos últimos dias temos jogado perigosamente com essa coisa de gato e rato, em que eu a capturo e faço as coisas mais sujas ao seu corpo. Não transamos, mas não demorará para que isso aconteça. Ainda tenho que lidar com o fato de que um dia ela foi a Kin... a minha Kin, namorada de faculdade.

Aniella e Haniel, nos últimos dias, vem intercedendo por ela.

A mulher deve andar com uma forte segurança para que Katsuo não coloque as mãos nela. Sayuri é a sua prometida, mas ela fugiu com a família, o que os torna traidores. Ela será sua esposa e sofrerá todos os castigos pela sua família. É assim que a Yakuza opera, família são seus irmãos de clã e não a que constituiu ou a que descende.

Uma ideia vem se tornando cada vez mais sólida em minha mente, se eu a fizer minha não terá alguém na Terra capaz de nos separar. Somente se nos matarem. Não é uma saída aconselhável, mas é a melhor que ela tem no momento. Assim que a música acaba e todas as mulheres voltam aos seus lugares, eu vou atrás da linda japonesa. Ela encosta no bar e pede mais uma bebida, que a servem sem demora. Sayuri dá um passo, mas esbarra em mim.

Sem perda de tempo, seguro em seu braço e a levo até um canto escuro, onde não há *ninguém* se pegando. Sayuri não fala *nada*, apenas me encara como se quisesse me devorar. Eu seria um maldito se não desejasse a mesma coisa. Pressiono-a contra a parede e acaricio o lado de seu pescoço, descendo por entre os seus seios. Ela prontamente

arqueia contra mim, em um pedido silencioso por mais. Está escuro, mas seus olhos não deixam os meus.

Seguro a sua nuca e levanto a sua cabeça para que a minha boca encontre a sua. O copo de bebida que estava segurando cai aos nossos pés e suas mãos estão sobre mim, percorrendo cada

parte minha. O beijo é cru, voraz e carnal, é sexo. Passo a mão pelos seus seios, desço pela sua barriga até chegar entre as suas pernas. Levo minha boca até o seu ouvido.

— Você está molhada para mim, *preziosa*?

— Sim...

Meus dedos entram sob seu vestido e esfrego o dedo médio em sua calcinha úmida. Tomo sua boca em um beijo frenético e aumento o ritmo do meu dedo. Ela quer mais e geme por isso.

Afasto a peça que está em meu caminho e esfrego o dedo em sua boceta succulenta, pronta para me receber. Começo a acariciar o seu clitóris sensível.

Em meio a névoa de luxúria, encontro o momento exato para convencê-la daquilo que quero. Mordo o lóbulo de sua orelha e o sugo, excitando-a ainda mais.

— Você quer ir para o Katsuo, Kin?

Ela ofega porque pressiono seu sensível nervo do prazer.

— K-kin não, não... Sayuri, sempre Sayuri. E não, não quero ninguém daquele lugar — ela geme mais alto. — S-sim, aí... toque-me aí...

— Venha para Vegas e case-se comigo.

Seus olhos cobertos pela luxúria encontram os meus.

— Por quê? — ela pergunta.

— Porque eu posso te fazer livre — escolho esse momento para penetrá-la com dois dedos e logo sinto sua boceta se contrair em meus dedos.

Não perco tempo e inicio o ritmo, penetrando-a e retirando como se eu a estivesse fodendo. Ela é apertada, não deve ter tido relações há algum tempo. Eu terei um prazer enorme em consumir o casamento. Sayuri geme alto em seu orgasmo.

— E-eu não sei...

Chupo cada um de meus dedos a saboreando.

— Eu posso lhe dar um passaporte para a liberdade e muitos orgasmos — sorrio.

— Você é mau... u-um demônio, Raffaele Saints.

Pressiono-a mais contra a parede e meu corpo. Quero que sinta o quanto estou duro por ela.

— Um belo demônio — falo com ironia.

Ela encosta sua cabeça para trás e respira fundo.

— Você pode me salvar dele?

— Posso o que eu bem entender, *preziosa*.

Ela pensa por alguns poucos segundos.

— Eu me casarei com você, mas prometa que não me machucará.

Assinto.

— Eu prometo.

— Quando faremos isso?

— Agora.

Afasto-me dela, mas ela puxa-me de volta.

— O casamento de Aniella será amanhã.

Beijo o seu pescoço e falo em seu ouvido:

— Estaremos aqui a tempo, prontos para entregá-la ao russo.

— Tudo bem.

Sem perda de tempo, passo meu braço pela sua cintura e a levo diretamente à porta de saída secundária. Assim que Denis nos alcança, passo a eles os meus planos. Como nossos pilotos vivem em sobreaviso, não demorará muito para organizar essa viagem de última hora.

Enquanto percorremos as ruas da cidade, Sayuri permanece quieta. Não vou pressioná-la, não quero que desista da ideia. Essa é uma história que não tem amor, será um casamento de conveniência, muito bom para ambos. Ninguém será tolo o suficiente para tentar roubar a esposa de um *Capo* e ela terá um marido que sabe foder dignamente. Ambos estamos no lucro.

Depois de quase uma hora para chegar a pequena pista de decolagem, Denis abre a porta para nós e eu a ajudo sair.

Ela está sem casaco e sua pele arrepia de frio. Retiro o meu terno e coloco em seus ombros, Sayuri sorri nervosamente. Cumprimento os pilotos e a comissária de bordo que nos acompanhará até o outro lado do país. Assim que entramos e nos acomodamos Sayuri olha para mim.

— Você sempre conseguiu o que queria de mim, por isso o chamo de demônio. Você se apresenta sempre com as melhores

intenções, mas no fundo todos sabem que as suas intenções são sombrias.

O piloto avisa para colocarmos o cinto, pois vamos decolar, e assim que o jato começa a ganhar os céus, volto a minha atenção à linda mulher ao meu lado.

— Bem-vinda ao meu inferno, *preziosa*.

Capítulo 01

Sayuri

— Explica-nos novamente como você acabou casada com o meu primo? — Aniella me questiona pela segunda vez.

Olho para Mae a procura de ajuda, mas ela está tão chocada quanto Ani está furiosa. Respiro fundo.

— Raffaele me prometeu liberdade...

Ani ri alto e aponta para mim.

— Dá para acreditar nesse absurdo? — Mairheen me olha com compaixão. Porque só com muita misericórdia você consegue fugir de um Saints. — Como ele lhe dará liberdade enquanto aquele japonês gostoso está querendo te levar

para longe e fazer sabe-se lá o quê? — Ela começa a andar e um lado para o outro, esbravejando. — Enlouqueceram... eles encheram a cara na minha despedida de solteiro e acharam que era uma boa ideia fugir para a Vegas e se CASAREM!

Mae tenta o seu melhor para acalmá-la

— Respira fundo, Ani. Pense no bebê, você não pode se agitar dessa ma...

— Minha filha é uma guerreira como eu — ela passa a mão na barriga que não ainda não aparece. — Ela terá orgulho quando contarem que a sua mãe deu fim a uma ganguezinha com ela na barriga.

Mae bufa e joga os braços para cima.

— Eu desisto!

— Ninguém te deixará ir a lugar algum enquanto estiver grávida, Aniella — digo com toda paciência.

Para ser sincera, não sei o que me deu para aceitar a ideia de me casar com Raffaele Saints. Repito todos os dias que é por causa da liberdade..., mas seria muita ingenuidade pensar isso.

Minha [okaasan\[2\]](#) dizia sobre as diversas formas que o diabo se apresenta, geralmente elegante, muito bonito e voz melodiosa. Que seu sorriso enigmático e olhar hipnotizante fazem com que você

deseje mergulhar nas profundezas daquele inferno. Isso descreve perfeitamente Raffaele.

E como a serpente no paraíso, o homem me seduziu, ofereceu-me a fruta proibida. Eu, tão tola quanto Eva, deixei-me levar pela promessa da serpente. Todos sabem que quando se casa com um mafioso o divórcio não é uma opção, a morte é. E Raffaele não é um mafioso qualquer, o homem é o chefe dos chefes, o comandante de um dos clãs mais poderosos do mundo. Ele pode me liberar? Sim, pode! Mas até onde a tradição o comanda? Os Saints são conhecidos por não quebrar as leis da família, todos devem segui-las sem questioná-las. Mesmo Aniella não conseguiu combater.

Agora sou a Senhora Raffaele Saints, morando com um dos homens mais perigosos que conheço. Eu já o conhecia... ou assim pensei. Bem, conheci o jovem Raffaele, engraçado e despreocupado. Universitário que adorava festas e namoros, aberto e engraçado. Seu sorriso sempre foi lindo e hoje me dói que economize esse traço. Ele não sorri muito e quando o faz não é como antes.

Nos dois primeiros semestres eu o acompanhava de longe.

Invejava sua liberdade e seu jeito despojado. Todos sabiam quem os primos eram, todos os tratavam como a realeza. Mas Raffaele, esse era especial. Não somente pelos sorrisos perversos ou olhares matadores, ele era cruelmente inteligente e conquistar popularidade.

Os Saints não eram esportistas, o negócio deles era debates e xadrez, estereótipos completamente contraditórios.

Depois de um ano, Raffaele me notou... eu acho que foi depois, mas ele insistia que me acompanhava desde o início. O

professor de Direito Penal nos colocou frente a frente para um debate sobre um caso em que a esposa era acusada de

matar o marido porque ele era usuário de drogas. Eu fiz o papel da acusação, afinal, todas as provas que incriminavam a mulher eram sólidas. Mas Raffaele Saints não se deu por vencido e defendeu tão bem a ré que a maioria da sala realmente acreditou que ela foi tão vítima quanto o seu marido. O professor ficou impressionado com a desenvoltura que lhe ofereceu um estágio antecipado.

Naquele momento o odiei, pois ele representava tudo o que eu abominava. Mas naquele mesmo momento eu também me odiei, porque o desejava. O que me chama atenção em um homem é a sua inteligência e o maldito era o pacote completo. Depois daquele dia, ele sempre esteve por perto. Rejeitei seus convites para fazermos trabalhos ou estudarmos juntos. Porque nada do que viria dele podia ser bom.

O universo não me ajudou e nos colocou em uma monitoria juntos. No início eu o ignorava... na verdade, ignorava a todos. A minha vida familiar era um tanto complicada para eu deixar que as pessoas ficassem muito perto. Eu tinha amigos, sempre tive muitos amigos, mas nenhum que conseguisse entrar o suficiente para conhecer a minha história. Deveria me manter discreta, longe dos holofotes daquela família italiana e eu fiz o possível. Eu realmente fiz.

Até o dia em que ele esperou que ficássemos sozinhos na sala de monitoria. Raffaele pegou uma cadeira e sentou-se à minha frente, encarou-me até o desconforto se espalhar por mim. Não satisfeito, ele colocou uma mecha de cabelo atrás da minha orelha.

— Você é linda, Kin — seus dedos acariciam meu rosto e seu polegar corre em meu lábio inferior. — Seus lábios são a minha perdição.

Afasto-me dele.

— Economize suas palavras bonitas, Saints. Eu não caio nelas — falo enquanto arrumo meu material para sair da sala o quanto antes.

— Você é misteriosa e seu sorriso parece ser a chave para esse mistério — levanto-me rapidamente e ele também o faz, se aproximando mais de mim. — Você sorri sempre, mas é superficial.

Sob essa pele há um grande mistério que eu desvendarei.

Rio desconsertada. Ele está me fazendo corar, que ridículo!

— Ao contrário do que pensa, não sou esse ser místico que você imagina. Sou chata, com uma vida chata, apenas isso.

— Isso é o que você quer que as pessoas saibam, mas deixarei ir — seu olhar não se desvia do meu e por um minuto deixo me levar. — Gosto de um bom jogo, Kin Shimizu.

Meu nome falso faz com que eu volte à realidade. O encanto acaba e eu apenas saio sem olhar para trás. Há poucos dias, descobri que nossos nomes são falsos e, nesse momento, Raffaele Saints é uma ameaça.

A história da minha vida daria um livro trágico. Eu nasci no meio da máfia japonesa, mas meu pai não era como os outros. Na Yakuza, a organização vem em primeiro lugar. Cada família dentro da organização tem um chefe, meu pai era um. Seu pai já tinha sido e o pai do pai dele também. Essa não é uma organização hereditária, você tem que conquistar o seu lugar. Meu pai era cruel para comandar uma família, mas não o suficiente para não ser morto.

Como em todas as máfias, a organização passa a ser prioridade, a família passa a ser aqueles “irmãos”. A diferença da japonesa é que a família de sangue é totalmente dispensável. Ao contrário das outras, as mulheres não servem para *nada*, apenas para servir, na maioria das vezes nem para isso. Os homens não devem se apegar a quem está fora daquele meio, mas meu *chichi*[\[3\]](#)

era diferente, ele realmente nos amava e fazia tudo que era possível para nos ver felizes.

Por mais que ele passasse a maior parte do tempo fora, quando voltava nos trazia presentes. Nós víamos o quanto amava a nossa *haha*[\[4\]](#), pois fazia questão que soubéssemos o que significávamos para ele. Mas tudo na vida tem um preço. Para demonstrar lealdade, meu pai deu o que considerava mais precioso, um de seus filhos. Quando eu tinha três anos de idade, ele e Kenichi Shinoda, chefe da organização, acordaram o noivado entre o herdeiro de Shinoda e eu. Mas, ao que parece, isso não foi o suficiente.

Meu pai não executava alguns serviços que envolvia dizimar famílias inteiras em chamas ou matar uma criança para que servisse de lição aos outros e, por nos ter com tanto apreço, ele foi morto. O

oyabun considerou *chichi* fraco, mas como sabemos, não se pode sair de uma organização criminosa facilmente, para o meu pai custou a vida. As famílias também são dispensáveis e devem seguir

o seu chefe na morte. Então, com ajuda da família da minha *haha*, saímos clandestinamente do Japão e nos instalamos nos Estados Unidos.

Não lembro muito dessa parte da minha vida, mas me recordo da minha mãe sempre nos manter sob fortes

cuidados.

Éramos apenas ela, Ren, meu irmão mais novo e eu. Minha infância foi boa e a adolescência foi comum. Minha mãe fez de tudo para que tivéssemos o que queríamos, na medida do possível.

Frequentamos boas escolas, tivemos uma excelente educação e éramos felizes. *Haha* fez questão de manter a lembrança de nosso pai viva, contando histórias sobre ele e todos os anos, no [Obon\[5\]](#), pendurávamos uma lanterna na frente da casa para guiar o espírito do papai até onde estávamos.

Minha mãe tentou nos ensinar a dançar o *Bon Odori*[\[6\]](#), mas infelizmente meu irmão e eu não gostávamos. Como não podíamos visitar o seu túmulo, montávamos o [Butsudan](#)[\[7\]](#) em casa fazendo oferendas de alimentos e flores. Depois de dois dias, fazíamos a cerimônia com a lanterna flutuante, que colocávamos no lago ou rio mais próximo a nós, a fim de orientar o espírito de *chichi* de volta para o seu mundo.

Nossa cultura é rica e linda, mas Ren e eu nos adaptamos tão bem ao novo país que, com o passar dos anos, perdemos muito disso. Nos tornamos totalmente ocidentais. E como todo adolescente ocidental, tive uma fase rebelde que rapidamente chegou ao fim quando eu soube da nossa história e o porquê chegamos aqui na América. Ouvi minha mãe desabafar com sua melhor amiga e as imagens que eu achava que eram sonhos começaram a fazer sentido. Outra coisa que passei a entender foi o porquê *haha* nunca falava da família do papai. Isso não acontecia porque se eles descobrissem onde estávamos, matariam a mamãe, me matariam e levariam Ren.

Depois de alguns anos entrei para uma das universidades da *Ivy League* [8], para estudar Direito, onde conheci os Saints e passei a ser perseguida por aquele diabo de olhos azuis. Sou obrigada a admitir que adorei a sua insistência em sair comigo, logo percebi

que ele sempre parecia estar nos mesmos lugares que eu e assim começamos uma boa amizade, mesmo ele falando suas palavras sujas. Eu adorava estar com os seus primos e amigos, as festas na piscina do condomínio que as famílias dividiam. Muitas coisas aconteciam naquelas festas, mas foi um tempo maravilhoso.

Meses depois, em uma festa, vi que Raffaele estava distante e flertando com todas as outras garotas que estavam lá, foi a primeira vez que senti o verdadeiro ciúme. Eu queria socar a cara de cada uma daquelas vadias. Chateada, eu bebi dois copos de cerveja um em seguida do outro, encontrei um dos meninos disponíveis e o arrastei para o canto, mas antes que eu pudesse encostar a boca no rapaz, um braço forte enlaçou a minha cintura, me jogou sobre seu ombro e me tirou de perto da boca que eu iria experimentar.

Raffaele me levou até a academia que ficava perto da piscina, mas não podia se ver muito do que passava ali dentro. Me carregou até uma mesa e me pôs sobre ela, abriu minhas pernas e se colocou entre elas. Eu estava de biquini e ele apenas com um calção de banho, pude sentir sua ereção entre as minhas pernas.

Sem dizer uma palavra, ele baixou a parte superior da minha roupa de banho e lambeu os meus mamilos, chupou-os e os mordeu, me fazendo gemer.

Sua boca subiu até achar a minha e então passei minhas pernas pela sua cintura, praticamente montando em seu

pau.

Abracei-o trazendo mais próximo a mim enquanto nos beijávamos freneticamente. Me senti tão bem e melhorou quando ele afastou a minha calcinha e me penetrou com seus dedos em minha entrada.

Eu nunca tinha feito sexo, até saí com alguns rapazes, mas eles não pareciam saber o que estava fazendo. Raffaele me mostrou exatamente como sentir prazer. Com a boca em meu pescoço, ele falou:

— Você é virgem, não é, preciosa? — isso foi mais uma constatação do que uma pergunta. — Apertada, succulenta e molhada, perfeita para matar o meu desejo.

— Faça o que quiser, apenas faça o que tem que fazer para acabar com esse formigamento — digo a ele.

— Incline-se para trás e abra bem as pernas, Kin — assim o faço. ele se abaixa na minha frente e coloca uma das minhas pernas sobre o seu ombro e a outra ele abre, expondo-me totalmente a ele.

— Você é linda, baby. Sua boceta é linda e gananciosa, espero que seja tão doce quanto os seus lábios.

E assim ele o fez, me levando à loucura. Tenho certeza de que todos que estavam na festa ouviram os meus gemidos, que mais pareciam miados de uma gata no cio. Horripilante, eu sei. Mas foi ali que tudo começou...

— Sayuri! Acorde! — volto para o momento com Aniella estalando os dedos bem na minha cara.

— Tenho certeza de que ela está pensando na consumação do casamento — Mairheen fala, sorrindo.

Mal sabem elas que Raffaele vem me evitando como diabo evita a cruz. Mantenho-me em silêncio.

— Por que vocês se casaram, Sayuri? — Aniella insiste.

Cansada dessa conversa me levanto e ando pela sala, que agora também é a minha gaiola dourada.

— Nos casamos porque queríamos — respondo. — Porque ele me prometeu liberdade.

Aniella coloca a mão na cintura.

— E você acreditou? Não existe liberdade para os herdeiros Saints, querida.

Capítulo 02

Raffaele

(...) Eu escuto um monte de segredinhos, então diga-me o seu e guardarei. Agora você quer saber meu nome, mas é melhor pensar duas vezes, ser mau tem um preço. Eu tenho uma reputação sórdida e não sinto a hesitação. Melhor pensar duas vezes porque

[*ser mau tem um preço \(...\)\[9\]*](#)

Soco.

Chuto.

Desvio.

Soco.

Soco.

Então tudo para.

Haniel se coloca entre meu adversário e eu, nos separando.

Meu oponente já estava a um passo de cair, não demoraria muito.

Alguém desliga a música que escolhi para o treino e outro vem com uma toalha para mim.

— Você tem levado esses treinos muito a sério — meu primo reclama. — Dois dos nossos homens já foram hospitalizados. Afinal, qual é o seu problema?

Passo a toalha pelo meu rosto para secar o suor e joga-a em sua direção e ele a pega no ar.

— Não está acontecendo *nada*, é apenas um treino. Se eles não aguentam, então estamos lidando com fracos. E entre nós não há fracos.

Saio do ringue tendo Haniel atrás de mim.

— Cara, seja o que for a porra do que está acontecendo, resolva. Temos coisas importantes para lidarmos no momento.

— Ah é? — falo debochadamente. — E o que seria?

Entro no vestiário e já vou tirando o calção e a cueca no caminho para o chuveiro. Ignoro meu primo falando sem parar, ligo a ducha fria e me coloco sob ela.

— Sei lá, quem sabe seja o fato de que você se casou com a noiva de um chefe japonês, colocando toda a família em risco?

Deixo a água correr pela minha cabeça e corpo, levando toda a minha adrenalina pelo ralo. Ninguém imagina o quanto venho me preocupando com isso, mas eles terão que entender. Eu sou o chefe e uma decisão tomada não pode ser revogada.

— Ninguém está em risco além de Kin e eu.

Ele fica em silêncio por um tempo e quando volta a falar o seu tom é baixo.

— Ela já falou a você o porquê do nome falso? Há mais alguma coisa sobre Sayuri que devemos saber? Porque os registros dela são escassos. É como se ela tivesse evaporado do mundo quando era criança e só retornado a vida agora.

— Segundo ela, sua mãe saiu do Japão com documentos falsos, caso contrário não conseguiria. Ela e o irmão eram muito pequenos e ela lembra de poucas coisas. Kin... Sayuri só soube de sua história mais tarde.

Desligo o chuveiro e alcanço uma toalha para me secar. Meu primo, acostumado com a minha nudez, segue sua linha de interrogatório.

— Vocês namoravam na faculdade e um dia simplesmente ela sumiu. Você chegou a procurá-la, mas nunca falou abertamente sobre o assunto.

Haniel insiste em trazer à tona o passado quando esse deveria continuar onde pertence, no passado.

— Por que o faria? Ela sumiu e nunca mais apareceu. Eu a procurei, mas como achamos alguém que não existe?

A mulher sempre foi um mistério para mim, mesmo quando éramos jovens, Kin não compartilhava muita coisa. Eu, um garoto mimado que tinha todos os seus caprichos atendidos, vi-me ainda mais intrigado pela bela menina asiática em meus braços. Acabei não dando importância quando realmente deveria. Os herdeiros da minha geração aprenderam cedo que não podiam confiar facilmente nas pessoas, mas eu estava deslumbrado e o sexo sempre foi uma ótima rota de fuga para mim.

Meu primo interrompe meus pensamentos.

— Não acredito que ela possa nos ajudar com o maldito Katsuo — ele fala parecendo estar distante.

— Não, não pode. Hunny, volte para Mairheen e seu filho.

Hoje foi um longo dia e muitos outros longos dias virão — aconselho.

Seus olhos encontram os meus e ele aponta para mim.

— A conversa não acabou. Além de seu irmão, sou um de seus *consiglieri*. Uma hora dessas terá que abrir o jogo sobre o seu casamento. Porque ambos sabemos que não foi por amor. — Ele sai, me deixando novamente com os meus pensamentos.

Todos especulam o motivo que me levou a casar com Kin...

Sayuri. Parte da família acredita que estou revivendo uma história inacabada, mas quem é mais próximo sabe que algo me move, algo nada emocional. Há muitos anos as emoções não ditam mais os meus passos e minhas ações. Para tudo há um motivo... *para tudo há um tempo determinado; há*

um tempo determinado para cada propósito debaixo do céu
— segundo o livro de Eclesiastes na Bíblia.

A resposta sobre o meu casamento com Sayuri é simples e quem está próximo a mim o sabe, apenas não querem enxergar.

Todos sabem que morrerei antes de deixar alguém tomar o meu território e dizimar o meu clã, meus soldados e suas famílias. Aquele maldito japonês não verá o que o atingiu. Até lá vou me divertindo com a sua linda prometida, que agora é minha esposa. Vou aproveitar cada segundo dela, desfrutar de cada parte daquele corpo, entrar em seu coração e possuir a sua alma.

Volto à realidade e visto-me rapidamente. Saio do vestiário com meu terno impecável, na porta há seguranças me esperando e que me acompanham para fora do ginásio da Worldwide. Fora do complexo, os carros me esperam e sou escoltado como se fosse um chefe de estado. Houve um tempo em que achei isso desnecessário e incômodo, mas entendi rapidamente que sou mais útil vivo do que morto.

Vivemos um momento delicado em que todo cuidado é pouco. Tivemos sequestros, atentados e mortes o suficiente por anos. Agora é momento de precaução, de controle, é momento de prestar mais atenção ao nosso redor para que não tenhamos mais *nenhuma* surpresa. A segurança de todos também foi aumentada,

principalmente das mulheres, das atuais *mammas Saints*. O que Mairheen tem de calma, Aniella tem de pretensão, acha que pode fazer tudo enquanto carrega um herdeiro Saints-Nikolov. Kin é tão preciosa quanto as outras duas, ela é a joia de família roubada que todos querem.

Percorremos as ruas movimentadas da cidade e mal percebo que paramos em um congestionamento, pois meus pensamentos já estavam longe. Imagens de Kin em frente a Mairheen, outra dela naquela cabana com Nikolov em um vilarejo. Mas a imagem que mais me agrada é quando a vi dançando na despedida de solteiro de Aniella e Levi. Ali, naquele momento, decidi colocar em ação um plano arriscado. Cujo o desfecho envolvia cortejar e casar com uma antiga namorada, que por acaso é a prometida do *oyabun* da Yakuza.

Minha família já passou por coisas demais. Somos descendentes da máfia italiana, de desertores que fugiram da Itália rumo aos Estados Unidos para reconstruir suas vidas longe da máfia. Diante da queda do império criminoso, nossos bisavôs partiram clandestinamente em um navio cargueiro rumo à América.

Chegando neste país, viram-se coagidos pelo chefe da máfia local.

Nesse momento, decidiram que as nossas famílias teriam uma vida lícita e tranquila. Foi aí que nasceu a Saints Security, que depois veio a ser Saints Worldwide. Como líderes destemidos, montaram um império juntamente com as famílias italianas e descendentes que se aproximaram na esperança de se tornarem membros desse novo clã.

Como muitas pessoas começaram a se associar aos Saints, foi determinado um sistema em que os que eram aceitos tinham que aderir ao sobrenome Saints, no meio do nome e nunca ao final. E

também havia a regra de enviar um de seus filhos para ser soldado da Saints Security. Seus negócios recebiam recursos da empresa, tornando-a sócia de seu estabelecimento. Hoje

em dia, não só os homens devem servir algum tempo na Worldwide, todos têm que colaborar com parte do seu tempo em alguma empresa Saints, como a clínica WellCare ou a escola RedLife.

Com o passar do tempo os Saints se tornaram numerosos, temidos e necessários para outras organizações, como os russos, os irlandeses e para a própria máfia italiana nos Estados Unidos.

Não demorou muito para o clã ter as suas próprias leis, afinal, muitas pessoas se agregaram, e essas pessoas geravam mais pessoas. Então, a primeira geração Saints instaurou as Leis Absolutas:

**A segurança do “Presidente” e da Tríade vem acima de qualquer outra;*

**Não chamar a atenção para si e nem para o clã;*

**Se mexer com qualquer um do clã, terá que se ver com todos;*

**Não mentir para a Tríade, caso seja chamado para esclarecimentos;*

Não vamos esquecer que mesmo tendo em mãos grandes poderes, os herdeiros têm que se sacrificar em prol do bem maior:

**Todo herdeiro que não esteja iniciando a sua família até os trinta e três anos de idade tem seus pais como responsáveis pela escolha do cônjuge para fazer com que a união aconteça;*

**Os herdeiros não devem, em hipótese alguma, crescer separados. É obrigatório que eles convivam próximos por*

toda a vida;

**Os herdeiros do triunvirato devem passar por treinamentos que os preparem para se sentarem em suas cadeiras e comandarem o clã. Devem também ter estudo superior compatível com a sua herança. É de responsabilidade expressa de seus antecessores prepará-los para assumir o que lhes é de direito;*

**É proibido que os herdeiros entrem em confronto iminente que poderá ocasionar seu óbito.*

Ninguém acreditava que os Saints sobreviveriam e hoje somos a quarta geração a encabeçar a família.

Primeira Geração: Anthony Saints – meu bisavô, Paul Saints e Joseph Saints.

Segunda Geração: Ítalo Saints – meu avô, Felipe Saints e Ândrio Saints.

Terceira Geração: Gabriel Saints – meu pai, Raziel Saints e Elemiah Saints.

Todos nos olham como os ricos privilegiados, mas não sabem o quanto tivemos que sacrificar de nós mesmos para estarmos aqui.

Abrimos mão de ser quem queríamos para ser o que querem que sejamos. Meus primos e eu já tivemos a nossa cota de inferno.

Nosso passado não foi tão bom quanto levamos as pessoas a crer.

Só porque sua família tem dinheiro, não significa que você será feliz ou terá um maldito pônei. Certas coisas escritas

simplesmente não acontecem. Descobri isso cedo, no início da minha adolescência, quando me vi em meio ao acampamento de treinamento na Itália, lutando para salvar os meus primos e outras crianças que se encontravam naquele inferno.

Sempre carreguei comigo o peso da responsabilidade de ser um herdeiro, chefe do clã Saints. Não herdamos apenas uma cadeira, há o peso do sobrenome, da nossa história e a responsabilidade de manter uma inquebrável tradição. É um fardo muito pesado que levamos desde a tenra idade. A nossa iniciação na Itália era esperada, o que não era esperado é que os homens de confiança das famílias atentariam contra a vida de suas proles. Eu embarquei naquele avião com desejo de aventura, meu pai falava desse tempo de sua vida com saudosismo, fazendo com que eu desejasse esse tempo também. Eu não esperava, ninguém esperava passar por um sequestro e tortura aos treze anos de idade.

E quando vi a pequena Aniella entre aqueles meninos, perdi um pouco de mim. Haniel e eu tentamos escondê-la da melhor maneira possível, mas todas as nossas tentativas foram em vão. Ela não deveria estar lá, mesmo que Hunny, Ani e eu nunca tivéssemos sido separados. Aquela pequena delinquente não deveria ter se escondido e se jogado em um lugar tão perigoso quanto o campo de treinamento. Porque a iniciação tem um objetivo, transformar meninos em homens, mesmo com pouca idade. Foi lá que passamos fome e sede, privados de sanar as nossas necessidades mais básicas.

Houve quem não suportou e quase enlouqueceu, afinal, éramos garotos entre onze e quatorze anos. Haniel era o protetor dessa Tríade. Ele sempre se colocou nessa posição e hoje ainda o faz. Somos irmãos, somos parceiros e isso

contribuiu para um ataque bem sucedido quando um menino pequeno estava para ser abusado sexualmente em nossa frente. Deus! Meu estômago revira quando lembro daquela cena. O menino franzino e nu nas mãos daquele maldito capitão, dos homens que as nossas famílias julgaram ser de confiança, homens que nos fizeram passar pelo pior, fizeram-nos lutadores e assassinos.

Aniella não suportou ver a cena e correu para cima dos homens que a seguravam, Hunny e eu sabíamos que ela seria a próxima. Eles a chacoalhavam a ponto de nos amedrontar com as sequelas que poderiam ocorrer. Naquele lugar da Itália, deixamos para trás a nossa inocente infância. A cena em que ameaçaram a minha prima está marcada em minha mente com ferro em brasa.

Dois homens segurando Ani enquanto o capitão a ameaçava.

— *Olha a menininha Saints colocando suas garras de fora.*

Talvez não tenha a quebrado como deveria. Mas eu farei assim que terminar com esse aqui. — Aniella se debatia e o maldito capitão foi até ela e a esbofeteou no rosto. Não sei de onde brotou uma energia desconhecida em mim, mas controlei até achar o momento exato de tirar ela dali. — *Vocês Saints acharam que poderiam abandonar a máfia e que ficaria tudo bem? Seus velhos acreditavam que poderiam nos tratar como seus empregados idiotas para treinar os filhinhos babacas? Eles se arrependerão por tudo o que fizeram!*

Haniel tentou me segurar o melhor que pôde, sua proteção era um bálsamo muitas vezes, mas não era o papel dele nos proteger e sim o meu. Isso me frustrava, mas ao mesmo tempo me trazia alento. Só que ali, com aqueles meninos

quebrados e a nossa pequena menina nas mãos dos bandidos, algo mudou em mim que eu não sei até hoje como explicar. Só que, sem dúvida nenhuma, meu entendimento com a morte começou ali. Não tenho problema algum com matar e morrer, pois a morte é uma aliada leal.

Hunny me cutucou e apontou as armas que descansavam nas cinturas dos guardas. Mal sabiam eles que nós três chegamos

ali atirando e lutando como gente grande. Nem nossos pais sabiam que éramos bons em estratégias. A distração do capitão enquanto baixava suas malditas calças deu-nos tempo suficiente para pularmos sobre os homens que seguravam Aniella e pegar suas armas. Dali em diante foi apenas um borrão de ataques e facadas, até Ani tomar a arma que estava em minha mão e descarregá-la no capitão. Talvez, ali, um pouco da minha humanidade se foi.

Depois de vermos que os homens estavam mortos, procuramos pelo telefone e acabamos por encontrar água e um pouco de comida, que repartimos entre nós. Trêmulo, procurei entre os contatos um número conhecido, não demorou muito para achar o do meu avô Cardi, eufórico, Haniel se põe à frente da situação e falou ao meu avô o que aconteceu. Logo que desligou, meu primo virou para mim e disse:

— Eles estão vindo por nós, Rafe. Ajude-me a esconder os meninos até que o socorro chegue.

E assim fizemos, cobrimos e camuflamos o quanto podíamos.

Quando vimos que todos estavam “invisíveis”, Hunny fez o mesmo conosco. Não sei quanto tempo passou até que

ouvíssemos vozes chamando por nós, mas pareceu uma eternidade. No momento em que reconheci a voz do meu avô os meus instintos gritaram proteção e eu respondi ao seu chamado. Ani começou a chorar. A nossa pequena menina, que aguentou todos aqueles dias sem se lamentar, permitiu-se chorar de alívio. Nesse momento nos abraçamos ainda mais forte, ainda era nós três contra todos.

Depois que fomos resgatados, tudo foi muito rápido ou eu que não estava prestando atenção em *nada* mais do que reviver os dias infernais que passamos. Lembro do desespero da minha avó ao nos receber, lembro de nossos pais chegando no meio da noite, mas não assimilei muita coisa. Meu foco era apenas na minha inutilidade, como eu poderia ser um chefe se não consegui proteger os meus irmãos quando mais precisaram? Você diria que treze anos é pouco para ter esses pensamentos, mas quando nascemos com um propósito toda a nossa vida é moldada para aquele fim. Então, aos treze anos, eu falhei.

Desde então não fui mais o mesmo, ninguém foi, mesmo com toda ajuda profissional e o amor de nossas famílias. Amenizava, mas não tirava aquilo que nos machucava, não espantava os monstros que viviam dentro de nossas cabeças. Aguentei cada pesadelo e ataque de pânico, como homem feito. Todos viam que tinha algo de errado, mas ninguém conseguia chegar a mim. Foi uma época difícil para todos. Tentamos o nosso melhor enquanto crescíamos, fomos inconsequentes, festeiros, aproveitamos tudo, cada um à sua maneira. Haniel era o bom moço perante a família, mas assim que se afastava ele não ligava para as consequências.

Aniella sempre foi impulsiva e além do alcance de qualquer um e eu me tornei o rei das festas.

Então veio a faculdade e... Kin. Ela chamou a minha atenção desde a primeira classe que fizemos. Uma menina tímida que dava a impressão de gostar de ficar sozinha. Ela tinha amigas, mas não pareciam ser próximas. Era muito inteligente e absurdamente desajeitada. Gostava de ouvir sua voz melodiosa, ficava excitado quando ela dava uma de suas respostas inteligentes. Sempre tive uma queda pelas estudiosas, acho que era um fetiche, não sei. Mas Kin... ela era diferente.

Ela não ligava para o meu sobrenome ou para quem eu era, queria apenas que eu a deixasse em paz. Mas foi impossível, eu a queria muito. Eu era a contradição que os professores tentavam entender, os garotos imitavam e que as garotas desejavam. Eu não era um jogador de futebol ou qualquer outra coisa, mas corria e fazia outros exercícios com eles. Sempre preferi o clube de xadrez, que me ajudava na concentração, e os debates, coisas que me preparavam para o futuro. Era popular, o garoto de ouro assim como Haniel.

Todos esperavam o meu melhor, menos Kin, ela simplesmente não se importava e isso me fez desejá-la ainda mais.

Persegui-la me deixava excitado. Foram semanas atrás daquela doce bunda que só me dava foras. Então a convidei para uma de minhas festas na casa dos meus pais, vi o momento em que ela chegou e acompanhei cada passo seu de longe. Ela não parecia se

importar comigo flertando com meninas aleatórias, mas me enfureceu quando a vi arrastar um dos caras para o canto.

Desvencilhei-me das meninas que me cercavam, peguei Sayuri pela cintura e a joguei sobre o meu ombro, levando-a

à academia do condomínio. Ninguém poderia nos ver, a não ser que se esforçassem muito. Coloquei-a sobre uma das mesas e acariciei seu rosto. Por mais inteligente e espertinha que ela aparentasse, tudo nela gritava inocência. Kin era virgem e eu queria ser o seu primeiro. Mas quando a penetrei, percebi que também queria ser seu tudo.

Foram dias, semanas, meses excelentes. Eu ia muito bem em minha preparação para a herança e estava com a menina mais incrível que já conheci. Kin, foi a minha primeira e talvez minha única paixão. Eu era completamente louco por ela, até que um dia ela se foi, simples assim. Desapareceu sem deixar rastros, como se nunca tivesse existido. Procurei-a desesperadamente, atormentei a todos que a conheciam. Fiz os homens de meu pai irem atrás da menina que era meu mundo. Ela iluminava a parte escura da minha alma, ela despertava o meu desejo de ser uma pessoa melhor.

Hoje me pergunto se aquele rapaz realmente era eu. Lembro de um tempo bom, mas nem mesmo a menina conseguiu afastar totalmente a escuridão que estava crescendo em mim. Talvez, a ilusão me fez acreditar que ela me iluminava. Não sei, nem nunca saberemos sobre isso. Hoje sou um homem no controle de suas emoções e até mesmo de sua escuridão. Não tenho um coração quente e receptivo, não ostento um sorriso falso de que tudo está bem. Hoje sou o homem que todos temem.

Capítulo 03

Raffaele

Depois de sair do complexo, pedi ao motorista que me levasse a um bairro em que a ruas nos pertence. Raramente sou visto nas ruas, mas um chefe jamais deixa os seus

soldados sem suporte. As outras organizações têm que saber que eu ainda estou no comando, que nada mudou. Caso contrário, teremos mais uma das infinitas guerras por territórios.

Meus pais não aceitaram muito bem o fato de eu estar envolvido com a máfia, mas entenderam que é algo mais forte do que nós, está em nosso sangue. Comecei como qualquer outro soldado, meus primos também. Todos esperavam que nós seguíssemos o legado de nossos ancestrais, mantendo-nos a margem da máfia. Mas queríamos ir além, queríamos comandar o lícito e o ilícito. O desejo não foi somente meu, meus primos também o tiveram. Haniel sempre foi um bom articulador, como o seu pai, e Aniella tem a luta em seu sangue.

Somos uma tríade constituída para comandar, somos o que as pessoas temem em seus piores pesadelos. Não temos problemas em desmembrar um traidor ou atirar na cabeça de um inimigo sem pensar duas vezes; nascemos para isso. Não foi à toa que me tornei o *Capo di tutti capi* mais novo da organização. Eu tinha instrução, experiência e uma equipe de suporte muito forte.

Trabalhamos muito para subir nos dois impérios e hoje reinamos em absoluto, tanto em o nosso clã quanto em nosso território nas ruas.

Conversei com alguns homens, percorri alguns de nossos negócios e me dirigi para casa. Tenho um relatório em minhas mãos que não contém boas informações. A Yakuza derrubou um dos cartéis ao sul e mais mortes se acumulam por aqui. Sabemos que Katsuo está cada vez mais perto, a única coisa que não entendemos é; por que ele não quer apoio de outras facções?

Nenhuma é páreo para nos atingir, mas poderiam fazer estragos.

Enquanto não descubro a tática do meu adversário vou executando a minha que, no momento, é manter sua atenção em mim.

— Chefe, há um dos homens da Yakuza preso. Quer vê-lo?

— um dos meus capitães de rua me informa. — Já o cortamos muito, mas ele fala pouco. Não conseguimos nada além da localização de uma casa, onde quase não há movimentação.

— Leve-me — ordeno.

Caminhamos até uma casa que por fora parece como qualquer outra de periferia, pintura lascada, pátio bagunçado, pessoas “invisíveis” entrando e saindo. Entro no lugar e sou levado diretamente ao porão. Mal adentro e o cheiro de fezes e urina me afligem. No meio do ambiente está a criatura pendurada pelos braços, seu rosto quase desfigurado, corpo coberto cortes e sangue.

Aproximo-me e vejo que não durará muito, o restante de sua vida já está se esvaindo.

Ando até chegar próximo a orelha que ainda resta.

— Vou encontrar o seu *oyabun* e fazer com ele o mesmo que fizeram com você — falo baixo. — Mas ele não terá tanta sorte quanto você, eu mesmo me encarregarei de cobrar cada pecado dele contra a minha família.

O homem cospe puro sangue. Com voz rouca e cansada, responde:

— Ele matará cada um de vocês, malditos italianos.

— Quer me dizer alguma coisa antes de o mandarem para o inferno? — pergunto.

Ele ri.

— Eu te encontrei lá.

Minha vez de sorrir.

— Até daqui a pouco — respondo enquanto enrolo um plástico preto na cabeça dele, cortando sua respiração. Ele já está bem debilitado, mas ainda tem força para se debater até morrer.

Assisto juntamente com os outros, não me importando com o sangue em minha roupa. Apenas algumas manchas aqui e ali.

Assim que ele morre, volto para o carro e vou para casa. No carro, passo pelas mensagens de Ani que insiste em trabalhar mesmo estando grávida. Acho que me infernizar sobre o meu casamento virou seu trabalho agora. Sei que ela tem muito apreço por Kin...

Sayuri, mas eu tenho um propósito para a sua amiga, ela garantirá que os meus sobrinhos e seus pais permaneçam vivos.

Tão logo o carro estaciona em frente à minha casa, uma das empregadas abre a porta para mim. Passo pela sala e encontro a mulher com quem me casei mexendo concentradamente em seu *laptop*. Há algum tempo que estamos casados e sempre a vejo trabalhando, mas nunca parei para perguntar sobre o que seria. Sua atenção está toda focada na tela do dispositivo, não se dando conta da

minha presença. Aproveito para olhá-la mais um pouco. Parece que os anos não passaram para ela, continua com a pele linda, traços delicados.

Ela levanta o seu olhar, que encontra o meu, e sorri brevemente. Nós ainda somos completos desconhecidos. Por algum motivo, Kin acredita que me conhece, só que ela não o faz. Existe uma tensão crítica entre nós que é quase palpável. Conversamos sobre amenidades, mas nada profundo ou sério, não somos amigos, apenas casados. Admito tê-la seduzido e o faço com prazer. Ainda não transamos, mas meus planos é possuí-la por inteira.

— Eu estava o esperando para jantar — ela fala suavemente.

Tiro o meu terno, jogando-o sobre o sofá juntamente com a gravata.

— Bom. Estou faminto.

Seu olhar está na minha camisa branca que tem alguns respingos de sangue próximos aos botões.

— O que aconteceu? — ela se levanta e caminha em minha direção. — Está machucado?

— Não. Sem machucados — sorrio para ela. — Bem, sem machucados meus.

Vou até o armário em que as bebidas ficam e me sirvo. Pelo canto dos olhos, vejo que ela olha para mim nervosamente, trocando os pés por estar inquieta. Depois de encher o meu copo, volto a minha atenção a ela. Levanto a minha sobrelanceira em questionamento.

— Vo-você não vai se trocar para nos sentar à mesa? — ela aponta para a minha roupa.

Aceno e me dirijo ao lavabo enquanto dobro as mangas até o cotovelo. Lavo minhas mãos e meu rosto, refrescando-me para compartilhar a refeição com a mulher que me casei. Volto à sala, pego meu copo com uísque que tinha deixado de lado para ir me limpar e vejo que ela ainda me aguarda na sala de estar. Sua boca cai aberta quando vê que não tirei a roupa suja de sangue para jantar.

— Você n-não...

— Vamos jantar, estou faminto — aponto a outra sala em um gesto cortês para que ela vá na frente e assim o faz.

Como o bom cavalheiro que sou, puxo a cadeira para ela antes de me sentar em meu lugar. Sem demora, a governanta aparece com mais duas ajudantes para servir nossos pratos e quando a primeira *cloche*[\[10\]](#) é aberta, controlo-me para não rir. No prato há *carpaccio* de carne. Kin empalidece imediatamente. Com delicadeza ela rejeita o primeiro prato e pega alguns pedaços de pão que estão a mesa.

— Sem apetite, esposa?

Ela olha para a minha camisa e posso ver nitidamente seu desconforto. Então balança a cabeça em negação.

— Não sou uma grande admiradora de carne vermelha crua

— ela responde.

Desfruto a minha comida lentamente. E logo vem o segundo prato. Eu assisto com fascinação seu total e completo repugno a comida à sua frente. Um filé mignon ao ponto

para menos, ao molho madeira e legumes salteados. Um dos meus pratos preferidos.

Lorella, minha governanta, se vê em desespero com a reação da mulher à minha frente.

— Perdoe-me, Senhora Saints — ela retira o prato o mais rápido possível. — Não nos foi passado os seus gostos e também não mudaram o cardápio, acreditávamos que a senhora desfrutasse dos mesmos gostos que seu marido. Por favor, diga-me o que preparar à senhora. Q-quem sabe uma sopa de legumes?

Aliviada, Kin responde.

— Sopa é perfeito, Lorella. Obrigada.

A senhora sai apressada para providenciar o alimento da senhora da casa.

— Por que não adicionou as suas preferências ao cardápio da casa? — questiono-a.

— A casa é sua e não costumo fazer as coisas sem autorização — seu olhar não encontra o meu. — Não sei até onde posso ir.

— Você é a nova dona da casa, Kin...

— Sayuri — ela me corta. — Por que você insiste em me chamar de Kin?

— Força do hábito — respondo dando de ombros.

— Na cerimônia você pronunciou meu nome corretamente, depois disso parece que o faz para me punir ou me provocar — ela responde com certo amargor.

— Por que eu a puniria, esposa? O que você fez de grave para isso? — a questiono.

A governanta entra trazendo consigo a sopa e coloca à frente de Sayuri, que a agradece. Observo-a enquanto se alimenta. Desde que eu me lembro, ela sempre foi delicada, elegante até, mas agora isso está mais... refinado. Tirando essas roupas.

A mulher parece não saber vestir outra coisa além de calças jeans rasgadas e camisetas folgadas. Falarei com Ani e Mae para que a levem às compras, minha mulher deve andar de acordo com nossa posição.

Percebo que ela relaxa e então aproveito o momento para voltar a questão anterior.

— Gostaria muito de saber se a minha esposa fez alguma coisa para que seja punida.

Ela me olha e acho charmoso o seu cabelo cair sobre seu rosto, deixando apenas um de seus olhos a me encarar, mas sei que mantém ambos em mim.

— Não fiz nada — ela volta à sua refeição e comemos por algum tempo em silêncio. Kin... Sayuri está incomodada, posso dizer pelo tanto que se mexe na cadeira.

Isso me chama a atenção. Coloco os talheres sobre o prato e recosto-me para trás com a taça de vinho.

— Fale — ordeno. — Sei que quer dizer algo.

— Q-quando você fala em punição, o que seria? Espancar-me? — pergunta em voz baixa. Talvez para que nenhum empregado a escute.

Fico em silêncio por um momento, para que dezenas de cenários ruins passe por sua cabeça. Não há *nada* pior do que a nossa própria mente, ela pode nos tornar gênios ou loucos, pode produzir anjos e demônios. Quando percebo que ela está mais inquieta do que antes, falo:

— Sou adepto ao sexo hard, sacana, mas não, essa não é a punição de que falo. Eu sou um assassino, Sayuri — falo seu nome categoricamente. — Costumo torturar pessoas, arrancar cada membro antes de assisti-los sangrar até a morte.

Ela afasta sua refeição e faz uma careta, enojada com as minhas palavras.

— Deus! Você é nojento.

Rio sem humor.

— Não, esposa. Eu sou realista.

Ela me encara por algum tempo, mas não consigo ler o seu olhar. Sua postura muda, como se sua coragem tivesse retornado.

— Você não era assim, Fael...

Deixo a minha taça vazia de lado, levanto-me e caminho até Sayuri. Ela vira seu rosto e me abaixo até nivelar seu olhar com o meu.

— Você não me conhece, esposa, nunca conheceu —

acaricio seu rosto e coloco uma mecha de seu cabelo atrás da orelha. Seus lábios ligeiramente se abrem e sua respiração se torna superficial. Ela umedece os lábios e

posso ver que está ficando excitada, mas em seus olhos, neste momento, posso ver... receio.

— Quer tentar aquele sexo sacana que falei antes? Afinal, temos que consumir a nossa união.

Ela se afasta do meu toque.

— Que união? — seu tom é receoso. — Aquela em que você me iludiu com promessas vazias?

Passo a mão pelos seus cabelos e quando chego na parte de trás o seguro com firmeza, garantindo que não a fira.

— Não, *preziosa* não houve ilusão. Eu pedi que se casasse comigo e você o fez de bom grado.

É a sua vez de rir sem emoção.

— Eu sou uma idiota. Achei que você me queria... como antes.

Mordo levemente seu lábio inferior.

— Eu a quero, disso não há dúvidas. Quero fodê-la de todas as maneiras que puder, quero preencher cada buraco seu, quero consumi-la por inteiro.

— Você me prometeu liberdade — seus olhos não deixam os meus.

Sorrio.

— Prometi que a libertaria de Katsuo, não de mim.

Beijo-a, forçando minha língua em sua boca que não se mostra muito resistente a minha intrusão. Ela aceita e desfruta da minha língua em sua boca em um beijo cru, sem

emoção e cheio de tensão. Quando a solto, ela está ofegante.

Não sei o que ela vê em minha expressão, mas seus olhos que brilhavam de desejo passam a ter raiva.

— Você é um monstro mentiroso, Raffaele Saints! — ela fala, indignada.

Fico satisfeito que ela enxergue isso, porque é só o que terá de mim.

— Eu nunca disse o contrário, *preziosa*. Você vendeu sua alma ao diabo assim que se casou com o próprio.

Ela se levanta e anda em direção as escadas que levam aos quartos.

— Estou começando a odiá-lo — ela fala para que eu ouça.

Não respondo porque acredito que seja melhor ela me odiar do que amar. Não sei se ainda sou capaz de amar alguém além da minha família. Mas, se sou, com certeza não amaria Kin, Sayuri ou qualquer nome que essa mulher tenha.

Capítulo 04

Sayuri

Entro no meu quarto, ou no quarto que deram a mim, e fecho a porta com toda a raiva que me move neste momento. EU ME

DETESTO! Maldito o dia em que aceitei aquela proposta ridícula de casamento. Em que momento achei que esse homem frio poderia ser aquele garoto sorridente da

faculdade? Sabe o pior? Eu realmente achei que poderia restar alguma coisa daquele rapaz despreocupado.

Como sou idiota por acreditar nas palavras dele. Desde que cheguei à este condomínio, ele não me deixou em paz. Me perseguiu e encurralou em cada oportunidade. Sim, eu gostei. Não me julguem! Que mulher não gosta de ser cortejada, beijada e seduzida por um *bad boy*? Quem não gosta de se sentir desejada?

Ainda mais por um homem como Raffaele Saints. Um homem que tem a palavra *perigo* tatuado na testa, mas ainda assim desejamos mais que tudo.

Enquanto estava na casa de Aniella, Raffaele aparecia de vez em quando. No início ele só me encarava, mas depois o jogo foi intensificando. Ele nunca perdia a oportunidade de me encurralar em um canto e me beijar. Provocava-me passando suas mãos pelo meu corpo e falando coisas sujas. Eu me apeguei àquilo. Quem não o faria? Basta olhar para aquele homem e você já imagina coisas demais. A mistura de beleza e escuridão é altamente perigosa.

Depois que nos casamos, esses momentos diminuíram e ele não perde a oportunidade de me lembrar do meu novo lugar, a nova Senhora Saints. Naquela boate, seu pedido fez sentido para mim, estávamos em algum entendimento e para selar o acordo ele me ofereceu a liberdade, que para mim significa vida. Eu sabia que a partir do momento que eu caísse nas mãos de Katsuo, minha vida se tornaria um inferno. Sou sua prometida, seria sua posse assim que nos casássemos. Sabe-se lá Deus o que aquele homem faria comigo.

Conheço muito pouco de Katsuo, Aniella me falou algumas coisas sobre ele, pesquisei tantas outras. Ele é um homem

muito bonito, mas sua beleza traz algo estranho... ruim. Pode ser porque eu sei como ele me trataria quando me possuísse, até porque não sou mais virgem e isso é uma desonra. Ele iria me expor diante de seus irmãos e me humilharia de todas as formas possíveis.

Ninguém poderia encostar em mim ou mesmo falar mal, mas ele sim, o pior de todos.

Passando um tempo com os Saints, vemos o quanto são unidos e amorosos. Ninguém mexe com a família, eles não perdoam. Todos conhecem o clã Saints, sabem de sua tradição. E

testemunhar isso de perto é extraordinário. Vi como eles se dão bem e não há disputas nas famílias, mas os herdeiros são super respeitados e entre eles o vínculo é inquebrável. Se você é um herdeiro Saints, tem somente duas saídas, ou você luta junto com os seus primos ou não luta. Simples assim. É um por todos e todos por um.

Enquanto a família está extremamente feliz com os casamentos de Haniel e Aniella, o de Raffaele é uma incógnita. Eles me aceitaram muito bem, mas não sabem o que pensar dessa união, já que o meu prometido está matando meio mundo para me ter sob suas mãos. Ninguém entende o porquê Raffaele trouxe isso para casa. Para falar a verdade, nem eu sei. No início pensei que ainda existia algum sentimento de quando éramos mais jovens, mas ele tratou de mostrar que não. Raffaele tem um plano e eu faço parte dele. Sou um peão em suas mãos, mas me tornarei a rainha.

Estou cansada desse tratamento frio que ele tem comigo. Já cheguei a pensar que ele está ressentido e me fazendo pagar por tê-lo abandonado um dia, tola. Eu não passo de

um passado bem distante para ele. Raffaele pegou o que pertencia ao seu inimigo para fazê-lo pagar pelas mortes de sua organização. Eu sou uma carta neste jogo, nada mais. E é nesses momentos que me odeio mais ainda, porque sou idiota o suficiente para achar que eu poderia ter o que Mae tem com Haniel.

Estou sozinha neste mundo há muito tempo, apesar de todos os amigos que fiz ao longo do caminho, nenhum realmente

permaneceu porque a minha vida não permitia isso. Quando cheguei e me instalei na casa de Ani, conheci pessoas que realmente me fizeram amá-las. Como Mae, seu filhinho Elijah, as *mamas* Saints que vi muito pouco, mas sempre se mostraram tão amáveis. Casar-me com Raffaele não era apenas a busca de liberdade, era também a chance de permanecer... de pertencer a algum lugar.

Preciso do meu computador, focar no trabalho é melhor do que ficar pensando no que Raffaele Saints pretende fazer. Quando Aniella me levou para longe, ela não apenas me abrigou, mas também me enviou um subsídio para que eu me sustentasse sem problemas. Só que eu não estava confortável com aquilo, falei que iria encontrar um trabalho na região, mas a mulher quase teve uma síncope. Ela me perguntou o que eu poderia fazer e lhe disse que era muito boa com computadores e informações. Longe de mim ser uma hacker, mas tenho os meus jeitos de conseguir o que preciso.

Quando fiquei sob os cuidados do meu irmão Ren, eu não podia fazer muita coisa e mexer em computador passou a ser o meu passatempo. Naquela época meu acesso à internet era controlado, por isso achei um jeito de burlar. Aniella me enviou um notebook e uma lista de pessoas

porque precisava de um dossiê, desde então não parei mais trabalhar para ela. Passo horas em frente à tela procurando informações que me são delegadas. Talvez seja por isso que ainda não enlouqueci nesta casa. Aqui sou livre, posso ir e vir, mas sinto como se de alguma forma eu estivesse presa.

Abro a porta para pegar o meu notebook que deixei na sala.

Olho para os lados, mas não vejo e não ouço *ninguém*. A porta do quarto de Raffaele está entreaberta e a curiosidade que habita em mim faz com que caminhe até lá. Espio lá dentro e vejo apenas as suas roupas sujas jogadas em uma cadeira. A luz do banheiro está acesa e mais uma vez, quando me dou conta, estou caminhando na direção da luz. Isso não é boa ideia... *sai, Sayuri!*

Assim que chego à porta do banheiro, abro-a e dou de cara com uma arma apontada para a minha cabeça.

— A curiosidade matou o gato, esposa.

— Jesus! — Minhas pernas fraquejam e escoro-me no batente da porta. Quem diabos toma banho com uma arma?

Ainda com o meu coração batendo forte e o medo me rasgando por dentro, contemplo o homem meio nu à minha frente.

Ele baixa a arma, colocando-a sobre a pia. Raffaele está apenas com uma toalha enrolada na cintura, sua parte superior toda exposta e úmida do banho. Tatuagens cobrem seu corpo, algumas coloridas que parecem ter vida. Ele penteia seus cabelos para trás antes de se virar de frente para mim. Ele é absurdamente lindo.

Seus olhos azuis... seu olhar misterioso. Meus olhos viajam pelo seu corpo parando no volume logo abaixo de sua

cintura.

Raffaele sempre foi grande... dotado. Minha primeira vez parecia que ele estava me rasgando ao meio, mas gostei de cada minuto. Sempre me questionei se era realmente uma mulher normal, porque gosto de dor para chegar ao prazer e Raffaele me dava exatamente o que eu queria... não, não queria... eu precisava. Sem perceber, umedeço os meus lábios e passo a imaginar a toalha caindo e aquele...

— Pelo jeito a Senhora Saints está gostando do que vê —

aquele maldito sorriso de canto está aqui para me provocar.

— Você é um homem muito bonito, dificilmente uma mulher não seria afetada por isso — respondo, tentando parecer indiferente.

Ele se aproxima e passa por mim, aparentemente eu não o afeto como faz comigo ou com todas as outras mulheres. Eu sempre me senti diferente, pois as asiáticas são pequenas, sem curvas, delicadas. Sou diferente, meu corpo não é proporcional, meus seios são enormes, às vezes me olho no espelho e tenho a impressão de serem caídos. Sou magra, mas não tenho aquela curva da cintura que a deixa fina, acho que sou reta, só que a minha bunda pode servir de mesa. Mulheres curvilíneas são lindas, parecem ter seus corpos esculpidos. As asiáticas são delicadas e possuem peles deslumbrantes. Eu sou a mistura dos dois tipos que não deu certo.

Não gosto de usar roupas justas, sou muito feliz com os meus jeans e camisetas, sempre fui. Comprar calças é uma verdadeira batalha, porque as grandes ficam certas na minha

bunda, mas muito largas na cintura e nas pernas. As de tamanho menor simplesmente não fecham por causa desse museu de bunda que ostento. Meu rosto é bonito, sei me maquiar para tirar o melhor de meus traços. Meus cabelos também são bonitos, escuros, lisos e sedosos. Me acho bonita... coberta.

— Você deveria bater na porta antes de entrar em um lugar sem ser convidada. Eu poderia ter atirado e você não estaria aqui agora, me devorando com olhos — seu comentário traz-me à realidade.

— E-eu gostaria de falar com você. Eu bati, mas você não me ouviu — minto.

O maldito sorri, pois sabe que estou mentindo.

— O que quer conversar, Sayuri?

Raffaele pergunta enquanto caminha para o closet e, sem me controlar, o sigo. Sua toalha cai deixando aquela bunda perfeita à mostra. Estou muito excitada. Ter um homem desses perto da gente é enlouquecedor.

— Sobre o trabalho?

— Você está me perguntando ou afirmando? — me questiona enquanto coloca uma calça de moletom. Raffaele vira-se para mim e encontro os seus olhos. Ele sorri mais abertamente roubando todo o meu ar. Eu já tinha esquecido o tanto que seu sorriso é devastador.

Hoje em dia sorri pouco, quase nada. Ele volta a falar: — Por um momento achei que você só queria me olhar.

Eu queria fazer muito mais do que olhar. Balanço a cabeça para desanuviar. Não estou aqui para conversar, a minha

curiosidade me trouxe e minha libido está se deixando levar.

Pensando melhor, eu devo sair daqui. Raffaele não é meu amigo ou meu aliado, sou apenas uma carta de troca, um peão em seu jogo.

— Não é nada, Raffaele.

Caminho até a porta, mas uma mão forte segura o meu braço. Tento me desvencilhar, mas sua força é maior do que a minha. Quando dou por mim, estou pressionada entre a porta que antes estava aberta e Raffaele.

— Eu acredito que você tenha algo para mim, esposa. Por que você entraria em meu quarto se não fosse por algum motivo

muito forte? — uma de suas mãos está em minha cintura e a outra segurando o meu queixo. — O que quer?

Sua voz rouca e baixa faz um arrepio percorrer a minha pele.

— Não tenho nada para falar — falo baixo. Eu queria ser forte e sarcástica como Ani, mas estou longe disso. Posso sentir sua ereção e isso deixa-me mais desejosa. — Solte-me, por favor.

Ele beija o meu pescoço e morde a curva entre o meu ombro e o pescoço. Essa picada de dor tem ligação direta com o sensível nervo entre as minhas pernas.

— Raffaele... — minha voz não passa de um sussurro.

— Você disse que queria falar sobre o trabalho — ele fala em meu ouvido enquanto uma de suas mãos traiçoeiras

esfrega entre as minhas pernas. — Conte-me no que trabalha, *preziosa*.

Ele alcança uma de minhas mãos e a leva até a sua calça para libertar sua ereção. Assim que seu pau salta livre, ele o enfia entre as minhas pernas. Duas barreiras de tecidos nos separam e ainda posso sentir sua dureza e calor.

— E-eu trabalho para Ani... aahh — abro a minha boca para responder, mas saem apenas gemidos.

Raffaele continua o seu ato libidinoso, levando-me ao abismo de um orgasmo. Sua mão entra sob a minha camiseta e aperta o meu seio sem piedade. Ele baixa a taça do sutiã e belisca meu mamilo.

— O que você faz para Ani? — sua pergunta sai abafada.

Minha cabeça está no ato que acontece entre as minhas pernas e qualquer pensamento voa para longe quando sinto a sua boca em meu mamilo. Totalmente degradante e eu estou gostando de cada minuto. Eu sou fraca, admito.

— Fa-faço algumas pesquisas... aaahhh, Deus... de pessoaaaaaaa...

Sem misericórdia, Raffaele morde o meu mamilo e eu gozo tendo o seu pau entre as minhas pernas. Se ele não me segurasse, teria ido ao chão. Estou ofegante e posso sentir o cheiro da minha excitação. Eu sou fraca mesmo.

— Agora é a minha vez — ele fala. Raffaele se afasta o suficiente para nos olharmos. — Segure o meu pau e me masturbe,

Sayuri — meu nome é tão lindo em sua boca... essa boca perversa e suja. Faço como me pede. — Isso, aperte mais a

mão em torno do meu pau. Isso... isso, *preziosa* — sua boca encontra na minha e engulo cada um de seus gemidos.

Ele coloca a mão sobre a minha e se toca mais rápido, sua boca agora em meu pescoço. Raffaele não é um gemedor, mas o pouco que faz mexe comigo. Então volta a colocar o seu pau entre as minhas pernas enquanto ainda o masturbo e goza, sujando a mim e a ele. Estaria mentindo se dissesse que não estou excitada novamente, mas a realidade vem cortante quando ele se separa de mim. Andando em direção ao banheiro, ele fala:

— Amanhã Aniella e Mairheen a levará para comprar roupas

— ele para na porta do banheiro e olha sobre seu ombro. — A Senhora Raffaele Saints deve se vestir como uma rainha — seu olhar me percorre da cabeça aos pés. — E não como uma mendiga.

Ele entra no banheiro e me deixa aqui, encostada na porta de seu quarto, me sentindo suja e barata. Como ele pode ser assim?

Estava se esfregando em mim todo quente e excitado *num* minuto e no outro é frio e distante. O ódio. Ódio ter me casado com ele.

Que Raffaele vá para o quinto dos infernos! Saio do seu quarto e vou para o meu. Ficar longe dele é sempre a melhor saída, assim pensa a minha razão enquanto o meu corpo diz outra coisa.

Capítulo 05

Sayuri

Me sinto uma boneca na mão de duas italianas loucas. Não aguento mais essa coisa de “põe a roupa”... “tira a roupa”... “coloque essa blusa para valorizar os seus seios”... “tire essa calça que amassa a sua bunda”... “você não é a minha vó para usar um vestido desse”... “qual foi a última vez que você fez as unhas?”.

Já estivemos em duas lojas de roupas, uma de sapato e bolsa, agora estou no salão enquanto a manicure faz as minhas mãos e pés. Uma cabeleireira ainda mais louca que as duas mexe em meu cabelo. Segundo ela, não há muito o que fazer já que meu cabelo é lindo. Graças a Deus! Eu só quero ir para casa e me deitar sob as cobertas, longe de Mae e Ani.

— Você está muito rabugenta, Say. E a grávida temperamental aqui sou eu — Aniella fala e logo em seguida arregala os olhos: — A não ser que temos outra...

Eu levanto a mão, parando-a.

— Não estou grávida e nem temperamental. Estou furiosa com o seu primo e com vocês duas.

Mae vira sua cadeira para ficar de frente comigo.

— Por quê? Não está gostando do nosso dia de garotas?

Sua voz é doce e sua expressão é como se eu a estivesse magoando, mas eu conheço essa pequena duende. Ela, com essa carinha de anjo, leva a todos na conversa.

— Ontem Raffaele disse que eu pareço uma mendiga. Aí, hoje de manhã, eu acordo com as duas prontas para me levar a um dia de garotas.

Aniella me interrompe.

— Rafe nunca teve jeito com as palavras — ela passa a mão em meu rosto. — Você era um tipo *geek nerd* que não parecia tomar banho, mas sempre linda.

Meu queixo cai com a descrição que ela faz de mim.

— Eu não sou uma *geek nerd* que não toma banho. Sou uma pessoa desapegada de coisas e de roupas...

Mairheen balança a cabeça.

— Querida, se eu tivesse o seu corpo, colocaria as roupas mais justas que o homem foi capaz de fazer. A hora que Raffaele te ver naquele vestido amarelo vai querer rasgá-lo em seu corpo.

— Amada, por mais que eu entenda o seu ódio muito bem dirigido ao seu marido, não entendo a sua resistência em se arrumar. Querendo ou não, agora você é a esposa de um herdeiro Saints — a cabeleireira intrometida fala.

Bufo com a sua intromissão. Agora era só o que me faltava, até a cabeleireira se metendo na minha vida. E as manicures balançando a cabeça em concordância.

— Não qualquer esposa Saints, você é a esposa do *Capo di tutti capi*. Ou seja, você é a primeira-dama do clã Saints — Aniella diz.

Mairheen se aproxima e coloca a sua mão em meu braço, em um gesto de carinho.

— Isso é o que é esperado de você, Say.

Olho para a mulher no espelho que se parece comigo, mas de alguma forma ela está diferente de como me sinto. Não estou mais com os meus velhos jeans e camiseta, agora

tenho uma calça de alfaiataria ajustada para o meu corpo e uma camisa verde musgo. Nos pés, saltos altos que me deram alguns centímetros a mais. Eu estou elegante, essa é a palavra que me define. Elegância.

Assisto a mulher e sua ajudante fazerem ondas em meus cabelos.

Minha maquiagem é leve, parecendo natural.

Não tinha me dado conta de que me casar com Raffaele traria responsabilidades, me apeguei só ao fato de que ele é um idiota, um mal necessário. Entre o mal conhecido e o desconhecido, fiquei com o conhecido porque achei que sabia o que esperar. Ledo engano, eu não conheço esse Raffaele Saints. Esse homem guarda uma escuridão, uma solidão que antes não existia. Agora, como eu vestirei todas essas roupas que compramos, isso não faço ideia.

A minha ficha caiu ontem à noite, quando Raffaele disse que sou a Senhora Saints e não uma mendiga. Doeu muito, mas ele não está totalmente errado. Estou há semanas andando entre as Senhoras Saints e as vejo elegantes e bem vestidas. Elas

participam de festas e eventos que exigem elegância, até ostentação. Raffaele não me chamou para *nada*, então não dei um só minuto do meu dia a esse pensamento. Mas agora, olhando Mae e Ani, percebo a diferença. Isso não tem a ver com ostentação, tem a ver com poder.

— Como você mantém esse corpo? — Mairheen me tira dos pensamentos. — Até você vestir aquele vestido amarelo, eu não sabia que você tem esses peitões e essa bunda maravilhosa — ela olha para a cabeleireira indignada. — Ela tem um corpo fantástico e o escondia sob uma lona de circo xadrez.

Balanço a cabeça, rindo.

— Meu corpo é desproporcional — coloco a camisa de lado o suficiente para verem a alça do sutiã que tiro do lugar. — Estão vendo? Esse é o preço que pago pelos peitões.

Ani faz um som de desgosto.

— Isso é o preço de usar um sutiã inadequado. Mas resolveremos isso na próxima loja. Mudando de assunto, você ainda pratica aquela dança com tecido?

Isso me faz sorrir. Adoro dançar.

— Desde que vim para cá não tenho feito, mas adoraria achar um lugar para voltar a fazer.

— Que dança? — Mae questiona.

— O nome é dança aérea ou tecido acrobático. Na verdade, é uma prática circense, tipo trapézio. Mas alguém, em algum momento, uniu a prática com tecido e a dança, resultando em um lindo exercício. É feito no alto com um tecido específico — explico.

— É delicioso fazer e lindo de se ver.

— Lindo mesmo — Ani me interrompe. — Uma vez, em uma de minhas visitas, ela estava praticando... dançando a música da Lana Del Rey. Parece fácil se enrolar no tecido e se deixar levar, mas quando a vi pendurada pelo tornozelo, percebi que a coisa é mais difícil do que eu imaginava. Vou providenciar para que instalem na academia do condomínio, assim você pode ensinar Mae e eu a dançarmos.

Assinto com empolgação. Não sou uma dançarina profissional, mas adoro essa prática. Requer paciência,

flexibilidade

e domínio.

— Isso explica o corpo tonificado — Mairheen fala, olhando a tela do seu celular. — Nós devemos comprar roupa de ginástica para nós também, Aniella — seu olhar viaja para longe. — Um dia farei isso para o meu marido...

— Nua — Aniella completa. — Farei para Levi, nua — ela dá o seu melhor sorriso. — Ele vai infartar quando me ver no ar, só quando ele me tirar de lá que verá que estou nua.

— Às vezes, eu acho que você tem prazer em torturar o pobre homem — comento.

Seu sorriso fica ainda maior.

— E eu faço.

Loucas! Ambas são loucas!

Quando as mulheres do salão terminam comigo, Mae e Ani me arrastam para outra loja, agora de lingerie. Uma senhora que parece muito entendida me apalpa inteira e me empurra para o provador, com sutiãs e calcinhas que eu não acredito que caberão em mim. Só que é aquela velha coisa: se não pode com elas, junte-se a elas. Então, para a minha sanidade mental, simplesmente me deixo ir. Amaldiçoando Raffaele a cada oportunidade, o que me faz sentir melhor a cada minuto.

Ao sair da loja, tenho algumas sacolas a mais, peitos empinados e uma calcinha fio dental, que mais um pouquinho se funde com a minha pele. Meus cabelos em ondas, maquiagem bem feita e saltos altos estão fazendo com que eu me sinta mais parecida com as minhas

amigas... *amigas*. Mairheen e Aniella são as amigas mais próximas que tenho em muito tempo.

Estou só há tanto tempo que não sei mais como é estar acompanhada, como é compartilhar. Durante toda a minha vida eu tive a *haha* e Ren, depois não tive mais *ninguém*. Não depois de testemunhar o meu irmão matar a nossa mãe com suas próprias mãos. Se você não pode confiar na família, em quem confiará?

Esse é o meu pensamento. Quando Ren tomou ciência de quem éramos e que poderia ocupar um cargo de importância na Yakuza ele simplesmente enlouqueceu.

Ele conseguiu o contato de nossos parentes por parte de pai, que tínhamos no Japão, pessoas ligadas a máfia japonesa e fez de tudo para se tornar parte daquilo. Sua primeira ação foi me amarrar e matar a nossa mãe na minha frente, a esfaqueando várias vezes.

Depois a assistiu morrer, sufocada com o seu próprio sangue.

Demorei a superar aquilo, passei noites tendo pesadelos horríveis e em uma delas meu irmão me despertou aos socos, por tê-lo acordado. O meu pequeno irmãozinho que foi criado com todo amor e carinho, assim como eu fui, havia se transformado em um monstro. Um monstro ingênuo, mas, mesmo assim um monstro.

Nesse tempo, ele já tinha alguns caras que o seguiam na esperança de se tornarem parte da “irmandade”. Ren também tomou conhecimento de que sou a prometida do próximo *oyabun* e não perdeu tempo em me levar para longe de tudo que eu conhecia.

Todos, inclusive Raffaele, acham que eu desapareci porque quis, quando a realidade é que fui mantida em cárcere pelo meu irmão.

Não demorou para Ren ter dinheiro e mais homens ao seu dispor. Eu tinha a liberdade de andar pela casa, não mais que isso.

Foi aí que a internet virou a minha aliada. Durante anos acompanhei os Saints nas colunas de fofocas e nos sites de notícias. Muitas vezes imaginava como seria a minha vida se tudo fosse normal, se eu não tivesse sido arrancada da minha. Eu sabia exatamente como Mairheen iria ser sequestrada e o que fariam com ela. Ser um fantasma em sua gaiola dourada, por vezes, é benéfico.

Naquele dia tentei fugir para ajudá-la, mas não contava que mais homens havia se juntado ao pequeno exército de Ren, então fui pega. Para não correr riscos de outras tentativas ou mesmo de que os novos membros tentassem algo comigo, meu irmão acabou me levando juntamente com ele. Ren só não contava com o quão fraco seus ajudantes eram, bastou seduzir um e pude ajudar Mae e os Saints. Naquele dia meu coração acelerou, depois de tantos anos, quando vi Raffaele Saints.

No meio do caos, pude soltar Mae e conquistar uma promessa de uma das famílias mais poderosas do mundo. Aniella me levou para longe e me deu a vida que eu desejei por anos. Eu era livre, ainda que não pudesse viver completamente. Adorava

morar naquele vilarejo, amava aquelas pessoas que me fizeram sua família. Foi um tempo feliz em que me senti plena e livre, apesar de tudo. Depois veio Levi, que acabou me levando diretamente aos braços de Raffaele.

Com a morte de Ren, não sobrou mais *ninguém* da família em quem posso confiar. Se eu entrar em contato com a família de *haha* no Japão, eles serão mortos. Se eu fizer contato com a do meu *chichi*, eu serei morta. Então, não há *ninguém* para mim. Bem...

agora sou uma das Senhoras Saints, tenho uma família enorme e duas amigas que estão dispostas a me ver bem.

Sinto os meus olhos arderem com as lágrimas. Felicidade e um pouquinho de esperança encham o meu coração ao olhar as duas mulheres entrando no carro, me chamando como se eu fosse uma delas... eu sou uma delas agora. Eu acho. Um dia elas me acolheram por causa de uma promessa, mas hoje... hoje tenho certeza de que também me acolheram porque gostam de mim.

Raffaele e Haniel são exceções, o primeiro me quer para o seu jogo e o outro ainda se agarra a promessa que me fez para salvar o amor da sua vida. E eu sou grata a cada minuto por fazê-lo.

No caminho para casa, Ani e Mae me dizem os nossos próximos compromissos formais. Aniella já começou a comparecer em alguns por causa de Levi, que tem uma vida social bem agitada aqui e na Rússia. Mae está com o coração na mão por deixar Eli, mas entende o quanto isso é importante à família. E, por falar em família, terei que enfrentar os meus sogros mais cedo ou mais tarde.

Talvez um jantar seja um bom começo. Tenho que ver com Raffaele até onde posso ir e o que posso fazer. Enfim, ele pode não me amar, mas fez-me sua esposa e, como ele mesmo disse, está na hora de agir como tal.

Quando *haha* soube que eu estava saindo com o menino Saints, ela ocupou nosso tempo me ensinando etiqueta,

como me portar em certas ocasiões, tudo dentro da nossa tradição japonesa.

Ela dizia que elegância não tem cultura, é linguagem universal. E

com isso tenho certeza de que conquistarei a família do meu marido, já que ele insiste em me manter longe dele.

Capítulo 06

Sayuri

O carro para em frente à casa em que moro com Raffaele e Aniella ordena a alguns seguranças que estão ao nosso redor que me ajude a levar todas as sacolas para dentro.

— Você deve acostumá-los a seguirem as suas ordens, Sayuri. Você é a dona da casa. Assim que você chega a sua porta deve ser aberta, suas sacolas devem ser recolhidas e seus empregados devem estar em sintonia com você, para colocarem tudo em seu lugar devido, ou pelo menos no *closet* ou qualquer lugar que você achar melhor.

— Eu me sinto incomodada — respondo. — As pessoas não têm obrigação de me servir.

— As pessoas que trabalham para o seu marido têm a obrigação de lhe atender. É assim que as coisas funcionam, não estrague o ecossistema — Ani chama a minha atenção.
— Elas estão aqui para servir, não são escravas ou qualquer coisa do tipo.

São pessoas de nossa extrema confiança que nos servem.

— Se você quiser preparar um jantar ou limpar você mesma, tudo bem, não há problema. A questão é que você

não terá tempo se continuar a trabalhar. Ter pessoas para te auxiliar é uma benção, não reclame! — Mae fala. — Vá e impressione o seu marido.

Elas acenam e o carro parte. A porta da frente já está aberta e os seguranças que tiraram as minhas compras do carro já estão saindo. Respiro fundo e caminho com toda a elegância que tenho para dentro do covil do leão. Assim que atravesso a porta, encontro Raffaele no telefone. A porta atrás de mim é fechada pela a governanta.

— A senhora está muito bonita, Senhora Saints — a mulher mais velha me fala e não consigo conter um sorriso.

— Obrigada, Lorella.

Ela se retira e volto a minha atenção ao meu marido, que agora me olha.

— O mais difícil já foi, agora coloque um em cada lugar — ele desliga e guarda o celular no bolso. Ele está com um suéter azul marinho e uma calça jeans justa. Seus cabelos úmidos me dizem que ele acabou de tomar banho. — Vejo que curtiu o dia das garotas.

Ele me contempla e é como se o seu olhar pudesse me tocar.

— Estou digna de uma Senhora Saints, agora? — pergunto.

Com coragem, dou uma volta para que ele veja toda a minha figura.

— Espero ter correspondido as suas expectativas.

— Está muito bonita, Sayuri — ele aponta o sofá. — Sente-se para tomar uma bebida comigo enquanto o jantar não é

servido.

Sento-me, deixo a bolsa nova de grife na mesa ao lado e ele me serve uma taça de vinho, depois senta-se na poltrona à minha frente. Eu posso ficar mal acostumada com essa coisa de luxo.

— Você não usou o cartão que Ani lhe deu.

— Não havia necessidade. Tenho o meu dinheiro e posso me dar ao luxo com o salário que ganho.

Ele assente.

— Não quero que abra mão da sua independência financeira, por isso prefiro que use esse cartão — ele retira do bolso um cartão preto fosco, com o meu novo sobrenome impresso juntamente com oito números. — Ele é ligado a uma conta que abri para você.

Não pego o cartão.

— Tenho minha conta e meu dinheiro, não...

Ele me corta.

— Você tem uma conta fácil de rastrear, Indira Shanti — ele me impressiona ao falar o nome com qual sou registrada na equipe de Aniella, na Worldwide. — Eu tentei rastreá-la anteriormente, mas sempre caía em algum banco pelo mundo. Até prestar mais atenção ao seu *modus operandi*. Então cheguei até você, que já estava na casa de Aniella. Hoje, assim como eu posso rastreá-la, outras pessoas também podem.

— Raffaele...

Ele levanta a mão, me cortando.

— Eu não sou um marido preocupado com a sua esposa, Sayuri. Sou o chefe do clã protegendo os seus.

E mais uma vez ele me coloca longe. Só que o entendo, eu também protegeria a todos a qualquer custo. Alcanço o cartão, o guardo na bolsa e aproveito para retirar as notas fiscais do meu dia de Senhora Saints, as entregando ao meu marido. Raffaele as pega e não olha, apenas as guarda em seu bolso.

Sento-me de lado, cruzo as minhas pernas e coloco um de meus braços no encosto do sofá. A abertura da camisa cai para o lado, dando mais profundidade ao decote. Seu olhar acompanha cada movimento meu, como um predador, e eu gosto dessa atenção.

— Não é difícil se tornar uma mulher cara, senhor Saints.

Neste momento, Lorella avisa que o jantar está servido e eu me levanto. Quando vou passar por Raffaele, ele segura o meu braço e puxa-me para o seu colo. A bebida em minha taça derrama sobre o tapete claro que cobre o chão, mas antes que eu possa me lamentar, ele tira a taça da minha mão e a colocando de lado. Como caí de lado, ele abre as minhas pernas para que elas estejam em cada lado seu. Suas mãos acariciam as minhas coxas e sobem para a minha cintura.

— Você é uma mulher cara e gostosa.

Ele começa abrir os botões da minha camisa e eu bato em suas mãos na tentativa de que pare, mas ele não para. Pelo contrário, sorri, segura os dois lados da camisa e a abre estourando todos os botões. Fico com a boca aberta, sem reação.

— Seu estúpido! Por que fez isso? — lamento enquanto tento fugir de suas garras.

A mão livre segura o meu queixo.

— Isso é por se negar a mim — ele me puxa para um beijo que começa lento... seduzindo e quando me abro, torna-se voraz.

Irritada e excitada, mordo o seu lábio inferior até que ele geme. A mão que estava em meu queixo agora segura os meus cabelos na nuca, expondo meu pescoço a sua boca perversa.

— Eu não deveria gostar disso... a blusa era nova e cara!

— Você terá mais delas, esposa — sua mão que segurava os meus pulsos agora está baixando as taças do meu sutiã. —

Perfeitamente deliciosa — Raffaele abocanha o meu mamilo em sua boca e o suga, fazendo-me gemer e me esfregar nele.

— Por que você me provoca assim? — minha pergunta sai como um lamento.

Suas mãos serpenteiam meu pescoço e param em minha nuca. Seu olhar encontra o meu e aquele maldito sorriso volta a embelezar o seu rosto que já é lindo.

— Porque eu posso — ele me beija de leve. — E porque quero.

Seu beijo se aprofunda, sua língua guerreando com a minha até que a captura. Ele chupa a minha língua e eu sinto isso entre as minhas pernas. Sua mão belisca os meus mamilos e continua descendo, abre o botão da minha calça e entra

dentro da minha calcinha já está úmida. Seus lábios não deixando que eu me concentre em *nada*. Seus dedos acariciam a minha entrada e entram sem esperar consentimento... ele apenas me invade da melhor maneira possível.

— R-raffaele...

Enquanto sua boca está na minha, uma de minhas mãos está em seus cabelos e a outra em seu ombro. Por mais que eu queira me controlar, meu corpo tem vontade própria, me esfrego nele sem vergonha *nenhuma*. Seus dedos me penetrando no mesmo ritmo em que a sua boca fode a minha... essa é a palavra, foder. O

homem me fode com sua boca, seus dedos e com o meu psicológico.

— Você é apertada e está tão molhada, como uma boa vadiazinha.

Eu sei que deveria ficar ofendida, mas eu não estou. Na verdade... eu gosto. Preciso de mais para gozar e ele sabe disso.

Sua boca captura um mamilo e o morde ao mesmo tempo em que ele belisca o meu clitóris.

— Goze nos meus dedos, esposa — e eu o faço... ah sim, faço com direito a gemido alto e tudo. Ele continua a me estimular e outro orgasmo explode, me fazendo ver estrelas. — Na próxima vez você gozará no meu pau e na minha boca.

Raffaele retira os seus dedos de mim e vejo o quanto estão molhados, ele simplesmente os cheira e depois os coloca na boca.

— Você é sujo — era para ser uma reclamação minha, mas não é. É um elogio. Ele é sujo e eu gosto disso.

— Eu sou — ele responde enquanto fecha a minha calça. —

Vamos jantar — saio de seu colo e vou em direção as escadas para me lavar e trocar de roupa. Ele puxa-me até que eu bata em seu peito musculoso. — Onde pensa que vai?

Olho para a minha camisa sem botões e ajeito os meus seios dentro do sutiã.

— Vou me limpar e trocar a blusa para o jantar.

Ele segura o meu braço e começa a me conduzir à sala de jantar.

— Não. Eu gosto de tê-la toda suja e molhada.

— Ma-mas as pessoas verão a minha camisa rasgada —
contesto.

Raffaele apenas dá de ombros e, antes que alguém veja o meu sutiã à mostra, amarro a camisa da melhor maneira possível para esconder a lingerie. Antes eu parecia uma mendiga, por algumas horas pareci uma dama e agora pareço estar fantasiada de colegial. Meu marido olha para mim e assente, posso ver o desejo em seu olhar e isso desperta uma Sayuri ousada que eu nunca soube que existia.

Fico de costas para ele, viro minha cabeça até encontrar o seu olhar e bato em minha bunda.

— Eu fui uma má garota, *daddy*? — ironizo as falas de um pornô barato.

Seu olhar muda e quando ele dá um passo em minha direção as mulheres entram com o nosso jantar. Raffaele, muito a contra gosto, senta-se em sua cadeira e me encara de mau humor.

— Em breve você verá o que acontece com garotas más.

Um arrepio percorre o meu corpo com a promessa do meu marido e eu já estou pronta para ser uma má... má garota.

O prato colocado à minha frente é um *canelone* ao molho branco, provavelmente recheado com ricota e espinafre. Por algum motivo, agora eles acham que eu sou vegetariana e não sou. Só

que aquele dia... e aquela comida... tudo estava sanguinário demais.

Tenho que conversar com Lorella e a cozinheira. O cardápio de Raffaele é basicamente salada e massas, não muito diferente do meu, só terei que adicionar algumas preferências orientais que eu mesma posso fazer.

— Estou pensando em convidar os seus pais para um jantar

— digo e aguardo a sua reação.

Ele apenas assente.

— Uma excelente ideia, aproveite e coloque Hunny, Mae, Ani, Levi e os meus tios.

— Isso deixará de ser um jantar intimista para ser uma festa

— falo rindo. — É impressionante como os Saints gostam dessas confraternizações com muitas pessoas e bebidas...

Raffaele coloca os seus talheres para baixo e cruza as mãos.

— Somos uma família que gosta de confraternizar, essa união está em nosso DNA. Mas nesse caso é para facilitar a você, assim você terá que contar para todos de uma vez só a sua história e porque aceitou se casar comigo. A não ser que você queira dar um jantar todos os dias até que todos saibam.

Só de pensar a aflição já me atinge. Volto a minha atenção à comida. Passei dias escondida nesta casa e sei que os pais dele estão mantendo distância por não sermos abertos... por eu não ser aberta. Posso conversar com Mairheen e pedir algumas dicas, ela é tão forasteira quanto eu. Mesmo com o coração quase saindo pela boca, olho para o meu marido e assinto.

— Convide todos para o jantar na sexta-feira.

Ele assente e vejo orgulho cintilar em seus olhos. Raffaele Saints na maior parte do tempo é estúpido, idiota e bruto, mas há momentos em que ele aparenta ser aquele garoto que só quer agradar àquela garota. Sei que sou burra em pensar nisso, pensar que poderia resgatar àquele menino de bem com a vida, até porque eu não sei se algum dia ele existiu ou se era somente uma fachada.

Capítulo 07

Raffaele

— Foi assim que acabei casada com Raffaele — Sayuri termina sua história para todos que estão na sala.

O silêncio é ensurdecedor, cada um dos presentes mergulhados em seus pensamentos. Apenas me delicio com a situação antes da necessidade de interferir. Sayuri senta-se do sofá em que estou sentado e eu continuo a espera do primeiro a se manifestar. O que acontecerá em três... dois...

— Vamos repassar a sua história, querida — meu tio Elemiah começa. — Você nasceu no Japão e seu pai era chefe de uma família da Yakuza, ele morreu e sua mãe fugiu para os Estados Unidos com você e seu irmão — ela assente. — Então, depois de viverem anos sem saber quem eram, seu irmão descobre e para provar que merecia seu lugar na organização, matou a sua mãe na sua frente. Ele a levou para longe de tudo e a manteve fechada porque estava guardando-a para o seu prometido.

— Elemiah... — tia Francesca tenta interromper seu marido, mas não tem sucesso.

Coloco minha mão nas costas de minha esposa e começo a acariciá-la. Esse é um gesto de apoio perante a todos aqui. Eles podem falar e até questioná-la, mas ninguém pode contra ela, porque ela é minha e eu sou o Chefe da família. Olho ao redor e vejo curiosidade, orgulho, mas nada de julgamentos ou desgosto.

Meu tio volta a sua atenção à minha esposa.

— Desculpe-me, mas essa pontuação é extremamente necessária — ele olha para mim, para reafirmar o que disse. Eu apenas assinto. — Seu irmão orquestrou alguns ataques e sequestrou Mairheen. Logo após você entra em cena e a resgata pedindo apenas a bagatela de sumir sem deixar rastros. Haniel lhe garante a promessa.

— Sim, senhor — Sayuri responde.

— Não sendo o suficiente, minha filha Aniella a coloca em uma casa dos Nikolov ao invés de realmente a levar para longe.

Então você é descoberta, vem para esse condomínio e Raffaele a convence a se casar com ele.

— Foi exatamente isso — Aniella fala enquanto bebe algum suco estranho que Mairheen deve ter receitado.

Todos se voltam para nós, mais especificamente para mim.

— Você colocou toda a família na mira dos japoneses por causa de um namoro adolescente? — meu pai questiona.

— Gabriel, essa menina é a vítima dessa história toda. Até hoje, ela só pôde decidir por si mesma quando resgatou Mae —

minha mãe encara a minha esposa. — E nós seremos eternamente gratos por isso, querida.

Meu pai volta a falar:

— Sim, ela pode ser a maior vítima da situação, mas isso não desfaz o grande alvo nas costas da nossa família. Sayuri, eu não a culpo, porque a culpa é do seu pai que foi fraco.

— Nós devemos isso a ela, tio. Se não fosse por Sayuri, minha mulher não estaria aqui — ele olha ao redor. — Na verdade, alguns de nós não estaríamos aqui porque estávamos todos lá, juntamente com a bomba.

— Somos gratos, mas Raffaele ainda não disse *nada* e eu gostaria muito de ouvi-lo — tio Raziell diz. — *Perché portare il problema a casa nostra, nipote?*

Termino a minha bebida e deixo o copo de lado. Levanto-me e, como de costume, meus primos se levantam e se colocam ao meu lado. Não que isso seja necessário, mas é como um costume, meu pai e tios tem a mesma postura, agem da mesma forma sem nem mesmo perceber. É instintivo.

— Ao contrário do que imaginam, o nosso casamento não foi por causa de um antigo relacionamento. Nós prometemos a ela que estaria a salvo e deixá-la sozinha no mundo nem de longe é seguro.

Quando deixamos de cumprir nossas promessas? — encontro o olhar do meu pai. — O problema já estava à nossa porta antes mesmo de vocês passarem o legado para nós. Então fiz o que faço de melhor, cumpro nossa palavra. Ninguém sabia que Sayuri era a prometida de Katsuo, mas muitas pessoas sabem que ela é a minha esposa.

— Muito inteligente — Levi opina.

— Eu tenho um plano...

Começo a falar, mas Aniella me corta.

— Nós temos um plano. Nós!

Aceno sem muita paciência. Tudo nessa família é um grande evento, impressionante. Nada é simples, nada é descomplicado, nada.

— Nós temos um plano que já está em execução, só precisamos de mais algumas informações — explico. — Vocês já se aposentaram, entregaram o legado a nós e como sabem não agimos como vocês o fazem. Nossa prioridade é a família, é o clã e assim sempre será.

— Nós só queríamos entender, porque sinceramente essa geração é muito pior que a nossa — tio El fala descontraidamente.

Ele levanta o seu copo. — Bem-vinda à família, Sayuri.

Todos fazem o mesmo, menos meus pais. Percebo que Sayuri fica tensa e todos ao redor ficam na expectativa. Minha mãe se coloca ao lado de meu pai, que começa a falar para a minha mulher.

— Como falei antes, eu não a culpo. Você não escolheu nascer na organização e muito menos ser esposa do chefe dela.

Como minha esposa falou antes, você é a maior vítima entre nós.

Você se mostrou uma boa mulher na situação de Mae e depois com Ani, somos gratos pelas suas boas atitudes, que falam mais de você do que sua palavra. Nossa família precisava de respostas e as tivemos, não pense que tudo o que é falado aqui é para julgá-la ou qualquer outra coisa, é apenas para termos ciência das coisas.

Porque quando você se torna um Saints, há uma família inteira por você — ele sorri e levanta o seu copo. — Bem-vinda aos Saints, Sayuri.

Minha mãe vem até ela e a abraça. As mulheres se juntam para se abraçarem e gritarem, situação que não vejo necessidade *nenhuma* de acontecer. Mas se você é de família italiana deve se acostumar, pois todos são extremamente falantes.

Meu pai se aproxima de mim e juntos assistimos a confraternização se desenrolando à nossa frente.

— Por que você se casou com ela? — ele me questiona.

— Porque eu quero que aquele filho da puta desgraçado venha reivindicá-la, para que eu possa matá-lo e mandar seu corpo aos pedaços para o Japão — respondo enquanto encho meu copo novamente.

— E ela?

— Ela continuará sendo a minha esposa, casamentos Saints são até a morte — respondo.

Sua mão pousa em meu ombro.

— Tente não machucá-la no caminho de sua vingança, *mio figlio*.

Aceno.

— Não posso controlar os danos colaterais, mas farei o que for possível.

Lorella aparece e anuncia que o jantar foi servido e nos dirigimos ao salão que é reservado para momentos assim, onde cabe todos os Saints. Alcanço Sayuri e passo meu braço pela sua cintura. Posso ver que ela está sobrecarregada com tanta atenção e só o que posso fazer é me colocar ao seu lado. Posso não amá-la, mas respeito é necessário em qualquer relação.

No meio do jantar, Lorella vem a mim dizendo que Denis precisa ter uma palavra comigo em meu escritório. Todos estão envolvidos em conversas e saio o mais discretamente possível.

Antes de entrar no escritório, Haniel e Aniella já estão vindo atrás.

Assim que a porta do escritório é fechada, Denis começa a falar:

— Entraram no Clandestine atirando e até agora temos vinte corpos entre dançarinas, seguranças, clientes e funcionários. O

lugar estava cheio, o que dificultou que a situação fosse controlada rapidamente.

— Pegamos alguém? — pergunto.

— Dois dos seis homens que entraram atirando estão vivos.

— Já temos informações sobre quem são? — Aniella pergunta enquanto digita em seu telefone.

— Sim, temos. Um japonês, cinco americanos e, dentre eles, quatro tinham descendência japonesa. O outro era apenas um americano sem ligação *nenhuma*.

— Que estranho. As informações acabaram de chegar —

Aniella diz enquanto mexe em seu telefone. — A Yakuza não aceita *ninguém* de fora.

— Isso significa que estão levantando um exército aqui, sem ligações com a organização do Japão — Hunny esclarece.

Zendaya e Aronne entram, juntamente com Levi e seu chefe de segurança, Yuri. Sento em minha cadeira.

— Katsuo só pode estar louco — digo. — Todos sabemos que é inaceitável estrangeiros entrarem para a Yakuza.

— O que se passa? — Levi pergunta.

Aniella vai até seu marido e senta-se em seu colo.

— Ao que parece, Shinoda resolveu montar um exército com estrangeiros e acabaram de atacar um dos clubes de *La Famiglia*.

— Ele está ficando cada vez mais ousado — Levi afirma.

Assinto.

— Acho que está na hora de começarmos a lidar com a situação de maneira diferente. Denis, o japonês está vivo?

— Sim, mas foi ferido gravemente.

Penso por mais um momento e resolvo meu próximo passo.

— Denis, diga para manterem eles vivos até chegarmos. Eu quero um bom número de homens testemunhando o Chefe italiano destrinchando os corpos dos malditos, depois faça com que espalhem os pedaços deles em pontos estratégicos da cidade.

— A mensagem corre rápido pelas ruas, logo chegará no destinatário — Aniella fala sorrindo.

Minha prima é sanguinária como raras mulheres o são. Ela tem verdadeiro prazer em participar de uma cena dessas.

— Haniel vai comigo e...

— E eu também! — Ani salta do colo de seu marido.

Olho para Levi, que agora tem o bastão da responsabilidade de controlar a mulher.

— Eu iria gostar muito de assisti-la despedaçar um homem, *boginya*, mas acho que, nesse momento, sua amiga precisa mais de você aqui do que seu primo. Ela ficará

extremamente abalada quando souber o que aconteceu — ele beija o seu rosto e seu

pescoço. — Não acho que nosso filho ficará bem com a sua mãe agitada, estressada...

— Tudo bem, russo. Eu realmente não gosto de você quando vem todo “abraço e beijo” para me convencer de algo — ela suspira resignada e olha para mim. — Sayuri está muito nervosa e acho que se sente sozinha. Talvez o casamento não tenha sido a melhor saída.

— Eu não vou discutir meu casamento com você.

— Pare de agir como um idiota egoísta! Desde que tomamos a cadeira, você vem agindo mais misteriosamente, como se não fôssemos uma unidade. Entenda de uma vez por todas, se nós não estivermos juntos, o seu plano não dará certo. Agora, sua esposa é uma parte importante em nossa história e nas nossas vidas, até porque ela é a infeliz Senhora Raffaele Saints que...

— Chega, Aniella! — a corto. — Sayuri sabia exatamente o que estava fazendo quando aceitou a se casar comigo, ela é uma mulher adulta e sabe muito bem se cuidar. A prova disso é que preferiu se manter escondida com o irmão ao invés de falar conosco. Nós poderíamos ter mudado a sua sorte, mas ela escolheu não nos dizer *nada*. E eu não estou sendo egoísta, estou tentando proteger a todos, inclusive vocês! — minha última fala saí mais alta do que deveria. Passo a mão pelo cabelo e respiro fundo para resgatar a minha compostura. — Eu não quero que *nada* de mal aconteça com vocês, é só isso.

Haniel coloca a mão em meu ombro. Não tinha me dado conta de que ele estava tão perto.

— Sabemos disso, mas somos uma unidade. Se um de nós carrega um fardo, todos nós carregamos, *fratello*.

— Vamos embora, temos que resolver essa situação.

— É bom vocês me mandarem a merda de um vídeo enquanto se divertem — Aniella nos adverte.

Levi Nikolov merecia um troféu.

— Tudo bem, Ani. Não deixe que tomem conhecimento dos fatos, pelo menos não sobre a parte que acontecerá agora

— Hunny pede.

— Eu vou com vocês e Yuri enviará mais homens. Nesse momento, quanto mais testemunhas tiver melhor será.

— Hoje a sua presença não será de ajuda, mas seu tenente...

— aponto para Yuri — pode espalhar a notícia logo que a questão for resolvida. Por enquanto vamos resolvendo as coisas das nossas famílias isoladamente, nossos soldados não se dão bem, são territorialistas, melhor mantermos tudo entre nós até o momento certo. Em breve nos sentaremos para conversar sobre como e quando explodiremos os planos do Shinoda.

— Está tudo pronto, Chefe — Denis informa e eu já estou saindo, seguido por Haniel e nossos homens.

Abro o compartimento atrás de uma das estantes e pego duas pistolas, colocando-as no coldre que visto sob o casaco.

Saímos apressadamente da casa e entramos nos carros, partindo para a periferia ao sul da cidade. O clube é um

lugar barato, onde homens com pouco dinheiro podem encontrar bebidas e mulheres por um valor acessível. Enquanto os carros quebram todas as leis de trânsito existentes, Haniel está em seu telefone, provavelmente enviando uma mensagem à sua esposa.

Por alguns segundos passa em minha cabeça a ideia de enviar mensagem para Sayuri, só que logo mudo de ideia. Ela não precisa tomar ciência de cada lugar que estou, nosso casamento é apenas um fim para um meio problemático. Sayuri é o meu triunfo contra aquele maldito japonês, ela é a chave que irá tirar a Yakuza de perto da minha família e do meu território. Já falhei com a minha família uma vez, não farei isso novamente, nem mesmo pela mulher que me casei.

Capítulo 08

Raffaele

Ao chegarmos ao clube, nos deparamos com uma chacina digna de filme. Há corpos caídos em frente ao palco e sobre ele. Os meus homens andam pelo lugar identificando os cadáveres e outros cobrindo a área. Pergunto sobre os sobreviventes e me respondem que os homens foram embora, instruídos a não abrirem a boca, as meninas estão aguardando a nossa presença nos camarins e os funcionários do bar também nos esperam, mas em outra sala.

Haniel anda ao meu redor ordenando que, depois de reconhecerem os mortos, enviem as informações porque agora somos responsáveis pelas suas famílias. Só que esse benefício é somente para os nossos colaboradores, não alcança clientes. Antes de ir até os atiradores, vou aos camarins e vejo que todas as meninas estão agitadas.

Nenhuma delas está desesperada, muitos olhares mostram que já viram coisas piores. Chamo a responsável pelo *casting* da boate, uma senhora que ainda acha que está em seus vinte anos. Mary Ann é boa gerente, leal a mim e cuida bem das meninas.

Ela está tentando não aparentar nervosismo, mas percebo que está tão agitada quanto as outras.

— Quantas morreram? — pergunto.

— Duas, senhor. E uma ficou ferida. Chamaram o médico que atende esse clube e ele está tratando dela lá no quarto dos fundos.

Aceno.

— Terá um homem de Haniel aqui para dar suporte.

Fecharemos a casa por dois dias, que é o tempo suficiente para limparmos a bagunça. A segurança será reforçada. Mande-as para casa, porque em breve voltarão aos seus postos.

— Sim, senhor.

Todos são inteligentes o suficiente para não perguntarem *nada*. Vou até a sala onde os baristas e atendentes do bar estão sendo interrogados. Não falo *nada*, apenas fico no canto

observando cada indivíduo, vendo se alguém tem um comportamento estranho. Todos têm seu preço, não seria uma surpresa se alguém, até mesmo uma mulher, ajudasse o inimigo.

Mas todos, sem exceção, sabem o que acontece quando se trai um Saints. A morte seria um alívio, só que pagarão os pecados até que ela chegue.

Depois de alguns minutos assistindo os interrogatórios e sem ver *nada* suspeito, saio. Ansiedade e ódio me movem até a sala que mantém os atiradores que tiveram coragem de entrar em meu território e matar os meus. No caminho para a sala isolada, Haniel se junta a mim. Assim que chegamos ao nosso destino, entro na sala. No centro estão os dois homens atados a cadeira, ambos com roupas rasgadas e com ferimentos de bala.

Enquanto observo os dois homens amarrados, tiro o meu casaco, o coldre com as minhas armas. Aproximo-me primeiro do cara que não tem *nenhum* traço asiático, ele é loiro, olhos claros e não tem a petulância que um soldado da máfia exala. O jovem não deve passar de seus vinte ou vinte e um anos de idade, está gemendo e lamentando como uma criança enquanto o outro se mantém em silêncio. Abaixo-me em frente ao loiro enquanto dobro as mangas da minha camisa.

— Por que um menino está pelas ruas brincando de atirador, matando inocentes no território dos outros? — seguro seu cabelo na parte de trás fazendo com que seu rosto inchado seja levantado. —

Por quê?

— P-por favor... nã-não me mate...

Começo a rir e os homens que estão na sala também. Viro para o japonês.

— Seu chefe é uma vergonha, recrutar fracos como esse.

Desonra para a Yakuza.

O japonês fala algo que não entendemos, mas acredito que esteja nos amaldiçoando por citar o nome de sua organização. Vejo que o loiro tem uma perfuração a bala logo abaixo do peito, enfio dedo na ferida fazendo com que ele grite alto. Soco o seu estômago para que seu ar seja cortado. Quando sua respiração volta, faço-o me encarar novamente.

— Diga-me quem ordenou o ataque — pergunto.

— E-eu não sei... — Logo que ele terminar de falar soco seu rosto.

Afasto-me dele. Quem os amarrou teve o cuidado de atar as mãos nos braços da cadeira.

— Tragam uma cadeira, faca e martelo. Vamos fazer uma bela arte neste corajoso homem, que entrou em nosso clube matando nossos homens e mulheres.

O loiro começa a tentar se mexer na cadeira gritando cada vez mais alto. *Dio!* Eu odeio os fracos. Sem demora aparece todo o material que pedi. Sento-me a frente dele e alcanço o canivete. Olho para o objeto em minhas mãos.

— Não foi o que pedi, mas servirá. Apenas veremos se está afiado o suficiente — cravo a lâmina no alto de sua coxa e o corto até o joelho. O cheiro de urina sobe tornando o lugar desagradável.

— *Tsc, tsc.* É homem o suficiente para atirar em mulheres indefesas, mas não para suportar um cortezinho. Vou perguntar mais uma vez: quem mandou viesse ao meu clube?

— Fu-fui em uma reunião que um dos meus a-amigos me convidou, di-dizendo que seríamos so-soldados da Yakuza.

— Que amigo? — insisto. Ele começa a chorar e balbuciar qualquer coisa, cansando-me e tornando a situação mais demorada.

Pego o martelo e acerto o seu dedo mindinho, triturando os ossos.

— Que porra de amigo?

Ele perde todo o controle sobre o seu corpo, percebo logo que o cheiro horrendo de fezes sobe. Impaciente, levanto o martelo mais uma vez e desço em mais dois dedos. Ele grita e responde em meio ao choro.

— E-ele e-está morto... ta-tava junto.

Não tem a menor sentido torturar alguém que não sabe de *nada* e é fraco como uma criança. Meu foco não é ele, mas tínhamos que confirmar nossas desconfianças. Katsuo está recrutando qualquer um com promessas de poder vinculada a Organização do Japão.

Levanto e coloco a minha cadeira na frente do japonês, que mantém a cabeça levantada. Sua respiração é ofegante e pelo tanto

de sangue que escorre, bem... não teremos ele presente no mundo dos vivos por muito tempo. Tiro o canivete da perna do outro e limpo o sangue em minha calça, que é o lugar mais limpo no momento.

Antes de qualquer palavra ser dita, seguro o seu dedo médio contra a cadeira e enfio a lâmina sob sua unha.

O homem chia de dor, mas não grita. Sabemos que o treinamento da Yakuza não é simples, se saiu vivo é porque tem uma grande resistência, caso contrário, sua família teria seu corpo despejado na porta de casa. Enquanto desloco a lâmina arrancando a sua unha, encaro-o, sorrindo. Eu sinto prazer nisso, nunca escondi ser um monstro de terno. Ainda não me sentindo satisfeito, pego outro dedo e lentamente corto a unha ligada a sua pele, o que era um chio agora se torna um gemido alto. Bom.

— Filho da puta desgraçado, eu não vou dizer nada — ele fala entre dentes.

Dou de ombros e continuo o meu trabalho de entalhe em sua mão, finalizo todos os dedos e depois viro o seu pulso, cortando duas vezes a artéria que alimenta todas as outras veias de sua mão, perdendo os movimentos dela.

— Seu chefe lhe tira do Japão, o traz para cá e você só receberá a morte. Valeu a pena?

— [Gomi o kuso\[11\]!](#)

— Seja educado — debocho.

— *Oyabun* te pegará e amarrará como estou agora, depois foderá sua mulher na sua frente — a risada dele é histérica, mostrando desequilíbrio. — Todos nós foderemos aquela [chijo\[12\]](#).

Rio juntamente com ele enquanto o ódio transforma meu sangue em gelo. Rapidamente alcanço o martelo e quebro seu joelho. Ele está longe de resgate, mas seu riso histérico mostra que o emocional está tão fodido quanto o seu corpo.

— Então Katsuo pegará a minha mulher e a foderá, foi por isso que ele deixou o Japão? — o homem à minha frente ri e

balança a cabeça, sei que está perdendo sua lucidez. Seguro o seu cabelo e o forço a olhar para mim. — Seu chefe está aqui somente para pegar a minha mulher?

— S-sim e todos nós a foderemos. Ele prometeu ouro se nós viéssemos com ele para pegar a mulher do porco italiano.

Passo a mão pelo seu cabelo como um adulto brinca com uma criança.

— Vamos pegar o porco italiano, não vamos? — pergunto testando sua sanidade.

Ele ri.

— Sim. Sim.

— Nós queremos o território dele, não é? — insisto.

Ele ri mais alto.

— Nããoo — ele arrasta a palavra. — Nós só queremos o maldito estrangeiro que tomou o presente do *oyabun*.

E todas as minhas desconfianças foram confirmadas. Olho para Haniel que está pensando o mesmo que eu, ele acena e se aproxima.

— Era o que pensávamos — ele fala.

Assinto. Falo baixo somente para que meu primo ouça:

— Ele deve ser próximo a Katsuo, caso contrário não saberia *nada* disso. O filho da puta veio para pegá-la e deixar um rastro de destruição pelo caminho.

— E chegar no Japão contando as suas conquistas aqui nos Estados Unidos — Haniel completa meu pensamento. Ele

matará todos para chegar nela...

— Katsuo está enfraquecendo nossas bases porque sabe que estamos unidos contra ele. Agora temos que saber de onde vazaram as informações e depois nos preparar para o menor número de baixas possíveis — viro para os homens que estão na sala, que agora são muitos e falo. — O espetáculo está para começar, senhores.

Eu poderia apenas atirar na cabeça e terminar com a vida deles, mas não é a mensagem de fraqueza que queremos passar.

Não, não é. Queremos que saibam que os Saints não toleram e não tolerarão ataques. Em uma guerra, todos os lados perdem pessoas, mas somente um sai vencedor mesmo com tantas baixas. É o preço a se pagar pelo poder e eu não tenho o menor problema em fazer com que entendam isso.

Cortamos pedaço por pedaço de ambos, assistimos dois homens morrerem porque acreditaram em alguém que quer acabar com a minha família... comigo. Morreram testemunhando o que o porco italiano é capaz de fazer. A última parte a ser desligada do tronco foi a cabeça e tem endereço certo, o hotel em que Katsuo está no momento. O americano eu mandei apenas enterrar e avisar a família onde encontrariam o corpo. Ele foi apenas um jovem iludido, Katsuo não se importa com estrangeiros.

A sala está suja com sangue, vômito, urina e fezes, alguns homens não aguentaram a cena e se retiraram. Nem todos os homens são preparados para viver isso, matar é muito fácil, é limpo.

Tem que ter talento para retalhar um corpo humano. Depois do que pareceu horas, saímos daquele lugar imundo, sujos

de sangue dos pés à cabeça. Paramos no banheiro por tempo suficiente para lavarmos nossos braços, rosto e pescoço. Depois de feito, partimos para casa.

Capítulo 09

Raffaele

Chegamos ao condomínio no meio da madrugada, exaustos de todo o trabalho empenhado. Um de nossos capitães, que estava responsável pelos corpos, já passou a informação de que os pedaços de um estão sendo espalhados e do outro enterrados. Não é o melhor trabalho do mundo, mas fico satisfeito com o resultado.

Entro em casa que está toda escura, acendo as luzes da sala, jogo meu casaco sobre o sofá e vou até o bar para me servir uma boa dose de uísque. Caminho pelo lugar e ouço uma música ao longe.

Curioso, com o meu copo e a garrafa, sigo na direção em que o som está vindo.

Passo pela cozinha e vejo que a porta que dá para o meu jardim e piscina privados estão abertos. Atravesso o lugar até chegar na academia, abro a porta e a música fica muito alta. Não demorou muito para achar quem estava na academia àquela hora.

Vejo Sayuri a uns quatro metros de altura pendurada em um tecido, fazendo acrobacias no ritmo da música. É hipnotizante sua desenvoltura.

Ela está com um top e legging, ambas as peças pretas, bem ajustadas ao seu belo corpo. Sayuri sempre reclamou de sua bunda que é grande demais para o seu corpo e ela insiste em dizer que é desproporcional. Não há nada

desproporcional, tudo tem o tamanho correto, sua bunda, seus peitos, sua cintura... minha esposa é gostosa. Escoro-me na parede e assisto a sua performance.

(...) Noites quentes de verão no meio de julho, quando você e eu éramos eternamente loucos. Os dias enlouquecidos, as luzes da cidade, a maneira como você brincava comigo como uma criança.

Você ainda me amará quando eu não for mais jovem e bela? Você ainda me amará quando eu não tiver nada além de uma alma que dói? (...)

Suas acrobacias no ritmo da música e a desenvoltura de seu corpo contam a história da música. É como se ela realmente quisesse saber se ainda seria amada quando estivesse quebrada. É

impressionante como ela parece uma bailarina nas alturas, usando o tecido para se manter no ar.

(...) Querido Senhor, quando eu for para o céu, por favor, deixe-me levar meu homem. Quando ele chegar, diga-me que Você o deixará entrar. Pai, diga-me se puder. Oh, aquela graça, aquele corpo. Oh, aquele rosto me faz querer festejar. Ele é meu sol, ele me faz brilhar como diamantes. Você ainda me amará quando eu não for mais jovem e bela? Você ainda me amará quando eu não tiver nada além de uma alma que dói? (...) Ela de alguma maneira desce transformando o tecido em um balanço e assisto-a balançar como uma criança no *playground*.

Coloco a garrafa sobre uma das mesas do lugar e caminho até ela, que se assusta assim que me aproximo. Quanto mais chego perto, mais chocada sua expressão fica. Eu devo ser uma visão do inferno.

Um cara grande todo tatuado, com a roupa banhada em sangue e um pau duro que dificilmente não será notado.

— O-o que aconteceu com você? — ela pergunta.

— Você não vai querer saber e no momento eu não quero contar.

Chego mais perto dela, que ainda está sentada no balanço improvisado. Acaricio o seu rosto, seu pescoço até chegar em sua nuca. Segurando-a firme beijo Sayuri com cada grama de luxúria que me guia no momento. Ela prontamente responde ao meu beijo e fica em pé. Passo meu braço pela sua cintura e trago o seu corpo de encontro ao meu. O beijo é cru, cheio de lascívia. Devoro-a como se esse fosse o nosso último momento juntos. Passo minhas mãos pelo seu corpo, amassando seus seios, pressionando-a contra mim enquanto seguro sua bunda. Esfrego minha ereção em sua boceta que já deve estar molhada.

Afasto-me e a puxo para o banco mais próximo, sento e abro as pernas para que ela fique onde preciso. Tiro o seu top e amarro suas mãos nas costas com a peça que tirei de seu corpo, fazendo com que seus grandes seios sejam oferecidos para o meu deleite.

Massageio-os e chupo um mamilo enquanto enrolo o outro entre meus dedos. Alterno entre um seio e outro, desfrutando de cada

momento. Levo uma mão entre as suas pernas e esfrego para deixá-la ainda mais molhada.

— Raffaele... — sua voz não passa de um sussurro.

Tiro sua calça juntamente com a calcinha, olho-a de cima a baixo admirando a bela mulher à minha frente. Ajoelho-me

na frente dela.

— Abra as pernas para mim — ela faz como pedido.

Acaricio suas pernas bonitas e beijo suas coxas tonificadas.

Todos que a veem com aquelas roupas largas, não imagina que sob os tecidos há um corpo tão deslumbrante. Abro a sua boceta lisa e passo a minha língua fazendo Sayuri gemer, o sinal que eu precisava para chupar o seu clitóris e foder sua bela boceta com a boca. Circulo seu clitóris com língua e o mordo levemente. Penetro-a com um dedo enquanto me concentro em seu sensível nervo.

Levanto-me, pego-a no colo e a levo para a mesa mais próxima, desamarro suas mãos e abro as suas pernas, expondo toda a sua glória nua para mim. Ando em volta da mesa para admirá-la, seus braços sobre a cabeça, seus seios empinados com os mamilos duros, sua boceta brilhante com a excitação, deixando-a ainda mais apetitosa. Passo as mãos pela sua pele sedosa, sua barriga lisa. Sayuri é banquete para um homem faminto.

Vejo a garrafa de uísque que tinha deixado por ali mais cedo e a pego, tomando a bebida diretamente da garrafa. Volto para onde a mulher está e coloco em sua boca a garrafa, para que ela se delicie da bebida, mas acaba tossindo com a queimação. O líquido escorre pelo canto de sua boca e eu limpo com a língua, beijando a sua boca logo em seguida. Nossas línguas não se tocam, elas guerreiam para disputar quem está mais faminto.

Despejo uísque pelos seus seios e barriga.

— Você está suja, esposa — abocanho o seu mamilo e o sugo.

— V-você também — ela fala ofegante.

Aproximo meu rosto do dela até que nossos olhos estejam nivelados.

— Eu sempre fui sujo, *preziosa*, você que nunca percebeu — mordo seu lábio inferior e depois o chupo.

— Eu gosto de sujo — Sayuri responde corajosamente.

Sorrio.

— Você é suja, gosta de ser fodida com força e dor para gozar — seus olhos brilham de desejo. — Você quer que eu a vire e bata nessa sua bunda enquanto fodo sua boceta apertada com o meu pau.

Ela geme quando penetro-a com dois dedos, por estar muito molhada, meus dedos deslizam sem esforço, pois ela é apertada.

Sayuri levanta o quadril para acompanhar as estocadas dos meus dedos e eu adiciono mais um.

— É muito... é bom... — o que era para ser reclamação sai como gemido.

Pego a garrafa e viro o líquido sobre a sua boceta e traço a sua entrada com a língua, chupando cada gota de sua excitação e da bebida que escorre para a sua bunda. Passo a língua pela sua boceta até a entrada de sua bunda, volto lambendo e fodendo a sua boceta com a boca. Logo que Sayuri goza, coloco-me sobre ela e a beijo, engolindo cada gemido seu.

— Sentiu como é você é doce, garota suja? Sentiu o gosto da sua boceta na minha língua?

Ela puxa meu cabelo e me beija freneticamente como se quisesse tudo de mim.

— Não sei o que acontece comigo quando você fala assim.

Eu deveria odiar suas palavras e atitudes, eu deveria...

Corto-a com um beijo. Afasto-me e ela se senta, puxando-me para que eu fique entre as suas pernas.

— Você deveria fugir de mim — aviso.

Estamos próximos, apenas uma respiração de distância.

— Deveria, mas não vou...

— Eu poderia matá-la, como fiz há pouco com dois homens.

Eu os cortei, pedaço por pedaço, sujando tudo ao redor com sangue.

Ela morde meu queixo enquanto abre o meu cinto e a minha calça.

— Não tenho medo de sangue, mas tenho medo de você, da sua escuridão.

— É quem eu sou, sujo, imoral, um assassino.

Sem titubear ela rebate.

— Um Saints.

Ela desce da mesa e se ajoelha, esfregando-se em mim, ficando suja de sangue. Baixa a minha calça e cueca,

libertando o meu pau já dolorido. Ela o acaricia para cima e para baixo antes de tomá-lo inteiro em sua boca. Abro a minha camisa e a tiro, jogando de lado. Seguro seus cabelos enquanto ela me leva em sua boca.

— Isso... me fode, esposa. Isso, assim... — e ela faz, sem tirar os seus olhos dos meus, a maldita me leva mais fundo sua boca, desafiando-me. Retiro meu pau de sua boca. — Cuspa no meu pau... — me leva mais fundo.

Intensifico meu aperto em seus cabelos, agora obrigando a mulher a levar mais de mim até que lágrimas encham os seus olhos.

É assim que gosto, pervertido, degradante. Tiro o meu pau de sua boca para que ela possa respirar e logo estou preenchendo-a novamente, fodendo, tomando tudo dela.

O meu orgasmo começa a construir e eu me retiro de sua boca. Levanto Sayuri e a beijo, depois a deito de barriga sobre a mesa, que deixa a sua boceta na altura exata para o meu pau. Bato em sua bunda e ela geme. Enfio dois dedos em sua boceta e vejo que está mais molhada que antes.

— Preparada para mim, Sayuri?

— S-sim... — antes que ela termine de responder, eu já estou entrando nela de uma vez só. Ela grita e se contorce.
— Você é muito grande! Dói.

Eu paro todo dentro dela e falo em seu ouvido:

— Você gosta da dor. Sua boceta é gulosa, assim como você

— sinto ela relaxar em volta do meu pau. Inferno! A mulher é apertada e se eu me mexer agora vou gozar. Levo a minha mão para seu clitóris. — Você andou se masturbando

enquanto pensava em mim? no meu pau te rasgando como foi agora?

— N-não...

Ela fala sem perceber que já está rebolando no meu pau.

— Mentirosa — bato em sua bunda, que já tem a marca da minha mão, e retiro meu pau. Não volto a penetrá-la. — Mas se não

quer... — dou um passo para trás.

— Ok! Ok! Eu venho imaginando esse momento há semanas.

Só me fode — ela vira a cabeça e olha para mim. — Faça o seu pior, Saints

Rapidamente coloco uma de suas pernas na mesa, abrindo-a mais para mim. Penetro sua boceta apertada e molhada a espera de uma foda dura. Seguro seu ombro e a cavalgo sem piedade. Coloco meu dedo em seu clitóris e o estímulo ao mesmo ritmo que a fodo.

Enfio meu polegar em sua boca.

— Chupe meu dedo, lubrifique para que eu foda a sua bunda com ele — ordeno. Sua língua circula o meu dedo e depois ela o chupa. — Cuspa, deixe ele bem molhado porque é a única lubrificação que a sua bunda terá.

Ela faz e, quando estou satisfeito, levo o dedo para a sua bunda apertada. Primeiro circulo seu anel e sinto sua tensão.

Intensifico a massagem em seu clitóris e sua entrada de trás vai se abrindo para o meu dedo passar. Quando o coloco em sua bunda, ela goza gritando o meu nome. E como a porra de homem que sou, gostei de ouvir meu nome em sua boca enquanto gozava.

Penetro-a com mais força na busca do meu próprio orgasmo.

Seguro seu quadril e a fodo rápido, com força. Sayuri geme mais alto e sinto sua boceta começar a se contrair em torno do meu pau novamente. Ela é apertada e a contração de sua boceta faz meu orgasmo vir rapidamente e gozo dentro dela. Fico dentro dela até minha respiração regularizar e meu pau começar a amolecer.

Afasto-me, vejo minha porra sair de sua boceta e como o homem imoral que sou, sinto-me satisfeito com a cena. Depois ajudo a se equilibrar, pego as suas roupas do chão e as entrego.

Fecho a minha calça e alcanço a minha camisa.

— Vamos para casa nos lavar e deitar. O amanhecer não demorará e eu estou exausto — vejo satisfação em seus olhos, satisfação essa que logo se tornará raiva. Entre nós não haverá *nada* mais que sexo, Sayuri é apenas uma importante peça em meu xadrez.

Capítulo 10

Sayuri

Entro no meu quarto e bato a porta. Estou tão cansada de Raffaele e seus caprichos. Eu sei, já entendi que somos apenas companheiros de foda, mas ao mesmo tempo somos casados, sei que ele me deseja. Então por que não podemos

fazer isso funcionar? Sim! Eu quero que ele me queira. Até porque não é como se eu tivesse uma saída, ele é meu marido e só a morte poderá nos separar, não é? Quando ele falou “*nos lavar e deitar*”, imaginei que ele viria para a minha cama ou me levaria para a sua, mas não, esse não é Raffaele.

— Idiota! Sayuri, sua idiota! — bato em meu próprio rosto para ver se acordo para a vida.

Sou acostumada a tirar o melhor de toda situação, porque a minha vida até aqui tem sido assim, ilusória. Tudo envolve mentira, falsidade, morte e máfia. Sempre vivi com a falsa ideia de que eu escrevia a minha própria história, esse pensamento me mantinha feliz no pouco e com a mente sã nos momentos mais difíceis. Hoje, eu não sei se quero mais viver na ilusão que eu mesma criei, não sei se algum dia isso já me fez feliz ou mesmo os momentos de felicidade eu fantasiei.

Toda a noite foi difícil, primeiro o jantar, depois a saída de Raffaele que me deixou sozinha para lidar com toda a sua família.

Todos os outros agiram como se fosse algo corriqueiro e deve ser mesmo, mas eu já estava sobrecarregada e qualquer coisa atrapalharia minha frágil aparência de forte. Os Saints são intensos, eles amam ou odeiam, não há meio termo. Aniella ficou ao meu lado juntamente com Mae, mas a família é insistente em conhecer o novo integrante. Eu gostei muito, muito mesmo, mas ao mesmo tempo fiquei apreensiva, pois tudo é novo para mim.

Quando eles foram embora, fiquei sozinha nesta casa gigante, sozinha a não ser pelos empregados. Tentei ajudá-los a limpar, mas não aceitaram em hipótese alguma.

Lorella sentou-se comigo para vermos sobre o cardápio e pela primeira vez me senti

parte de alguma coisa. Logo que terminamos, ela me disse para descansar, peguei o computador e abri para fazer alguns trabalhos.

Horas depois Raffaele ainda não tinha chegado e minha inquietação aumentou. Lembrei que Aniella pediu para instalarem os ganchos e os tecidos para a minha dança acrobática.

Não pensei muito, troquei de roupa e fui para o ginásio...

aquele galpão que os Saints insistem em dizer que é academia. Até é uma academia, só que dentro daquela estrutura gigantesca e eles realmente gostam de treinar. Aniella mesmo grávida mantém uma rotina de treino forte. Ela já tinha me levado lá e mostrado onde os equipamentos, toalhas e produtos são guardados, também me mostrou como conectar o telefone a estação de som do lugar.

Realmente é uma estrutura muito bem construída.

Quando encostei naquele tecido senti-me bem, como não me sentia há algum tempo. Os últimos anos não têm sido fáceis, por mais que esteja vivendo em lugares bons, não significa estar bem.

Ali, naquele momento, eu me senti bem. Me aqueci, alonguei para evitar câimbras e outros desconfortos musculares. Liguei uma *playlist* especial e me entreguei em cada movimento. Foi o meu momento. Eu não pensava em *nada*, apenas executava a performance.

Não esperava encontrar Raffaele ali me observando e Deus...

ele estava coberto de sangue. Sei que ele é um mafioso, sei que é perigoso e ele insiste em deixar isso claro para mim, só que algo me atrai para ele. Eu sempre fui atraída por ele, afinal, é um homem muito bonito, mas hoje, o que me atrai a ele é a escuridão que paira em seus olhos. Por mais que ele diga que não é um homem bom e eu acredito nisso, tem ao seu lado a família. Contradição interessante.

Fiquei sem sexo por tanto tempo, sem sentir o prazer de um orgasmo que faz a gente se sentir melhor, mais mulher, mais feminina... não sei. Só me entreguei a ele porque eu queria sentir isso novamente, porque eu queria sentir algo mais do que medo.

Quando aceitei me casar com ele, achei que iríamos resgatar as coisas que tínhamos em comum, ledo engano. Raffaele é outra pessoa e, no momento, o que temos em comum é Katsuo Shinoda.

Entro no banheiro e tiro a roupa suja que tive a decência de vestir antes de sair do ginásio. Estou suja de sangue e a minha pele está grudada por causa da bebida. Ligo o chuveiro e não espero esquentar, enfio-me sob a ducha fria. Coloco as mãos na parede e deixo a água correr pelo meu corpo, como as mãos daquele idiota fizeram, meu corpo acorda com as lembranças. Raffaele não pediu, ele simplesmente tomou e eu dei de bom grado. Dei tudo de mim naquele sexo... não, naquela foda. Ele simplesmente me fodeu duro.

Eu sou uma piada. Uma mulher perdida e confusa, que está se sentindo uma fraude. Sou Sayuri Inogawa, mas quem é Sayuri?

No momento, a única coisa que é minha é o meu trabalho, o qual eu executo sob outro nome. Falso. Tudo é falso. Afinal,

quem é Sayuri no mundo? Até aqui fui a filha de um mafioso morto, fugitiva de meu país, irmã de um bandido morto e agora a esposa de um herdeiro Saints. Apesar deste casamento ser legal e ter acabado de ser consumado, não é real. No final, entre sua família e eu, o clã prevalecerá.

Não consigo conter as lágrimas de frustração. Meu coração parte com a lembrança da minha mãe, eu desejo tanto que ela estivesse aqui agora, para segurar a minha mão, para dizer que tudo ficará bem. Eu não tenho *ninguém*, sou vítima da minha própria história. Acabei de me entregar a um homem que só quer ser meu dono até que chegue o momento de me sacrificar pelo bem maior, porque no final sempre será o bem maior. A minha história sempre foi assim, por isso odeio o bem maior.

Eu não amo Raffaele, ele era apenas a promessa de sobrevivência. Não vou cair nas mãos de Katsuo, pesquisei o suficiente sobre ele para saber o que ele fará comigo. Eu me mataria antes que ele colocasse a mão em mim, por isso a promessa de Raffaele foi tão tentadora. Com ele também vinha a chance de pertencer a algum lugar, ter uma identidade definitiva, ser a Sayuri. Mas quem Sayuri é? A pergunta ainda está sem resposta, se é que algum dia terá. É horrível ser sobrevivente. Um sobrevivente paga muito caro para aprender a viver.

Enquanto tomo meu banho, vou aos poucos levantando a confiança que sempre carreguei comigo. Confiança de que posso

fazer o melhor com o que tenho em mãos e esperança de que um dia tudo será mais fácil. Seco-me, visto uma bela camisola que compramos em nosso dia de garotas e deito para dormir, o dia está prestes a amanhecer e eu terei bastante coisa para fazer, uma delas é tomar o meu lugar

de Senhora Raffaele Saints. No momento, é tudo o que posso fazer.

— Temos alguns eventos importantes para comparecer e aos olhos de todos somos onipresentes — Mae me explica enquanto abre cada convite que chegou. — Geralmente nos separamos, um casal Saints não sai separado, somente se for eventos exclusivamente feminino ou masculino. Raffaele é o mais antissocial de todos, Aniella é a festeira.

Rimos. Aniella tem que se comportar como a nobreza e na maioria das vezes ela odeia isso, fazendo questão de mostrar a todos a sua insatisfação.

Alcanço um envelope azul fechado por uma fita prata, muito bonito. Abro e retiro um convite muito elegante para a festa de aniversário de um importante político. Meu coração acelera quando vejo escrito: Sr. & Sr.^a Raffaele Saints. Mairheen tira o convite da minha mão.

— *Ow!* Esse é super importante. Nas próximas eleições esse senador concorrerá a presidência. O comparecimento de vocês firmará a posição política dos Saints.

Coloco a mão sobre o meu estômago, que está dando voltas agora.

— Eu não estou pronta para isso — me queixo.

Mae dá tapinhas em meu joelho.

— Você está sim. Seu closet está cheio de vestidos deslumbrantes. Chamaremos Gredory para deixá-la ainda mais linda e pronta para um evento desse.

Gredory é o secretário/assistente de Aniella e tem um talento nato para cuidar dessas coisas. Segundo Mae, todas nós deveríamos ter um Gred em nossas vidas e enquanto não conseguimos um, aproveitaremos o Gred de Aniella.

— Você e Haniel não podem...

Ela me corta.

— Não, querida, não podemos. Porque eu venho sofrendo com esses eventos desde que entrei para a essa família. Agora é a hora da Senhora Raffaele Saints tomar o seu posto de Primeira-dama.

— Nããooo — lamento.

Ela balança a cabeça.

— Você sabia no que estava se metendo, Say — ela volta toda a sua atenção a mim. — Não é fácil estar em nosso lugar, estar sempre bem vestida, apresentável, ser elegante... nada disso é fácil, nós não temos o direito de envergonhar nossos maridos. Não é fácil até porque não somos troféus. Mas uma Senhora Saints não é qualquer esposa, estamos ao lado dos herdeiros, aqueles que carregam a responsabilidade da família nas costas. Estamos aqui para mostrar que a família é forte, que somos uma unidade. Todos sabem que onde uma Senhora Saints entra algo importante acontece.

— Eu acho que meu marido nem gosta de mim — falo.

Ela ri.

— Querida, pelos gemidos que saíram da academia, todos sabem que o seu marido gosta de você e que a recíproca também é verdadeira.

Arregalo os meus olhos e coloco a mão na minha boca, que está aberta.

— Ninguém podia nos ouvir.

— Realmente não podemos ouvir sem ajuda, só que todas as casas possuem equipamentos de vigilância, então todos ouvimos sem querer.

Quero morrer!

— Tem câmeras? Vocês viram o que aconteceu pelas... eu vou matar Raffaele!

— Vai com calma, samurai. Pelo que sei vocês estavam em um lugar privado para imagens. Eles colocam sensores e microfones em pontos cegos. Então, fomos brindados somente pelos gemidos mesmo.

— Com que cara eu olharei para os seguranças e os primos?

— escondo o rosto entre as mãos. — Que vergonha.

Mae passa a mão pelas minhas costas em um gesto de conforto.

— Todos passamos por isso e alguns de nós foram mais ousados — ela cora enquanto fala. — Finja que nada aconteceu, é a melhor solução. Voltando aos eventos, sempre nos encontraremos por aí, às vezes vamos todos juntos, mas na maior parte deles, dividimos para conquistar. Temos um sistema que funciona muito bem. Haniel e eu vamos aos eventos mais... burocráticos, fazer contatos, articulação, essas coisas. Aniella vai para tapetes vermelhos, premiers, festas no geral. Raffaele só comparece em eventos que realmente são importante e exigem a

presença do chefe dos chefes, para consolidar alianças e outras coisas.

— Você não está ajudando, Mairheen.

— acredite em mim, estou sim. Mas você deveria ter pensado nisso antes de correr para Las Vegas e se casar com o líder da Tríade. O que me leva a outro assunto, as *mammas* são muito tradicionais e estão preparando o seu casamento.

— O QUÊ? — salto do sofá e a encaro. — Como assim estão planejando o meu casamento? Já somos casados.

Mae continua a repassar os muitos envelopes.

— Essa é uma família catolicamente ferrenha, como você deve ter percebido na manhã de domingo.

Ontem fui acordada por Raffaele às seis da manhã porque tínhamos que ir à missa. Na hora eu ri, mas vendo o seu rosto sério, levantei rapidamente e me vesti. Fui a igreja e realmente toda a família estava lá, eles até colocaram na boca aquela coisinha branca que os padres servem. Eu me recusei, nem sei do que aquilo se tratava, se era pão ou papel. Depois almoçamos na casa dos pais de Raffaele e fiquei sabendo que em breve esses almoços serão em nossa casa, afinal, ele é o novo Chefe do clã.

— Céus! Eu não quero uma festa de casamento.

Ela ri.

— Alguém perguntou se eu queria me casar? Não, só me avisaram mesmo. Sinta-se privilegiada, pois você teve a chance de

aceitar. Quer um conselho?

Balanço a cabeça.

— Não sei... acho que não.

— Vou te dar mesmo assim. Só deixa acontecer, não é aconselhável ir contra as *mammas* Saints, elas realmente sabem usar suas posições ao seu bel prazer.

— E-eu não sei... — falo ficando cada vez mais desesperada.

— Será o evento do ano, talvez maior do que o de Aniella — ela fala calmamente. — O meu já foi enorme — seu olhar encontra o meu. — O seu será duas vezes pior. Prepare-se para as *mamazilas* Saints.

Acho que estou chegando no ápice do desespero.

— Obrigada? — falo debochadamente para a minha amiga.

Raffaele escolhe esse momento para entrar, ele cumprimenta Mae com um beijo no rosto e eu sinto uma pontada de inveja, porque a mim ele guarda somente um:

— Olá, esposa.

Se Mairheen percebe a situação, não aparenta.

— Oi — respondo.

Ele pega um dos pequenos biscoitos que estão na mesinha à nossa frente.

— Minha mãe nos convocou para uma reunião hoje à noite.

— Pa-para quê? — limpo a garganta, tentando manter a compostura. — Algum motivo especial? Estivemos lá ontem, ela não falou nada.

Ele balança a cabeça.

— Não faço ideia. Mas convocação de uma *mamma* Saints não é apenas um convite, é uma ordem.

— T-tudo bem.

Assim que ele sai, Mairheen aponta seu celular para mim e bate uma foto.

— Aniella precisa ver a sua cara. *Dio santo!* Acabei de ganhar a bolsa que tanto queria.

— Vocês apostaram sobre a minha situação? — pergunto ofendida.

Ela apenas ri.

— Bem-vinda ao mundo dos Saints, querida.

Capítulo 11

Sayuri

Estou sentada na parte de trás desse carro, ao lado do meu marido, a caminho da casa dos meus sogros e quase tendo uma síncope. Soube mais cedo que as *mammas* Saints se juntaram para fazer o meu casamento, eu testemunhei como foi o de Aniella, sei o quanto aquelas senhoras são persuasivas, a ponto de fazer todos em volta desistirem.

— Fique calma — Raffaele quebra o silêncio. Desde que saímos de casa ele está mexendo em seu celular, espanta-me que tenha percebido a minha inquietação.

Provavelmente ela nos chamou para jantar, fazer uma aproximação ou qualquer coisa do tipo.

— Se eu fosse você não ficava tão tranquilo assim.

Ele olha para mim com a testa franzida.

— Por que não?

Passo a mão pelos meus cabelos pela décima vez, eu acho.

— Sua mãe quer que nos casemos — Raffaele continua a olhar para mim como se não tivesse entendido o que falei.

— Nós já somos casados, Raffaele, não há necessidade de outra cerimônia.

— Até que demorou — ele responde nada afetado. — Achei que nos enfiariam em uma catedral assim que nos casamos.

Como ele pode ficar calmo desta maneira? Será que ele não enxerga que isso traria problemas e que eu não sei fazer *nada* disso? Que a multidão me assusta... que os Saints me assustam.

Respiro fundo e reúno toda a calma que possuo.

— Você concorda comigo que não há necessidade de um grande evento? Podemos fazer algo somente para a família...

Sou interrompida pela risada de Denis, que está no banco da frente. Olho para Raffaele e ele sustenta um pequeno sorriso.

— Você está tempo suficiente na família para saber que as coisas não são assim. Mas eu concordo com você, Sayuri,

não precisamos de um grande casamento. Agora, como você

convencerá as mulheres dessa família de que não precisamos de uma grande festa, já não sei.

— Raffaele, você é o Chefe, não é? Todos fazem o que você ordena.

Ele desliga o seu telefone e o coloca de lado.

— Tudo isso é verdade, mas minha família segue as suas tradições fervorosamente. Aconselho a você ir na onda delas, conheço minha mãe e tias o suficiente para te garantir que não se incomodará com *nada*, apenas estar na igreja no dia e hora marcada.

Não é uma boa ideia trazer o assunto à tona, mas talvez... só talvez dê certo.

— Você não se preocupa com a família? — o questiono sem vacilar e ganho toda a sua atenção. — Um grande evento atrairá Katsuo e a festa pode se tornar uma cha...

— Você pensa em convidar o porra do seu prometido, esposa? — sua voz é mortalmente calma e seu sorriso, que antes era de diversão, agora é algo diabólico.

— Nã-não é isso.

Raffaele me assusta quando está assim, é como se sua persona assassina estivesse na beirada para aparecer.

— Não? Então você está querendo dizer que não sou bom o suficiente para cuidar da minha família? Que sou um fraco?

— Não! — falo com veemência. — Essa conversa não está saindo como deveria.

Seu olhar sombrio paira sobre mim e fico cada vez mais inquieta.

— Sabe, Sayuri, eu já me questionei algumas vezes sobre o motivo de você não ter pedido ajuda em todos esses anos em que esteve escondida. Você sempre soube quem éramos e também sabia que podíamos lhe ajudar, mas você não fez *nada*. — Raffaele baixa seu rosto até que seus olhos fiquem alinhados aos meus.

Quando passamos sob as luzes, tenho a oportunidade de ver seu rosto sombrio. — O que me faz pensar que você pode estar aliada a ele para destruir a minha família e as organizações. Sabemos sua

história, investigamos a fundo e há veracidade, mas ninguém soube o que fez nos anos em que se manteve fora do radar.

Demoro um momento para digerir suas palavras e quando elas afundam, são como um soco no meu estômago. Como ele pode pensar isso de mim e ainda estar casado comigo? Um tapa na cara doeria menos, a marca arde, mas desaparece com o tempo. As palavras não.

— Que tipo de pessoa você acha que sou? — minha voz não passa de um sussurro dolorido. Assim como estou agora, dolorida, machucada.

— Ainda não sei quem você é, Sayuri — ele fala enquanto olha para fora, mas volta seu olhar para mim. — Mas estamos no caminho de descobrir, não? Se for um ato seu, lhe dou meu aplauso, ninguém é tão boa atriz assim. E se

não for, melhor para você, agora é uma Senhora Saints, ninguém poderá lhe tocar.

— Nessas horas eu te odeio, Raffaele, te odeio com todas as minhas forças. Por que eu correria risco de vida e deixaria meu irmão morrer se estivesse ao lado de Katsuo? — não consigo evitar as lágrimas.

— Sinceramente não sei — ele fala. — Me amar ou odiar não te fará bem, não aconselho a fazer nenhum dos dois, mas aconselho a ser leal a mim. Poderemos ter um bom casamento se nos respeitarmos — ele alcança seu telefone e volta a fazer o que fazia antes. — Denis, dê mais uma volta para que a minha esposa se recomponha.

— Sim, senhor.

Olho para fora e tento cessar essa torrente de lágrimas, que não querem parar de cair. Nunca imaginei que passasse isso pela cabeça dele. Quando acho que estou começando a desvendá-lo, Raffaele vem e me prova o contrário. Ele é um enigma que se desvendado pode trazer a morte.

Sinto a sua mão sobre a minha, ele dá duas batidinhas.

— Não se preocupe, esposa. Katsuo e seus aliados são problemas meu.

Raffaele encerra o assunto. O clima dentro desse carro é horrível e sufocante. Ele não teve problema *nenhum* em vomitar

suas suspeitas sobre mim em frente a outras pessoas. Isso mostra que ele não se importa comigo, algo que eu sempre soube, mas prefiro viver na ilusão. Mas até quando essa ilusão vai me fazer bem? Como enfrentarei sua família

agora? Será que pensam a mesma coisa que ele? Será que eles conversam sobre isso? As coisas só pioram... pioram.

Depois de algum tempo, consigo me controlar e após uma rápida inspeção com a ajuda da câmera do celular vejo que estou apresentável novamente. Não sou de usar maquiagem, então não é a minha preocupação no momento. Mas passo um *gloss* nos lábios para não aparecer de qualquer jeito. Não demora muito para chegarmos à casa de seus pais, que ficam em um condomínio como a de seus filhos. Os portões enormes com o S entalhado não deixa dúvidas de há Saints aqui. Tentei absorver alguma coisa ao redor, mas a noite é difícil. Assim que o carro faz uma curva, avisto três casas, uma longe da outra, e quanto mais nos aproximamos, maiores elas ficam.

Quando passamos pela primeira casa, posso ver a cerca viva que guarda a sua privacidade. Andamos mais um pouco e o carro para em frente a um pequeno castelo que chamam de casa. Essa família não sabe fazer *nada* pequeno ou simples, tudo é exagerado.

Denis abre a porta, mas logo Raffaele está ali para ajudar-me sair do carro. Neste momento eu desejo que ele segure a minha mão, mesmo depois de tudo o que falou. Ele não é um aliado, mas de qualquer maneira é algum apoio. Raffaele apenas coloca a mão nas minhas costas para me conduzir até a porta, que abre antes mesmo de chegarmos a ela.

Um homem elegante nos recebe com um sorriso no rosto.

— Seja bem-vindo, senhor — ele olha para mim com o mesmo respeito que fez com Raffaele. — Bem-vinda, senhora.

— Obrigada — respondo.

— Obrigado, Ruggero. Onde estão meus pais?

— Estão na sala principal, senhor. Eu os conduzo até lá, sigam-me, por favor.

Logo que chegamos a sala, somos recepcionados por Gabriel Saints que é tão intimidador quanto o seu filho. Raffaele é muito

mais musculoso e faz questão de exibir as tatuagens, deixando-o com aparência de selvagem. Seu pai não, o homem é extremamente elegante até nos movimentos. Ele é muito observador e fico mais nervosa sob seu olhar. Será que sempre ficarei intimidada na presença deles?

— Sayuri, como está? — ele me cumprimenta com um beijo em cada lado do rosto.

— Estou bem, obrigada por perguntar. E o senhor, como está?

— Melhor agora — passo por ele e assisto à interação entre pai e filho. Eles apertam as mãos e batem nas costas, não há dúvidas de que há amor aqui —, filho.

Diferente do que imaginamos, nem todos os pais são monstros como seus filhos.

Logo estou nos braços de Micaylah Saints que me cumprimenta calorosamente. Meu desconforto diminui ao pensar que ela não pensa tal atrocidade de mim e há poucos dias saiu em minha defesa, entendendo que não sou a culpada pelos fatos da minha vida. Por alguns meros segundos, permito-me esquecer e cumprimento seus tios e tias. Sentei-me em uma poltrona vazia, sem lugar para o meu marido me acompanhar. Neste momento quero distância.

Essa família gosta de beber, impressionante como não há *nenhum* alcoólatra. Servem para mim um vinho branco delicioso e participo das conversas que nos rodeiam. Diferente do jantar em nossa casa... não, não na minha casa, na casa de Raffaele. Enfim, diferentemente do jantar em sua casa, não sou o foco das atenções.

Os irmãos de Raffaele aparecem para nos cumprimentar e circulam por ali, dando-me a oportunidade de observá-los.

A irmã do meio é deslumbrante como a mãe, ela deve ter em torno dos vinte seis... não sei. Cabelos e olhos escuros que contrastam com sua pele branca, uma verdadeira boneca. Giovanna recebeu o nome de sua avó, mas todos a chamam de Ginnie, que é discreta e muito elegante, observadora como o seu pai. Seus olhos encontram os meus, ela acena e sorri para mim. Seu sorriso lembra muito o do seu irmão mais velho. Seu irmão Danio já é outra

história, ele lembra muito seu irmão na época em que estávamos na universidade. Enquanto Raffaele tem cabelos escuros, Danio ostenta cabelos loiros e olhos azuis. O sorriso fácil me diz que é galanteador e bem humorado.

— Minha esposa acredita que fomos convocados para falarmos de casamento — Raffaele fala em voz alta para que todos ouçam e eu coro. Por que ele fez isso?

— Foi exatamente por isso que os trouxemos aqui hoje —

sua mãe fala. Ela olha para mim. — Sabemos em quais circunstâncias vocês se casaram e as minhas cunhadas e eu pensamos que você merece algo muito melhor do que qualquer cover de Elvis em Vegas.

A senhora Francesca fala:

— Toda mulher merece ter o seu dia e, sabendo de toda a sua história, chegamos à conclusão de que você mais do que merece um casamento maravilhoso.

— É muita gentileza, mas não acho... — começo a falar, mas a senhora Micaylah me interrompe.

— Não é gentileza, é consideração. Você é uma Saints, minha querida, você merece o melhor. Simples assim.

Só então me dou conta do que estão falando, elas não farão um casamento para o herdeiro Saints, elas querem fazer para mim, para que eu tenha o meu dia. E lá vem as lágrimas novamente. Fico muito emocionada, sem saber o que fazer com todos olhando para mim. Então, a senhora Lilly senta-se ao meu lado, tira a taça da minha mão e a segura.

— Todas nós sabemos que sua vida não foi fácil, a nossa também não foi. Não fomos privilegiadas em nascer Saints, passamos por coisas horríveis, mas fomos agraciadas, mesmo que a graça fossem os homens Saints — ela faz uma careta divertida.

— Você não reclama quando estamos...

Seu marido Raziel começa a falar, mas o senhor Elemiah o corta.

— Não! Não queremos saber de *nada*.

Agora é minha sogra que vem ao meu lado.

— Sayuri, se você não quiser, não faremos.

— Farão sim, não se deixe enganar — o senhor Gabriel fala.

Olho para a mulher à minha frente.

— Sou muito grata por toda essa gentileza — mais lágrimas correm pelo meu rosto. — Mas eu não posso aceitar.

— Por que não? — ela insiste.

Olho para Raffaele que nos observa sem *nenhuma* emoção aparente. Sua mãe olha para mim e para ele, não sei o que vê, mas vê e não deixa a situação passar. Ela volta a falar, sem tirar os olhos de seu filho.

— Depois de tudo o que ela passou, o mínimo que podemos fazer é lhe dar uma grande festa de casamento.

— Mãe...

Ela o corta.

— Não estou perguntando *nada* a você, Raffaele, estou perguntando a sua esposa e se você for contra faço um escândalo que nem você como o Chefe da coisa toda conseguirá abafar.

Raffaele faz cara feia para o seu pai que dá de ombros.

— Não discuta com a sua mãe, senão ela trará todas as *mammas Saints* para a briga — seu pai aconselha e seus tios gemem de desgosto.

Rio de toda a situação.

Ginnie sorri e bate palmas.

— Será maravilhoso! — ela olha para mim. — Você é a melhor cunhada do mundo.

Fico sem entender, mas seu irmão esclarece.

— Estavam infernizando a vida dela sobre casamento —

Danio finge um tremor. — Graças a Deus não sou obrigado.

— Isso é o que você pensa — fala Raziel fazendo todos rirem.

Minha sogra volta-se para mim.

— Será lindo assim como você, *mia figlia*.

Ela me abraça e eu retribuo ainda mais emocionada.

— Obrigada.

Somos interrompidos com Ruggero anunciando o jantar.

Todos nos movemos e Raffaele fica ao meu lado. Ele toca o meu braço chamando a minha atenção.

— Sayuri, se não quiser a festa...

Retiro meu braço de seu aperto.

— Sua mãe ofereceu a mim e eu aceitei. E como você falou no carro, todo resto é problema seu.

Capítulo 12

Sayuri

— Você está muito elegante, Say — Mae me elogia e eu fico sem jeito.

Estou sem jeito a tarde toda, com todas essas pessoas em volta mexendo nas minhas unhas, cabelo e maquiagem. Gredory não parou enquanto não ficou satisfeito com o resultado. Viro-me para o grande espelho do quarto e

contemplo a mulher refletida à minha frente. Ela tem os meus traços, mas estão mais realçados, e por mais que tenha muita maquiagem parece não ter quase *nenhuma*.

— Não acham que esse vestido é muito justo? Nem posso respirar direito — passo a mão pela linda peça que me veste, parece que foi feita sob medida para mim.

A seda azul *royal* abraça meu corpo com suavidade. O

vestido tem manga apenas em um lado e essa manga é longa, o outro lado fica com o ombro e braço inteiramente descoberto. O

corte é justo e longo, mas franze na cintura do lado direito como se tivesse um cinto, logo abaixo abre uma alta fenda na minha perna direita, conforme eu andar, aparecerá até o alto da minha coxa. Não há brilho ou renda, mas o recorte dele é simplesmente elegante.

— Você está deslumbrante — Gred se coloca atrás de mim e fala enquanto arruma o meu cabelo sobre o ombro esquerdo. —

Todos verão essa belezinha asiática nos braços daquele homem lindo. Você é a combinação perfeita da delicadeza, elegância e simplicidade. Diferente da ostentação Saints...

— Ei! — Ani retruca. — Não somos ostentosos.

Gredory revira os olhos.

— Agora precisamos das joias.

— Eu não tenho joia — digo. Nunca senti necessidade de ter joias.

Ele coloca a mão nos quadris e olha para o espelho pensativamente.

— Nós precisamos de alguma coisa para adornar as orelhas e as mãos — Gred insiste.

— Logo ela terá. Continue com a produção que, até ela sair, terá tudo o que precisar.

Sem perda de tempo, ele me ajuda a sentar e faz um tutorial de como retocar a maquiagem que estou, em seguida coloca algumas coisas que ele diz ser “básicas” dentro da pequena bolsa que levarei na mão. Depois passamos a falar da meia que vai até o meio da coxa, ela é quase invisível, muito legal.

— Ande com passos médios, nada de andar rápido para acompanhar o seu homem. Caso contrário, o vestido abrirá demais e mostrará a renda da meia — ele balança as sobancelhas. — O

que não é uma má ideia.

— Não é má ideia se ela quiser que todos que a olhem acabem mortos — Mae fala enquanto mexe em seu celular.

A cobaia hoje é somente eu, ao que parece ninguém mais tem um compromisso além de mim. Minha atenção volta para Gred, que está ajoelhado no chão esperando que eu coloque meu pé no sapato que está em suas mãos. Rio deselegantemente e ganho um olhar de repreensão dele. O sapato é um *scarpin* nude que meu *personal stylist* aqui disse que é o melhor para o evento, que é importante, mas não para uma festa de casamento.

Vou mentir se disser que não estou me achando bonita, Gredory fez um excelente trabalho em mim. Mais uma vez

de pé em frente do espelho, ele pega uma estola marfim e coloca sobre os meus ombros, fechando-a em meu pescoço, e vejo que assim parece um pequeno bolero. Deslumbrante Gred o tira.

— Vou deixar lá embaixo, é elegante pegar somente quando estiver saindo.

— Eu posso esquecer.

Ele olha para mim com uma expressão séria.

— A hora que seu marido ver esse par de seios e essa bunda indo de encontro a ele, garanto que não esquecerá. Os homens Saints são possessivos. Adoro! Não esqueça de passar o perfume que lhe indiquei e nos lugares que apontei.

Todos saem juntamente com as meninas que me desejam boa sorte no meu primeiro evento como Senhora Raffaele Saints.

Fico sozinha por um bom tempo, andando de um lado para outro nesse salto alto, para ver se consigo me acostumar até a hora de sair. Depois de treinar, dou mais uma olhada no espelho, confiro se está tudo certo, alcanço a pequena bolsa, respiro fundo e saio do quarto. Caminho pelas escadas pedindo aos céus ajuda para não cair e acabar quebrando o pescoço.

Mae falou que a grande sacada são os passos confiantes, que exigimos mais do peito dos pés do que do calcanhar. Assim também evitamos cair de cara no chão, segundo Aniella. Seguro firmemente no corrimão e começo a minha longa, longa descida até a sala principal, sem tirar os olhos dos degraus. Assim que chego sã e salva no meu destino,

encontro Raffaele encarando-me e só então que percebo que ele está ouvindo uma belíssima música clássica.

— Você está linda, Sayuri — seu olhar é tão intenso que me esqueço de respirar.

— Obrigada — desvio o meu olhar do seu. — Você fica muito bem de *smoking*.

Ele fica muito bem de qualquer maneira, mas o terno parece ser a sua segunda pele. Se ele se sente incomodado, não mostra, pelo contrário, parece estar no seu elemento. A música, a sua casa, seu porte... tudo demonstra sua força. Há pessoas que realmente nasceram para comandar, a postura e o poder que ele exala chega a ser sufocante.

— Tenho uma coisa para você — ele alcança uma caixa de veludo, abre e a vira para mim. Na almofada de veludo preto descansa um pequeno par de brincos, uma fina pulseira e um anel que parecem ser diamantes... assim, muitos diamantes. — Aniella chamou minha atenção pelo fato da minha esposa não ter *nenhuma* joia. Então fiz o melhor para corrigir a situação. Essas são joias de família, o conjunto passa de geração a geração.

— Lindas, Raffaele, verdadeiramente lindas.

Ele retira a pulseira e espera que eu estenda o meu braço para que ele coloque, assim que o faço, ele coloca com delicadeza.

— Acredito que o anel deva servir — ele estende a caixa para mim juntamente com os brincos.

Vou para a frente do espelho que fica acima do aparador.

Retiro os brincos da caixa e os coloco, eles são pequenos, combinando perfeitamente comigo. Coloco o anel na mão direita em que está a pulseira. Me olho por um instante sem ainda me reconhecer, toda essa situação é diferente de tudo o que já vivi.

Desde o jantar na casa de seus pais, há três dias, tenho evitado meu marido, suas palavras ainda me ferem cada vez que lembro.

Toda essa roupa, joias, dinheiro... nada disso me pertence, mas sou uma Senhora Saints e isso vem no pacote. Tenho feito meu melhor, trabalhado muito e evitando estar perto dele ao máximo. Só que, por mais que eu esteja ferida, eu ainda o desejo. É algo incontrollável... como agora, ele está absurdamente lindo nessa roupa, barba bem feita, cabelos penteados para trás, que é a sua característica. Suas tatuagens espreitam pelo colarinho, nos fazendo imaginar o que tem sob todo aquele tecido.

Assim que me viro para Raffaele, ele abre uma outra caixa...

uma caixa maior e tira outra joia, uma diferente, algo que nunca tinha visto. Ele me vira de frente para o espelho novamente, se coloca atrás de mim e prende uma espécie de colar em meu pescoço. Da grande pedra central que está na minha garganta, sai cordões de brilhante que vão até os ombros dando a impressão de ser mangas... é diferente. Raffaele fala em meu ouvido enquanto nos olhamos pelo espelho.

— Mandei fazer essa peça exclusivamente para você, mas só a usará quando estivermos sozinhos. Será sua única roupa — ele passa a mão pelos cordões que caem sobre meus ombros e vai para aquele que fica mais baixo. — Esses ficarão sob os seus seios

— ele pega o único cordão que está solto e que cai até abaixo do meu joelho. — Esse aqui passará entre as suas pernas, sua boceta, passará na sua bunda e será preso na parte de trás do pescoço.

Um arrepio percorre a minha pele.

— É uma joia erótica — levanto o rosto e mais uma vez nossos olhos se encontram.

— É sexy — ele fala em meu ouvido. O homem é a perdição em pessoa. — Imagina você somente com a peça e esses saltos, dançando para mim, esse cordão central se movendo em sua boceta enquanto se movimenta.

Desvio o olhar e me afasto dele, completamente excitada com a imagem que acabou de descrever e pela sua proximidade.

Não é normal um homem ter esse tipo de poder sobre mim. Não é correto ceder a luxúria e aos caprichos de Raffaele, ele é insaciável e a única a se dar mal será eu. Não quero que esse casamento se torne uma guerra, não quero abrir as portas de um novo inferno, então faço o que sei fazer de melhor, fingir. Sorrio para ele.

— Retire para que possamos sair, por favor — peço antes de ceder, antes que a coragem me deixe.

Ele retira a peça brilhante e beija meu ombro nu.

— Você está belíssima, *preziosa*.

— Obrigada. Podemos ir? — pergunto.

Ele alcança a estola que está sobre o encosto do sofá, onde Gredory disse que deixaria, e a coloca sobre os meus

ombros.

Estende seu braço para mim e saímos para a fria noite. Raffaele me ajuda a entrar na parte traseira do carro e depois dá a volta para sentar-se ao meu lado. Hoje, Denis não está atuando como motorista, ele está de *smoking* e sentado no banco do passageiro.

Olho para trás e vejo que dois carros nos seguem logo que saímos dos portões do condomínio, um deles se coloca à nossa frente.

Estamos indo para uma festa mesmo? Sei que a ameaça de ataque paira pelas nossas cabeças, mas não acho que é para tanto.

Prefiro ficar quieta e guardar meus questionamentos para mim. Tudo o que eu não preciso é criar um mal estar agora e chegar no bendito aniversário ainda mais tensa. Acredito que Denis sentiu a tensão no carro e colocou uma música que me ganhou nos primeiros acordes.

Um homem cantando a música *Luna Tu*[\[13\]](#).

(...) Você, lua, quantas canções ressoam desejos que através dos séculos marcaram o céu para chegar a você? Porto para poetas que não escrevem e seguidamente perdem suas cabeças. Você que acolhe os suspiros de quem sofre por amor e doa um sonho a cada

alma. Lua que me olha, agora ouça-me: Somente você pode ouvir minha alma. Você, lua, que conhece o tempo da eternidade e a trilha estreita da verdade. Faça mais luz neste meu coração. Este coração de homem que não sabe que o amor pode esconder a dor como uma chama pode queimar-lhe a alma (...)

— Luna Tu.

Volto minha atenção para Raffaele e o encontro olhando para mim. — Dizem que essa música é um pedido de um homem desesperado a lua, para que traga seu amor de volta.

— Muito romântico — respondo e volto a olhar pela janela

— Seria romântico se não fosse trágico. Ele a perdeu para a morte.

Meu coração acelera com as suas palavras. Essa história só deixa a música ainda mais bonita, mais tocante.

(...) Você, lua, clareia o céu e a sua imensidão, nos mostra somente a metade que quer. Como quase sempre depois nós faremos anjos de argila que não voam, almas de papel que se incendiam, coração como folhas que depois caem, sonhos feitos de ar que desaparecem. Filhos da terra e filhos seus. Você que sabe que o amor pode esconder a dor como a chama pode queimar-lhe a alma. Mas é com o amor que respira, é o nosso coração, é a força que tudo movimenta e ilumina. Somente você pode ouvir a minha alma (...)

Não demora muito para chegarmos ao local do evento, passamos por duas barreiras de segurança, ambas cheias de fotógrafos e pessoas com cartazes. Nessa hora me lembro de alguns conselhos que recebi essa tarde:

— *Assim que o carro parar, vão abrir a porta para você, Raffaele sairá primeiro e lhe dará a mão para ajudá-la a sair. Nesse momento terá que ter muito cuidado, faça no seu tempo, demore quanto for necessário. Não deixe seu vestido preso em nada e não olhe para o chão. Seu foco*

deve ser no seu marido, que passará o braço pela sua cintura e mostrará que você pertence a ele —

conselho de Gredory.

*— Dê um pequeno sorriso que diz: ele é meu, vadias! —
Mae fala.*

Gred vai até ela e eles batem as mãos no alto.

— Essa aprendeu direitinho — ele fala apontando para ela.

*— Todos estarão olhando para você, afinal, é a primeira vez que a Senhora Raffaele Saints fará a sua aparição. Então, mantenha-se sempre de cabeça erguida, olhe para as pessoas por cima de suas cabeças e fixe seu olhar só com quem estiver conversando no momento. Você agora é uma Saints, não devemos nada ao mundo, ele é quem deve a nós. Sayuri, a ideia é mostrar poder, nós somos poderosos e nunca escondemos isso. Então aja conforme a música —
conselho de Aniella.*

— As mulheres tentarão te engolir viva, afinal, você estará nos braços de um dos solteiros mais cobiçados do país, ninguém se importa que ele também é o Chefe da máfia italiana. Na verdade, acho que isso deve até o aumentar o valor dele no mercado. Enfim, não dê o gosto as vadias, faça cara de que elas morrerão em breve

— conselho de Mairheen.

Sorrio para mim mesma com a aula que tive desse trio...

meus amigos. Amigos que não devem pensar o que o meu marido pensa ao meu respeito. Ou talvez sejam ótimos atores também.

Odeio ficar remoendo sobre isso, mas esse desconhecimento me faz mal, me deixa confusa.

— Esposa.

O chamado de Raffaele me traz à realidade, estava mergulhada em meus questionamentos e desconfiança. Respiro fundo e executo todos os conselhos dados essa tarde. Logo que saímos do carro, Raffaele coloca o braço em torno de minha cintura como Gred falou e assim me guia até a entrada, parando duas vezes para fotos. Assim que entramos no salão, todos voltam suas atenções a nós. Olho para Raffaele que não segura *nenhum* sorriso, nenhuma reação aparente. Como ele consegue?

Em nosso caminho, ele apenas acena com a cabeça para algumas pessoas. As pessoas olham abertamente para nós. Que desconfortável. Definitivamente não nasci para isso. Um garçom para por nós oferecendo bebidas, Raffaele pega um uísque para ele e uma taça de champanhe para mim. Não demora muito para ter vários desconhecidos à nossa volta, nos cumprimentando. Políticos,

empresários, celebridades do cinema, modelos e o aniversariante, que provavelmente será o próximo presidente do país.

A todos cumprimento com um pequeno sorriso e dou minha mão aos homens que insistem em beijar-me cortesmente. As mulheres que têm oportunidade, derretem-se sobre o meu marido descaradamente. Tento o meu melhor olhar mortal, mas elas não se importam e isso está realmente me irritando. Peço licença e ando entre os convidados até chegar ao bar, onde deixo a minha taça vazia e peço ao *barman* uma taça de vinho branco. Assim que ele me serve,

pego a bebida e volto a caminhar entre as pessoas, até que um elegante homem me para.

— Senhora Saints — ele estende a sua mão esperando que eu coloque a minha sobre a dele. O homem é muito bonito. Cabelos castanhos avermelhados, olhos verdes e um sorriso deslumbrante.

Ele me parece familiar, mas não sei de onde.

Coloco minha mão sobre a dele.

— Estou em desvantagem, não sei quem és — digo.

— Gael MacNamara, ao seu dispor. Sou primo de Mairheen

— seu sorriso fácil e olhar gentil me faz relaxar por um instante.

— Prazer em conhecê-lo, senhor — o trato como deve-se tratar o chefe de uma organização. Sei o suficiente para não brincar com Gael.

— Nada de senhor, apenas Gael. Estou admirado que seu marido não esteja pairando sobre você. Eu não deixaria minha bela esposa sozinha... — ele me olha de cima a baixo, mas não há luxúria em seus olhos, o que me deixa tranquila. — Há abutres por aqui que adorariam tirar um pedaço.

— Duvido muito, mas obrigada pelo elogio — falo sorrindo.

Meu marido escolhe este momento para chegar. Ele coloca seu braço em minha cintura, me pressionando contra o seu corpo, demonstrando sua possessividade a Gael. Eles se cumprimentam formalmente, mas vejo uma certa “camaradagem” entre eles.

— Vou levar minha esposa para uma dança — Raffaele fala dispensando a companhia de Gael, que olha para mim.

— Agora entendo por que você a mantinha guardada de nossos olhares. Se eu a tivesse, a exibiria para mostrar que é

minha.

Raffaele fica tenso, mas ostenta um sorriso nada caloroso.

— Não brinque com a sua sorte, MacNamara. Fique longe da minha esposa.

E com isso, meu marido nos leva até a pista de dança onde poucos casais se entretêm. Raffaele segura minha mão e intensifica seu aperto em minha cintura, pressionando meu corpo contra o dele, seu rosto está colocado ao meu e ele fala:

— Por que a minha esposa estava flertando com um maldito irlandês?

Sabia que essa dança não aconteceria por acaso, nada com o meu marido é por acaso.

— Não vejo qual é o problema, visto que o meu marido estava deixando aquela modelo vadia se derreter sobre ele.

— Ela não estava...

Eu o interrompo com uma risada.

— Ela se esfregava em você como uma gata no cio.

Ele se afasta para encarar-me, me guiando no ritmo da música *Fly Me To [The Moon](#)*[14].

— Está com ciúmes?

Minha vez de sorrir.

— Não, mas gosto de me preservar. Sou a Senhora Saints e o meu papel é não deixar que os outros façam de mim o que quiserem, mesmo que seja o homem com quem me casei.

— No outro dia, na academia, você me deixou fazer o que eu quisesse — ele fala divertido.

— Naquele dia você me deu orgasmos, Raffaele.

Ele me pega de surpresa quando me joga para longe segurando meu braço e traz-me de volta, rodando para que minhas costas fiquem seu peito, sua boca ainda meu ouvido.

— Eu posso lhe dar mais orgasmos. Agora, não brinque comigo, eu matarei cada um que manter os olhos em você por mais de quinze segundos — ele faz com que eu olhe ao redor e vejo tantas pessoas nos olhando e invejando, mais uma vez ele me surpreende virando-me de frente para ele.
— Você é minha.

— Assim disse o homenzinho de terno rosa em Las Vegas — debocho.

— Você é corajosa, esposa. Gosto desse seu lado, assim como gosto de você ousada.

— Não, você não gosta. Você acha que sou a inimiga, casou-se comigo para manter um olho em mim. Como vocês *gangsters* dizem: mantenha os amigos perto e os inimigos mais perto ainda.

Você se casou para poder controlá-lo. Parabéns!

— É isso que vem a deixando de mau humor? — ele pergunta como se estivesse surpreso.

A música acaba e eu dou um passo para trás.

— Aqui não é lugar para falar sobre isso. Voltemos aos nossos personagens até finalizarmos a noite, que pelo jeito será longa.

Vamos para a mesa que tem nossos nomes e não fico impressionada ao saber que estamos junto ao aniversariante. Faço o meu papel de boa esposa recatada, sorridente, que fala coisas interessantes e bebo a cada oportunidade. Não demora muito para a bebida bater e eu começar a passar mal. É a desculpa perfeita para Raffaele se despedir e nos tirar dali para, provavelmente, me culpar pela morte de Jesus ou qualquer outra coisa assim. Lembro de entrarmos no carro e ele colocar o cinto em mim, nada mais.

Capítulo 13

Sayuri

Acaricio o travesseiro que está quentinho, imaginando que seja meu marido nu em toda a sua glória. Como um homem pode ser tão malditamente lindo? Não sei se estou sonhando ou apenas imaginando que sua mão percorre a lateral do meu corpo. Seja o que for, eu só quero sentir. Sinto uma leve carícia em meus seios que me faz ofegar e logo minhas pernas são abertas.

Posso ver Raffaele com aquele sorriso de canto, cheio de promessas pervertidas. Ele beija a minha barriga e vai descendo até chegar entre as minhas pernas, passa a língua

em toda a minha boceta fazendo-me gemer. Ele segura o meu clitóris entre os dentes e ofego com a picada de dor que sinto, deixando-me ainda mais molhada. Esse homem sabe trabalhar muito bem com a boca.

Seus braços seguram as minhas coxas enquanto suas mãos me abrem para seu deleite e sua língua me explora. Sim... oh meu Deus... sim... que sonho mais maravilhoso, estou tão perto do orgasmo... tão perto... sem abrir os olhos, acaricio a minha barriga e desço para me tocar, porque toda essa imaginação está me deixando muito excitada. Quando realmente tento fechar as pernas não consigo, abro os olhos e encontro Raffaele com a boca em mim.

— Não era imaginação — minha voz sai rouca.

Ele olha para mim e substitui sua língua por dois dedos.

— Você anda imaginando que eu estou te comendo?

Tento me desvencilhar, mas ele não permite, intensificando o seu aperto em minhas pernas. Tento sentar e também não consigo.

Todo esse esforço e a minha cabeça dói, minha boca está seca e logo sei que se não fosse pela excitação, a ressaca já teria levado a melhor.

Abro a boca para pedir que ele pare, mas o homem volta a me chupar forte e a me penetrar com dois dedos enquanto um está acariciando a minha bunda. Da minha maldita boca só saem gemidos e lamentos, peço que pare, mas não quero que pare...

quero que ele me deixe e também quero que não me solte mais,

dando todos os orgasmos que mereço. Essa é uma batalha que não vencerei, então seguro o seu cabelo, puxando-o mais para mim. O

maldito ri e suga mais.

Não demora para o meu corpo explodir em um forte orgasmo, deixando-me completamente sem forças e com dor de cabeça.

Raffaele se levanta e limpa a boca que estava brilhando com a minha excitação.

— Pedirei para Lorella trazer seu café da manhã e alguns comprimidos para a sua dor de cabeça — ele fala sério, como se não tivesse me fodido com aquela boca há pouco tempo.

— Onde você vai? — não era isso que eu queria perguntar, mas foi o que saiu de minha boca.

— Trabalhar, esposa.

Seu comportamento, seu tom de voz, tudo está diferente. O

olhar caloroso de poucos minutos atrás foi substituído pelo olhar frio que sempre ostenta. Sua geleira está de volta, assim como a minha amargura. Eu não gosto desse Raffaele, esse que acha que sou sua inimiga.

Ele sai do quarto e vai para o seu, tenho a confirmação assim que a porta no final do corredor é fechada. Fecho os meus olhos e me xingo por imaginar e por ceder a ele. Tudo bem que estou de ressaca e acreditava ser uma mistura de sonho com imaginação, mesmo assim, eu deveria ser mais forte quando se trata dele.

Coloco as mãos no rosto e começo a bater as pernas como uma criança mimada que não ganhou o que queria.

— Sayuri idiota! — repito para mim sem parar, até que a dor de cabeça piora e a náusea me pega de jeito.

O quarto começa a girar e minha cabeça a latejar. Cubro-me até a cabeça e fico aqui quietinha. Relembrando o que aconteceu no evento de ontem à noite. O jantar, a dança, Gael... a possessividade de Raffaele, as mulheres se esfregando nele e as muitas, muitas bebidas que tomei. Oh Deus, como me arrependo das bebidas. Não me lembro de muito mais e quando me esforço para o fazer, minha cabeça dói ainda mais.

Alguém bate em minha porta e descubro o meu rosto. Lorella e mais uma menina entram no quarto, uma com a bandeja maior e a

outra com a menor. A menina se aproxima, me entrega os comprimidos e a água.

— O senhor falou que a senhora está com mal-estar, esses comprimidos e o suco a ajudarão. Deixarei seu desjejum aqui para quando se sentir melhor. Não deixe de se alimentar, senhora.

Sorrio.

— Obrigada, Lorella. Mas pare de me chamar de senhora, por favor.

— Como você preferir, Sayuri — ela sorri, pede licença e se retira. Os empregados de Raffaele são muito discretos, os de Aniella também são.

Quando fecham a porta, eu me viro e volto a cobrir minha cabeça. Não demora para que todo o cansaço da noite e o excesso de consumo de álcool me abatam.

Quando abro os olhos, o quarto está mergulhado na escuridão. A cama está fria, o quarto está frio. Sinto um calafrio, alcanço o cobertor e me enrolo nele. A porta abre e a sombra que entra não indica ser Raffaele.

— Oi? — pergunto, pois nesse escuro é impossível ver alguma coisa. O que é estranho já que meu quarto nunca fica assim.

Sinto a cama baixar, sentindo a presença ali comigo. Uma mão segura o meu pé e eu grito. Estou começando a ficar com muito medo. — Onde está Raffaele?

— Não se preocupe, querida, ele está vindo — a voz masculina é assustadora.

Levanto da cama e ando cegamente procurando a parede e quando a acho saio tateando até encontrar um interruptor. Assim que luz acende, o quarto está diferente, bagunçado, sujo. O que aconteceu aqui? Olho para o homem que está sentado em minha cama e meu coração dispara, o ar parece me faltar nesse momento.

Katsuo sorri para mim, confortável como se estivesse em seu próprio lugar.

— C-como você entrou aqui? — minha voz é trêmula e aguda.

O homem ri.

— Tudo isso aqui é meu, você é minha — ele se levanta e vem até mim. Cada passo que ele dá em minha direção,

dou um para trás, até que encosto na parede, sem escapatória. Ele levanta a sua mão e me esbofeteia, fazendo com que a minha cabeça bata na parede e a dor piore. — Agora você é minha cadela para fazer o que eu quiser — outro soco.

Ele me ataca sem piedade enquanto grito por Raffaele, Denis ou qualquer um que possa me ouvir. Quanto mais eu grito, mas ele me bate e ri, ri alto como se para ele fosse engraçado. De repente aparecem dois homens e jogam Raffaele todo ensanguentado sobre a cama. Arrasto-me até ele e vejo que sua barriga está aberta e muito sangue saindo... sua vida se esvaindo.

— NÃÃO!

Levanto rapidamente ficando longe da cama, não me importando se estou com ou sem roupa. Balanço a cabeça entendendo que tudo não passou de um pesadelo. Um terrível pesadelo. Vou ao banheiro, ligo o chuveiro e assim que a água fica na temperatura agradável, sento sob a ducha e fico de olhos fechados. O mal-estar da ressaca está melhor, mas ainda sinto o mesmo medo que senti no pesadelo. Não consigo controlar as lágrimas quando percebo que a minha vida será assim por muito tempo.

Um marido que me tem sob seu teto para ficar de olho em mim porque não confia. Perseguida por um homem que nem conheço, mas acredita que eu seja sua posse. Céus! Minha vida sempre foi resultado da escolha de um homem, ligado a mim por sangue ou não. Até quando isso durará? Se eu pudesse desaparecer como aconteceu da primeira vez... se eu pudesse contar com a ajuda de Ani. Mas não posso. E mais uma vez estou em uma gaiola.

Não sei quanto tempo fico sob a ducha, mas quando já não tenho mais lágrimas para derramar, me levanto e termino o banho.

Seco-me e me enrolo no roupão. Caminho até a mesa onde descansa a refeição que Lorella trouxe mais cedo. Vejo que já não tem pães e geleias, agora há um prato com massa. Minha barriga grita de fome e sento-me para comer. Enquanto isso, ligo o

computador e faço uma busca para ver se o evento de ontem saiu no jornal e assim que aperto *enter*, arrependo-me.

Há fotos nossas em todas as colunas sociais. Algumas deram destaque a notícia da primeira aparição da Senhora Raffaele Saints, outros gastaram tempo discorrendo sobre a falta de informações sobre mim. Há os que focaram em minha roupa, que eu não sabia que foi assinada por um estilista em ascensão, responsável por vestir as exigentes Senhoras Saints. Eu definitivamente não estou pronta para isso.

Nas fotos parecemos um casal elegante e feliz, também há fotos nossas enquanto as pessoas chegavam para nos cumprimentar e ao que parece tirei algumas fotos com pessoas que não conheço, sempre com um copo na mão. Minha mãe estaria muito decepcionada, achando que a filha está se tornando uma alcoólatra. Não me lembro de muita coisa depois do jantar, não faço ideia de como cheguei em casa e muito menos o porquê acordei nua.

Meu corpo desperta com a lembrança de Raffaele entre as minhas pernas. Minha cabeça tem sido um tormento nos últimos dias, sei que deveria falar com ele e tirar isso do caminho, mas ao mesmo tempo penso: para quê? Isso só

servirá para aumentar minha amargura. E essa atração que tenho pelo sexo com ele, me faz odiar a mim mesma. Mesmo depois de tudo o que ele disse, meu corpo discorda da minha cabeça e cede a ele.

O meu marido é apenas isso, o meu marido. Não há parceria como Aniella e Levi, ou companheirismo como Mairheen e Haniel.

Raffaele me prometeu liberdade, só deixou de falar que isso vinha com condições. Sei que mesmo assim eu aceitaria e me envolveria com aquele homem, que um dia pensei ter sido meu. Ele me provou que aquele rapaz era uma ilusão, esse é o verdadeiro Raffaele Saints. Ele me teria de qualquer maneira, se assim fosse o seu desejo, ele me deixará de lado quando quiser.

Por mais que eu tenha dinheiro para ir a qualquer lugar do mundo, nunca serei livre, nunca estarei livre. Os Saints sempre encontram o que procuram, não importa quem a pessoa seja ou onde ela esteja, eles sempre a encontrarão. Levei algum tempo para

entender que só não me acharam antes porque foi uma Saints que me levou. Eles têm recursos, contatos e poder. Se eu fugir, alguém me encontrará e uma dessas pessoas pode ser Katsuo.

Aqui eu tenho Ani e Mae, ou pelo menos acho que tenho. Há as *mammas* que mostraram seu apoio a mim, inclusive a mãe de Raffaele. Aqui tenho amigas, pessoas que me apoiam. Perderei a todas se eu sair, porque as conheço e sei que se sentirão traídas.

Não quero que isso aconteça. Não sei se poderei ser feliz com Raffaele, mas tenho certeza de que sempre me sentirei segura. Não é isso o que esperamos de um casamento?

Queremos mais, muito mais, mas há um grande abismo entre querer e ter.

Canso de olhar as imagens, mas antes de fechar o navegador para abrir os programas de trabalho, vejo uma nota no canto do site que desperta a minha curiosidade. O título é:

“Importante empresário japonês circula pela sociedade nova iorquina”. Abro a matéria e dou de cara com Katsuo Shinoda. O

pesadelo que tive mais cedo volta a minha mente e um calafrio percorre o meu corpo. Enfrento o meu medo e continuo a olhá-lo como nunca fiz, memorizo seus traços e expressão. Ele parece ser um homem elegante e charmoso, usa essa fachada para esconder o mal que habita em seu interior.

Abro outra matéria e lá está Raffaele, tão bonito e elegante quanto Katsuo. A diferença entre os dois está no fato de que meu marido não faz questão *nenhuma* de esconder seu verdadeiro eu.

Ambos são perigosos, nocivos e brutais, já testemunhei Raffaele chegar em casa coberto de sangue e se sentar à mesa para jantar, como se tudo estivesse normal. Ao contrário do que pensam, o homem mais perigoso não é aquele que bate e maltrata uma mulher, esse tipo é apenas covarde. O pior é aquele que tem amor o suficiente à sua família e não tem piedade alguma de destruir a família do outro.

Com Raffaele eu sei que não serei agredida ou maltratada, posso trabalhar e ter liberdade de ir e vir. Já com Katsuo a minha vida seria um verdadeiro inferno. Enquanto morava com Ren, ouvi coisas que me deixaram doente. Como chefe

ele terá o poder de fazer sua esposa refém de seus maus-tratos. Não há vida, liberdade

ou qualquer coisa, há apenas a vontade do marido por mais cruel que ele seja. Eu sei que casei com o diabo, mas esse pelo menos não me estuprará.

Respiro fundo e deixo esses pensamentos de lado, tenho algo mais importante a fazer agora. Rapidamente envio os links importantes para Aniella com a seguinte mensagem: *Ele está vindo!*

Capítulo 14

Raffaele

— Já esperávamos que ele faria uma aparição em algum momento — Haniel fala.

— Sim, esperávamos, mas isso não nos deixa menos preocupados — Aniella diz.

Observo o complexo da Worldwide que está abaixo, a parede de vidro me permite tal luxo. Essa sala até pouco tempo era do meu pai e muitas vezes o vi aqui juntamente com os meus tios, como estamos agora. Como todas as outras gerações Saints, eu carrego desde muito cedo a responsabilidade pela segurança de todas essas pessoas e suas famílias. Mesmo tendo isso em mente, quando sentei nessa cadeira, parece que o fardo ficou mais pesado e desde então venho controlando tudo o que acontece.

— Rafe? — Olho para a minha prima que está acariciando sua pequena barriga redonda. Como Levi a permite trabalhar, eu não sei.

— Oi. — Sento em minha cadeira e os encaro.

— Say está monitorando a internet e nos encaminhará todas as informações coletadas.

Cruzo as minhas mãos sobre a mesa.

— Eu não quero a minha esposa fazendo esse serviço.

Aniella revira os olhos.

— Pelo amor de Deus! Sayuri é mais do que capaz, e outra, ela não se encontrará com ele, apenas monitorará a internet.

— Aniella.

— Raffaele — ela fala meu nome com exasperação. —

Primo, é melhor se acostumar com a ideia de que ela trabalha para nós... não, na verdade ela trabalha para mim. Acostume-se.

— Voltando a Katsuo — Hunny nos interrompe. — Ele vai fazer de tudo para marcar o seu ponto.

Assinto.

— Mas esse é o nosso território e não o dele. Nós comandamos o jogo.

Ambos assentem.

— Temos duas meninas com os homens mais próximos a ele e três homens infiltrados em seu pequeno exército — Aniella nos informa enquanto mexe em seu *tablet*. — Os relatórios não têm mostrado grandes atividades, mas estamos sabendo da insatisfação que seus homens mais próximos estão sentindo.

— Gosto disso, a insatisfação os farão vacilar — Haniel fala e eu concordo.

— Ao que parece, Katsuo tem mostrado menos interesse em conquistar território. Uma das meninas disse-me que o homem com quem está, reclamou uma vez que o seu chefe tem agido estranho, como se o foco dele fosse outro.

— Nós temos que barrar o recrutamento — Haniel diz. — Há mais mortes nas ruas do que antes e isso tem chamado a atenção não só da polícia, mas da mídia também. Nós não podemos simplesmente matá-lo?

Aniella ri.

— Podemos sim. Eu adoraria...

Corto ambos.

— Não. Matar o homem agora só traria a Yakuza em peso para cá e o inferno se instalaria. Temos que entender o que se passa lá dentro, mantermos nossas estratégias até chegar o momento certo — volto a minha atenção para Ani.
— Não está na hora de trocar as meninas?

As mulheres que Aniella treina se tornam máquinas de guerra, um trabalho verdadeiramente incrível. Elas não têm medo ou receio de lutar, usam as armas que tem da melhor maneira. Quando ela trouxe isso para dentro, admito ter sido o primeiro a falar “não”, mas depois de ver o seu trabalho, comecei a pensar por que não temos mais mulheres em todas as escalas de poder.

Mas o que me preocupa no momento é que nenhuma morra.

Não gosto de ter baixas entre os soldados, sejam eles homens ou mulheres. Essas que estão com a gangue de Katsuo são da tropa especial, o que as tornam ainda mais preciosas. Sabemos que se ficarem muito tempo perto deles, a tendência é que comecem a

desconfiar e as matem. Se mantermos a variação, as chances de eles ficarem mais distraídos são maiores.

— Uma delas já estou providenciando a troca. A outra, a que está mais próxima, manteremos por mais algum tempo — ela baixa seu dispositivo e me encara. — Say anda muito estranha. O que você andou fazendo com a minha amiga?

Sua pergunta me pega de surpresa. Faço uma careta de desgosto.

— Eu nunca me meti em seu casamento, Aniella, não acho que você tenha que se meter no meu — respondo grosseiramente para cortar o assunto.

Mas, ao que parece, foi em vão.

— Você casou-se com ela para protegê-la, mas ela não parece muito protegida ou feliz. Eu não vou permitir que você faça mal a ela.

Encaro a minha prima.

— Não preciso da sua aprovação, Aniella. Nem sua e nem de *ninguém*. Sayuri está comigo porque quer, ela não foi obrigada. E

outra coisa, não esqueça que foram vocês dois que colocaram toda a família nessa, eu só estou tentando manter todos vivos.

Hunny bufa em deboche.

— Se o Chefe falou, está falado.

Essa atitude que ambos têm, me chamando de chefe, deixa-me com raiva, verdadeiramente irado. Porra! Eles não enxergam que se fizessem as coisas direito, Sayuri não estaria em nossas vidas. Eles trouxeram o problema para a porta de casa, não eu.

— Não gosto de como as coisas estão se desenrolando —

Ani fala sem tirar seus olhos dos meus.

Sei que está falando do meu relacionamento com a minha esposa. Nunca escondi de ninguém que esse relacionamento não tem nada a ver com amor. Não me importo com os sentimentos de Sayuri, na verdade não me importo com muitas pessoas, todos também sabem disso. Agora, eu a desejo. A mulher é linda e gostosa, nenhum santo escaparia de pecar. Ela é minha para desfrutar e o faço com prazer. Sayuri é livre para ir e vir, pode trabalhar sem problemas e é protegida pelo sobrenome que tem.

— Você não tem que gostar de *nada*, Aniella. Podemos voltar ao que realmente importa?

— Como vou matar Katsuo Shinoda e fazer que ele coma suas bolas? — debocha Aniella.

— Falando sério agora, estou preocupado com o recrutamento dele — Hunny diz pensativo. — Há meninos de rua sendo iludidos para fazerem os trabalhos sujos. Um garoto de treze anos foi pego plantando uma dinamite em um dos galpões dos MacNamara. Treze anos.

— No momento não podemos fazer *nada*, somente controle de danos — respondo.

— Precisamos falar do evento que temos que organizar. Tia Micah me passou uma lista de quinhentas e cinquenta e duas pessoas vindas de vários lugares do mundo, incluindo russos, irlandeses e... mexicanos? — ela olha para Haniel. — Veio mexicano ao seu casamento? Para o meu não veio.

— Vieram vários chefes de Estado para os nossos casamentos porque são importantes parceiros comerciais — Haniel explica.

— Mas acredito que esse não é o momento para fazermos um evento com mais de quinhentas pessoas — falo. — Teremos que cuidar não só da segurança da família, mas de todos os chefes e autoridades que estiverem aqui.

— Já estávamos em ameaça antes, Raffaele, e eu sou muito boa no que faço — Aniella me repreende.

— Concordo com Rafe, não acho que seja o momento para um evento desse porte. Ainda mais com você grávida, Ani. Levi ficará puto se souber que você pretende coordenar isso.

Ela dá de ombros.

— Não farei isso sozinha, sou esperta o suficiente para colocar os homens de confiança de nossos aliados na lista de casamento. Eles ficarão dentro e não fora. Serão duas coberturas até chegarem a nós. A minha preocupação é se a noiva estará lá até então.

— Ela estará — respondo secamente. — Nossas mães se asseguraram disso.

— Usaram a chantagem emocional? — Hunny pergunta.

Balanço a cabeça negativamente.

— Ameaça? — essa é Ani.

— Nada disso, a pegaram pelo apreço. Uma mulher deve ter tudo o que deseja, sempre .

Aniella bate em seu joelho.

— Inferno! Nunca usaram essa comigo. Era sempre: *pense na família* — ela imita a voz de sua mãe.

Olho-a com divertimento.

— Sabe me dizer o dia do meu casamento? — pergunto.

— Em trinta e sete dias a partir de hoje — ela me responde.

Não gosto da ideia de ter uma festa agora, correremos riscos e eu odeio correr riscos. Mas entendo que a festa em si é importante para a minha família, é tradição. Também me ajudará a fazer o meu ponto, colocar pessoas importantes para serem testemunhas do meu enlace com Sayuri. Farei com que corra o boato de que era um amor de faculdade, que nos reencontramos depois de anos e reacendeu o amor. Ninguém além dos mais importantes da Yakuza sabem do acordo entre os pais de Sayuri e Katsuo, mas todo mundo saberá que eu a tinha... que a tenho. Isso me favorece nesse jogo e coloca Katsuo em xeque.

Concentro-me em finalizar as demandas da família, porque logo teremos que correr em alguns de nossos estabelecimentos para ver como estão se saindo e ordenar que as crianças, que forem pegadas tentando sabotar em nome de Katsuo, sejam tiradas das ruas e levadas para

algum lugar que as protejam da morte ou de pessoas como nós. Por mais que eu seja solidário a essas crianças e suas famílias, infelizmente não poderei socorrer a todas elas. Não sou filantropo, tão pouco quero exercer o que o governo deixa de fazer. Minha responsabilidade é manter a minha família viva.

Capítulo 15

Sayuri

— Não gostei, achei simplesinho demais — ouço, pela oitava vez, de uma das *mammas* que vieram comigo para a escolha do meu vestido de noiva. E dessa vez a insatisfação total é da minha sogra. — Quero algo mais glamoroso...

— Tipo princesa — a coitada da consultora, Doris, interrompe.

— Rainha! — Micayah Saints fala veementemente. Ela se levanta e as duas tias a seguem deixando para trás Mae e eu. —

Vamos, meninas. Vamos encontrar algo esplendoroso para Sayuri.

Vou até o provador, tiro o vestido com a ajuda da assistente de consultoria e coloco um roupão de seda. Volto para o sofá que antes estava ocupado pelas Senhoras Saints e sento-me ao lado de Mae, que brinca com Elijah. Hoje ela parece tão abatida, meio pálida, sem aquele vigor que a acompanha. Coloco a minha mão sobre a dela.

— O que está acontecendo?

— Oi? Nada, não está acontecendo *nada*.

Ela fala mais rápido do que deveria e desvia seu olhar do meu. Intensifico o meu aperto em sua mão.

— Eu sei que está acontecendo algo.

Ela sorri, mas ele não chega a seus olhos, e retira sua mão da minha.

— Você está vendo coisas, Say. Acho que já está cansada de tanto ver vestidos.

Neste momento vem ao meu pensamento as palavras de Raffaele: *Não sei quem você é, Sayuri, mas estamos no caminho de descobrir, não? Se for um ato seu, lhe dou meu aplauso, ninguém é tão boa atriz assim.* Pelo jeito não é somente o meu marido que pensa que não sou confiável, ela também. Sou tão idiota de acreditar que só ele pensa isso, lógico que sua família pensa o mesmo, afinal são uma família, compartilham tudo.

— Say, desculpe, eu não queria ser grosseira — Mae chama a minha atenção. — Não chore, por favor, e-eu não queria te magoar. Sei que está nervosa com isso tudo e neste momento tenho que ser sua amiga e não uma cadela.

Passo a mão pelo meu rosto e só então me dou conta de que está úmido por causa das lágrimas, que caíram sem eu ao menos perceber.

— Tudo bem — falo. Mesmo que o meu coração esteja um pouquinho dolorido.

Ela coloca Eli no chão à nossa frente e se vira para mim.

— Eu estou grávida, Sayuri, e estou desesperada. Sabe o que é pior de tudo? Eu nem tenho grandes motivos para isso —

apenas olho para ela estupefata com a sua confissão. — E- eu só não estou preparada para outra criança ainda. Elijah é tão pequeno e Haniel tem trabalhado tanto nos clubes...

Ela está insegura.

— Mae, Haniel é apaixonado por você e por Eli, vocês são a vida dele. Acho que eles têm trabalhado mais para pouparem Aniella — e para me manterem segura. Mas deixo isso só para mim.

— Haniel e essa família ficarão em êxtase quando souberem que mais uma criança Saints está vindo ao mundo.

Ela funga e deita sua cabeça em meu ombro.

— Sim, seu sei.

— Você é uma mulher exemplar, mesmo com todos os seus compromissos, não deixa de doar o seu tempo aos pacientes da clínica, faz um trabalho social lindo com as crianças em estágio avançado de doenças incuráveis. Isso fala muito do seu amor, do seu caráter. Você é um exemplo de mãe e esposa, seus filhos serão gratos e terão orgulho de tê-la como mãe.

— Obrigada, Say. Você também é maravilhosa.

Só dá tempo de ela secar as suas lágrimas e as *mammas* Saints estão de volta com um vestido enorme para que eu prove.

Aprendi logo na primeira prova que é melhor deixar no comando delas, caso contrário as coisas podem não ser boas. Sem perda de tempo a consultora me leva ao provador.

Assim que chegamos, entra outra menina com lindos sapatos e uma caixa branca grande. O sapato é branco de cetim, nada demais, simples até. O que acho bem estranho se tratando das Senhoras Saints. Ela me ajuda a calçá-los e logo abrem o vestido para que eu possa vesti-lo. Antes de me ver com ele já faço as minhas considerações: exagerado e muito pesado. Se fosse para escolher um vestido, escolheria um justo de tecido leve e simples, sem bordados e pedrarias. Mas as minhas cinco escolhas anteriores foram veementemente vetadas.

Quando viro para o espelho, assistindo o vestido abraçar o meu corpo enquanto a consultora o fecha em minhas costas, meu coração acelera. Céus! Ele é deslumbrante. Jamais pensaria em usar algo assim, mas é algo sem explicação. Respiro fundo algumas vezes engolindo a emoção que se forma em meu peito. É assim que as noivas se sentem quando acham o seu vestido ideal? Assisti alguns programas de mulheres que buscavam por seus vestidos e não entendia o sentimento quando encontrava o que realmente queriam. Acho que agora sei.

O vestido é todo bordado em pedrarias, do corpete até o final da cauda, que é muito extensa. É exagerado, ostentoso, mas muito, muito bonito. Ele é modelo princesa, decote proeminente, tendo o

“v” profundo até abaixo dos seios. As mangas, que são longas, começam a partir dos ombros, deixando toda a minha clavícula à mostra e vão até os dedos, tendo uma fita que o prendem ao dedo médio. O corpete é bem ajustado e atrás leva o mesmo modelo e profundidade da parte frontal, é atado com fitas e finalizado com um belo laço. O padrão do bordado se mantém o mesmo na saia que começa na cintura e vai ao chão, com a cauda extensa. Ele é armado, estilo princesa, ainda conta com uma armação que o deixa

maior. As pedras dão um ar luxuoso, lembrando àqueles vestidos de casamentos árabes que carregam a riqueza em sua extensão.

A consultora sobe em um pequeno degrau e rapidamente torce o meu cabelo nas laterais, deixando todo o resto solto. A sua assistente abre a caixa e assisto chocada, ao invés de uma pequena grinalda, ela coloca em mim uma coroa alta.

— Essa joia não faz parte do nosso acervo, ela pertence à família Saints. Ao que parece, foi usado por uma das avós e nunca mais foi usada por *ninguém* — ela me explica. — Cadê o seu anel de casamento?

Olho para a minha mão e fico sem jeito. Nunca parei para pensar nisso e pelo jeito Raffaele também não. Sem saber o que dizer, minto constrangida.

— Foi levado para ser ajustado.

— Ah sim. Vick, corre, pegue um anel e um colar bem fino com uma cruz — a assistente sai apressada da sala. — O que você achou?

— Ele é lindo, mas acho que sou simples demais para ele.

Faz sentido o que falei?

Ela sorri compreensiva.

— Sim, faz sentido. Mas você é uma Senhora Saints, menos do que isso não é compatível. A questão é: você gostou? Porque se não gostou, não é para ser esse.

Neste momento, imagens da minha mãe vem a minha cabeça e não consigo controlar as lágrimas. Sinto em meu coração que ela adoraria me ver assim e por mais que eu o

ache demasiado, parece que foi feito para mim. Ele é todo bordado, mas o padrão das linhas é enxuto, dando sobriedade, também há os tecidos leves que o compõem. Isso descreve perfeitamente como sou em meio aos Saints.

— Sim, eu amei.

— Então é esse.

Vick entra e coloca um anel delicado em meu dedo, mas ele não serve, então deixamos de lado. Doris coloca um fino colar com um pingente de cruz em meu pescoço. A peça é tão fina que mal aparece, mas é lindo em sua delicadeza.

— Perfeita — Vick fala enquanto me olha.

Saímos do provador em direção as senhoras que nos aguardam com expectativa. Minha ansiedade cresce e minha emoção também, quero muito que elas o achem lindo em mim, assim como o fiz. Sei que tem que ser do meu gosto, mas essas mulheres estão fazendo isso por mim, querem o melhor para mim,

então é muito importante que gostem. Assim que me coloco sobre o pequeno palanque, ouço suspiros e fungados, elas me olham e as vejo ficarem emocionadas e meu coração acelera cada vez mais.

— Você é tão linda — Lilly Saints fala enquanto pega um lenço e seca suas lágrimas.

— Minha nora é linda mesmo e nós acertamos em cheio na escolha. Ela está maravilhosa — Micaylah fala.

— Achei que só iria ficar emocionada assim com Aniella, até porque eu achava que ela nunca se casaria — essa é Francesca nos fazendo rir.

Mairheen se levanta e vem até mim, visivelmente emocionada.

— Você está uma verdadeira rainha — ela tira o seu celular do bolso. — Agora vamos mandar fotos para Ani antes que ela nos xingue.

— Cadê o seu anel, querida? — a mãe de Raffaele pergunta.

Fico calada e ela fecha os olhos. — *Per l'amor di Dio*, diga-me que meu filho te deu um, só que você esqueceu em algum lugar.

Olho para Mae em busca de socorro, mas seu olhar para o celular é tão mortal quanto o que vejo em minha sogra. Eu poderia salvar a pele dele o defendendo, não ligo para ter ou não um anel em meu dedo. Só que estou cansada de justificar os homens da minha vida, nenhum deles mereceram ou merecem.

— Infelizmente ele não me deu um anel de casamento.

— Ele pegou as joias da festa... — Micaylah fala e eu a interrompo.

— Essas eu usei.

Ela respira aliviada e pega o seu celular da bolsa. Há minutos estávamos emocionadas com o vestido e agora o clima está um pouco tenso.

— Gabriel Saints, o seu filho não deu um maldito anel de casamento para esposa dele. Aquele menino está pensando o quê?

O que ela está pensando de nós, Gabriel? Que não criamos esse garoto direito — ele deve falar alguma coisa que a

acalma, pois quando volta a falar, está menos irritada. — Ele puxou a você...

sim... também te amo... *ciao, bello* — ela vem até mim. — Essa

coroa ficou perfeita em você. Ela pertenceu a avó de Gabriel, o avô dele deu a ela quando celebraram suas bodas de prata. Ele sempre dizia que ela era sua rainha.

— Como você se sente, Sayuri? — Lilly me pergunta.

— Como uma princesa — respondo sorridente.

— Você com certeza é uma — ela fala retribuindo o sorriso.

Micaylah se encarrega do faturamento das peças e de cuidar da coroa. Elas dizem que querem que eu desfrute deste meu momento. Saindo daqui iremos nos encontrar com a cerimonialista, pois teremos que experimentar e aprovar o cardápio. Ao que parece, isso é função das mulheres, porque elas querem os homens bem longe.

Ao sairmos da loja, Mae e eu nos despedimos das *mammas* que embarcam e partem. O carro que nos levará para casa encosta e uma das seguranças abre a porta para nós. Mae sobe no carro com Eli, quando ouço a mulher que abriu a porta gritar, ao olhar para trás, vejo que está caindo lentamente e que há um homem atrás dela com uma arma. Impulsiva, fecho a porta do carro e bato na lateral para que ele vá. O motorista deve ser altamente treinado, porque não perde tempo.

Tiros e gritos completam o cenário caótico ao meu redor, é quando alguém me puxa pelos cabelos. Logo sinto algo pontiagudo em meu pescoço e outra mão sobre a minha boca. Tento ver ao redor e enxergo dois seguranças lutando,

a mulher que abriu a porta para mim está no chão sangrando e desacordada, provavelmente morta. Me debato e jogo a minha cabeça para trás, mas não acerto *nada*. Uma voz masculina me xinga em japonês e então percebo que são os homens de Katsuo.

Seja quem for que esteja me segurando, me leva para um beco. Tento engolir o desespero e pensar com clareza. Não sou tão preparada como Ani e suas meninas, mas posso me ajudar de alguma maneira. Lembro de algumas aulas de autodefesa que tive com Aniella e tento executar tudo o que posso. Jogo o meu cotovelo para trás e sei que o acertei porque ouço seu gemido, seu aperto se afrouxa dando tempo para que eu possa chutar. Há pessoas que

tem mais sorte do que juízo e acredito ser uma delas, porque não me lembrava do salto alto que acabou por me ajudar.

Desvencilho-me e ele segura a minha camisa de seda, rasgando a manga e saltando alguns botões. Com muito custo fico em pé e começo a chutá-lo em qualquer lugar possível. Ele se joga sobre mim e quando vou dar um passo para trás, me desequilibro nos saltos, acabo caindo sobre algumas latas de lixo e me machuco.

Ele ri enquanto vem para cima de mim e eu começo a gritar, alcanço um pedaço de pau e tento acertá-lo mesmo do chão. Sinto as farpas entrarem em minha carne, mas no momento estou preocupada em fugir daqui.

Não demora muito e dois seguranças aparecem, ambos machucados. Eles imobilizam o meu atacante, o deixando jogado de lado, e um deles vem me ajudar a levantar. Eles pedem para que eu espere sentada aqui, mas prefiro sair desse lugar escuro, mesmo mancando, suja e machucada.

Quando chego à rua principal, vejo a polícia colocando dois jovens muito machucados dentro da viatura e uma das seguranças de Aniella, que até então não tinha visto.

Graças a Deus as Senhoras tinham saído antes e sou grata quando lembro de Mae indo naquele carro com Eli. Tremo só de pensar o que teria acontecido se eles os pegassem.

Sento em um banco em frente à loja de noivas e fico ali olhando para o nada. Sei que sou uma visão e tanto para as pessoas que passam, mas não estou preocupada com isso. Um policial vem até mim e começa a falar:

— Senhora, pode nos dizer o que aconteceu?

Antes que eu abra a boca, a segurança o faz.

— Acabei de narrar a você o que aconteceu, não precisa atormentá-la com isso.

— Mas ela tem que falar...

Ela o interrompe novamente.

— Ela não, a Senhora Saints — o homem reconhece o sobrenome e sua postura muda.

— Não sabíamos que se tratava de uma Senhora Saints. Nos desculpe, mas é nosso serviço.

A mulher ia falar, mas levanto a mão.

— Tudo bem. Acabamos de ser atacados, é isso o que tenho a dizer no momento — aponto para a minha roupa e para o braço todo arranhado. — Como pode ver, estou um pouquinho indisposta, mas em breve comparecerei a polícia e darei o meu depoimento.

Ele assente e sai, deixando-me com a segurança. Tombo a cabeça para trás, encostando-a no banco, e fecho os olhos.

Cansada, dolorida e triste, é assim que me sinto neste momento. A loucura de Katsuo colocou todas essas mulheres na mira da morte.

Raffaele vai me acusar de ter armado tudo isso com o louco japonês e a minha vida se tornará um inferno. Minha cabeça começa a latejar, passo a mão na lateral e vejo que há sangue. Eu odeio sangue. A mulher ao meu lado está no telefone com alguém e percebo que o cenário que vi não foi *nada* perto do que realmente aconteceu.

— Temos uma baixa, dois feridos. O outro lado há dois mortos e três feridos.

Tudo isso por minha causa, por causa dessa promessa maldita de casamento. Quando me dou conta de tudo o que ocorreu, meu peito aperta e lágrimas correm pelo meu rosto.

Morreram por minha causa, as *mammas* e Mairheen quase morreram por minha causa. Os outros ficaram feridos por minha causa. Que inferno! Onde foi que errei e transformei a minha vida nesse inferno, deixando um rastro de destruição por onde passo?

Dois SUVs param à nossa frente, as portas se abrem, homens saem, mas a minha atenção está em meu marido, que caminha rapidamente para mim. Assim que ele está à minha frente, pega-me em seu colo e me leva ao carro. Quando a porta fecha, o carro sai rapidamente e mantenho meus olhos fechados, me lamentando por tudo o que aconteceu. Raffaele deve ter percebido o meu estado, pois fazemos todo o percurso em silêncio.

Não vejo o carro parar, só percebo quando a porta é aberta e Raffaele desce comigo ainda em seu colo, grita ordens aos homens e mulheres ao nosso redor. Estou em choque... não sei. Só tenho vontade de chorar, só que não há lágrimas, somente dormência.

Não ousa abraçar o homem que me carrega, mas eu desejo toques e conforto, desejo que ele queira me proteger.

A porta da casa é aberta e entramos, indo direto para a escada que leva aos quartos. Acho que ele vai me deixar no meu, para que me vire sozinha. Mas me engano, ele me leva à sua suíte.

Raffaele me senta na beirada da cama.

— Fique aqui enquanto ligo o chuveiro — ele fala e sai.

Uma angústia crescente me atormenta, minha cabeça e meu corpo doem muito. Não paro de pensar naquela mulher morta e logo imagens da minha mãe deitada no chão ensanguentada voltam e me sobrecarregam. Meu coração acelera e meu ar falta, tento respirar mas não consigo. As garras do medo me sufocam, fazendo com que eu segure meu pescoço a procura de ar.

— *Shh...* fique calma... eu estou aqui — olho para o meu marido que está ajoelhado aos meus pés tirando o meu sapato. —

Já passou, *preziosa*.

Balanço a cabeça e fecho os olhos. Não passou, nunca passará, não enquanto Katsuo ou eu estiver vivos. Deixo ele me despir e me conduzir ao chuveiro. Achei que ele simplesmente me deixaria sozinha, mas Raffaele entra

comigo e me segura enquanto todo o meu tormento vem à tona juntamente com as lágrimas, novamente.

— Ela estava morta... — minha voz está rouca e irreconhecível. Não sei se estou falando da mulher ou da minha mãe, que não pude salvar da maldade do meu próprio irmão. Minha vida é amaldiçoada, por onde passo levo morte e deixo um rastro de sangue.

— Olhe para mim, Sayuri — faço o que ele me pede. Olho para aqueles olhos azuis intensos, para aquele homem forte e bonito. — Ninguém mais encostará em você. entende? Ninguém mais.

Assinto e deito minha cabeça em seu peito forte. Se ele soubesse o quanto preciso dele, o quanto eu preciso de sua força.

— Eu não fiz aquilo... — levanto a cabeça e o encaro. — E-eu não fiz.

Ele beija a minha testa.

— Eu sei, preziosa. Eu sei.

— Elas iriam morrer por minha causa... a menina morreu por minha causa... — soluços altos irrompem de mim fazendo o meu peito doer. — Todos estão morrendo por minha causa.

— Não pense assim. Não pense. Apenas fique aqui comigo.

Tudo bem?

Assinto. Volto a colocar a cabeça em seu peito e a água continua a cair sobre nós. Depois de alguns minutos, quebro o silêncio.

— Faça amor comigo, Raffaele. Faça-me esquecer tudo.

Faça-me esquecer da minha vida.

Capítulo 16

Raffaele

Eu vou matar aquele maldito filho da puta. Vou esquartejá-lo e jogar seus pedaços na porta do ancião mor da porra da Yakuza.

Não tolerarei um ataque contra a minha família e a tentativa de sequestro da minha esposa. Farei os dias daquele escroto um verdadeiro inferno.

— Raffaele... — enquanto lavo a minha esposa, imagino como vou matar aquele idiota do caralho. — Raffaele...

Sayuri tem o olhar perdido, meu peito aperta com vulnerabilidade que vejo. A cada minuto que passa, mais o ódio dentro de mim é alimentado. Eu vou acabar com ele.

Sei que ela quer que eu diga alguma coisa, quer que eu faça amor com ela, mas não farei *nada* antes de ela ser vista pelo médico. Seu psicólogo deve estar muito abalado e eu não vou me aproveitar de alguém perdido dentro de si. Ela se odiaria e odiaria mais a mim por me aproveitar desta situação.

Desligo o chuveiro e alcanço a toalha para secá-la. Seco a nós dois e saímos do banheiro, sento-a na minha cama, vou ao meu *closet*, visto-me, pego uma das minhas camisetas e a ajudo a se vestir. Vou ao seu quarto e começo a vasculhar as suas gavetas em busca de calcinha, pego a maior que encontro. Volto ao meu quarto, onde ela continua sentada, olhando para o chão. Ajoelho-me e coloco a calcinha nela.

Nunca pensei em ter tal intimidade com uma mulher, muito menos com Sayuri, mas esse é um momento delicado para nós dois.

Ela não olha para mim em momento algum, sei que está constrangida por eu não ter respondido e nem a tocado de modo diferente. Posso ser um bastardo assassino, mas respeitar as mulheres é algo que os Saints aprendem desde cedo. Ok, admito já ter matado uma ou duas, mas as cadelas realmente mereciam.

Sayuri é minha esposa, merece ao menos o meu respeito.

— Vou ver se o médico já chegou e depois conversaremos sobre o que aconteceu.

Ela apenas assente e se enfia sob as cobertas. Olho-a por alguns instantes e depois saio do quarto para saber se o médico que mandei chamar já chegou. Desço as escadas e encontro toda a família reunida. Minha mãe foi a primeira a chegar a mim.

— Como ela está?

— Aparentemente está bem, mas preciso que um médico dê uma olhada. Ela tem alguns ferimentos, ao que parece são superficiais.

— Estou bem aqui — Mairheen vem até mim com sua maleta.

Olho para Haniel, que assente. Meu primo já ocupou o lugar de médico da família por muitos anos, depois disso, Paul Brown assumiu o posto.

— Tudo bem. Venha comigo — ordeno.

— Eu vou também! — Ani grita.

— Não! — eu a corto. — Deixe Mairheen examiná-la e se, depois disso, a doutora aqui liberar, então permito que a veja.

Mairheen sobe as escadas juntamente comigo, ambos percorremos o caminho em silêncio. Não sei o porquê, mas essa situação mexeu com alguma coisa adormecida em mim. Não costumo me deixar levar por ataques assim, até porque é corriqueiro. Somos uma geração de mafiosos. Acredito que a questão aqui seja porque o ataque nunca foi tão perto da porta de casa. Entramos no quarto e Sayuri está deitada, olhar perdido.

Queria poder fazer mais, gostaria de tirar essa vulnerabilidade e lhe devolver a ousadia que ela vem descobrindo ao longo dos últimos tempos.

— Sayuri, minha querida — Mae senta-se na beirada da cama ao lado dela.

Quando Sayuri se dá conta de quem é, senta-se rapidamente e a abraça.

— Você está bem? — ela toca o rosto de Mae. — Elijah está bem? Eu estava tão preocupada.

— Ei! Ei! Calma — Mairheen fala gentilmente. — Graças a você, Eli e eu estamos bem e seguros. Obrigada por pensar rápido

e ser ágil. Agora vamos dar uma olhadinha em você — ela olha para mim. — Pode nos dar licença, por favor?

Olho para a minha esposa que olha para qualquer lugar, menos para mim. Saio do quarto e desço para encontrar a

minha família agitada. Aceno para Haniel e Aniella me seguirem, nossos pais fazem o mesmo, se juntando a mim em meu escritório. Vou até o armário onde guardo as bebidas e pego a garrafa do meu melhor uísque, pego os copos que ficam ali e sirvo uma dose para todos, menos Aniella.

O silêncio é ensurdecedor, todos bebendo mergulhados em nossos próprios pensamentos. Sei que estão esperando que eu comece a falar. Termino a minha bebida e sirvo outra antes de me sentar. Quando o faço, cruzo as mãos sobre a minha mesa.

— Eu matarei aquele japonês filha da puta! — falo entre os dentes. — Vou destroçá-lo.

— Você confirmou que foi realmente a Yakuza? — meu pai pergunta.

Balanço a cabeça.

— Não a Yakuza. Katsuo, o maldito Katsuo — respondo.

— Um pouco antes do ataque, tivemos a confirmação de que Katsuo está agindo por conta própria — Hunny inicia sua explanação. — Para os anciões, ele saiu do Japão com a missão de vir fechar fornecimento de armas, para os homens que ele trouxe, disse que além das armas, conquistaria território. Que ele seria o primeiro *oyabun* a levar a Yakuza para fora do país. Só que todos nós sabemos que ele está aqui por causa dela, ele a quer a todo custo...

— E me matar no processo — completo a fala do meu primo.

— Precisam de nós em alguma frente? — tio Raze pergunta.

Balanço a cabeça em negação.

— Ainda não, mas precisarei dos contatos que vocês têm para chegarmos no Japão sem sermos mortos — falo.

Eles assentem.

— Foi muito perto — Ani comenta.

— E mais uma vez tenho que agradecer Sayuri. Se ela não tivesse agido rapidamente, poderiam ter machucado minha mulher e

meu filho — Hunny volta a falar.

Minha prima me olha acusadoramente.

— Raffaele poderia treinar Say, aprimorar o que já ensinei a ela. A mulher tem coragem.

Inferno! Só no inferno eu deixaria minha esposa ir à luta como Aniella. Não duvido que ela se saia bem, a prova disso foi como ela se saiu no ataque, mas não é do meu feitio permitir tal coisa. Preciso ter certeza de que todos estão bem.

— O que será feito a partir daqui? — tio El pergunta.

— Hoje, setenta por cento de fornecimento de armas da Yakuza é feito pelos russos. Agora é hora de pegarmos isso porque, mais para frente, cortaremos o fornecimento para os japoneses —

explico.

— E Sayuri? — minha prima pergunta.

Encaro Aniella já de saco cheio com a sua insistência sobre o meu casamento.

— Sayuri irá descansar...

— E o anel? — meu pai pergunta.

Ao que parece, hoje é o dia de infernizar Raffaele. Será que não se dão conta de que minha cabeça está a mil com o ataque contra a minha mulher? Fora que poucos minutos antes, minha mãe e minhas tias estavam lá. Se não fosse pela sacada de Sayuri, Mairheen e Eli estariam no meio do fogo cruzado. Não tenho tempo e nem cabeça para dar satisfação a eles sobre qualquer coisa.

— Esse assunto logo será resolvido — digo. — Aniella, envie uma equipe para bombardear aquela casa em que eles se reúnem, na parte baixa da cidade. Quero que pegue todos e incendeiem o lugar — levanto da minha cadeira. — Se vocês me derem licença, vou ao encontro da minha esposa.

Todos se levantam e deixam o escritório comigo. Assim que chego na sala, encontro as mulheres conversando em torno de Sayuri, que ainda está com a minha camisa, só que agora está vestida como eu, calça de moletom cinza e camiseta branca. Isso me deixa satisfeito, muito satisfeito. E enquanto a família a distrai, chamo Mae de lado para saber a situação.

— Emocionalmente, está abalada. Não pelo ataque, mas sim pela impotência. Say ficou preocupada comigo e com as outras pessoas. Suas feridas são superficiais, alguns arranhões, retirei algumas lasquinhas de sua mão. Como amanhã ela acordará dolorida, já providenciei que trouxessem o medicamento.

— Obrigado, Mairheen.

A mulher segura o meu braço.

— Eu devo a vida dos meus filhos a ela. Por favor, Rafe, cuide bem da minha amiga. Ela já passou por tantas coisas ruins, agora está na hora de ela ter coisas boas.

— Filhos? — a questiono.

Ela coloca a mão na cintura, no gesto mundial que indica que a pessoa está brava. Ela se aproxima e fala baixo.

— De tudo o que falei você só ouviu isso? Homens! Estou grávida, além de Haniel só Sayuri sabe... bem, agora você também.

Sorrio.

— Parabéns.

— Ah que bonito, você sorriu! Sabe que muitas vezes eu duvidei que você é capaz de sorrir? Mas nos últimos tempos tenho visto muito isso — ela dá batidinhas em meu braço. — Continue assim, você fica bem melhor sorrindo.

Capítulo 17

Raffaele

Que caralho foi isso? Mae fala demais, mas comigo sempre foi mais silenciosa. O que está acontecendo com essa família?

Perderam o total respeito pelo Chefe? Fecho a cara mostrando toda a minha insatisfação, mas ao que parece ninguém se importa.

Tenho que colocar todo mundo para fora agora mesmo. E antes que eles sintam-se a vontade para ficar para o jantar,

estendendo esse dia mais do que deveriam, peço para irem embora.

— Raffaele tem razão, precisamos deixar nossa filha descansar — meu pai fala, se aproxima de Sayuri e lhe dá um beijo no alto de sua cabeça.

Seguindo ele, todos se despedem e se vão. Assim que fecho a porta, peço a Lorella faça o nosso jantar, Sayuri protesta, mas ela deve comer.

— Foi grosseiro você mandar todos embora.

— Se eu não os mandasse, eles não sairiam daqui hoje.

Você precisa descansar.

— Já descansei. Estou ótima — ela fala irritada. Aproveito esse momento para pegá-la no colo, ela se debate e eu a seguro mais firme. — Me solta, seu bruto!

Coloco minha boca em seu ouvido.

— Você gosta que eu seja bruto, esposa.

Levo-a até meu escritório e a coloco no sofá, fecho a porta.

Quando volto a olhar para a minha mulher, ela está de pé com as mãos fechadas ao lado do corpo, claramente irritada.

— Me trouxe aqui para me acusar pelo que aconteceu? —

ando até ela enquanto fala. — Porque não vou aceitar mais sua acusação infundada de que estou trabalhando com...

Corto suas palavras com um beijo. Gosto de quando ela está brava, ousada, amo quando vejo fogo em seus olhos. Isso

me excita. Ela me empurra, mas a pressiono entre a mesa e meu corpo.

Arranco a sua camisa, subo o top que segura aqueles belos seios, deixando-os à amostra.

— Sabe qual é o seu problema, Raffaele Saints? — ela fala enquanto tenta ajustar a peça, deixando a metade inferior de seus seios de fora. Minha esposa é deliciosa. — Você acha que pode ter as coisas na hora que quer, mas comigo não será mais assim, não...

Novamente a corto com um beijo, só que dessa vez sou mais exigente, quero que ela abra a sua boca e retribua. Que chupe a minha língua, que me queira dentro de si. Afasto minha boca da sua.

— Você me pediu para te fazer esquecer. É o que estou fazendo — digo.

Ela bufa.

— Muito conveniente para você. Fui idiota e fraca por achar que você me daria o que eu queria pelo menos uma vez.

Acaricio a lateral de seu rosto e seu pescoço, até chegar em sua nuca e a segurar firme. Beijo seu pescoço e subo para a sua orelha.

— Eu sempre lhe atenderei, mas hoje você não gosta quando dou o que quer. Minha *preziosa*, prefere quando dou o que precisa.

— Você é um idiota — ela se debate para nos afastar.

Seguro seus braços e desço a minha boca na parte inferior de seus seios, que estão pedindo para serem lambidos. Passo a minha língua por eles, me deliciando com sua pele macia. Ela geme e arqueia seu corpo para que eu tenha mais dela e eu aproveito.

Subo seu top com os dentes, expondo o mamilo que logo abocanho e o chupo. Sayuri esfrega suas pernas e geme.

Solto-a e me afasto suficiente para tirar a minha camiseta, calça e cueca, jogando-os de lado. Sayuri aproveita para se virar de costas e arrumar seu top. Ela vira-se e tenta passar por mim, para ir à porta, mas a seguro pelo braço e trago para mim, pressionando suas costas em meu peito. Ela volta a se debater e me divirto, a segurando e empurrando seu top para cima novamente, mas, dessa vez, ambos os seios ficam expostos.

— Belos seios, eu os adoro — falo enquanto os amasso.

Desço uma mão pela sua barriga e a acaricio entre as suas pernas.

— Preciso sentir sua boceta apertando meu pau novamente.

— Você ignorou meu pedido mais cedo e agora quer transar?

Não mesmo — ela dá dois passos para longe e eu a puxo novamente, fazendo-a gritar. — Para, Raffaele! Vão nos ouvir.

Pego o celular e o conecto no *dock station*[\[15\]](#). A música alta preenche o ambiente, não permitindo quem está de fora ouvir os gemidos que arrancarei da minha mulher. Eu a levo até a mesa e me ajoelho em frente a ela. Retiro suas

calças e calcinha, a sento na minha mesa e abro as suas pernas.

— Pronta para ser comida?

Antes que ela possa responder, abro sua boceta e passo a minha língua. Encontro seu clitóris e o sugo intensamente, fazendo-a gemer alto. Solto o pequeno nervo e o assopro, ela se contorce, coloca a mão em meus cabelos e os puxa mais para si. Minha mulher é gulosa e tenho plena satisfação nisso. Penetro-a com a língua e depois a beijo como se fosse sua boca.

(...) Minha amada tem humor. Ela é a risada do funeral, mesmo sabendo que todos desaprovam. Eu deveria tê-la venerado mais cedo. Se os céus alguma vez falaram, ela seria a última palavra. Cada domingo fica mais sombrio, um veneno fresco a cada semana. Nós nascemos doentes, é o que eles dizem. Minha igreja não oferece absolvições. Ela me diz: "louve entre quatro paredes".

O único paraíso para onde serei enviado, será quando eu estiver a sós com você (...)

Levanto do chão, a penetro com dois dedos e beijo a sua boca. Seguro o seu cabelo firme para controlar o ritmo enquanto ela cavalga a minha mão. Com dedos dentro dela e um em seu clitóris, a estimo ao ponto de sua excitação escorrer pela minha mão.

Solto o seu cabelo e esfrego meu pau para cima e para baixo de sua boceta, alinho a cabeça do meu pau em sua entrada e a penetro, fazendo-a gritar.

(...) Leve-me à igreja e eu a adorarei como um cão no santuário de suas mentiras. Irei lhe contar meus pecados,

assim você poderá afiar sua faca. Ofereça-me essa morte imortal. Bom Deus, deixe-me dar-te minha vida (...)

A fodo com força e a beijo freneticamente como se nós dois fossemos nos fundir um no outro. Seguro sua bunda trazendo-a mais para mim, fazendo com que meu pau vá mais fundo. Sayuri é apertada, mas me acomoda muito bem em sua maciez.

— Mais f-forte... por favor... — ela pede.

Desço-a da mesa e a viro, deitando sua parte superior sobre o móvel. Bato em sua bunda e a penetro novamente segurando em seu quadril. A batida da nossa pele está no mesmo ritmo que a batida da música, bela melodia. Levanto uma de suas pernas, a colocando sobre a mesa e deixando a sua boceta toda aberta para mim. Acaricio sua bunda, abro sua nádega e esfrego meu dedo em seu anel.

Seguro o seu cabelo e a cavalgo duro, forte. Ela grita e se segura na mesa, contorcendo de desejo. Beijo suas costas, passo pela sua nuca e mordo o lóbulo de sua orelha.

— Na próxima vez... — enfio meu dedo em sua bunda e a minha mão que estava em seu cabelo vai ao seu pescoço.
— Você estará com aquela joia que fiz para você... — desço minha mão e aperto os seus seios. — Seus seios ficarão lindos e eu os foderei...

— Ra-rafe... — ela geme meu nome e sorrio.

— Comprarei uma joia para sua bunda, você ficará espetacular toda adornada com as minhas joias em você. Sou louco para comer esse seu rabo virgem.

— Você é grosseiro.

Rapidamente a carrego para o sofá, sento e a trago ao meu colo, penetrando-a até o fundo. Seguro e bato em seus seios, que pulam conforme Sayuri me cavalga como uma amazona. Ela gosta de sexo sujo.

— Sou e você gosta, *mia troia*.

— D-demônio — o seu xingamento é um gemido ofegante.

Ela segura o meu cabelo e desce sua boca sobre a minha, empalando-me com mais força, apertando o meu pau, e circulo a entrada da sua bunda com meu dedo médio.

— Porra! Você é gostosa, mulher. Leve tudo, foda-me com força, esposa.

E ela faz assim como ordenado, até que grita quando goza.

Coloco-a de quatro sobre o sofá e a fodo mais forte, esfrego seu clitóris para que ela goze mais uma vez, antes que eu encontre a minha libertação. Percebo que está se segurando e dou um tapa em sua boceta, a ardência a excita mais e Sayuri logo começa a se contrair em torno do meu pau. Forço a penetração e ambos gritamos com o orgasmo. Despejo nela toda a minha semente.

Nos deitamos no sofá, ambos ofegantes e suados por causa da foda. A seguro forte em meus braços e ela deita sua cabeça em meu peito. Coloco minha perna entre as dela e sinto o nosso gozo molhar minha pele. Esfrego para que se espalhe mais. Gosto da ideia de marcá-la, mesmo que seja com a minha porra.

— Eu te odeio, Raffaele.

— Não é o que seu corpo diz — respondo.

Acaricio sua pele delicada.

— Meu corpo é idiota, não reconhece o quanto você é nocivo.

— Ele reconhece o dono, só isso.

Ela bate em meu peito e tenta sair, mas a seguro.

— Não sou sua posse — seu tom de voz é irritado.

Ao contrário da minha voz que é apenas um sussurro.

— Você é minha e de ninguém mais. Nunca foi, nem nunca será de outro.

Capítulo 19

Sayuri

Os últimos dias têm sido intensos, cheios de ansiedade e coisas a serem feitas. Raffaele tem trabalhado muito e pouco nos vemos. Dia a dia ele vem recolocando um tijolo no muro que está construindo entre nós, aquele que há pouco tempo acreditei que estava caindo. A distância me incomoda, sinto-me solitária em minha própria casa.

Há dias que nenhuma das minhas provocações surtem efeito, outros ele nem volta para casa para o jantar, chega tarde da noite.

Parei de esperá-lo, ele não parece fazer muita questão disso.

Raffaele não é do tipo que liga para saber se estou bem, mas sei que há seguranças que o deixam informado. Eu deveria estar grata e estou, mas estou cansada de viver assim. Um dia eu o amei, não sei se deixei de amá-lo, mas

esse sentimento se tornava algo distante quando Ren estava por perto.

Tenho fortes sentimentos por meu marido. No início achei que fosse somente aquele desejo consumidor, depois do ataque as coisas ficaram aquecidas entre nós, foi então que comecei a me dar conta de que era mais. É difícil conviver com uma pessoa que você deseja e não se apaixonar, ainda mais quando é um amor mal resolvido. Só que não vou ficar aqui me lamentando, nunca lamentei e não começarei agora. Sempre fiz o melhor com a minha vida e agora não será diferente.

O casamento é daqui a três dias, Micaylah disse que hoje seria meu dia de folga. Como venho trabalhando e vendo as coisas do casamento, meus dias têm sido cansativos. Ontem à noite minha sogra anunciou minha folga, hoje dormi até mais tarde, apreciei meu desjejum com tranquilidade. A tarde trabalhei um pouco e tirei um cochilo porque, segundo Gred, uma noiva não pode parecer um defunto no dia de seu casamento. Liguei para Aniella e Mairheen, mas ambas estavam ocupadas, não quis tomar muito do tempo delas e agora estou aqui sozinha, ansiosa.

Sento no sofá e abro o computador para trabalhar um pouco, há algumas coisas que tenho que finalizar. Quando começo a focar no trabalho, Mairheen, suas irmãs Gredory e Aniella entram em minha casa, todos muito bem arrumados.

— Levante e vá se arrumar, criança — Aniella ordena.

— Hoje comemoraremos suas últimas horas de solteira —

Mae fala.

Encaro o paredão de fuzilamento à minha frente.

— Vocês esqueceram que já sou casada e a coisa já foi consumada e tudo?

Todos reviram os olhos.

— Essa é empata-foda — uma das irmãs de Mairheen fala.

Gredory fecha o notebook, o coloca sobre a mesa de centro e me pega pelo braço, levando-me em direção às escadas.

— Vamos tirar esses trapos, lindinha. Queridas, já voltamos

— entramos em meu quarto e ele vai direto para o *closet*. — Esse não parece um quarto e *closet* másculo, esperava mais do todo poderoso.

Começo a rir.

— Porque esse não é o quarto dele, mas sim o meu.

Ele olha-me sério.

— Vocês não dormem no mesmo quarto?

Até agora não tive que me explicar para *ninguém* e estava tudo certo, mas neste momento estou envergonhada por alguém testemunhar o quão superficial esse relacionamento é.

— Não é assim que os casais poderosos vivem? — respondo com outra pergunta e aproveito o momento para ir ao banheiro e acabar a conversa.

— Olha, conheço dois casais poderosos e eles não vivem assim não.

Sei que ele fala de Haniel e Aniella. Só que o meu caso é diferente, não?

— Esses casais se amam, o meu caso é somente um negócio. Ele me protege e enquanto isso garante a infelicidade de Katsuo.

Ele passa o seu braço pelos meus ombros e seus olhos encontram os meus no espelho.

— Reza a lenda que mesmo que os casais Saints se casem por obrigação, eles acabam se amando.

Sorrio, mas meu sorriso não chega aos meus olhos.

— Esse não é o meu caso e acho que Raffaele não é o tipo que se deixa levar por lendas — faço uma tentativa de mudar de assunto. — Aonde iremos?

Gred bate palmas.

— Você amará o lugar. Vem, vamos encontrar uma roupa ousada para você.

E foi o que ele fez, vasculhou o meu armário até encontrar o que não deveria. Gred vira para mim com a joia que Raffaele me deu. Sinto o meu rosto aquecer com a lembrança de Raffaele me descrevendo ela. Sou tolamente afetada por aquele homem até em pensamento.

— Isso foi um presente de Raffaele...

— Amadinha, essa pedra gigante aqui é nada mais, nada menos que uma turmalina, esse *cookie* verde vale centenas de milhares de dólares — Gred olha as pequenas pedras que encrostam as tiras. — As primeiras e as últimas são diamantes, o restante são cristais [Swarovski\[16\]](#). *Dio*, um desses homens não podiam ser gays? Se apaixonar por mim e me dar joias como essas?

— Acho que você está enganado, Gred. Raffaele não mandaria fazer para mim uma coisa tão extravagante — digo sem graça, porque é exatamente o que penso, o que deve ser a mais pura verdade.

Ele coloca a joia de volta na caixa e me entrega uma calça de couro, uma blusa super decotada na frente e atrás, saltos altíssimos na cor verde. Vou ao banheiro e troco de roupa rapidamente.

Demoro um pouco para aplicar uma leve camada de maquiagem e pentear o cabelo. Saio do banheiro e o encontro me esperando com um vidro de perfume. Ele borrifa no ar e passo pela cortina perfumada.

— Você está quente, garota! Vamos arrasar.

Descemos de volta para a sala onde nos esperam e encontramos todas bebendo, menos Mae e Aniella, que não para de reclamar porque não pode beber. As irmãs de Mairheen nos servem bebidas e nós aceitamos de bom grado. Para as grávidas foi providenciado suco de maçã. A mais velha das MacNamara levanta a sua taça de vinho e fala:

— Um brinde a Sayuri que pouco conheço, mas quero muito bem! E por aquele garanhão gostoso que ela cavalgará pelo resto de sua vida.

Todos gritamos e tocamos nossos copos. Não demora muito para esvaziarmos duas garrafas e para que eu fique alegre demais.

Zendaya nos acompanha e como está em serviço não pode beber conosco. Mas ela curte da melhor maneira possível e fico emocionada quando me abraça. É muito bom ter amigas. Melhor ainda é a *limousine* gigante que está

estacionada em frente à minha casa. Uma das meninas de Ani abre a porta do carro e entramos, nos espalhando ao longo banco cumprido.

Ninguém me disse para onde iremos, só sei que ficamos rodando durante algum tempo, rindo e conversando. As irmãs MacNamara são uma festa à parte, contam suas escapadas sexuais que não acabaram bem, fazendo Ani, Gred e eu rir, enquanto Mae morre de vergonha.

— Homens tem paus, se não for para nos comer, para que servirá? — uma delas questiona. — É igual pato... para os *vegantarianos*, são criaturas que não devem ser sacrificadas para alimentar o ser humano. Tudo bem, nada contra os que militam na causa, mas o que porra faremos com os patos? Entende? Os paus dos homens são iguais...

No meio de uma crise de risos, continuamos discutindo o dilema da função do pau dos homens na vida da mulher moderna.

Não esperava ter uma despedida de solteira, nem que seria tão legal. O carro para e quando abrem a porta, vejo que estamos em frente a um clube noturno com uma fila enorme. Assim que os seguranças veem quem desce do carro, a corda vermelha que segurava a fila é aberta para que passemos.

— Esse clube pertence a nós — Aniella fala em meu ouvido enquanto entramos no lugar, escoltados.

A boate está lotada, pessoas se esbarrando e dançando alheias ao seu redor. Somos levadas ao piso superior em um dos camarotes com bar privado. Ficamos próximas ao parapeito para ver as pessoas lá embaixo dançando. Logo um drinque colorido chega a mim, experimento a bebida e fico extasiada com a doçura da bebida. Mae se preocupa em

nos manter na linha, sempre com água para hidratar. Não sou muito de beber, mas essa noite é minha, não? Meu marido nem saberá, ele não se importa.

A noite vai avançando e não sei quanto já bebi, mas estou leve e solta, pronta para conquistar o mundo. Gred e as MacNamara me arrastam para a pista de dança no piso inferior e lá me solto como nunca fiz. Homens se aproximam para festejar conosco e fico um pouco constrangida por dançar com outros homens, então Gredory me tira do sufoco. Invejo as irmãs de Mairheen por serem descoladas, elas dançam para seduzir sem vergonha alguma.

Algumas músicas depois, o DJ da noite anuncia:

— Hoje temos aqui uma noiva especial que está comemorando seus últimos dias de solteira — uma luz se acende sobre mim e começo a rir. — Suba aqui, baby, e venha fazer o seu show!

— Oi? — olho aflita para Gred, que me arrasta para o palco.

— Nã-não... eu não sei dançar...

Ele me acompanha na subida lateral do palco onde encontro Aniella sorrindo. Fecho a cara e aponto o dedo para ela e depois o passo pelo meu pescoço em um gesto de “você está morta”. Sou arrastada ao palco, o DJ me dá um microfone e fico ali diante de centenas de pessoas desconhecidas, sem saber o que fazer. Viro para sair, mas meus amigos balançam a cabeça freneticamente.

O Dj se aproxima e fala:

— Você pode escolher qualquer música e cantar. Aqui não julgamos as noivas e nem os bêbados. Não é, galera? —

todas aquelas pessoas gritam em acordo e começam a falar “cante” em uníssono.

Acho que estou um pouco bêbada, mas lucida o suficiente para saber que vou me arrepender de cantar agora. Repasso em minha cabeça algumas músicas que acho legais, mas uma ganha.

Viro para o cara que está ao meu lado esperando o nome da música e digo a ele. Assim que os primeiros acordes de *Devil Like You*[\[17\]](#)

começam, a luz que até então estava focada em mim, diminui, deixando toda a boate em meia-luz.

— (...) *Estou arruinada. Você é a solução que eu preciso. Oh não, veja o que você fez comigo. Você me pegou desprevenido, então despedaçou o meu mundo. Oh não, essa coisa foi longe demais. É tarde demais, não posso escapar. Apenas um diabo como você poderia me fazer pecar como eu faço (...)* Crio coragem e olho para as pessoas, olhando para cima vejo os camarotes cheios, as pessoas prestando atenção em mim. A bebida deve ter me pego mais do que imaginei, acho que estou vendo meu marido, mas não posso ter certeza. Meu coração acelera, só que logo descarto a ideia de que seja Raffaele. Respiro fundo e faço o meu show, como se meu marido realmente estivesse ali.

— (...) *Você é culpado e acusado. Minha alma descobre as marcas. Oh não, eu sou tão mau quanto você. Você é minha emoção mais perversa, eu simplesmente não consigo me satisfazer.*

Oh não, esse tipo de vida pode matar. É tarde demais, não posso escapar. Apenas um diabo como você poderia me

fazer pecar como eu faço. Eu tenho uma fraqueza, sou uma tola para um diabo... Para um diabo como você (...).

Finalizo a música, entrego o microfone para o DJ e saio do palco rapidamente, com todas aquelas pessoas gritando e assobiando. Corro para os braços de Ani, que me aguarda sorridente. Somos levadas novamente ao camarote, onde sou recebida pelas meninas aos gritos. Estou adorando essa noite.

Mais uma rodada de bebidas é servida, mas estou tão apurada para ir ao banheiro. Pergunto para Ani onde fica o banheiro mais próximo e ela ordena que Adhra me leve ao banheiro da suíte dos espelhos. Saímos da sala e seguimos pelo corredor, onde

outros camarotes estão abertos e cheios. Curiosa, olho para dentro de cada um deles, a fim de ver as pessoas confraternizando. Nada me preparou para ver o que acontecia no camarote duas portas a frente ao nosso.

Capítulo 20

Sayuri

Raffaele, Haniel, Levi, Yuri, Denis, Gael e mais um tanto de homens conversando e dançando com outras mulheres. O meu primeiro pensamento é arrastar Aniella e Mairheen até aqui, mas pensando bem, é melhor não. Ambas estão grávidas e o clube fecharia se elas soubessem que há mulheres dançando ao redor de seus maridos. Entro na sala contra todos os apelos de Adhra.

Caminho decidida até o meu marido, que está sentado em uma cadeira tendo uma conversa entusiasmante com uma jovem ruiva que tem um sorriso cheio de dentes. O gato de [Cheshire\[18\]](#)

perderia feio para ela. Não sei se os outros me viram ou não, o meu foco é a porra do Raffaele Saints, meu maldito marido. Quando me aproximo, ambos olham para mim. Ele não demonstra *nenhuma* reação e menina cai na besteira de pergunta quem sou.

— Eu? Você quer saber quem eu sou? — pergunto ironicamente. — Eu sou a esposa do Senhor Todo Poderoso, Raffaele Bastardo Saints. E você, quem é? Sua ninfeta?

Ela sorri meio sem graça.

— E-eu...

— Afinal, quantos dentes você tem? — pergunto realmente curiosa, porque nunca vi um ser humano com tantos dentes brancos e bem alinhados na boca.

Raffaele me segura pela cintura.

— Vamos, querida, você precisa descansar.

— Não! — olho ao redor e vejo que os homens não estão nenhum pouco preocupados com a ameaça de suas esposas no camarote, não muito longe. Procuo Adhra que está por perto e peço que ela chame o resto da equipe. — Vá e as traga aqui, para que elas saibam onde os homens delas estão. Que vergonha! — falo apontando para cada um. — Aniella entrará aqui e verá essas... —

aponto para as garotas. — Essas daí e não gostará muito.

— Aniella está aqui? — Levi pergunta.

Sorrio.

— Ah ela está, assim como Mairheen — e agora foi a vez do sorriso de Haniel vacilar.

Não demorou muito para que as meninas chegassem e as primeiras reações foram saber o motivo de estarem aqui sem que soubessem, mas logo todas estavam nos braços de seus maridos, Gred conversando com um cara muito bonito e as irmãs MacNamara flertando com outros belos espécimes masculinos.

Sinto o braço de alguém em minha cintura, tento escapar, mas sou fortemente contida. Ouço um riso que me arrepiava dos pés à cabeça, logo ouço a voz grave de Raffaele em meu ouvido:

— Gostei da música que cantou para mim e você realmente tem razão, eu sou um diabo, aquele que gosta de corromper até mesmo os anjos.

— Não cantei para você — por mais que pretenda parecer forte, minha voz sai afetada. — Essa é minha despedida de solteira.

— Sem a minha permissão? — ele pergunta e dessa vez me vira, para que eu fique de frente para ele. Raffaele me olha de cima a baixo. — Eu não sei se gosto da minha esposa andar por aí com essa roupa.

Bufo.

— Você não tem que gostar de *nada*. Na maior parte do tempo nem se preocupa com o que acontece comigo.

Ele me pressiona contra o seu corpo.

— Você ainda é minha, Sayuri, minha esposa. Posso não estar presente... — suas mãos descem para a minha bunda

e apertam, fazendo com que sua ereção esfregue em mim.
— Você é gostosa e muitos olhos estão sobre você. Olhos que arrancarei sem piedade.

Um arrepio percorre o meu corpo. Deus me perdoe, mas gosto de quando ele é perigoso.

— Solte-me, preciso ir ao banheiro — aponto para a senhorita Colgate. — Vá lá se engraçar para o gato de *Cheshire*.

Ele ri.

— Vou levá-la ao banheiro.

Passamos pelos casais que deveriam estar discutindo o fato de que saíram sem que seus parceiros soubessem, mas isso aqui

virou o festival da orgia. Mae está sentada no colo de Haniel, o beijando com tanto afinco que duvido que o homem terá lábios amanhã. Aniella rebola no colo de Levi como se estivessem transando ali mesmo, se não fosse pelas roupas no lugar.

Raffaele me escolta para fora e me leva na mesma direção que Adhra seguia anteriormente. Algumas portas depois, descemos por uma escada camuflada a maioria das pessoas. Descemos e em seguida entramos em um quarto totalmente de espelhos. Olho para todos os lados que me refletem de volta. Incrível! Eu nem sabia que isso era possível.

— Mas é — Raffaele me responde e só então me dou conta de que pensei alto. — O banheiro é por ali — ele aponta.

Rapidamente entro no cômodo e atendo ao chamado da natureza. Limpo-me bem e aproveito o banheiro luxuoso para me refrescar. Arrumo a minha roupa em frente do grande espelho e me dou conta de que não tenho bolsa. Dou de ombros e saio do banheiro para encontrar Raffaele olhando para fora. Só então percebo que todos os espelhos deram lugar a vidros. Encantada, coloco-me ao lado dele.

— Eles podem nos ver? — pergunto.

— Não, eles não podem. Mas nós podemos vê-los como se estivéssemos com eles lá.

Raffaele se coloca atrás de mim e segura as minhas mãos nos vidros, onde duas mulheres conversam animadamente.

— Raffaele...

— Imagina se elas pudessem nos ver... — suas mãos percorrem os meus braços e vão aos meus seios, colocando o decote generoso de lado, expondo os meus seios. — Ficariam excitadas em vê-la assim, a minha mercê — ele me leva a outro ponto onde alguns rapazes em seus vinte, vinte poucos anos conversam animadamente enquanto bebem. — O que eles diriam se nos vissem? — a mão do meu marido vai para entre as minhas pernas. — Ficariam excitados na expectativa de me ver comer sua boceta na frente deles.

— Você não faria isso — eu o ironizo. Raffaele é possessivo demais para tal coisa.

— Por que não, esposa? Posso ser possessivo, mas gosto da ideia de exibicionismo. Sua boceta é minha e não deles, então não vejo problema que assistam.

Ele abre o botão da minha calça e coloca a sua mão dentro da calcinha. Não demora muito para ele ver que eu estou

excitada.

Então desce a calça e a calcinha até o joelho, pressionando-me contra o vidro frio. Raffaele ajoelha-se em frente a mim e beija minha boceta enquanto minha bunda nua é pressionada contra o vidro.

A ideia de que há pessoas logo à nossa frente, faz-me excitada. Sei que não podem me ver, mas ainda assim a ilusão é excitante, inebriante assim como a sua língua traçando os lábios da minha boceta. Não posso fazer muita coisa porque a calça me contém, mas seguro o seu cabelo e o forço de encontro a minha boceta, que lateja de desejo e excitação.

Meu marido se levanta e abre sua calça, trazendo para fora o seu pau grande e duro. Passo a língua pelos lábios com a ideia de me ajoelhar e chupá-lo todinho. Mas meu desejo é cortado quando ele me vira e faz com que eu coloque as mãos no vidro, me encurve.

— Será rápido e forte, *preziosa*. Segure-se.

Mal terminou seu aviso quando me penetra por trás, fazendo com que eu leve cada centímetro seu pau. Eu adoro isso, amo ser preenchida pelo seu pau grande que parece que me rasgará em duas. Raffaele segura-me pelos meus quadris e me fode como se não pudesse se controlar. Nossos gemidos se misturam, assim como o cheiro de sexo impregna no lugar. Suas mãos seguram os meus seios e os aperta, beliscando os meus mamilos e trazendo aquela picada de dor que tanto preciso para gozar.

— Goze no meu pau, esposa. Deixa essa sua boceta gananciosa engoli-lo e me dê toda a sua excitação, molhando meu pau e gozando.

Suas palavras são a minha perdição. Olho ao redor e encontro o olhar de um homem que parece enxergar nós dois ali. Na hora fico tensa, mas quando Raffaele percebe o que estou olhando, ele segura meu cabelo forte e fala em meu ouvido:

— Ele está vendo como eu fodo a minha esposa. O idiota queria estar em meu lugar, afundar o seu pau em você, mas ele não pode. Porque você é toda minha, sua boceta, seu rabo, seus seios, sua boca, todos meus — ele massageia os meus seios e eu não consigo desviar o olho do homem.

— E se ele puder nos ver? — pergunto ofegante enquanto meu marido fode-me por trás.

— Ele verá uma linda mulher ser fodida pelo seu marido.

Depois eu vou matá-lo na sua frente porque ele a viu nua.

Suas palavras sujas têm o efeito esperado e sinto o meu orgasmo se construir em meu ventre. Seus dedos hábeis encontram o meu clitóris e o estimula.

— Ra-raffaele... *oh* sim... vou gozar.

— *Sí, sí... así, preciosa*. Goza por todo o meu pau.

E eu fiz, gritando seu nome como se fosse a minha salvação.

Esse homem é a minha perdição.

Sinto seu sêmen escorrer pelas minhas pernas e ele me leva ao banheiro. Lá Raffaele liga a torneira, espera a água esquentar, pega uma toalha que estava ali para secar as mãos, a molha e limpa entre as minhas pernas. Não há

constrangimento e nem deboche, há apenas um homem ajudando a sua mulher. É

justamente nesses momentos que quero odiar Raffaele, é agora que eu deveria chutá-lo para longe. Mas meu coração idiota o quer e quero que ele me queira.

Depois de me limpar, ele arruma minha calcinha e calça no lugar. Antes de arrumar a blusa, Raffaele toma cada mamilo em sua boca e os suga, deixando-os úmidos com a sua saliva e depois assopra, fazendo-os ficar duros e minha pele arrepiar. Ele coloca a blusa no lugar e segura meu pescoço, trazendo o seu rosto próximo ao meu. Sua boca desce sobre a minha em um beijo apaixonante.

Quando nos afastamos, seus olhos travam nos meus, percebo que emoções diferentes passam naquelas profundezas azuis, mas não por tempo suficiente para que eu possa identificá-las.

Raffaele tira uma pequena caixa do bolso e o abre. Em uma almofada de veludo, descansa uma das joias mais delicadas que já vi. Um solitário de pedra rosa em um aro todo de pequenas pedras,

é acompanhado de dois anéis finos. Ele estende a sua mão a espera que eu coloque a minha sobre a dele e assim o faço.

— Eu deveria ter feito isso antes, mas estou corrigindo isso agora. Não tenho muita experiência em dar presentes, mas quando vi esse anel eu soube que deveria ser seu anel de casamento. Há a força da platina e dos diamantes, ladeados por dois aros maciços de ouro e prata.

— É lindo, Raffaele.

— Vamos para casa. Você bebeu demais e preciso provar você novamente antes de dormir — ele me segura pela cintura e encara-me. — Gosto desse seu lado ousado, esposa — sorriso. —

Gosto ainda mais do seu sorriso.

Ele me beija e nos tira dali. Deus me ajude, mas vou acabar com esse homem hoje na cama. Pode ser as bebidas falando, mas quem liga? Porra! Raffaele Saints é o meu marido e o quero dentro de mim novamente. Amanhã me lamentarei pela péssima decisão e me conformarei. Assim é a vida, feita de decisões duvidosas e arrependimentos lastimáveis.

Capítulo 21

Raffaele

Participar de uma reunião, com os principais chefes das famílias criminosas dos Estados Unidos, não era a minha ideia para a véspera do meu casamento. Mas este momento é a janela perfeita para estarmos juntos sem interferência exterior. Como houve muita divulgação do grandioso casamento do Presidente das Organizações Saints, todos os olhos estão voltados para isso, dando-me a deixa perfeita. Os fotógrafos estão atrás das Senhoras Saints, como cachorros.

Não gosto dessas reuniões que requerem um alto nível de segurança, geralmente ficamos tensos e nos sentimos acuados, fazendo com que qualquer coisa ruim possa acontecer. Mas no momento isso é extremamente necessário, temos que colocar as coisas no lugar antes do meu casamento. Não quero ser pego de surpresa e ao mesmo tempo tenho que dar mais um passo no plano contra Katsuo.

Pelo menos, não tivemos dificuldades em nos colocarmos no mesmo lugar. Os nossos soldados não gostam de estarem no mesmo ambiente que as outras organizações, até porque já houveram mortes entre eles, incluindo familiares e amigos. Só que, por esses dias, a rivalidade e o desgosto devem dar lugar à segurança de todos. Estamos jogando do mesmo lado, contra um homem doente que está colocando todo seu clã em perigo por causa de uma vingança, que não o levará a lugar *nenhum*. Sayuri é minha, Katsuo deve estar muito fora de si para acreditar que colocará as mãos nela. Nem mesmo se eu morrer ele o fará.

Como a reunião deve acontecer longe de casa, nos encontramos em um casarão luxuoso a duas horas de carro da nossa cidade. Por mais que haja vizinhos e o movimento no imóvel seja constante, há os jardins extensos que dão a privacidade necessária. Temos que nos manter focados, muitas coisas estão em jogo e por mais que não sejamos os melhores amigos, guardamos

nossas armas para um bem maior, para a proteção do nosso território e nossas famílias.

Mesmo a altas horas da madrugada, podemos ver o *glamour* do casarão que ainda mantém suas características vitorianas por dentro e por fora, muito bem cuidado. Um excelente imóvel a ser adquirido pela família, para passar os fins de semanas e os feriados.

O lugar está pouco iluminado hoje, quanto menos chamarmos a atenção, melhor.

O carro em que estamos estaciona em frente à casa que está fortemente vigiada. Abrem a porta para mim e logo Haniel, que veio no carro de trás, encontra-se comigo e caminhamos até a porta que é aberta mesmo antes de

chegarmos até ela. Uma de nossas soldados está a porta e nos guia até a grande sala onde já se encontram; Levi Nikolov, Gael MacNamara, Castel Salvatierra —

que representa o cartel mexicano —, Quon Huang — que é o recente chefe da máfia chinesa Sun Yee On em território norte-americano — e não menos importante, o comissário de polícia Drew Warner.

O clima ao redor é um pouco tenso, mas os homens estão sentados enquanto bebem como se fossem velhos amigos. O

comissário está encostado em uma parede oposta, provavelmente para não se sentir tão parte do submundo. Na mesma sala também estão conselheiros e tenentes de cada família presente, comportamento mais que natural entre máfias. A maioria das famílias criminosas não gostam ou não querem ser reconhecidas como máfia, o que é uma hipocrisia. Para a polícia máfia ou quadrilha é a mesma coisa e estão atrás das duas. Eles têm ciência de nossa existência, então ficar pedindo silêncio quando todos sabem em que linha você anda é ridículo.

— Senhores — cumprimento a todos.

Caminho à uma das duas cadeiras vazias e Haniel senta-se ao meu lado, logo somos servidos com uma bebida. Reconheço a mulher que nos serve. Aniella conseguiu infiltrar mais mulheres do que imaginei. Minha atenção é chamada quando Gael levanta o seu copo.

— Antes de começarmos essa reunião, vamos brindar ao príncipe italiano que desposará uma bela mulher daqui algumas horas.

Todos levantam os seus copos e acenam com a cabeça. É o máximo de entusiasmo e cooperação que conseguiremos uns dos outros. Assim que baixamos os copos, encaro o irlandês próximo a mim.

— E eu espero que você mantenha distância da bela mulher que é a minha esposa. A festa é meramente uma formalidade.

— Sem querer estragar a conversa das moças, estamos aqui para falarmos sobre aquele bastardo idiota que vem sabotando as minhas corridas — fala o chinês sobre suas vendas de drogas.

— Sabemos que ele veio para conquistar o seu espaço aqui, nos eliminar no processo, enviar armas e drogas ao Japão — fala Castel.

Haniel balança a cabeça.

— Katsuo veio com um falso pretexto, ele não está aqui para conquistar território ou enviar armas ao Japão. Ele está aqui para fazer um estrago e de quebra levar a esposa do capo italiano como troféu. Ele quer deixar marcas em todos nós só para provar que pode.

— Quer dizer que ele está aqui pela esposa dele? — Gael questiona apontando para mim.

— Não foi o que eu disse — Hunny fala sem paciência. — Eu disse que ele a quer como um troféu depois de nos arrastar para baixo. Afinal, ela saiu de lá e se juntou com ocidental.

— Independente de que ele a queira ou não, Katsuo vem há mais de um ano mexendo com os nossos negócios, tanto nas ruas quanto nas bolsas de valores. O homem vem mantendo nossos homens e atacando nossos territórios. Se

a coisa toda fosse apenas pela Senhora Saints, ele se ateria a destruir apenas aos Saints e não a todos nós — Levi diz.

— Sabemos que Katsuo é o *oyabun*, mas suas decisões ainda não são absolutas, ele tem que contar com a aprovação de três anciões. Para vir, ele contou com a aprovação de dois, o outro se negou, disse que já tem bons fornecedores de armas e drogas,

que a Yakuza não precisava desbravar o ocidente e colocar sua soberania em perigo no oriente — explico.

— Somos seu principal fornecedor de armas — Levi fala. —

Sabemos que os irlandeses fazem a travessia das armas e drogas pela rota Europa e África.

— O que vocês querem afinal? — Quon pergunta.

— Quero que cessem o fornecimento de qualquer coisa para o Japão — será que ele realmente acha que não sabemos que, por mais que a máfia chinesa odeie a Yakuza, eles são fornecedores das drogas sintéticas? — Todos vocês estão ligados de alguma maneira, vendendo ou comprando, a ideia é isolarmos a organização japonesa.

Castel se levanta.

— Impossível! Eles são uma importante fonte de renda para o meu povo...

Eu o interrompo.

— A China atualmente é o maior mercado fornecedor de produtos e matérias primas, acredito que chegaremos a um bom entendimento. Isso é temporário.

— Só para ver se entendi, nós suspendemos qualquer negociação com a Yakuza para pressioná-los a quê? Destituir Katsuo? — o mexicano questiona.

— Você acabou de falar sobre a importância dos produtos japoneses para o seu povo, mas Katsuo não pensou duas vezes quando mandou invadir a casa de um de seus capitães e dizimar a família inteira — dou de ombros. — Será que ele fez isso apenas para me atingir? Acho que não. Ele quer mostrar que não precisa de *nenhum* de nós, quer que saibamos que ele é superior.

— Filho da puta — resmunga o chinês.

— Deixaríamos de movimentar milhares de dólares em uma semana de suspensão. É um alto prejuízo a se arcar. Talvez seja mais fácil matá-lo como a minha esposa insiste em fazer — Nikolov fala enquanto termina sua bebida.

Levanto-me e vou até a mesa em que estão as bebidas e me sirvo de uma dose generosa.

— Matá-lo só fará com que a Yakuza nos traga mais problemas. Se os contratos forem suspensos por alguns dias, terei tempo o suficiente para me reunir com o ancião que não aprova a conduta de Katsuo. Enquanto isso, nossos soldados infiltrados começam a espalhar conversas de que Katsuo está mentindo, não demorará muito para que essas células que ele estão formando aqui estourem.

— Os japoneses entenderão que se eles não cuidarem de seu *oyabun*, a organização estará em perigo. Porque podemos não ser os mais fortes, mas juntos somos imbatíveis — Haniel fala. —

Nós seguiremos o plano, vocês fazendo ou não, mas as chances de êxito serão maiores se trabalharmos juntos.

— Eles têm razão — Levi fala pensativamente. — Se deixarmos como está, o próximo ataque pode ser nossas casas, nossas esposas e filhos.

O comissário que estava quieto até então, aproxima-se do grupo.

— Só não entendi uma coisa, por que fazer tudo isso se dois dos anciões aprovaram a vinda dele? Eles não farão absolutamente *nada*, a não ser enviar mais homens para ajudar o seu chefe aqui.

Passo por cada homem e encho seus copos enquanto explico.

— Katsuo disse que estava vindo para expandir território, a Yakuza nunca quis sair do Japão e de parte da Ásia, mas Katsuo os convenceu de que não precisariam de intermediários caso tivessem uma base aqui.

— Mas ele não está aqui para isso? — Drew insiste.

— Não, não está — respondo sem muita paciência. — Ele está aqui para provar um ponto para nós, ele não quer território, quer nos abalar.

— E o troféu é a sua esposa — complementa Gael.

Assinto.

— E minha cabeça.

O chinês faz um som e não sei se está rindo ou engasgando.

Todos olhamos para ele a espera de que fale algo.

— Quem não quer a cabeça de um Saints? Vocês são muito filhos da puta. Ninguém aqui tinha conhecimento do que

vocês sabem e não gosto disso, parece que vocês sempre estão um passo à frente.

— Mas nós estamos — Haniel responde com orgulho. — Não é à toa que somos uma das maiores empresas de tecnologia de informações e segurança do mundo.

Aponto para o comissário.

— Repassaremos essas e outras informações para que você envie às autoridades japonesas. A Yakuza tem muitos deles na folha de pagamento e aí atingimos mais um ponto — olho ao redor. — E

então, vocês entrarão nessa ou não?

A sala fica em absoluto silêncio por alguns minutos enquanto todos se encaram e pesam as consequências deste plano arriscado.

Já estou prestes a mandar todos se foderem quando que Levi fala:

— Estou dentro.

— Eu também — diz Castel.

Gael encara-me e termina sua bebida.

— Eu não gosto da ideia, mas estou dentro.

— Vamos nessa — fala Quon.

Todos olhamos para o comissário Drew a espera de sua resposta. Ele já deveria ter percebido que todos temos muito a perder se não neutralizarmos Katsuo corretamente. Qualquer erro de cálculo e estaremos na merda.

— Minha resposta é sim. Só que quero deixar claro que nunca estive aqui e nunca falei com *nenhum* de vocês.

Assentimos.

— Nenhum de nós esteve aqui ou falamos um com os outros

— Haniel fala sorrindo.

— Então senhores, vamos ao plano de ação — digo.

Uma hora depois, nos despedimos. Nos organizamos da melhor maneira possível para que não percamos mais dinheiro do que o necessário e todos pensamos da mesma maneira, não queremos mais baixas entre nossos soldados, ainda mais causadas por capricho de um homem mimado.

Tudo o que falamos foi a mais pura verdade, só não dissemos que Katsuo está fazendo isso exclusivamente por causa de Sayuri. Esse plano agora nada tem a ver com aqueles que um dia desenvolvi sozinho, onde eu entregava Sayuri para manter a minha família longe do perigo. Com o passar do tempo, entendi que mesmo que eu a entregasse, ele não pararia até me matar. Eu tinha tudo planejado e cronometrado, até que ela entrou sob a minha pele. Até aquele maldito ataque, quando percebi que nada seria como antes.

Capítulo 22

Sayuri

Eu gostaria que a minha mãe estivesse aqui comigo. Ela arrumaria meu cabelo e a cauda do meu vestido enquanto falaria como tudo está lindo. Coloco a mão no peito, fecho os olhos e respiro fundo, não posso borrar a maquiagem.

Olho-me no espelho e contemplo a princesa de conto de fadas que me encara de volta.

Ela é linda, com a maquiagem leve que ressalta seus traços delicados, sua pele de porcelana. Seu corpo está bem moldado pelo vestido glamoroso, seus cabelos em grandes ondas caindo livres pelas costas.

— Você está linda — Ani fala. Ela está tão linda quanto eu, em um vestido rosa de tecido esvoaçante.

— Obrigada — coloco a mão na barriga. — Eu já sou casada, mas meu estômago está cheio de borboletas como se fosse uma novidade.

— É assim mesmo — Mairheen fala. É outra que está linda, o rosa cai muito bem nela.

O casamento é em um enorme prédio, no qual todo térreo, parte interior e exterior foram usados para compor o grande jardim.

Foram reservados todas as alas e andares, Aniella disse que não queriam correr quaisquer riscos de ter estranhos circulando pelo local. As suítes estão ocupadas com parentes Saints, avós, tios e primos. Raffaele achou melhor voarmos para os Hamptons, para o final de semana, como lua de mel. Aniella e Haniel quase tiveram uma síncope com a ideia, mas ninguém diz não para o *C apo di Tutti Capi*.

Desde o começo venho digerindo a grandiosidade dos Saints, mas ainda hoje fico desconcertada com tanto dinheiro. Eles não economizaram neste casamento, vestido, flores, cantores, comida...

ouvi Francesca dizer que esse é o casamento do milhão, na hora até me engasguei. Desempenhei meu papel de noiva

bem, gostei de deixar que as *mammas* tomassem a frente. Em todo esse tempo, me senti querida e pertencente a esta família. Não me importei com

os gastos, Micah disse que eles pagariam tudo, que o meu papel era tomar decisões frente as opções que me eram ofertadas e estar linda no dia do casamento.

Gredory não decepcionou, trouxe uma equipe numerosa de cabeleireiros, maquiadores, manicures e afins, todos muito hábeis para nos arrumar. Tive um dia agradável nesta suíte com as mulheres da família, conversamos, rimos e reclamamos. Conheci a avó de Raffaele e suas tias-avós, que me receberam muito bem, mas logo partiram para as suas suítes a fim de descansarem. Todos tem sido agradáveis ao meu redor, sempre perguntando se estou bem ou se preciso de alguma coisa.

— Sayuri? — minha sogra se aproxima de mim. — Outro dia, Aniella me deu esse medalhão pedindo para que eu o restaurasse porque é importante para você — ela estende o medalhão com a foto da minha mãe, que fiz na escola para o dia das mães, quando *haha* morreu, fiz questão de guardá-lo. Não lembro de ele ser pesado ou mesmo dessa cor, também não havia um cordão, era apenas o medalhão. — Como você pode ver, não conseguimos restaurá-lo, mandei fazer esse em bronze para que não se perca com o tempo.

Tento segurar as minhas lágrimas, mas não consigo.

— Obrigada, obrigada...

Ela o tira da minha mão com o mesmo cuidado com que colocou.

— Nós sempre estaremos aqui para você, mas queríamos a presença de sua mãe de alguma maneira, achei que esse medalhão seria perfeito. Eu mandarei Jill colocar no buquê para que sua *mamma* entre com você.

Ela também está visivelmente emocionada. Eu a abraço forte, com todo carinho e amor que desenvolvi por elas, por todas essas mulheres Saints incríveis. Ninguém faz ideia do poder que essas mulheres detêm, são fortes e empoderadas, não levam desaforo para casa e uma coisa que achei extraordinária, elas não levam problemas aos seus maridos, elas resolvem da maneira delas e *ai* de quem falar. As Senhoras Saints não são dependentes de seus cônjuges, elas traçam os seus próprios caminhos.

Como se a cerimonialista ouvisse seu nome ser dito, ela entra na suíte e diz que está na hora de todas irem aos seus lugares, que em breve virá e me escoltará até a grande entrada. As mulheres me desejam boa sorte e saem, deixando-me sozinha com os meus pensamentos. Vou até a janela e olho para o grande jardim, as pessoas que trabalharão na recepção estão circulando de um lado para o outro, ajeitando os últimos detalhes. O lugar está maravilhoso como um jardim encanta...

— Olá, Sayuri.

Assustada, viro e encontro o pior dos meus pesadelos na porta. Ele dá mais um passo para dentro e fecha a porta.

— Q-quem é você? — Sayuri idiota! Ele sabe que o reconheci de imediato. — Por f-favor, peço que saia.

Ele ri. Katsuo é um homem muito bonito. Mas, como bem sei, o diabo vem em sua forma mais bonita para seduzir, assim como Raffaele.

— É assim que você recebe seu prometido?

Balanço a cabeça. Meu coração está tão acelerado que estou entrando em desespero.

— Não-não sei do que está falando, sou uma mulher casada.

Ele se aproxima de mim e segura o meu queixo com força.

Estou completamente paralisada pelo medo.

— Muito em breve será viúva e de qualquer maneira será minha, por bem ou por mal — ele se aproxima e tento me afastar, mas seu aperto está me machucando. — Eu farei você pagar por todo o inconveniente que estou tendo para pegá-la de volta. Você é linda, mas não passa de uma vadia.

Junto todas as minhas forças e o empurro, ele se afasta e sei que não foi porque eu o empurrei, mas porque ele quis. Meu pensamento é somente sair daqui e como em um passe de mágica, Jill entra e me livra de qualquer coisa ruim que poderia acontecer.

— Você não falou que um dos convidados era seu parente —
ela fala.

— E não é — respondo rapidamente. — Já está na minha hora, não é? — digo enquanto caminho em direção à porta.

Não sei se ela percebe algo estranho, mas entra na minha e me escolta para fora. Antes de passarmos pela porta, Katsuo fala:

— Nos veremos em breve, Sayuri.

Um calafrio percorre o meu corpo e fico extremamente nauseada. Ando rápido demais a ponto de Jill ter dificuldade

em me acompanhar. Entramos no elevador, mas parece que ele não está indo rápido o suficiente. Por que ele está aqui? O que ele quer? E

se ele tentar matar Raffaele? Deus, me ajuda, por favor. Não me perdoarei se alguma coisa acontecer aos Saints, eles são a minha família também. Foram eles quem me acolheram quando ninguém mais o fez.

A porta do elevador se abre e Jill me guia até chegarmos à frente de grandes portas duplas. Respiro fundo e tento me acalmar, mas estou trêmula demais, tensa demais achando que vomitarei a qualquer momento. A cerimonialista fica me perguntando se está tudo bem e isso só piora a sensação ruim que estou sentindo.

Haniel vem ao meu encontro, pois ele é que entrará comigo. Sem pensar, viro-me para ele.

— Chama Raffaele.

Ele me olha estranhamente, provavelmente vendo o mesmo que Jill.

— Algum problema? — ele pergunta.

Seguro seu braço com a pouca força que eu tenho.

— Por favor, chame Raffaele.

— Sayuri, isso dá azar...

Corto a maldita mulher. Estou quase tenho um colapso nervoso e ela insiste em não me atender. Sinto as lágrimas caírem e o medo entranhando em meus ossos. Olho para Haniel.

— Por favor, por favor, chame meu marido, por... — a última palavra é cortada por um soluço.

Acredito que o homem se compadece da minha situação e ordena ao seu chefe de segurança que estava por perto, para chamar Raffaele. Jill trouxe-me água e lenços, Haniel se manteve firme ao meu lado mesmo desconfortável, como aparenta. Esse vestido está me sufocando e é pesado, não consigo parar de tremer.

Não demora muito para haver uma comoção na lateral, no meio de

um pequeno grupo, sai o meu marido apressado em minha direção.

Sua expressão que era séria, muda assim que me vê indo até ele.

Assim que chego à sua frente, não sei o que fazer, quero me jogar em seus braços e chorar até essa angústia passar. Não sei se ele aceitará e há muita gente aqui, eu não resistiria e desmoronaria na frente de todos caso ele me rejeite. Então paro e nos encaramos.

— Você está bem? — ele pergunta. Balanço a cabeça em negação e mais lágrimas caem dos meus olhos. A essa altura devo parecer um panda, mas quem se importa? Tem um maldito assassino aqui. — O que aconteceu, Sayuri?

Respiro fundo para me controlar e minha voz não tremer mesmo em meio as lágrimas.

— Ele está a-aqui.

— Quem está aqui, esposa?

Olhando para o homem lindo à minha frente, percebendo que não conseguirei viver longe dele, que eu faria qualquer coisa para mantê-lo vivo... qualquer coisa, pois estou completamente apaixonada por Raffaele Saints.

— Ka-katsuo invadiu minha suíte e...

Raffaele dá um passo à frente ficando mais próximo de mim, a ponto de nossos corpos se tocarem. Ele levanta a sua mão, fecho os olhos e me encolho, não sei o que esperar dele, não sei se ele pensará que coloquei toda a família em perigo. Não sei... Sinto uma carícia na lateral do meu queixo.

— Foi ele quem deixou essa marca? — sua voz é tão fria quanto o Ártico. Assinto e mantenho os olhos fechados, não querendo ver o desgosto em seus olhos. — Abra os olhos, preziosa.

Está tudo bem. Abra seus olhos para mim — seu tom de voz é suave e faço como ele pediu, abro os meus olhos e encontro o rosto mais perfeito que já vi em minha vida. — Você está linda.

Tento sorrir com confiança, mas provavelmente pareço estar tendo um derrame.

— V-você também.

Raffaele segura a minha mão e chama Haniel, Denis, Yuri e Zendaya que estavam por perto.

— Diga-nos exatamente o que aconteceu.

— Eu estava na janela olhando os jardins, as meninas tinham acabado de sair q-quant... — respiro fundo. — Quando ouvi um homem falar meu nome. Eu o reconheci

assim que me virei — olho para Raffaele. — Ele me chamou de prometida, eu não sou a sua prometida...

Começo a hiperventilar ao lembrar dos olhos mortos que encarei. Raffaele beija a minha mão e espera o meu tempo. Aniella aparece com Levi e, quando me vê, corre para me abraçar.

— O que aconteceu?

— Katsuo esteve com ela — Raffaele diz. — O filho da puta a machucou.

Coloco a mão onde está dolorido, não tinha me dado conta até ele apontar mais cedo.

— Ele disse que eu pagarei por todo o trabalho que estou dando e que eu seria viúva.

Vi ódio nos olhos de Raffaele, olhos azuis profundos que hipnotizam, mesmo quando trazem à morte. Sem soltar a minha mão, ele começa a ordenar uma busca e o reforço da segurança.

Haniel e Levi logo estão com o celular em seus ouvidos, falando rapidamente, enquanto Aniella e meu marido falam tão baixo um com o outro que nem eu consigo ouvir.

Seguranças lotam o saguão e Aniella os orienta, ao que fazer e quais lugares ocupar. Também foi repassado a informação aos seguranças particulares dos convidados. Gredory aparece com a maquiagem e faz o seu melhor para apagar os pequenos hematomas do meu queixo. Jill parece uma barata tonta andando de um lado para outro, desesperada uma vez que sua programação foi toda por água abaixo.

Solto a mão do meu marido apenas para que Gred me arrume novamente. Raffaele ordena que todos voltem aos seus lugares e afirma que ele entrará comigo. Jill tenta dizer alguma coisa, mas é cortada bruscamente. Não demora muito para que os demais saíam e fica somente ele e eu. Raffaele estende sua mão para mim e coloco a minha sobre a dele.

— Coloca o seu braço no dele, não de mãos dadas, não é elegan...

Jill é cortada novamente.

— Minha esposa e eu entraremos de mãos dadas. Ela acabou de passar por um momento difícil e esse é o modo que posso dar apoio. E, por mais que você seja chata *pra cacete*, quero lhe agradecer por chegar na hora certa e tirar minha esposa de lá.

— O-brigada. E eu não sou chata, só estou tentando fazer o meu trabalho — ela fala irritada. Depois bufa e resmunga: — Saints.

— O quê? — Raffaele a questiona.

— Nada. Estão prontos? — ela coloca a mão em meu braço, em um gesto de conforto. — Está pronta?

— Sim.

Somos posicionados em frente às grandes portas. Jill me entrega o buquê que tem o medalhão com a foto da minha mãe.

Respiro fundo e olho para o meu marido, que está me olhando. Ele sorri e seus gesto tira um peso que eu nem

sabia que estava sentindo. Já somos casados, isso é mera formalidade, mas parece que é a primeira vez.

As portas se abrem, Raffaele e eu entramos ao som de ninguém menos que John Legend no piano. Não lembro disso e nem se alguém falou sobre ter o John Legend cantando meu casamento. Porra! É o John Legend cantando Conversation In The Dark.

(...) Fale, vamos conversar no escuro. O mundo está dormindo e estou acordado com você. Vamos assistir a filmes que já vimos. Eu nem mesmo estou olhando para a tela, é verdade, tenho os meus olhos em você. E você diz que não vale a pena, fica presa em suas falhas. Bem, aos meus olhos, você é perfeita do jeito que é. Eu nunca tentarei mudar você, sempre vou querer a mesma você.

Juro por tudo o que é mais sagrado que eu não partirei o seu coração. Estarei lá quando você ficar sozinha, guardarei os segredos que você me contou. O seu amor é tudo o que você me deve e eu não partirei o seu coração (...) Não sei o que é mais bonito, o corredor que estou andando, que é contornado por flores em tons de rosa e lilás, se são as flores que caem do teto nos mesmos tons, se é Legend cantando essa música linda ou se é o homem ao meu lado. Neste momento me

dou o direito de esquecer tudo e me concentrar no agora, nestas emoções plenas que aquecem o meu peito. Olho para Raffaele e ele encara-me, não sei se o brilho em seus olhos está diferente ou se é somente impressão minha, mas há algo de bonito lá e eu quero isso para mim, agora.

(...) Nas manhãs de domingo, dormimos até meio-dia. Bem, eu posso dormir para sempre perto de você. Temos lugares que os dois precisam estar, mas não há nada que eu prefira

fazer do que arruinar todos os meus planos por você. E você diz que não vale a pena, fica presa em suas falhas. Bem, aos meus olhos, você é perfeita do jeito que é. Eu nunca tentarei mudar você, sempre vou querer a mesma você. Juro por tudo o que é mais sagrado que eu não partirei o seu coração. Estarei lá quando você ficar sozinha, guardarei os segredos que você me contou. O seu amor é tudo o que você me deve e eu não partirei o seu coração.

Quando ninguém parece perceber e seus dias ficam bem difíceis, minha querida, você deveria saber disso, meu amor estará em todo lugar que você está. Juro por tudo o que é mais sagrado que eu não partirei o seu coração. Estarei lá quando você ficar sozinha, guardarei os segredos que você me contou. O seu amor é tudo o que você me deve e eu não partirei o seu coração (...)

Capítulo 23

Raffaele

Se me perguntarem sobre o que o sacerdote, que realizou a cerimônia, falou eu não saberei responder. Minha cabeça não para de repassar a cena em que vejo Sayuri pálida, quase fora de si, tremendo de medo. Estou concentrado em descobrir como aquele maldito filho da puta chegou tão perto dela, colocamos um exército para evitar esse tipo de situação, ainda assim ele teve coragem de chegar perto da minha família, da minha mulher.

Enquanto ando com ela pelo corredor florido, aliás, provavelmente pegaram flores do mundo inteiro, algum país ficou desabastecido de flores para atenderem o nosso casamento.

Enquanto caminhamos, esquadrinho todo o lugar para ver se encontro alguém estranho. Meus instintos dizem que ele

não está mais aqui, é um risco que uma pessoa inteligente não correria. Só que todo cuidado é pouco, ainda mais quando se trata de inimigos.

Saímos da parte em que a cerimônia foi celebrada e caminhamos para onde será a festa. Canteiros robustos de flores nos guiam até chegar na parte exterior, onde milhares de luzes e flores nos cumprimentam. Olho para a minha esposa que não consegue conter o sorriso, assim como minha mãe, minhas tias e Mae. Aniella está fazendo o seu melhor para não transparecer sua preocupação. Estamos todos tensos, não sabemos o que pode acontecer com aquele maluco solto por aí.

Chegamos a uma clareira entre flores e grandes mesas, onde os convidados começaram a sentar-se com a ajuda dos atendentes da noite. Minha cabeça está a mil, mas tenho que me lembrar que essa noite não foi organizada para mim, mas para a mulher que está ao meu lado. Eu não imaginei que as mulheres se apegariam tanto, no início Sayuri apenas ficava fechada em nossa casa, só quem ia vê-la eram Ani e Mae. Depois daquele jantar, todas as mulheres se uniram. É impressionante porque as Senhoras Saints não acolhem *ninguém* assim tão facilmente.

E por isso, recebi a visita de minha mãe, minhas tias, Aniella e Mairheen em meu escritório. Segundo elas, só estavam no caminho de algo importante e queriam tomar um café comigo. Na verdade, aquilo não passou de um encontro coercitivo em que elas ameaçaram transformar a minha vida em um inferno, caso eu não faça com que o meu casamento seja perfeito. Mae chegou a dizer que sabe que não sou capaz de amar, mas provavelmente tenho senso o suficiente para fazer a minha esposa feliz, pelo menos no dia do casamento.

Eu não sei que fenômeno acontece quando as mulheres passam a carregar o sobrenome Saints, elas se tornam ousadas e extremamente desafiadoras. Minha mãe é uma força da natureza, mas ela se controla e mantém o equilíbrio com o meu pai. Ambos têm personalidades forte, mas nunca testemunhei brigas ou embates entre eles. Só vi amor e parceria. Enquanto crescia, vi eles se amarem e algumas vezes até os peguei se agarrando as escondidas, a imagem ainda me causa calafrios.

Não sei se posso dar tudo isso a Sayuri, mas dou a ela o meu respeito, que é o mínimo que um casal precisa para sobreviver ao matrimônio. Além do respeito, há também o instinto de proteção e o desejo, somos atraídos um pelo outro de forma intensa. Sempre a encarei como minha, mas estava pronto para entregá-la quando chegasse a hora, só que não há mais essa hora, ela é e sempre será minha. Volto a olhá-la e neste momento já não vejo seu sorriso, seus olhos encontram os meus e vejo medo. Ela deve estar sobrecarregada com tudo e todos ao nosso redor, ainda mais depois daquele encontro.

Eu matarei aquele maldito filho da puta!

Não sei se percebem que estamos com problemas para prosseguir até onde a cerimonialista indicou ou acharam que estávamos no roteiro, pois focaram uma luz em nós e John começa a dedilhar o piano e cantar, mais uma de suas obras primas musicais. Puxo Sayuri para os meus braços e ela vem sem restrição.

— Não lembro de ter uma música agora - ela fala preocupada.

Dou de ombros.

— Não importa, vamos apenas dançar, afinal, é o nosso casamento e não os dos outros. Então faremos a nossa forma. Tudo bem?

Ela assente e sorri, deixando-me conduzi-la sem problemas no meio daquela clareira no jardim.

(...) Você retoca a maquiagem, só por fazer. Acho que você não sabe o quanto é linda. Experimenta cada vestido que possui.

Mas aos meus olhos, você estava bonita a meia-hora atrás. Se seu espelho não deixa claro, eu deixarei, serei eu a te dizer: De todas as garotas, você é a minha única garota, não há ninguém mais no mundo hoje à noite. Todas as estrelas, você as faz brilhar como se fossem nossas. Não há ninguém mais no mundo além de você e eu (...)[19].

Tento girá-la ao ritmo da música, mas nos enroscamos na cauda do vestido que é gigante. Rindo, desatamos o tecido de nós e logo aparece alguém para retirar aquela quantidade exorbitante de pano. Sayuri tenta controlar o riso, mas não consegue e eu a acompanho. Essa noite é dela, precisa estar confortável. Volto a girá-la e agora a faz com perfeição, trago-a novamente para os meus braços e continuamos a dança, como se mais ninguém estivesse ali.

(...) Você para o salão quando entramos, holofotes ligam e todos nos olham. Diga a todos esses garotos que estão perdendo o tempo. Parem de fazer fila, porque você é só minha. E esta noite não deixarei o sentimento morrer. Eu nunca vou querer sair do seu lado. De todas as garotas, você é a minha única garota, não há ninguém mais no mundo hoje à noite. Todas as estrelas, você as faz brilhar como se fossem nossas. Não há ninguém mais no mundo

além de você e eu... Você e eu. Não há ninguém mais no mundo.

Você continua se perguntando se é quem eu quero, mas você nem precisa tentar. Você não precisa tentar. Não tente, não tente... Você não precisa tentar, porque de todas as garotas, você é a minha única garota (...)

Quando a música termina, todos assobiam e aplaudem, só então me dou conta de que estamos cercados por centenas de pessoas. Levo-a até a mesa em que nos sentaremos com nossos pais e esperamos todos os protocolos de brinde que se seguiram.

Sayuri achou melhor não fazerem o tradicional discurso dos padrinhos, apenas alguém responsável por puxar os brindes que no caso foi Hunny. Aniella até queria, mas achamos melhor que Haniel o fizesse e acertamos. Ani está muito preocupada e não larga o celular, Levi está sempre ao seu ouvido, mas parece que nem ele consegue desviar a atenção de sua esposa.

Enquanto estávamos na bolha da música, permiti-me esquecer do que aconteceu e todas as preocupações que isso traz.

Agora, sinto-me inquieto, quero informações, saber se acharam o bastardo ou se pelo menos tem alguma pista que nos diga como ele entrou. Temos uma forte estrutura de segurança, temos câmeras de reconhecimento facial que mantém o registro das pessoas em tempo real. Há drones espalhados no espaço aéreo com as mesmas câmeras e com aviso de qualquer coisa fora do normal.

Como se meu primo pressentisse minha aflição, ele vem até mim e disfarçadamente começa me dando os parabéns e depois fala o que realmente importa

— Não sabem como ele entrou, mas há imagens dele saindo.

Não conseguimos *nenhuma* pista de quem o ajudou, sem nenhuma dúvida é alguém de dentro.

— Infiltrado — complemento.

— Aniella já solicitou imagens das câmeras externas para ver em qual carro ele estava, depois pedirá imagens das câmeras da cidade para tentarmos chegar a ele.

Minha cabeça trabalha rapidamente e tenho uma ideia.

— Envie duas ou três pessoas de extrema confiança para vasculharem os lixos.

Hunny aperta o meu braço.

— Todos estão em segurança — ele olha para minha esposa, que conversa com a minha mãe. — Ela está em segurança. Faça essa noite ser boa para ela.

Olho-o sério.

— Foram atrás de você também com o sermão da noite especial? — pergunto.

Ele balança a cabeça como se não entendesse o que falei.

— Que sermão? Eu só acho que ela merece uma noite feliz.

Volto a olhar minha esposa, que me encara séria. Dou o meu melhor sorriso para tranquilizá-la e ela retribui.

— Ela terá uma boa festa — volto minha atenção para Haniel.

— Só me mantenha informado.

Meu pai e meus tios se aproximam, Hunny acena e saí. Eles me cumprimentam e conversamos sobre o que ocorreu antes, quando eu já estava no altar e Sayuri me chamou às pressas. Eles me cobram por não ter dito *nada*, mas eu não diria mesmo se repetisse, pois não adianta eles saberem, não podem fazer *nada* e só deixaria as pessoas mais agitadas. Por enquanto o que circula é que Sayuri ficou nervosa com a sua entrada e me queria por perto, que assim continue.

Alguns homens vêm até a mim e me parabenizam, o problema é que algumas pessoas não sabem o limite. Hoje não é dia de falarmos de negócio, muito menos ver coisas de trabalho.

Porra! É o meu casamento. Dois passos depois e caio nos braços da minha mãe, minha avó e tias, tive que dançar com cada delas.

Na primeira oportunidade entreguei aos seus pares. Outras mulheres se aproximaram para uma dança, mas não sou um “pé de valsa”, prefiro me manter parado e longe da multidão. Dancei apenas com quem realmente ficaria ofendida e me traria problemas depois, o restante apenas dispensei.

Apresso-me a sair da bendita pista de dança e ando entre os convidados, admirado com a festa que deve ter me custado mais de um milhão de dólares. Denis se aproxima discretamente e me diz que encontraram um corpo a um quarteirão daqui, eles estão investigando para saber se pode ser alguém que deveria estar aqui.

Posso não aparentar, mas estou tenso, movimentar-me entre as pessoas, observando cada coisa, me deixa mais

tranquilo... ou menos preocupado.

Encontro Aniella próxima a pista de dança e me aproximo.

Ela está em seu celular enquanto Levi dança com a minha esposa,

cuidando que Sayuri esteja de costa para a minha prima. Tomo o celular de sua mão.

— Ei! — ela reclama e estende a mão.

Puxo-a para a pista, pois não há melhor lugar para conversarmos com privacidade. Todos acham que estamos nos divertindo e essa é a camuflagem que precisamos.

— O que sabemos? — pergunto.

— Sabemos que sou uma burra... burra! — Ani fala extremamente irritada.

Isso realmente é estranho, Aniella não é autodepreciativa em hipótese *nenhuma*, nem mesmo quando está errada.

— Respira fundo e me conte o problema.

Ela respira profundamente, coloca uma mão em meu ombro e a outra na minha para dançarmos. Nossos rostos estão lado a lado, as pessoas verão que estamos apenas conversando.

— Você mandou que procurassem nas lixeiras e encontraram algo. Como não pensei nisso, Rafe?

— Não se cobre tanto, *sorella*. Agora me diga o que encontraram.

— Uma máscara e um casaco, ambos já foram para análise.

Eu preparei tudo pessoalmente, Raffaele. Eu tomei todos os cuidados, verifiquei cada detalhe. Há um traidor em nossa organização.

— Eu sei. Ninguém imaginava que ele teria coragem de chegar tão perto. Ninguém em sã consciência faria. Katsuo quer nos desestabilizar, quem o está ajudando já deve ter deixado claro o quanto nos cobramos quando se trata da segurança da família.

— Eu vou matá-lo — ela fala entre os dentes.

Sorriso. Essa é Aniella. Enquanto danço me aproximo de Levi, que se afasta da minha esposa e vem de encontro com a dele.

Acenamos ao trocarmos nossos pares e seguimos dançando.

— Acho que nunca dancei tanto na minha vida — ela fala, sorrindo.

— Todos querem dançar com a princesa da noite.

Ela me encara por alguns segundos.

— Por mais que quisesse, esse não é um conto de fadas. Eu não sou princesa e você não é um príncipe.

— Essa noite é sua e pode ser o que quiser. Se quer ser uma princesa, seja. Você pode não estar presa em uma torre, mas definitivamente está presa comigo.

Essa mulher é deslumbrante e hoje está absurdamente linda, mas eu realmente prefiro-a nua. Sayuri é o banquete que estou pronto para deliciar-me. Em um impulso totalmente sexual, eu a puxo para fora da pista de dança e caminhamos diretamente para as portas de saída. Estou

determinado a levar minha esposa para cima e fodê-la até a hora de partimos em viagem, amanhã.

Posso ser um bom Chefe e até um bom investigador, consigo prever a mente de um assassino com excelência, mas não a da minha mãe, essa definitivamente eu não consigo. Ela nos barra juntamente com a cerimonialista, que parece ter tirado coragem de algum lugar para se colocar à minha frente e barrar a minha passagem.

— Aonde vão com tanta pressa? — minha mãe pergunta.

Uso a melhor arma que tenho em mãos. Empurro Sayuri para frente.

— Minha esposa precisa tomar um ar, ela não está muito bem.

Sayuri arregala os olhos, fuzilando-me. Corajoso como sou, apenas dou de ombro. Entendam, não tenho medo da minha mãe, não é essa a questão, o problema é o quanto uma Senhora Saints pode fazer da sua vida um inferno quando querem. E acreditem, eu sei.

— Para mim ela parece muito bem — ela responde. —

Vamos ao jantar e esperem até cortarem o bolo para sumirem.

Somos escoltados por uma Senhora Saints nada amigável até a mesa e nos sentamos. Não demora muito, todos estão em seus lugares e o jantar começa a ser servido. Disfarçadamente, aproximo-me de Sayuri e falo em seu ouvido:

— Salva por uma Senhora Saints raivosa — pego a sua mão e coloco sobre a minha ereção. — Depois você será toda

minha. E

preziosa, eu a foderei de todas as formas possíveis, comerei sua

boceta, sua bunda e sua boca até que um de nós caia com a exaustão.

Sinto o seu corpo tremer com a promessa e eu mal vejo a hora de cumprir.

Capítulo 24

Sayuri

— Céus! Eu estou muito cansada — digo quando entramos na suíte que foi destinada a Raffaele e a mim. — Esse vestido pesa uma tonelada.

Ele está com a gravata desfeita e o primeiro botão da camisa aberto. Sentado na poltrona, que fica no canto do quarto, ele estende sua mão me convidando a ir até ele.

— Ajudarei com o vestido.

Vou até ele e me coloco de costas. Não esperava por isso, não dele. Achei que ele me deixaria sozinha neste quarto e ficaria em outro, assim como é em casa. Primeiro sinto os repuxes do laço que finalizam o corpete, a seguir sinto como se algo fosse arrancado e viro rapidamente, vendo uma pequena faca na mão de Raffaele.

— O que você está fazendo? — tento olhar a parte de trás do vestido, mas não consigo ver o estrago que ele fez.

— É muita fita, muita volta, isso aqui será mais prático para te livrar dessa exuberante obra prima — sua ironia não

passa despercebida. — Venha, deixe-me terminar. Depois pediremos que consigam outra fita.

Deixo-o cortar a fita que ata o corpete do meu vestido. Sei que deveria ficar muito brava, mas há algo mais no ar, uma intimidade intensa entre nós, como foi no dia do atentado. Logo que ele termina, abre o tecido, suas mãos me acariciam e sinto seus lábios em minha pele, fazendo-me arrepiar por inteira. Raffaele percorre toda a minha espinha com a sua boca e coloca o meu cabelo de lado, seus lábios acariciam o meu pescoço. Posso sentir o calor de seu corpo em minhas costas.

Ele vira-me de frente a ele e descruza os meus braços, que estão segurando o vestido em meu corpo. Assim que o faço, o vestido cai aos meus pés formando uma grande piscina de tecido.

Raffaele olha-me com desejo, por onde seus olhos passam deixam um rastro de calor como se tivesse me tocado. Não sei o que acontece comigo nessas horas, sinto-me ousada, atrevida e sorrio

ao seu apreço. Ele estende a mão para me ajudar a sair e vou ao seu encontro apenas com a pequena calcinha que visto e sapatos.

Raffaele segura o meu rosto e beija onde Katsuo deixou as marcas, depois mordisca os meus lábios e por fim os toma em um beijo ansioso. Eu retribuo dando tudo de mim, mostrando que o quero tanto quanto ele me quer. Sei que me encara como sua posse e não sei o que há de errado comigo, porque quero ser possuída, consumida por esse homem. Com Raffaele posso ser eu, viver como quero e não há amarras ou proibições, não há regras. Talvez seja isso

que me atraia tanto nele, porque ele poderia fazer de mim o que quisesse e permitiu que eu simplesmente fosse eu.

Lembro de colocar em minha mala a joia que Raffaele fez para mim. Pensei que poderia surgir a oportunidade nesses dois dias que ficaremos longe de tudo e de todos. Na verdade, nem sei o que pensar. Na maior parte dos dias ele passa o dia longe e muitas noites que volta para casa vai diretamente ao seu quarto. Não compartilhamos a cama frequentemente, então não sei como será essa coisa de lua de mel. Nem esperava por isso, todos estão tensos com Katsuo rondando ao nosso redor, achei que acabaríamos em casa até toda a situação ser resolvida, se é que seria resolvida.

Afasto-me dele.

— Eu preciso me refrescar — digo já caminhando em direção a mala.

— Vou com você — ele fala enquanto tira a camisa rapidamente.

— Não, marido, você não vai. Estou cansada e acredito que você entenda.

Contemplo a decepção em seus olhos, assim como vejo o conflito dele. Sei que ele quer me submeter, ele pode fazer isso, talvez até goste demais da ideia... pior de tudo é que a maldita ideia é tentadora para mim também. Por fim, ele apenas assente. Tiro os sapatos e vou ao banheiro, tiro a única peça de roupa que visto.

Prendo os meus cabelos para cima, em um coque desarrumado.

Entro sob a ducha que está fria e vai esquentando gradativamente.

Tomo o meu tempo, relaxando sob a água. Quando saio e me seco, dou-me conta de que deixei minhas coisas para trás.

Parabéns, Sayuri! Grande surpresa. Como os meus planos de sedução foram por água à baixo, me enrolo no roupão e saio. Sem nenhuma palavra, Raffaele entra no banheiro. Ele deixa a porta a aberta e se despe, dando um *show* particular para mim e aproveito cada minuto disso. Segundos depois, acordo do meu sonho lascivo e vejo a oportunidade de surpreendê-lo.

Corro até a mala e tiro a peça que há muito quero usar. Não tenho muito tempo e não faço ideia de como colocar. Pego a peça e puxo na memória que Raffaele apenas prendeu o gancho atrás. Vou para frente do espelho e depois de duas ou três tentativas, consigo fechá-lo. Quando me olho no espelho, entendo perfeitamente o que Raffaele visualizou quando a viu.

O colar prende em meu pescoço como uma gargantilha, dele sai várias tiras de pedras que caem sobre os meus ombros, peito e duas ficam um pouco mais baixo, percebo que é onde devo acomodar os meus seios. Vejo o quão deslumbrante é, quando recebi estava tão impressionada por ser uma joia erótica, que não pensei em outra coisa. Mas agora... agora vejo o apelo da peça em meu corpo. Viro de costas e vejo que elas caem igualmente como a frente.

Pego os sapatos que há pouco deixei de lado e os coloco.

Impressionante como não estou vulgar, pelo contrário, pareço refinada, luxuosa. Alcanço a ponta da tira que está pendendo em minha frente, passo entre as minhas pernas,

pensando como irei levá-la até o alto. Raffaele se coloca atrás de mim e termina o trabalho que eu estava fazendo. Nossos olhos se encontram pelo espelho e logo os dele baixam, vendo como estou. Ele puxa o cordão que pressiona o meu clitóris e acaricia entre as minhas nádegas.

— Você está apetitosa, esposa — ele coloca sua mão entre as minhas pernas e abre os lábios da minha boceta para ver o cordão que já é brilhante, brilhar com a minha excitação.
— Linda.

Suas palavras são como carícias. Ele leva suas mãos aos meus seios, amassa-os e belisca os meus mamilos, que ficam

erectos. Raffaele está de toalha, ainda com os cabelos molhados do banho, ficando com um ar selvagem. Seu corpo é uma obra prima da natureza, os genes Saints são de excelente qualidade.

Posso compará-lo com uma daquelas estátuas italianas belíssimas.

Ele é bonito demais, perigoso demais, obscuro demais, mistura essa que hipnotiza como os cantos das sereias.

— Olhe-se no espelho — ele ordena. — Veja como é deslumbrante.

Ele se coloca à minha frente e baixa a cabeça, tomando um mamilo em sua boca enquanto brinca com o outro entre seus dedos, dando aquela dose de dor que gosto. O homem é bom em detectar o que uma mulher gosta. Ele chupa com força arrancando um gemido alto de mim, solto-o e um sonoro “bop”. Ele olha para mim e passa a língua pelo mamilo carente de atenção, mordisca e depois o chupa intensificando a dor e o prazer. Ele continua os manuseando

com tanta maestria que me vejo perdida nessa sensação luxuriosa.

Raffaele desce trilhando beijos úmidos pela minha barriga até que chega entre as minhas pernas. Ele me acaricia com dois dedos e já os penetra em mim, o que não é difícil por eu estar muito excitada. Abre a minha boceta e passa a sua língua acariciando as minhas dobras, chupa o meu clitóris e toda a minha boceta como se fosse uma fruta. Seguro-me nele e ao mesmo tempo acaricio o meu seio a procura de mais. Olho a nossa imagem no espelho e fico deslumbrada com o que vejo.

Raffaele se levanta e me leva até um dos postes da cama, coloca as minhas mãos lá.

— Curve-se, *preziosa* — abaixo-me até onde posso, seguro firme no poste.

Ele acaricia minhas costas e abaixa-se, abre a minha bunda e ataca a minha entrada, ao mesmo tempo que enfia dois dedos em minha boceta. Eu gemo alto, cada vez mais alto com a mistura de sensações. Da posição que estou, viro o rosto e vejo que ele se masturba enquanto me devora. Minha excitação aumenta com a visão dele se tocando. Eu o quero na minha boca, fodê-lo assim como ele está fazendo comigo. Sinto sua língua na entrada da minha bunda, apresentando-me a mais uma nova sensação.

— Raffaele... — sei que vai doer, eu sei... mas eu quero que ele me penetre ali, bem onde está a sua boca lasciva.

Ele se levanta e me leva até a cama, me ajuda a subir e bate em minha bunda.

— Fique de quatro — ele vai em direção a sua mala, tira uma garrafinha de lubrificante e um pino de prata com uma

pedra na ponta.

Não posso dizer que nunca vi um desses, eu sei o que é, um *plug* anal. Quando se passa um tempo com Aniella Saints, vemos coisas que jamais pensaríamos que fôssemos ver. A mulher tem praticamente uma coleção de brinquedos eróticos. Raffaele bate em minha bunda e traz-me de volta ao momento. Fico em meus joelhos e a cada movimento feito esse cordão esfrega meu clitóris, que já está muito sensível.

— Isso é um *plug* anal — assinto. — Vou colocá-lo na sua bunda para prepará-la para o meu pau. Também quero comer sua boceta com esse *plug* lá, ficará mais apertado do que você já é.

Antes que ele possa fazer alguma coisa, arranco a toalha que cobre sua bela ereção, o seguro e começo a masturbá-lo. Sei que ele gosta das coisas mais perversas e sujas, no momento é exatamente assim que me sinto. Cuspo em seu pau e aumento a velocidade que o toco, intensificando mais o meu aperto. Ele olha-me com o mais puro e cru dos desejos. Sorrio e traço a minha língua pelo seu cumprimento indo até a abertura na cabeça de seu pau. Chupo e depois passo a língua, fazendo ele gemer alto e ficar mais tenso.

— Você é gostoso, Raffaele Saints — enfio seu pau em minha boca, chupando-o e acariciando onde não consigo chegar.

Ele segura o meu cabelo com força, mas estamos tão envolvidos e excitados que todos os limites foram rompidos. Eu o domino com a minha boca e ele me deixa dominá-lo.

— Sua boca é tão gananciosa quanto a sua boceta. Isso...

assim... leve até o fundo de sua garganta... — estou com a boca cheia com o seu pau e ele me segura até que sinto a queimação por falta de oxigênio. Quando ele sai, seu cumprimento está todo molhado com a minha saliva. — Assim que eu gosto... — ele baixa e

beija a minha boca. — Gosto de você ousada, pervertida assim como eu. Agora, vire-se, empine sua bunda e deite o seu corpo na ama. Quero você bem aberta para colocar isso aqui.

Faço como ele fala. Raffaele joga o lubrificante frio em minha bunda e começa a trabalhar um dedo em meu buraco. Sinto mais o líquido frio e logo o objeto na minha entrada. Raffaele tem o cuidado de não colocá-lo de uma vez, ele foi trabalhando dentro e fora enquanto um dedo pressionava o meu clitóris.

— Será que seu rabo é tão ganancioso quanto sua boca e boceta, esposa?

— Você é tão depravado e usa essas palavras sujas... *aaah*

— ele intensifica a penetração. Dentro, fora, dentro, fora... é assim que ele está me torturando.

Sinto mais líquido sobre mim, volto a sentir o *plug* na minha entrada e logo uma ardência. Sem demora, ele me penetra por trás com força, fazendo-me gritar de prazer. Me sinto tão preenchida e o atrito do lençol com os meus mamilos me deixam sobrecarregada sexualmente. Eu quero mais, mas quero que pare... as descargas sensoriais são tão intensas que me deixam confusa.

— Adoro sua boceta, ela me acomoda tão bem.

— Foda-me com força... p-por favor... — peço e assim ele faz.

Meus gemidos vão ficando cada vez mais alto, entrego-me aos seus caprichos e sinto que estou próxima de gozar. O maldito também deve sentir, porque diminui a velocidade de suas estocadas, sobrecarregando-me ainda mais. Jogo o meu quadril para trás na tentativa infrutífera de ter mais dele me fodendo. O

desgraçado ri e me segura, continuando no ritmo lento.

— Calma, tigresa — ele fala rindo.

— Estou começando a te odiar, Raffaele.

Ele ri. Tento escapar indo para frente, fugindo dele, mas o homem me segura no lugar que quer. Maldito! Raffaele aproveita o meu momento irritação e aumenta a velocidade e intensidade de suas estocadas. Ele segura o um cabelo e me cavalga como um garanhão. O *plug* em minha bunda estimula ainda mais o prazer.

Estaria mentindo se dissesse que não gosto disso, que não gosto

desse tipo de sexo com ele. Sinto o meu gozo vir, então Raffaele retira o *plug* e grito o seu nome quando o orgasmo devastador me varre. Ele me vira de barriga para cima e me cobre com o seu corpo, volta a me encher com o seu pau.

Seus olhos encontram os meus e há algo lá que chama a minha atenção. Um brilho diferente que nunca vi nele. Raffaele não está me fodendo, isso não é foder, neste momento o meu marido está fazendo amor comigo, lentamente. Meu corpo que estava cansado, volta a ganhar vida e quero mais dele em mim.

— Mais, Raffaele.

Há uma emoção diferente nele, que me beija docemente e fala ainda em meus lábios:

— Fael, agora, aqui, sou Fael.

Emoção me domina e o beijo apaixonadamente. E assim, permito que o meu Fael me possua e consuma como deseja. Ele faz amor comigo até que eu fique exausta, mal conseguindo ficar com os olhos abertos. E antes de fechá-los completamente, solto o meu mais doce segredo.

— Eu amo você, Fael. Sempre amei.

Capítulo 25

Raffaele

Abro os olhos e vejo a minha esposa, uma das mulheres mais bonitas que já vi. Ela está deitada em meu braço, seu corpo está moldado com o meu, como se fosse feito para estar aqui.

Sayuri dormiu com a peça que a presenteei, presente esse que mandei fazer especialmente para ela, ressaltando seu corpo exuberante. A noite passada foi intensa, diferente e inesperada. Ela foi tomada pelo momento e acabou se declarando, não sei se ela realmente se sente assim, também não sei se quero saber.

Devagar, tento abrir o fecho de seu colar e, quando consigo, retiro o meu braço que está sob ela. Delicadamente, tiro a peça de seu corpo, que ficou marcado pelas pequenas pedras. A observo por mais um tempo, gostando do fato de apenas olhá-la. Não sei em que momento a posição dela

mudou os meus planos, mas aconteceu. Saber que aquele maldito a tocou faz o ódio me dominar.

Levanto e vou até a janela, tentando afastar os pensamentos que estão saindo do passado e enchendo a minha cabeça com lembranças, que mantive enterradas por anos. Como quando Sayuri se apresentou a mim vestida de gueixa. Estávamos na faculdade e lembro da beleza daquela cena, também recordo dos sentimentos que alimentava por aquela menina tímida e exótica. Não é hora disso vir à tona, mas é algo incontrollável, como se essa noite rompesse uma barreira que eu nem sabia que estava lá.

Na sala do meu apartamento, ela montou uma mesa de centro com louças e flores que eu nunca tinha visto. A música de fundo era uma delicada e intensa peça instrumental, que depois ela disse ser do filme Memórias de uma Gueixa[20]. Na porta de entrada havia um bilhete para que eu me sentasse em uma das almofadas, próxima a mesinha, e ficasse confortável. Lembro de ter estranhado todo o cenário, mas, ao mesmo tempo eu estava ansioso para ver o que a minha namorada estava prestes a fazer.

Não demorou muito e ela apareceu em um quimono típico de uma gueixa, com os cabelos presos delicadamente em dois coques.

Sua postura delicada era acompanhada por passos curtos, o rosto adornado com maquiagem a deixava como uma boneca. Ela estava linda. Sayuri olhou para mim e deu um sorriso pequeno, com timidez, o que foi muito cativante. Com dois leques, ela começou a executar passos no ritmo lento da melodia. Cada movimento era suave e gracioso, assim como a música.

Quando a música chegou ao fim, ela se curvou em agradecimento. Então, veio outra canção e ela se ajoelhou diante da mesinha, que estava com muitos itens e eram totalmente desconhecidos por mim. Com a cabeça inclinada, ela estendeu as mãos com um bolinho em um guardanapo todo trabalhado, junto vinha uma espécie de palito de dente, achatado.

— Coma, denka[21] — sua voz não passava de um sussurro.

Parecia que eu estava em uma cena de filme. Peguei o doce com a mão e ia levá-lo a boca, quando ela segurou o meu braço, colocando o doce de volta sobre o papel e usando o palito para cortá-lo em quatro partes. Sayuri entregou o palito de volta para mim e começou a passar um tecido delicado nas peças que estavam sobre a mesa. Via-se que era realmente um ritual. Concentrada, ela continuou a limpar e citar o nome de cada peça para mim.

O tecido de linho é usado para purificar o chawan, que é a tigela para beber o chá, uma espécie de pequeno bowl; há o cha-ire, que é o recipiente onde guarda-se o chá em pó; a cha-sen, vassourinha feita de bambu para mexer o chá que será servido e, por fim, a concha feita de bambu com uma ponta arredondada para facilitar a coleta do pó, a chashaku, que é usada para colocar o chá em pó no chawan. O chá em si é o matcha.

Depois de tudo purificado, ela começou a fazer o chá e eu fiquei completamente perdido naquele cenário, que parecia ser de um filme oriental. Eu estava encantado pela garota à minha frente, que parecia muito mais madura do que sua idade realmente permitia. A música, a roupa, o ritual, tudo compunha o mais belo momento que vivi até então.

Depois de bater o matcha com a cha-sen, Sayuri se curvou para me entregar a pequena tigela... chawan e pediu para que eu o

virasse duas vezes, deixando a pintura da peça direcionando para frente. Eu o tomei e engasguei com o líquido amargo, com o qual fui brindado.

— O que é isso? — perguntei ainda olhando à bebida verde em minhas mãos.

Ela riu.

— Escolhi um chá amargo para contrabalancear o doce que lhe dei antes.

Sayuri explicou-me que aquela demonstração foi superficial, que ela não conhecia todas as regras para o ritual, da cerimônia do chá, mas queria me proporcionar alguma coisa de sua cultura.

Aquilo aqueceu o meu peito, porque Sayuri sempre foi muito fechada e a atitude de se abrir um pouco para mim foi muito apreciada. Então, por educação e amor, terminei de tomar aquela bebida horripilante e entreguei o recipiente de volta a ela. Todo o ritual acabou ali, comigo a deitando no chão enquanto a desembrulhava de todo aquele tecido e olha... foram muitos metros de tecidos variados.

Naquela época eu estava completamente enfeitiçado por essa mulher, era um tempo em que eu tentava exterminar os meus demônios com festas e namoro. Sayuri foi importante para mim, importante demais para me deixar ferido após o seu desaparecimento. Não sei se sou capaz de perdôá-la, apesar de compreender sua situação, só não entendi o porquê ela não pediu ajuda. Eu disse a Sayuri, há pouco tempo, que não sei quem ela é, mas não falei para

feri-la. Fui sincero porque Sayuri apareceu oportunamente quando todo esse inferno começou.

Hoje, estou sendo guiado pelos meus instintos e eles dizem que ela é tão vítima quanto todos os outros, vítima das circunstâncias de sua vida. Mas então, é a minha família que está sendo alvo e eu não poderia colocar uma desconhecida acima deles só porque, no passado, estivemos juntos. Abrir meu coração agora também não é uma opção, é melhor manter as coisas da maneira que estão. Ela não será de Katsuo, é minha obrigação proteger a minha esposa, que será respeitada e cuidada como uma verdadeira Senhora Saints.

Olho-a mais uma vez e vou até o banheiro, tomo um banho e me visto. Alcanço o telefone e vejo mensagens de Aniella e Haniel, dizendo-me que o material analisado tinha as digitais e pertenciam ao homem que foi encontrado morto próximo ao evento. Ambos me disseram que programaram um café da manhã com toda a família, antes de nossa partida ao litoral, assim manteríamos Sayuri ocupada enquanto eles repassavam as coisas para mim. Envio uma mensagem para Denis, a fim de substituir o helicóptero que foi reservado para nos levar até os Hamptons. Não correrei riscos desnecessários, ainda mais sabendo que há alguém infiltrado entre nós.

Esse é outro assunto que vem martelando em minha cabeça desde ontem. Quem é o desgraçado que está trabalhando com Katsuo para nos prejudicar? E por que esse filho da puta cismou com os Saints? Por mais que ele tenha atacado as outras organizações, não chegou perto das famílias, apenas dos Saints.

Temos inimigos e muitos tentam contra a nossa família, por isso temos uma segurança tão bem equipada. A questão é:

por que os Saints e por que agora? Todos os seus seguidores, que foram capturados, deixaram bem claro o ódio de seu chefe por mim e a única resposta que tenho para isso está deitada lindamente na cama.

Dou a volta e sento-me ao lado de Sayuri, tiro as cobertas dela e contemplo o seu corpo nu. Acaricio sua lateral e meu corpo acorda com a excitação despertando. Meu pau começa a ficar duro só de pensar que eu poderia tê-la agora. Afundar-me em sua boceta apertada e gulosa, beijar e morder seus lábios, chupar os seus mamilos delicados. Tiro a mão dela e passo pelos cabelos. O que estou fazendo? Essa não é a melhor forma de me manter distante.

Quando se trata de Sayuri, sou um homem dominado pelo desejo.

— Sayuri — ela não se mexe, então balanço-a. — Sayuri, acorde.

Sayuri abre os olhos e sorri ao me ver. Sorrio de volta, mas não com o calor esperado e ela percebe. Só que fui muito claro que, naquele momento, somente naquele momento eu seria quem ela queria. Agora, não mais. Neste momento sou o Raffaele Saints,

presidente de um dos clãs mais poderosos do mundo e o *Capo di Capi* de *La Famiglia*.

— Bom dia — ela fala e senta-se, cobrindo os maravilhosos seios.

Levanto e ando pelo quarto.

— Estão nos esperando para tomar café juntos, antes de partirmos — aviso.

Ela assente e me encara, querendo saber o que mudou.

Pensou que depois do sexo que tivemos tudo seria diferente. Um erro que muitos cometem quando se envolvem com pessoas como eu.

— Tudo bem.

Sayuri se levanta e anda nua pelo quarto até o banheiro, assim que chega na porta ela me olha com resiliência por cima de seu ombro. Recordo que quando Sayuri chegou entre nós, ela era fechada e guardava muito bem suas emoções, mas hoje vejo que faz questão de demonstrar exatamente o que pensa, sem medo, sem restrição. Ela nunca foi ou demonstrou ser fraca, talvez precisasse apenas de incentivo para trazer o seu lado ousado e corajoso. Se antes já era bonita, agora é uma força a ser respeitada.

Quinze minutos depois ela sai nua e começa a recolher as nossas coisas, que estão espalhadas pelo lugar, provocando-me descaradamente. Por impulso, pego-a pelo braço e a pressiono contra a parede. Seguro seu cabelo na parte de trás até que seu rosto se levante para que olhe para mim. Seu olhar é desafiador, ela quer saber até onde irei, mas a minha esposa já deveria saber que sou capaz de tudo, não? Levanto uma de suas pernas e bato em sua bunda, depois esfrego sua boceta que começa a ficar úmida.

— É isso o que quer, esposa? Quer ser fodida?

Ela tenta me empurrar, só que não saio do lugar. Sem saída, ela puxa o meu cabelo na parte de trás.

— Não, eu não quero *nada* de você, Raffaele Saints. Eu quero o Fael, quero que aquele Fael faça amor comigo — ela fala entre os dentes, irritada.

Sorrio.

— No momento você tem somente o Raffaele, aquele que a foderá forte e rápido contra essa parede.

Beijo sua boca, mas a maldita mulher me morde com tanta força que chega a sangrar, sinto o gosto metálico e a beijo com mais força, obrigando-a a se abrir para mim, para o meu capricho, minha perversão. Deslizo dois dedos em sua boceta, que está encharcada, molhada e pronta para mim. Seguro-a com o meu corpo, abro a calça e baixo a cueca o suficiente para libertar o meu pau. Sem demora a penetro e ambos gememos com a intrusão. Estoco forte, rápido e duro, da maneira que nós gostamos.

— Eu te detesto — ela fala antes de me beijar.

Seu beijo é louco e intenso. Continuo a fodê-la e levo um dedo na entrada de sua bunda, como está sem lubrificante doerá se eu a penetrar, então apenas acaricio o anel apertado. Esse lugar é uma das áreas mais erógenas do corpo humano, estimulando um prazer intenso. Sinto sua boceta contrair e me deixo levar também, ambos gozamos gemendo na boca um do outro, repetindo nossos nomes como um mantra.

Nos beijamos intensamente comigo ainda dentro dela e sinto escorrer o meu sêmen. Nossas bocas duelando para saber quem pode mais, nossas línguas em uma dança agressiva e invasora, consumindo tudo de mim, tudo dela... tudo de nós. Chupo sua língua e ela morde o meu lábio inferior, fazendo com que saia mais sangue e por algum motivo isso nos motiva a querer mais. Minha doce esposa é tão obscura quanto eu. Rosto de boneca, voz de anjo, jeito de boa moça, mas por dentro guarda um fogo que não é *nada* divino.

Levo-nos até o banheiro e a coloco no chão. Ela vai direto ao chuveiro enquanto alcanço uma toalha, molho na pia e me limpo.

Tenho que me concentrar nas coisas que preciso resolver antes de sair da cidade, ficar agarrando minha esposa pelos cantos só atrasará tudo. Assim que me limpo, saio e pego o meu telefone para confirmar com Denis se a aeronave foi trocada, depois envio mensagem para Hunny a fim de saber se todos já estão nos esperando.

Sayuri sai do banheiro e evito olhar para ela, ainda mais agora que está nua, pois sei que isso nos levará diretamente à cama. Ela passa por mim, pega o sapato que usou e volto a segurá-la.

— Deixe tudo, pois virão arrumar as nossas coisas e despachar para a casa dos Hamptons. Estão nos esperando para tomar café.

Sayuri se desvencilha do meu braço, vai até a mala e pega sua roupa. Eu deveria desviar o olhar enquanto ela se arruma, mas é impossível. Assisto hipnotizado a minha esposa passar o óleo perfumado em sua pele, colocar a calcinha, o sutiã, a calça, a camisa... ela faz deste momento um *show*. Sayuri arruma o cabelo, pega a bolsa e o seus óculos escuros, espera que eu abra a porta para ela como uma típica Senhora Saints.

Descemos acompanhados por Denis e mais um segurança, depois do que aconteceu ontem, ordenei que a segurança, principalmente a de Sayuri, fosse aumentada. Fizemos todo o trajeto em silêncio, que foi rompido assim que as portas do salão, preparado para servir o desjejum, se abrem e meu irmão Danio grita:

— Cadê o lençol?

Os homens riem e minha mão tão ofendida com a brincadeira, como todas as mulheres no local, dá um tapa em seu pescoço.

— Isso é a primeira coisa que você fala para a sua nova irmã? Respeito é bom e conserva todos seus membros intactos, garoto.

Ele dá de ombros, sem graça.

— Desculpe, Sayuri. Eu nunca vou ser respeitado nessa família — ele senta reclamando enquanto todos ao redor riem.

Olho todos ao redor da mesa e me bate um grande orgulho.

Gosto de ser um Saints e sou privilegiado por ter uma família que, por mais que seja intensa, também é generosa e acolhedora.

Somos fortes apesar de tudo, somos unidos, somos Saints.

Capítulo 26

Sayuri

Os Saints sabem como constranger uma pessoa como ninguém. Após ser recebida pelo grito: cadê o lençol? Fiquei sem entender o porquê do lençol, mas então Ani me abraçou e explicou que, antigamente, era tradição nas famílias de La Famiglia, apresentarem aos familiares os lençóis ensanguentados como prova de virgindade da mulher. Tive até calafrio com esse disparate, mas logo meu calafrio deu lugar ao medo, porque esse rito seria exatamente o que aconteceria comigo se me casasse com Katsuo e se ele soubesse que eu não sou mais virgem, me exporia e me bateria. Isso foi o que Ren falou a mim.

As *mammas* escolhem este momento para se aproximarem e me abraçarem. Elas me levam até a cadeira para que eu fique mais próxima a elas e Mae. Raffaele senta-se entre seus primos, Aniella e Haniel, seu pai e tios. Todos estão conversando sobre algo que parece ser muito importante. Aposto que estão falando sobre a aparição de Katsuo ontem. Eu queria ouvir e saber dos planos deles, afinal, faço parte disso e quero ajudar. Quero proteger a todos desta família, que me acolheram tão bem, também acho que a vida desse maldito pertence a mim. Depois anos vivendo como prisioneira por sua causa, mereço ser aquela que irá atirar nele.

Durante a refeição, conversamos e rimos como uma verdadeira família. Fico emocionada a cada vez que paro para pensar que eles me aceitaram de coração aberto. Depois de passar semanas me martirizando com o que Raffaele falou, sobre eu estar mancomunada com Katsuo, passei dias achando que a família dele pensasse a mesma coisa, mas não, eles realmente gostam de mim pelo que sou e o mais importante; não se importam com quem sou.

Só que os Chefes Saints, incluindo o meu marido, devem entender que tudo o que está acontecendo também me envolve. Na verdade, acredito que tudo isso vem acontecendo por minha causa.

Eu sei que tem a tomada de território e várias outras coisas, mas se o território fosse tão importante, por que Katsuo se importaria em

me perseguir? Tem muito mais nessa história e quero saber. Não é justo que eu não saiba *nada*. Será que depois de tudo o que Raffaele me disse, ele ainda acredita que eu não sou digna de sua confiança?

Irritada, levanto e vou ao banheiro, faço o que tenho que fazer, lavo as mãos e saio. Ao passar pelo corredor que leva ao salão, ouço vozes baixas e percebo que uma delas é do meu marido, então paro para ouvir.

— Espalhem a notícia de que nós estaremos no litoral pelos próximos dez dias.

Dez dias? Não serão somente dois? Minha pergunta é respondida em seguida.

— Quando voltarem, os olhos de todos ainda estarão lá.

Momento muito oportuno para colocar a parte final do plano em ação — essa voz é de Haniel.

Que plano?

— Levi me falou que todos já se fecharam para os japoneses.

Em questão de horas já teremos questionamentos vindo da Ásia —

essa é Aniella.

— Eu preciso calcular o tempo para podermos seguir adiante.

Qualquer atraso ou mesmo se chegarmos antes, as coisas poderão ir por água abaixo. Eu preciso que você a acompanhe de perto, não sabemos quem está levando informações, mas uma coisa é certa, é alguém que está por próximo.

Essa “ela” sou eu? E quem vai me acompanhar? Um calafrio percorre o meu corpo com a ideia de ter alguém de Katsuo

perto o suficiente para a família estar em risco. Quando este inferno acabará? Eu preciso saber e Raffaele me contará, se não fizer, irei até Aniella ou Haniel. Alguém tem que me dizer alguma coisa.

Para que eu volte ao salão, tenho que passar por eles e tudo o que eu não preciso é que saibam que escutei ou que a família comece a se perguntar onde me meti. Tento andar o mais naturalmente possível quando vou passar pelos primos, que agora estão em silêncio.

— Say — Ani fala mais animada do que algum dia já foi — apenas aceno e continuo o meu caminho, mas como nada é perfeito, sou parada novamente. — Aconteceu alguma coisa? —

sua expressão é de real preocupação.

Olho para o meu marido, que está sério, não deixando transparecer *nada*. Isso me irrita. Ele me ilude, se casa comigo, me fode, me mantém sob o seu teto, mas não consegue confiar em mim? Se eu quisesse o mal desta família teria deixado Mae com a bomba.

— Eu é que pergunto: aconteceu alguma coisa?

— Não — Haniel responde.

Raffaele não responde e não tira os olhos dos meus.

— Então, por que estão aqui cochichando como adolescentes que estão prestes a pular a janela para ir a uma festa sem os pais saberem?

Aniella sorri.

— Estamos apenas repassando alguns detalhes sobre a viagem de vocês.

Olho para cada um deles e volto a atenção ao meu marido.

— Vocês estão falando de Katsuo e meu marido ordenou que ficassem de olho em mim enquanto ele sai para alguma coisa. Ainda achando que estou trabalhando com ele, marido?

— Sayuri...

Eu o corto.

— Já falou aos seus primos que desconfia de mim? — meu riso é histérico. — Claro que falou, você faz questão de que os outros saibam exatamente o que pensa delas.

— Do que ela está falando, Rafe? — Haniel pergunta.

Balanço o dedo para ele.

— Não precisa agir como se não soubesse, primo — falo com sarcasmo. Olho para Ani e essa droga de olhos umedecem. — Você também acha que sou uma atriz?

Ela olha entre seu primo e eu várias vezes, sua expressão é confusa e foi onde soube que ela e Haniel realmente não sabiam do que eu estava falando. Antes que algum de nós pudesse falar, a mãe de Aniella, Francesca, aparece e nos leva até o salão.

Voltamos sem falar uma palavra, mas percebo que Aniella e Haniel olham para Raffaele, que continua como se *nada* tivesse

acontecido. Ele falou com Denis e assim que seu tenente assentiu sobre algo que lhe foi perguntado, Raffaele o deixou, vindo até mim.

— Está na hora, esposa.

Sua voz é falsamente suave.

— Isso, meus queridos, vão e aproveitem esse tempo —

Micaylah me abraça. — Seja feliz, minha menina.

Retribuo o seu carinho.

— Obrigada.

Parte da família nos acompanha até o carro e, antes que eu pudesse entrar, Ani me abraça, falando em meu ouvido:

— Quero que saiba que você é especial para nós, mesmo para ele. Na maior parte do tempo ele é um bastardo arrogante, superprotetor com a família, tenha um pouco de paciência, porque agora você é família.

Me afasto dela o suficiente para olhá-la.

— Eu preciso saber o que está acontecendo, mas...

— Está pronta para ir, querida? — Raffaele se aproxima.

Entramos no carro que nos levará até o helicóptero, então, partiremos para os Hamptons. Fazemos o trajeto em silêncio, Raffaele está distraído em seu telefone e eu contemplo o céu nublado. Quero enchê-lo de perguntas, questionar a sua falta de confiança quando já dei tantas provas de qual lado estou. Quer saber? Quero que Raffaele se exploda.

O carro para em frente ao arranha-céu da Worldwide e ao descer do carro percebo que há mais seguranças do que antes. No pequeno trajeto até o prédio, pessoas param para ver a comitiva, também há fotógrafos tentando conseguir a melhor foto. Fico surpresa ao parar na porta e Raffaele nos virar para as fotos. Ele realmente quer fazer uma grande saída. Estranho para alguém que tem a sua família em risco.

Entramos no prédio e em seguida no elevador que nos leva até a cobertura, onde há um helicóptero a nossa espera. Nós ficamos em pé enquanto as nossas coisas são colocadas na aeronave. Quando Denis acena em nossa direção, Raffaele coloca a mão em minhas costas, levando-me ao helicóptero, ajuda-me a entrar e sentar, arrumando o meu cinto de segurança. Depois, faz o

mesmo com o seu. A aeronave é grande, Denis e mais três seguranças embarcam conosco.

Meu marido me entrega grandes fones e fico tensa assim que ligam o helicóptero. Nunca voei em um e o desconhecido ainda me deixa aflita. Acho que Raffaele sente a minha apreensão, pois segura a minha mão e a beija. Meu coração se derrete com o gesto, até que olho para fora e vejo um fotógrafo focando onde estamos.

Retiro a minha mão da dele e fecho os olhos, recostando a cabeça no banco. Tudo não passa de um teatro para ele. Enquanto sua família se esforça para me deixar à vontade, Raffaele não faz questão de fingir o mesmo. A não ser quando estamos fodendo, aí a história muda.

Na decolagem tenho um mal-estar, confirmando o quanto eu não estou confortável com o voo. Foram mais ou menos quarenta e cinco, cinquenta minutos de voo até o nosso destino. O pouso foi tranquilo, no grande gramado em

frente ao mar. Denis vem para me ajudar, mas meu marido o para, fazendo o trabalho de me soltar.

Com sua ajuda, saio da aeronave e andamos para longe rapidamente.

Olho ao redor e fico deslumbrada com tudo o que vejo, o mar, a areia, a luxuosa mansão à nossa frente. Respiro fundo e fecho os olhos ao sentir o cheiro de mar. Que lugar lindo. Sou conduzida para dentro da casa, que é ainda mais bonita por dentro do que por fora.

Não passa despercebido que há um bom número de seguranças guardando a fortaleza. É um pouco intimidador ter pessoas, homens e mulheres, guardando a nossa segurança.

Raffaele conversa com o seu chefe de segurança e eu saio para olhar em volta. Toda a frente da casa é em vidro, o imóvel foi construído para que quase todos os cômodos estivessem em frente ao mar. A sala em que estamos tem um deque panorâmico, é como se a casa fosse construída acima das águas. Vou até o final do deque e um lance de escada abaixo, há uma piscina grandiosa com muitas cadeiras, mesas, espreguiçadeiras e é como se ela fosse construída sobre a água do mar.

Desço as escadas e vou até a piscina, que está convidativa sob esse sol quente. Em um impulso, tiro a roupa e os sapatos,

ficando apenas de calcinha e sutiã. Jogo-me na piscina e mergulho na água fria. Depois de nadar por algum tempo, deixo o meu corpo boiar, o sol quente aquecendo parte da minha pele. Sorrio comigo mesma, a liberdade tem um gosto especial. Poder fazer o que quiser sem correr o risco de ser castigada, é maravilhoso. Posso não usufruir de

liberdade total, mas a que tenho é o suficiente para desfrutar do pouco que almejo.

Não sei quanto tempo fico fechada em meu mundo, mas quando abro os olhos encontro o meu marido pairando sobre a beirada da piscina, observando-me. Mergulho para longe e saio pela escada do lado oposto em que ele está. Como a minha roupa íntima tem forro sob a renda, não fica transparente. Não tenho toalha para me secar, apenas torço o meu cabelo para tirar o excesso de água e me seco ao sol. De costas, não vejo Raffaele se aproximar, mas sinto a sua presença.

— Você está quase nua.

Suas palavras me irritam. Viro-me para ele.

— Como você falou, estou quase, isso não passa de um biquíni rendado.

Ele se aproxima ainda mais.

— O que está acontecendo com você, esposa?

Encaro o homem à minha frente. Ele está brincando comigo?

— Quero saber o motivo de dizer a todos que ficaremos aqui por dez dias, sendo que será muito menos.

— Isso é para evitar...

Levanto a mão o cortando.

— Não me subestime, Raffaele. Eu sei que algo grande está para acontecer, por isso as informações erradas serão vazadas —

agora é a minha vez de me aproximar. Chego tão perto que meu corpo encosta no dele. — Por favor, me diga alguma coisa do que está acontecendo.

— Você já sabe demais, esposa.

Eu preciso que ele me diga alguma coisa, então decido seduzi-lo. Fico nas pontas dos pés e beijo os seus lábios de leve.

Vejo que ele está surpreso e aproveito a oportunidade de deixá-lo ainda mais atordoado. Emolduro seu rosto em minhas mãos, seguro

o seu lábio inferior entre meus dentes e o mordo de leve. Passo a língua pelos seus lábios, que se abrem para a minha intrusão. Me perco no beijo por um momento e quase esqueço do meu objetivo.

O beijo desse homem é delicioso, ele sabe o que fazer com seus lábios e língua.

Mordo o seu queixo e o beijo logo em seguida, desço pelo seu pescoço e me coloco de joelhos a sua frente. Passo a mão pelo seu membro, que está duro sob a calça jeans, sem tirar os meus olhos dos dele. Abro a calça e tenho a grata surpresa de ele estar sem cueca. Liberto o seu pau e o toco suavemente. É puro erotismo vê-lo imponente sobre mim, podendo perder a compostura a qualquer momento por minha causa. Beijo a cabeça de seu pau e a acaricio com a língua. Meu marido geme.

— Por que alguém tem que me acompanhar em todos os lugares? — pergunto antes chupar suas bolas e continuo a masturbá-lo.

Ele geme e segura a minha cabeça.

— Porque você chama o perigo. Chupa o meu pau... vai...

Faço o que ele pede, mas paro logo em seguida.

— O que acontecerá nos próximos dias?

Minha pergunta parece tê-lo despertado e seu olhar, que estava meio fechado por causa do desejo, agora está frio. Ele segura a minha cabeça e fode a minha boca, fazendo o seu pau tocar o fundo da minha garganta.

— Minha esposa é uma belíssima manipuladora, não é? —

ele se retira da minha boca e me levanta. Raffaele me beija cruamente a ponto de deixar meus lábios inchados. — Você é corajosa, Sayuri. Usar o sexo para conseguir informações.

Ele me segura firmemente pela nuca e eu sorrio.

— Aprendendo com o melhor.

Meu marido beija-me novamente.

— Você é perigosa.

Afasto-me dele.

— Você não viu *nada*.

Saio deixando-o com o pau duro de fora. Recolho as minhas roupas e sapatos, caminho até a casa sem olhar para trás. Por mais

que eu me sinta ousada, também me sinto frustrada. Como falei, o desconhecido me apavora e saber que algo está prestes a acontecer, mas não saber o quê, deixa-me temerosa. Não sei se o meu marido realmente me considera

sua esposa ou somente sua posse. Posse essa que ele pode se desfazer a qualquer momento que quiser.

Capítulo 27

Raffaele

Observo a minha esposa caminhar pela praia, apenas com o seu pequeno biquíni, seus cabelos bagunçados pelo vento, pensativa. Ela para, observa o mar e volta a caminhar em seguida.

Eu daria a minha fortuna pelos seus pensamentos e pela sua ousadia, que ela vem guardando para mim nesses dois dias em que estamos aqui. Sei que Sayuri quer saber sobre Katsuo, até porque sua vida está em perigo enquanto aquele bastardo ainda está vivo.

Só que quanto menos ela souber, melhor será.

O meu instinto grita que ela é inocente, que não fará *nenhum* mal a *ninguém* da nossa família. Só que a minha racionalidade precisa de mais tempo para lidar com isso. Sayuri não está trabalhando com o japonês, mas o que ela faria para assegurar a sua vida e liberdade? Desde que Sayuri voltou à minha vida, não fez *nada* que me deixasse desconfiado. O que me deixa com um pé atrás é o fato de ela nunca ter contado a sua história, no passado.

Tudo bem, eu também não contaria a minha, mas ela tinha a mim para protegê-la, tinha o sobrenome da minha família para ajudá-la. Ela já explicou diversas vezes que não queria envolver *ninguém* na triste história de sua vida. Disse que ser fechada e manter os seus problemas dentro de casa é uma das características das famílias japonesas. Ao contrário das italianas, que fazem questão de deixar bem claro a sua insatisfação para todos. Ela queria apenas viver e Ren era a

sua única família, pensava que em algum momento seu irmão mudaria de ideia. Quão ingênua Sayuri realmente é?

Juntei todas as informações que conseguimos sobre sua vida e mais o que ela contou, pude traçar um panorama triste e limitado, não entendendo como alguém poderia se contentar com aquele inferno. Minha esposa repetiu algumas vezes que o homem é o chefe da casa, mas que os homens de sua casa não eram bons.

Então, ela tinha que fazer o melhor com o que tinha e foi assim que sobreviveu até aqui.

Sayuri sabe muito pouco sobre Katsuo, sabe o que todos sabemos; ele é um lunático instável e está caçando a mulher que acredita ser sua. O que Sayuri não sabe é que ele matou o pai apenas para provar um ponto a todos na Yakuza. Um filho não pode desafiar o seu pai sem motivos, Katsuo não só fez isso, como também humilhou seu progenitor e o matou com um tiro pelas costas. Isso não é normal naquela organização, filhos até podem se levantar contra seus pais, mas somente quando o senhor da casa está agindo fora da lei da “irmandade”. Não foi o caso de Katsuo.

Sayuri ficará melhor sem saber dessas coisas, prefiro que ela esteja segura dentro de nosso condomínio fortemente vigiado enquanto viajo ao Japão, nos próximos dias. Ainda estamos fazendo a identificação do maldito rato entre nós, temos uma identidade, mas precisamos saber mais, cortá-lo agora poderá ser um erro, pois os japoneses saberão que há alguma coisa de errado.

Como já tenho os primeiros relatórios das organizações aliadas que suspenderam a operação com a Yakuza. Os japoneses não estão felizes e ficarão ainda mais irritados

quando souberem o motivo de tal boicote. Vou me encontrar com o ancião que foi veemente contra a nomeação de Katsuo, mostrar-lhe o que está acontecendo e perguntar se eles pagarão o preço pelo seu *oyabun*, que está fazendo merda atrás de merda. E enquanto eu estiver na Ásia, as bolhas de recrutamento de Katsuo aqui em Nova York serão destruídas de dentro para fora. Nossos soldados infiltrados já começaram a espalhar o rumor de que Katsuo é instável e está aqui para levar a uma guerra em que todos morrerão.

Aniella manterá um olho em minha esposa, que tem imã para problemas. É impressionante. Quero me assegurar de sua segurança caso o maluco resolver ir para o *tudo ou nada* e a ferindo no processo. Eu vou matá-lo de qualquer maneira, só preciso saber se teremos que exterminar parte da Yakuza ou se eles destituirão o lunático da posição de chefe.

— Senhor.

— Sim — continuo olhando para a minha esposa enquanto Denis fala.

— Conseguimos descobrir quem é o traidor. A senhora Aniella invadiu todas as câmeras da vizinhança, do local da festa, e acabamos por descobrir a identidade do rato.

— E quem é?

— Enzo Bernardi, sobrinho de Giácomo Bernardi. Os pais do garoto foram mortos na Itália e o tio o trouxe para cá. O rapaz tem vinte e um anos e uma ficha na polícia de dar inveja a qualquer um.

— É aquele jovem por quem Giácomo veio para interceder?

— Sim, senhor. O próprio.

Giácomo é próximo e leal à nossa família, duvido que ele saiba que seu sobrinho inconsequente está por aí, trabalhando com quem não deve.

— O que ele faz em nossa organização? — pergunto.

— Treina durante o dia e faz algumas corridas nas ruas a noite. Nada sério.

Neste momento, minha esposa vem caminhando em nossa direção. Eu quero arrancar aquele biquíni e fodê-la até que não tenha mais voz e fôlego para gritar.

— Prepare nossa volta para amanhã à tarde. A noite daremos uma passada na casa de Bernardi para falar com o chefe da família. Pretendo embarcar ao Japão depois de amanhã.

— Sim, senhor. Com licença.

Sayuri se aproxima e eu não consigo desviar os meus olhos dela. Não tivemos a lua de mel que eu queria, pois, por mim, ela não sairia da cama para *nada*. Só que a minha esposa não é tão simples assim. Sem informações, sem sexo. No início achei cômico até perceber que ela estava falando sério. A mulher é sarcástica e firme quando quer, algo que nem ela sabia que é capaz. Admirei sua força e detestei ao mesmo tempo, pois meu corpo deseja o dela a todo momento. Como agora, por exemplo.

— Me vigiando para saber se estou me encontrando com alguém? — ela pergunta amargamente.

— Apenas admirando a minha esposa.

Ela me observa, tentando ver se estou sendo irônico, mas a essa altura do campeonato, Sayuri já deveria saber que eu gosto muito de olhá-la, gosto ainda mais quando está sob mim, gemendo,

pedindo mais ou quando está exausta e ofegante em meus braços.

Minha esposa passa por mim e eu a sigo para dentro de casa.

Olhando-a apenas de biquíni, seu corpo todo exposto, sua bunda perfeita para todos verem, deixa-me extremamente incomodado.

— Onde você está indo? — ela me pergunta, vendo que estou logo atrás dela.

— Estou indo ao nosso quarto.

— Não espere *nada* de mim, Raffaele. Não vai rolar.

Entramos no quarto e fecho a porta, ela caminha diretamente até o banheiro, deixando a porta aberta. Tem sido assim nos últimos dias, ela me provocando de todas as formas possíveis e não me deixando tocá-la. Sayuri tira as duas peças e as deixam de lado, entra sob o chuveiro e começa a se lavar. Escoro-me na pia e fico admirando-a, desejando-a. Ela fez de seu banho um *show* para mim.

Quando ela termina de lavar o cabelo, abro o box e a pego no colo, carregando-a até a cama. Minha esposa tenta sair, mas subo sobre ela, seguro seus braços acima da cabeça com uma mão e o seu rosto com a outra.

— Você está me provocando há dois dias — traço seus lábios com a minha língua. — Dois malditos dias.

— Você vem me mantendo afastada há meses — ela me desafia.

Deito ao lado dela ainda segurando os seus braços e passo a mão livre pelos seus seios, sua barriga e sua boceta, que está úmida como eu esperava.

— O que você quer saber, Sayuri? Pergunte-me e responderei como puder.

Levanto os meus olhos até encontrar os dela, mas mantenho a minha mão entre suas pernas.

— Q-qual é o plano final?

Beijo o seu pescoço e desço a boca para um de seus mamilos, chupando-o.

— Katsuo se colocou em um pedestal e se considera intocável, nós quebraremos o pedestal.

Vou ao outro mamilo, mordo e passo a língua. Sem perceber, ela abre um pouco as pernas e aproveito o momento para inserir um dedo em sua boceta, agora molhada.

— P-por que alguém t-tem que me acompanhar? — ela já está ofegante.

— Porque não posso permitir que cheguem perto de você, esposa — beijo a sua boca de leve.

Solto Sayuri tempo o suficiente para tirar o *short* e a camisa.

Deito sobre ela, que abre as pernas para me receber. Esfrego o meu pau em sua boceta molhada e alinho em sua

entrada. Ela me encara com olhos nublados de luxúria, pele corada e respiração ofegante.

— Não é p-por que você não acredita em mim?

Sua voz não passa de um sussurro vulnerável e é neste momento que meus instintos protetores, que só despertam em relação à minha família, vem à tona.

— Já falamos demais, *preziosa*. Abra-se para mim. foram longos dois dias.

Penetro-a e a beijo engolindo os seus gemidos. Seus braços me enlaçam e puxam-me para si. Levanto uma de suas pernas para me afundar ainda mais nela. Cada vez que a tenho em meus braços, o desejo de que isso seja para sempre aumenta. Faço o meu melhor para bloquear esses sentimentos, só que às vezes é incontrolável. Já não somos tão jovens, não temos a imaturidade da idade a nosso favor. Só há o agora, onde eu sou um chefe e ela era prometida de outro, que declarou guerra contra a minha família.

Não sei se haverá ganhadores. Talvez, no final, só reste os sobreviventes.

Capítulo 28

Raffaele

De volta à cidade, tomo todos os cuidados para que ninguém me veja. A mídia ainda diz que estamos no litoral e que até fomos vistos hoje à tarde, quando a verdade é que já estamos em casa.

Mas essa era a ideia, fazer com que os outros pensem que ainda estamos fora. Tenho muita coisa para resolver aqui

antes de partir ao Japão, temos que capturar o maldito rato, Bernardi.

Hoje jantei com a minha esposa, que tem feito perguntas sem parar e eu tenho feito o melhor para não mentir, mas também não pretendo dizer tudo a ela. Não há necessidade de deixá-la ainda mais nervosa. Sayuri e eu entramos em uma espécie de trégua, que é o melhor para o momento, até ela reconhece isso. Troco de roupa e a beijo antes de sair.

Há toda uma logística desenvolvida para que trafeguemos pelas ruas sem sermos vistos. Saímos em um carro, mas no meio do caminho, paramos no estacionamento de um *shopping*, nos dividimos em carros diferentes e partimos em direções aleatórias.

Denis e mais um homem estão comigo em um sedã comum, blindado e com vidros escuros. Atravessamos a cidade até chegarmos no subúrbio, onde Giácomo mora. Quando chegamos em frente à sua casa, o homem sai e bate na porta anunciando a minha chegada.

Como falei antes, ninguém pode saber que estou na cidade, então qualquer saída vira uma operação especial. Assim que o segurança confirma que podemos entrar, saio do carro seguido por Denis e somos recebidos por Giácomo e sua esposa, um casal em seus sessenta anos. O homem nos conduz até a sala e me oferece a poltrona principal para que eu me sente. É um gesto de respeito, dizendo que sabe e aceita-me como seu Chefe.

— Pensávamos que ainda estivesse viajando — o homem mais velho fala enquanto se senta no sofá ao lado de sua esposa.

— Continuo viajando — eles assentem, entendendo que é uma informação que não deverá ser passado para frente. — Como

está a família, Giácomo?

— Todos bem, Chefe. Os meninos estão se saindo bem na Worldwide e minha filha está grávida de cinco meses, ela terá uma menina — ele fala, orgulhoso. — E há Enzo, tenho que lhe agradecer pela oportunidade que deste a ele — ele aperta a mão da esposa e ambos sorriem. — Ele esteve aqui esses dias para nos contar que o senhor o colocou na equipe especial e que moraria em outro lugar, para ficar junto aos companheiros.

Esses garotos de hoje são idiotas demais para brincarem com os Saints.

Abro o meu melhor sorriso e viro minha atenção à mulher.

— Lembro que, quando seus filhos treinavam comigo, a senhora sempre levava uns biscoitos deliciosos.

— *Ah* sim, eu os tenho fresquinho. O senhor gostaria de um café também?

— Seria ótimo — assim que a mulher sai da sala, dirijo toda a minha atenção ao marido dela. — O seu sobrinho não está na equipe especial e não demos a ele *nenhum* lugar para compartilhar com os companheiros.

Giácomo empalidece.

— Nã-não entendo. Ele esteve aqui, feliz...

— Giácomo, sua família é leal a minha há muito tempo. Seu pai sempre foi um bom amigo e parceiro do meu avô, então

você assumiu a família e se manteve leal. Por isso não pensei duas vezes em integrar seu sobrinho na minha organização. Agora, olhe só, seu sobrinho se juntou com o inimigo que atentou contra a vida da minha família diversas vezes e, por fim, levou o maldito bastardo em meu casamento para atacar a minha esposa.

Ele coloca a mão na cabeça e a balança.

— Eu não sei o que dizer, Chefe. E-eu... eu falei para Tereza que alguma coisa não estava certa. Meus meninos não disseram *nada* sobre essa súbita promoção e...

— Onde ele está, Giácomo?

Ele olha para mim.

— Pela vida da minha família, senhor, eu não faço ideia. Mas irei descobrir e matar aquele *figlio di puttana*. Ele quer desgraçar

toda a família?

Olho para Denis, que observa o homem atentamente. Por mais que digam serem leais, e acredito que até são, não podemos nos dar ao luxo de confiar. Nesse mundo, qualquer um pode mudar de lado a qualquer momento.

A senhora escolhe este momento para voltar à sala com a bandeja, café e biscoitos. Recosto-me na poltrona e degusto o biscoito enquanto o homem relata a sua esposa o que eu disse. A mulher se desespera e começa a chorar, acreditando que o sobrinho tenha colocado em risco a família. Não é para menos.

— Meu problema não é com vocês, Tereza. Meu problema é com o seu sobrinho, que vou matar e destrinchar. Eu só

quero saber se vocês querem o corpo, para ser enterrado.

Giácomo levanta furioso, xingando o jovem em italiano.

— Não, senhor. Traidores não merecem um enterro digno, pode jogar em qualquer buraco.

— Mas ele é nosso sangue, Giá...

Ele a corta.

— Deixou de ser assim que se aliou a outro para destruir a nossa família. Se precisar de mim e meus meninos, estaremos prontos para lutarmos junto com o senhor.

Levanto e fecho o botão do meu terno.

— Está tudo sob controle. Só cuide de sua família, Bernardi.

Saio da casa e entro rapidamente no carro, que me leva de volta até o condomínio. Aniella e Haniel estão em contato comigo, assim como seus tenentes estão em contato; ninguém sabe o paradeiro do rapaz, também não sabem o de Katsuo. Eles não estão em *nenhuma* das casas que seus soldados se reúnem e nem nos hotéis. De qualquer maneira, o cerco está se fechando, uma hora ou outra, ele terá que fazer alguma besteira e estaremos prontos para pegá-lo.

— Adiantou nossa partida para esta noite? — pergunto a Denis.

— Sim, Chefe. O senhor Haniel também está pronto para partir.

Era para essa viagem acontecer amanhã, mas quanto antes for, mais cedo voltarei. Não quero deixar Sayuri muito

tempo sozinha, ela estará protegida, mas ainda assim não quero correr riscos. Depois de quarenta minutos, o carro estaciona em frente à minha casa. Entro e encontro a minha esposa concentrada em seu computador, trabalhando. Sento-me e a observo. Não vou mentir, não gosto muito da ideia de ela trabalhar para a minha prima, tudo o que envolve Aniella acaba em sangue.

Lorella entra na sala trazendo uma bandeja com um sanduíche e suco, coloca a bandeja sobre a mesinha de centro.

— A senhora está há horas sem comer.

Só então Sayuri levanta o rosto da tela do computador. Ela sorri para a nossa governanta.

— Obrigada, Lorella. Não tinha visto o tempo passar.

— O senhor gostaria de alguma coisa para comer? — Lorella pergunta.

Sayuri olha para mim com a expressão que ela vem trazendo desde que saímos da cama, nos Hamptons. Ela me acusa de usar o sexo para não responder as suas perguntas, desde então me olha com raiva e só fala se for extremamente necessário.

— Estou bem, só preciso que você arrume uma pequena mala para uma viagem de negócios de quatro ou cinco dias.

— Sim, senhor.

Ela se retira e minha esposa me olha.

— Boa viagem!

Ela se levanta e tenta passar por mim, mas eu a seguro.

— Vou ganhar um beijo de despedida?

— Não.

Pego o seu pulso, o viro e beijo onde sinto a sua pulsação.

— Um de “vou sentir sua falta”?

— Não.

Sayuri tenta se afastar, mas a seguro e passo o nariz pelo seu pescoço perfumado. Adoro o cheiro dessa mulher, é suave e floral.

— Vai me esperar nua?

Ela me bate no braço.

— Vai me falar para onde vai?

— Não — digo.

Ela dá de ombros.

— Então não, eu não vou esperá-lo nua. Boa viagem, marido.

Sayuri sai me deixando para trás. Não demora muito e a campainha toca, uma das empregadas atende e Haniel entra.

— Pronto para partir?

Lorella aparece com a minha bagagem, vou ao escritório pegar alguns papéis e volto à sala, ainda sem ver sinais da minha esposa. Olho em direção das escadas onde minha

esposa saiu e desejo que ela fique segura. Afinal, Sayuri é da família, minha família.

Capítulo 29

Sayuri

— CHUTA, SAYURI! LUTE COMO UMA MULHER!

— Eu sou uma mulher - resmungo.

Aniella apareceu aqui essa manhã dizendo que precisamos treinar, que mulher Saints tem que saber pelo menos dar uma facada bem dada. Como estava ansiosa com a viagem desconhecida de Raffaele e trabalhando muitas horas em frente à tela de um computador, aceitei e me submeti a tortura que é ser treinada por essa mulher. Não é à toa que as mulheres do exército Saints são consideradas as melhores nesse meio, mesmo entre os homens.

A batida da música Titanium, do David Guetta e Sai, ecoa alto, aumentando a minha adrenalina e minha vontade de fugir dessa mulher horripilantemente assustadora quando está em modo treino. Enquanto há uma das meninas na minha frente esperando o golpe, Aniella está andando de um lado para outro abraçada com um grande pacote de salgadinho.

(...) Você me derruba, mas eu me levanto. Sou à prova de balas, não tenho nada a perder. Atire, atire. Ricocheteia e você acerta o alvo. Atire, atire. Você quer me derrubar, mas não vou cair, sou de titânio (...)

— Adhra, vá para cima dessa japa! Vamos, Sayuri, se defenda, mulher!

Não aguento mais. Soco, soco, desvio, facada, facada, desvio, levo um chute e por fim caio de exaustão. Para mim, chega!

Estatelada no chão, mantenho meus olhos fechados, deixando a música entrar em mim ao invés da voz de Aniella. Sinto uma presença próxima e abro os olhos para encontrá-la sobre mim, comendo salgadinho sem parar e balançando a cabeça.

— Você me quebrou, vadia. Agora me conserta - falo para a mulher acima de mim, que apenas ri.

— Você é corajosa, Say. Te darei crédito por isso. Chega de treino por hoje.

Ela sai e Adhra me ajuda a levantar. Caminho de volta até a minha casa, pedindo misericórdia aos céus porque tudo em mim dói.

Hoje, quando acordei, vi mensagens de Mairheen me convidando para ir às compras e ao final me desejou boa sorte, a infeliz sabia que Aniella iria me pegar. Sei que a loira quer nos ver segura e ninguém melhor para nos proteger do que nós mesmas.

Ao chegar em casa, vou direto ao banho. Depois me sento no sofá e pego o computador para ver o relatório sobre as aparições de Katsuo. A última vez que relataram a presença dele, foi na noite do meu casamento. Ao que parece, ele passou a noite em um clube noturno com amigos. Que amigos? Fiz buscas, mas não cheguei a lugar *nenhum* e não tenho o mesmo *feeling* que Raffaele, Haniel e Aniella tem. Mas percebi um aumento de reclamações vindas do Japão por não conseguirem comprar ou vender para um público específico: russos, irlandeses e mexicanos. O fato é muito interessante para não chamar a atenção.

Lorella traz um lanche para mim e me alimento. Como tenho acesso as agendas dos Chefes Saints, vasculho para ver se obtenho informações sobre o paradeiro de Raffaele e Haniel. Fiquei no escuro tempo demais, durante a minha vida, agora que tenho certo controle, quero me manter informada. Aposto que essa viagem tem a ver com Katsuo, mas o que seria? Será que eles têm alguma coisa a ver com

essas vendas que não estão acontecendo? Será que estão boicotando para mostrar a Yakuza que eles detêm o poder.

Vi nos sites e nas redes sociais algumas fotos da casa nos Hamptons, vi até imagem de um casal que de longe parece conosco. Raffaele preparou todo o teatro e o mundo está assistindo como um espectador ansioso. A segurança do condomínio foi reforçada e a nossa casa é a mais vigiada. Onde estou tem homens e mulheres por perto. Está para acontecer algo grande, os Saints não são muito discretos e todos sabem que eles estão atrás de alguém. Então, o final da história pode se tornar um circo.

Minha barriga reclama, acho que a comida não caiu muito bem. Cada vez que fico pensando nesse assunto, fico nervosa e isso tem cobrado o seu preço. Depois que vim para perto dessa

família, minha comida, que era leve e com pouca carne, mudou completamente. A cada dia, Lorella me presenteia com um tipo de comida diferente, muitas massas, carnes e aperitivos deliciosos.

Ganhei peso, mesmo que eu dance sempre e ainda treine de vez em quando com Aniella, a comida acaba pesando e meu organismo pedindo um tempo.

Exausta e com mal-estar, me deito e não demoro a pegar no sono. Não é o melhor sono, é agitado, cheio de sonhos estranhos com gritos, escuridão e sangue. Sonhei com o dia em que minha mãe morreu e o dia em que corri para salvar Mairheen. Uma espiral de confusão e medo que transformaram o meu sono de descanso em um mau presságio. Assim que acordo, olho para a tela do celular e vejo que já é tarde, apenas dez minutos antes do horário combinado com Mae para sairmos.

Levanto-me ainda com mal-estar, mas lavo o meu rosto, vou ao *closet* e pego uma roupa confortável, uma calça jeans, camiseta e um terninho para cobrir o meu conforto, é o máximo de elegância com que poderei lidar hoje. Também pego um chapéu e óculos escuros para cobrir as minhas olheiras, que estão se destacando em meu rosto. Quando começo a descer as escadas, a porta se abre e Mae desfila para dentro com Eli em seu colo.

— Essa criança está cada dia mais pesada - ela fala e o coloca no sofá.

— Mas ele é quase do seu tamanho, Mae. Por que você não o coloca no carrinho? - pergunto.

— Porque sou uma daquelas mães malucas que querem estar todo tempo com o filho - ela passa a mão na barriga.

— Daqui a pouco serão dois...

— Já sabe o sexo?

Ela balança a cabeça.

— Farei a ultrassonografia quando Haniel voltar. Tem notícias de Raffaele? - ela pergunta.

— Não. Raffaele não é o marido mais aberto que existe. Você tem isso de Haniel.

— Se eu disser que sei exatamente o que estão fazendo, estarei mentindo. Sei que viajaram a negócios e que estão na

Europa para tratarem de contratos.

Se fosse isso, as agendas de ambos estariam preenchidas, mas o fato de estarem em branco significa que não estão

onde dizem estar. É claro que estão fazendo algo que ninguém deve saber.

Adhira entra e anuncia que o carro está pronto e podemos partir. Pego a minha bolsa, enquanto Mairheen pega Eli, e saímos para comprar roupas que não precisamos.

Convidamos Aniella, mas ela tem que estar na Worldwide na ausência de seus primos. No caminho, conto à Mae sobre a insistência de Aniella em treinar-me, que ela é assustadora quando está no modo treino. Mae me fala que Aniella faz o mesmo com ela e que já chegou a chorar com as exigências de Ani. Começamos a rir e apostar quem de nós trancará Aniella em um quarto primeiro.

Estou tentando entender como esse tanto de segurança não chamará a atenção. Saímos de casa em três carros e dois deles estão

cheios

de

seguranças.

Mas,

ao

chegarmos

à

Bloomingdale's[\[22\]](#), não avistamos carros, somente os seguranças espalhados em pontos estratégicos, apenas três entraram conosco.

Não fico totalmente desconfortável, ainda mais depois do que aconteceu daquela vez, mas admito ficar sem jeito. Encaro esse cuidado mais por causa de Elijah, que é um dos próximos herdeiros Saints.

Resolvemos começar pela seção infantil, Mairheen gosta de comprar roupas divertidas para Eli aqui. Haniel deve querer morrer quando vê seu filho fantasiado de Minion ou com peças muito coloridas. Gosto muito de ver essas roupinhas pequeninas, os vestidos de adultos em miniaturas. Imagino uma menina de olhos puxados como os meus, mas da cor dos olhos de Raffaele ou um menino com os mesmos traços correndo pela casa. Meu coração se quebra um pouquinho e devolvo a roupa no lugar.

Raffaele me dispensará antes de gerar o seu herdeiro, disso tenho absoluta certeza. Sei que dizem que é para sempre e que provavelmente será, mas isso não significa que a criança será gerada de modo tradicional ou que não viveremos em casas

separadas. Enfim, o futuro do meu casamento é incerto. O desejo não é o suficiente para manter uma relação matrimonial. Tempos atrás eu poderia aceitar e ficar em uma relação unilateral, onde eu amaria por nós dois. Hoje, não. Hoje eu quero mais, sei que mereço mais. Não quero *nada* menos do que Aniella e Mairheen tem, mesmo que eu pague um alto preço, que é nunca ter isso, não aceito *nada* menos.

Depois de Mae pegar mais roupas coloridas e toucas de personagens animados para o seu filho, caminhamos pela seção feminina. Olho um casaco belíssimo e caro, mas não tenho problemas em gastar dinheiro que meu marido me dá. Eu mereço alguma compensação. Mae me dá um macacão magenta, que me apaixono logo de cara. Sem

perda de tempo vou ao provador enquanto a minha amiga senta-se no banco que fica em frente a cabine em que estou. Tiro a minha roupa e coloco o macacão, me olho no espelho e arrumo o decote e o cinto que marcam o corpo.

Saio do provador.

— Mae, não acha...

Minhas palavras morrem ao ver uma mulher apontar a arma para Elijah, que está no colo de Mairheen. Enquanto a criança brinca, as duas mulheres estão com os vermelhos e lacrimejando. A mulher que aponta a arma está claramente abalada, assim como Mae.

— P-por favor, não me faça atirar neles. Por favor.

Capítulo 30

Sayuri

Olho ao redor e vejo os nossos seguranças longe, para nos dar privacidade, como há uma parede de roupa atrás de onde elas estão, não é possível ver o que se passa.

— Então não atire - falo, tentando parecer calma.

— E-eles estão com a minha mãe e meu filho. Ele tem apenas um ano, eles são a única coisa que tenho nessa v-vida.

— Eles quem? - pergunto.

Olho para Mairheen, que está tentando bravamente controlar o choro. Sua palidez e olhos arregalados denunciam o seu pavor.

Não é para menos, estão apontando uma arma para o seu filho de dois anos.

A mulher olha para os lados.

— Enzo disse que eu deveria vir até você e levá-la para ele.

Eu disse que não, por que faria isso? Então entrou em minha casa...

aquele cara bateu em mim, disse que eu deveria fazer senão matariam a minha mãe e meu filho.

— Seja clara comigo e baixe a arma, por favor. Nós não faremos *nada* contra você.

Ela balança a cabeça.

— Não p-posso correr o risco de perder o meu filho - ela sorri tristemente entre lágrimas. — Ele é lindo.

— Você sabe quem somos? - a questiono.

— Sei que são Saints e sei que sua família me matará depois disso, mas, por favor, não matem minha mãe e meu filho. Por favor, eu imploro.

— Nós podemos ajudar se você nos contar quem são essas pessoas - insisto.

— E-eu não conheço o japonês, apenas Enzo. Enzo ia no meu trabalho e me levava flores, me levava para jantar e falava coisas tão bonitas. Até que uns meses atrás ele mudou, ficou mais sério, mais grosso. A-achei que ele estava com muito trabalho e deixei passar. Há uma semana ele apareceu em casa, invadiu e

começou a falar coisas estranhas, me proibiu de sair e permitiu gente desconhecida entrar...

Ela fecha os olhos e respira, a arma em sua mão treme, Mae e eu sabemos que isso não é um bom sinal. Ela está desesperada.

— C-continue, por favor - Mairheen pede com voz suave e trêmula.

— Há alguns dias, esse japonês veio e ficou em minha casa.

Ele quer ser servido como um rei e quando não é... - ela engole em seco. — E-ele bate em minha mãe e em mim, ameaça a vida de meu filho... - seu olhar é derrotado. — Não me façam atirar, por favor. Eu tenho que salvar a minha família daqueles monstros.

E eu tenho que salvar a minha.

— O que eles querem que você... como é seu nome? - peço.

— F-francie...

Não sei se é real ou não, mas tenho que pensar rápido e agir direito antes que os seguranças percebam e tudo vá por água abaixo. Nervosismo toma conta, suor escorre pelas minhas costas e aquele maldito mal-estar está de volta com força total.

— Francie, o que eles pediram que você faça?

— Eles querem você. Disseram que se eu a levasse, eles nos deixariam em paz.

— Nada garante que eles cumprirão o que falaram - Mae fala baixo.

Mais lágrimas caem dos olhos da mulher.

— Mas eu tenho que tentar.

Eu também.

— Você está em contato com esse tal Enzo e o japonês? -
ela assente e mostra o celular. — Ligue e passe para mim.
Tudo bem?

Ela faz como pedido e fala rapidamente, ouço o nome do tal
Enzo, quem eu acredito que tenha atendido, o telefone.
Francie passa para mim.

— Alô.

— Como vai, futura viúva Saints? - não reconheço essa voz,
que está coberta de deboche.

— Quero falar com Katsuo, por f-favor - *coragem, Sayuri.*

Coragem.

— Mais respeito com o chefe Shinoda.

Ouçó vozes ao fundo e meu coração aperta ao ouvir o grito
de uma criança. Não posso começar a pensar no que esta
mulher está sentindo. O desespero faz com que tentemos
de tudo, mesmo que isso signifique a nossa própria morte.

— Que surpresa, Sayuri- [san\[23\]](#). Em que posso ajudá-la?

— O que você quer? O que você quer para deixar todos
irem?

Ele fica em silêncio por um momento e minha aflição
aumenta a cada segundo.

— Eu quero você.

— Você me terá, se não fizer *nada* contra a família dela e com quem está comigo - lanço a minha proposta.

— Você não está na posição de negociar - ele fala.

— Não? Tem certeza? - não é hora de bancar a esperta, Sayuri. Mas tenho que tentar tudo o que puder. — Qualquer coisa que aconteça por perto dos Saints, levará diretamente a você.

Então, lhe proponho o seguinte: eu vou com Francie por minha livre e espontânea vontade. Não resistirei e não farei *nada* para denunciar seu envolvimento. Podemos partir ao Japão e você me terá para sempre, da maneira que quiser.

— Não sei. Há também a mulher que está com você e a criança.

Pense rápido! Pense rápido!

— Eu estou me oferecendo a você de livre e espontânea vontade, com uma pequena condição, libere Francie e família, a mulher que está comigo e seu filho. Não direi *nada* a ninguém, darei um jeito de sair daqui sem que ninguém me veja e irei até você.

Garanta a segurança deles e me terá.

Mais silêncio.

— Ok. Eu os libero, mas não quero armadilhas e nem surpresas, caso contrário matarei a família dessa Francie na sua frente, começando pela criança. Não será um tiro, farei questão de

torturar enquanto você assiste. Depois vou a caça dessa mulher que está com você.

Engulo em seco e meu estômago revira. Até onde vai a crueldade de alguém?

— Garanta para mim, prometa que fará isso se eu for até você - insisto.

— Dou a minha palavra, só que estou perdendo a paciência -

escuto um gemido feminino, sei que é a mãe da mulher à minha frente.

Rapidamente respondo:

— Tudo bem. Estou indo - sussurro. — Só não sei como sairemos daqui sem passar pela segurança - falo enquanto entrego o telefone de volta para Francie, que escuta atentamente e depois desliga.

— Há uma saída de funcionários, foi por onde entrei - com a arma ainda apontada, ela olha-me aflita. — E se ela gritar ou chamar a atenção dos seus seguranças? - ela fala de Mairheen.

Aponto à minha amiga.

— Posso ir até ela?

— Sim, só não faça movimentos bruscos, porque estou tremendo e...

Levanto a mão.

— Tudo bem. Tudo bem.

Francie se abaixa e se afasta para que ninguém a veja.

Aproximo-me de Mae.

— Olhe para mim, querida - ela faz.

Meu coração quebra com as suas lágrimas.

— E-eu não posso te salvar e você está fazendo isso novamente.

Tento lhe dar o meu melhor sorriso. Dessa vez não consigo controlar as minhas lágrimas.

— Eu gostaria de dizer que faria isso pelo resto da minha vida, mas eu não posso, estou indo embora. Mas diga que os amo, amo Aniella e toda a família Saints. Diga a eles que era o mínimo que eu faria por eles - beijo Eli. — Tia Sayuri te ama, meu amor... -

beijo a testa de Mae e acaricio sua barriga. — Seja feliz, minha querida. Seja muito, muito feliz.

— Não vá! Vamos gritar e...

— NÃO! - Francie fala mais alto do que deveria e ficamos tensas, diminuindo ainda mais o tempo que tenho.

— Mae, eu preciso que você faça dois grandes favores - ela assente. — Primeiro, quero que você fale aos Saints para garantirem a segurança de Francie e sua família...

— Mas ela quer nos matar! - Mairheen fala indignada.

Balanço a cabeça.

— Ela tinha ordem de atirar em você e não o fez, ela apenas fez o melhor com a situação que tinha - explico. — Pense na

criança que, assim como Elijah, não tem culpa de *nada*.

— Q-qual é o segundo favor? Pedir que não matem aquele japonês filho da puta?

Rio nervosamente.

— Não, não pedirei isso. Quero que você distraia os seguranças enquanto saio pelos fundos. Diga a família que não venham atrás de mim, eles estarão seguros se eu estiver longe.

Diga que amo a todos - ela assente. — Preciso tirar essa roupa para não termos problemas na saída.

Francie continua a apontar a arma para Mae.

— Troque rapidamente e de porta aberta.

Assim o faço. Quanto antes sair, antes resolveremos tudo isso e será o início do fim da minha vida. Deixo o pensamento de lado, reservando-o para me lamentar depois, para quando estiver em meu cativeiro. Quando termino, Francie me leva por um corredor vazio com várias portas. Esbarramos em duas vendedoras que não dão uma segunda olhada. Quando saímos para a rua, há um sedã escuro estacionado um pouco mais a frente e é para lá que nos dirigimos.

Entro, sento-me no banco traseiro do carro e Francie me segue. Ela fecha a porta e o garoto, que não deve ter muito mais do que vinte e um anos, grita para que mantenha a arma apontada para mim. eu poderia dizer que não faria *nada*, mas não adiantaria.

Ele joga um pano escuro para trás e fala para colocar em minha

cabeça. Fico em absoluto silêncio, orando para que Mairheen não arme um escândalo ou faça alguma besteira para me salvar.

Deus, cuide deles, não deixe que nada de mal aconteça aos Saints.

Não sei quanto tempo ficamos rodando em alta velocidade, mas parece horas. O motorista passou por todos os buracos e lombadas sem frear direito, então é solavanco atrás de solavanco.

Minha cabeça dói, meu corpo está dolorido e meu mal-estar piora.

Com esse pano na cabeça, deixa tudo abafado e eu tenho dificuldade para respirar. Francie tenta interceder por mim, para tirar o tecido da minha cabeça para que eu possa respirar, mas o garoto apenas amaldiçoa e diz que não.

Depois de algum tempo, o carro para, a porta é aberta e pelo grito de Francie, acho que ela foi tirada à força. Mantenho-me quieta e parada, qualquer movimento impensado pode resultar na catástrofe que tanto evitei. Logo sinto uma mão se fechar no meu braço e me puxar. Com dificuldade, por não enxergar *nada*, sou praticamente arrastada para fora do carro. Sou levada para algum lugar, tropeço no que penso ser um gramado irregular e nesse tempo a pessoa que me leva faz questão de me apertar e xingar.

Ouçõ uma porta ser aberta e subo dois degraus, logo estou em um lugar mais aquecido, ouçõ baterem à porta e logo o saco é arrancado da minha cabeça. E o primeiro rosto que vejo é aquele que tive medo quase toda a minha vida, Katsuo Shinoda. O meu captor, meu torturador e

provavelmente o meu assassino. Ele sorri quanto vê a derrota em meus olhos.

— O jatinho está quase pronto, Sayuri-san. Em breve estaremos em nossa terra natal, longe desses italianos imundos, desfrutando do nosso matrimônio.

— Eu já sou casada.

Katsuo levanta a sua mão e soca o meu rosto. Tento me afastar dele, com medo do que vejo em seus olhos mortos. Ele segura os meus braços com força e me chacoalha, fazendo a minha dor de cabeça piorar ainda mais.

— Logo será viúva. Por agora será a minha amante devota.

Enzo, prepare a nossa partida. Não vejo a hora de chegar em casa

e começar a vida assim como planejado, com a minha prometida.

Um calafrio percorre o meu corpo, deixando-me tonta. Esse é o começo do meu tormento e ele é o demônio que veio para afligir as dores de que tanto a minha mãe falava.

Capítulo 31

Raffaele

Depois de mais de treze horas de voo, desembarcamos em Tóquio. Ainda temos que viajar mais uma hora de carro até chegarmos ao vilarejo onde o nosso alvo está. O nosso pessoal da Itália já está aqui, fizeram um levantamento de algumas informações. Não sabemos o que nos espera, mas temos experiência em negociações, o que nos deixa em melhor lugar.

Assim que desembarcamos, ligo para Adhra, que é a chefe de segurança responsável por Sayuri. Ela diz que está tudo certo, que ela está treinando com Aniella. Minha prima tem esse senso de dever e faz com que todas as mulheres treinem, aprendam alguma coisa de defesa pessoal. Ela as inspira a serem fortes e lutarem por aquilo que querem. Só que pegar Aniella em modo treino é cruel... ela é cruel. A mulher já fez homens pedirem para sair porque não aguentaram os seus treinos.

— Onde o encontraremos o Koji Nishiguchi? — pergunto enquanto olho o caminho que percorremos.

— Sabemos que está em uma casa de chá. Hoje é aniversário de sua filha caçula e comemorarão em uma dessas casas — Hunny me mostra imagem do lugar. Uma casa de arquitetura típica japonesa. — Desde que nos contaram sobre o segundo ancião, fiquei receoso. Por que ele era contra e depois passou a ser a favor de Katsuo?

Isso também não caiu bem para mim. Assim que embarcamos, Levi nos passou informações importantes. Nishiguchi é um dos três anciões que deliberam no início de uma nova liderança da Yakuza. Os outros dois são Shigeo Inagawa e Isao Nomura, são inimigos, mas para o bem comum, se juntaram para manter a organização na linha. Ao que parece, o favorito a liderar a Yakuza era Seiji Nishiguchi, filho de Koji, e Inagawa era a favor porque ambos acreditavam que Seiji tinha a cabeça mais centrada e era um fervoroso tradicionalista da irmandade.

Katsuo sempre foi considerado instável para um líder, nem seu próprio pai o apoiava. Então, Katsuo matou seu pai logo depois de espalhar que ele estava cometendo erros demais. Antes que Seiji pudesse lutar pela liderança, Inagawa já considerava Katsuo o líder.

Houve alguma coisa nesse meio tempo, o problema é que ninguém sabe exatamente o quê. Mas a essa altura, a nova informação só me ajuda, porque não é somente um ancião que pode destituir Katsuo, e sim dois.

Depois de algum tempo na estrada, o motorista entra por uma trilha no meio da floresta. Se não tivéssemos olhos bem treinados, passaríamos sem ter percebido. Vamos até uma clareira que beira um rio. Lá encontramos os homens que vieram da Itália e da Rússia, alguns deles têm contatos dentro da Yakuza e por isso foram enviados para cá. Abrem a porta do carro para que Haniel e eu saíamos, assim que o fazemos, nos levam para ver onde está a casa de chá em que o ancião se encontra.

O lugar é muito bonito, a vegetação é diferente do que meu país. O lago e as pedras, o silêncio compõe um cenário belíssimo.

Tenho certeza de que Sayuri apreciaria vir para um lugar como esse, aqui no Japão, afinal é a sua terra natal. Cada vez que penso nela, meu peito aperta. Deixá-la para trás está sendo mais difícil do que imaginei. Mas tudo o que estou fazendo é justamente para garantir a sua segurança, não? Dela e da minha família. Cenas dela na festa de nosso casamento rindo e se divertindo invadem a minha cabeça, ela estava linda enquanto sorria e atendia o pedido de dança de cada um que chegou até ela.

Passo a mão pelo meu peito para ver se o aperto ameniza.

Vou até onde os homens estão com a planta da casa de chá, aberta para me mostrar como será a invasão. Pelo que eles já observaram, há três homens junto com o ancião e sua família. Explicaram-me que, aqui no Japão, os membros da

organização não costumam andar com tantos seguranças, como nós o fazemos em outros lugares do mundo.

Caminhamos alguns metros pela beira do lago e avistei uma parte da casa de chá entre algumas pedras e árvores, a varanda fica sobre as águas. Vamos entrar quando a família estiver na

segunda sessão da cerimônia que é composta por quatro sessões durando ao total de quatro horas. É o tempo que precisamos para falar com o homem e não espertar suspeita. Há alguém em frente e outro dentro para nos dar informações sobre o momento exato de entrarmos.

A espera foi eterna, foram longas duas horas e meia até nos darem o “ok” para irmos até a casa. Tenho que interceptá-lo quando estiver na segunda sessão, onde estará contemplando o jardim interno à espera da próxima sessão da cerimônia. Caminhamos entre as árvores e, como é final do dia, ainda temos alguma luz natural para nos conduzir. Ladeamos a casa e os meus homens apagam o motorista que trouxe a família e os outros três seguranças. Entro pela porta da frente acompanhado do meu primo e mais dois homens.

O homem, a quem reconheci logo que o vi, está sentado em um banco, juntamente com duas moças por volta dos vinte anos e uma senhora que deve ser sua esposa. Todos de frente para um belo jardim de inverno. Assim que nos vê, ele não se abala, como se já soubesse que estaríamos ali. Outro homem aparece e um dos homens que entrou comigo fala rapidamente que se trata do anfitrião da casa. O pequeno homem, visivelmente assustado, fica parado sem saber o que fazer.

Eu não falo japonês e espero por tudo o que é mais sagrado que o ancião fale inglês, mas de qualquer maneira, Haniel está aqui para me ajudar nisso. Não sei o porquê esse cara fez aulas de japonês e mandarim, mas fez e agora está sendo de grande utilidade. Ainda assim, trouxe alguém que fala e entende o idioma perfeitamente.

Nishiguchi pede ao anfitrião para que leve as mulheres enquanto vê no que poderia nos ajudar. Enquanto ele falava, Haniel traduzia para mim e ao mesmo tempo em que isso acontecia, percebi que o senhor é cheio de tatuagens, inclusive em seu rosto.

É comum em algumas organizações, ter sua história contada por tatuagens, mas essas que cobrem Koji são diferentes. Enfim, quando ficamos sozinhos, o ancião resolve nos agradecer em inglês.

— Por favor, tirem os sapatos, aqui é uma casa de chá tradicional. Já que não se deram ao trabalho de anunciar sua chegada, pelo menos respeitem nossas tradições — quando o fazemos, ele aponta para o outro banco à sua frente. — O que posso fazer por vocês, cavalheiros?

— Estamos aqui para falarmos de Katsuo Shinoda — falo e observo se haverá reação, mas não há *nenhuma*.

— E quem é você? — ele pergunta.

— Sou Raffaele Saints — ele sabe quem sou, todos sabem quem somos. Mas nosso sobrenome ainda causa surpresa quando nos apresentamos.

— O que quer, Saints?

— Katsuo está em meu país, atacando as organizações, não satisfeito, atentou contra a vida da minha família e da

minha esposa.

— Uma tomada de território nunca é pacífica — ele fala tranquilamente.

Assinto.

— Nunca é. Mas o problema é que seu líder não está nos Estados Unidos para tomar território, está para se vingar de mim e levar a minha esposa — coloco os cotovelos sobre os joelhos e cruzo as minhas mãos. — Veja bem, eu não precisava vir até você, poderíamos ter resolvido isso lá, em meu território. Mataria o maldito bastardo e acabaria com tudo isso. Eu seria beneficiado e você também.

Agora vejo alguma reação dele. Seus olhos estão em chamas.

— O que eu teria a ganhar com isso? E cuidado, você está ameaçando o atual *oyabun* da Yakuza.

Haniel e eu rimos.

— Seu filho seria o próximo líder se não fosse o ataque de Katsuo ao seu pai. Há também o risco que a sua organização corre, porque hoje há somente eu aqui, amanhã serão os russos, os irlandeses e quem sabe quantos mais.

— Afinal, o que querem?

— Queremos que destituam Katsuo de seu posto de chefe, para que depois eu o mate sem causar uma guerra entre nossas

organizações. Olha, Nishiguchi, eu não quero uma guerra, mas não corro de uma. Mas, acima de tudo, quero a

segurança da minha família, assim como você quer da sua — aponto à porta onde suas mulheres foram levadas. — Se Shinoda continuar a fazer merda, nós atacaremos. Vocês estão sem fornecimento de armas, drogas e dificuldade de travessia, posso fazer essa situação piorar ainda mais.

— Então foram vocês que nos barraram?

— Como meu primo falou, podemos fazer muito mais, só depende do que você disser agora — Haniel fala.

— Eu não tenho poder para destituir *ninguém*...

— Mas dois de vocês têm — eu o corto. — Tenho certeza de que Inagawa o apoiará.

— Não entendo o porquê vocês estão aqui correndo todos os riscos. Em breve os meus homens estarão aqui e se não tiverem um exército do lado de fora, não sairão vivos.

— Eu quero a garantia de que minha esposa dormirá bem e sem olhar por sobre os ombros para saber quando vão atacá-la.

Também não quero a minha família fechada, sem liberdade, porque um chefe inimigo não quer que eles vivam. Não falo só por mim, falo por muitos líderes ocidentais.

— Você quer autorização para matá-lo.

Sorrio.

— Não, não quero autorização, porque eu vou matá-lo. Estou aqui para dar a oportunidade de não desencarrilhar uma guerra.

Vocês estão em paz aqui e isso pode acabar a qualquer momento.

Se alguma coisa acontecer com um de nossos familiares, seremos obrigados a colher um dos seus. Uma vida por outra vida. Ou duas...

Ele pensa por algum tempo, olha ao redor e fixa o olhar nas plantas do jardim de inverno. Eu não esperava uma reunião tranquila, afinal, invadimos algo que é importante para as famílias tradicionais japonesas. Mas agradeço aos céus porque estou cansado e muito preocupado estando longe de casa, onde Katsuo pode ter acesso à Sayuri.

Haniel me fala que nosso tempo está esgotando, os homens que lá fora estão tensos e a equipe que ficou no meio da mata já

está pronta para partir. Ele estende uma pasta ao senhor à nossa frente.

— Aqui está um relatório de tudo o que seu líder fez desde que chegou aos Estados Unidos. Tem fotos e laudos de todo o estrago e vidas que ele tirou por causa de uma vingança idiota —

Haniel fala já irritado.

O olhar do homem cai em mim.

— Por que ele quereria a sua esposa?

— Porque ela é Sayuri Inogawa.

Ele acena, entendendo a situação.

— Ela era prometida dele, seus pais...

Eu o corto.

— Não sei de *nada* disso, apenas que ela é minha esposa. E

todo mundo sabe que não se deve entrar na casa de um inimigo e atacar a esposa dele. O preço é muito alto, toda a Yakuza está em risco por causa dos caprichos de um homem.

Ele se levanta.

— Verei o que posso fazer.

Também nos levantamos e neste momento sinto uma forte dor no peito, como se alguém tivesse me atingido. Recupero rapidamente e falo:

— Você tem doze horas para resolver isso, se eu não tiver notícias de que Katsuo foi tirado de seu posto, darei o sinal para instaurar o inferno aqui e na América.

Saímos do lugar rapidamente, já avistando algumas luzes ao longe, provavelmente os homens dele. Entramos pela mata e andamos rápido, assim que alcançamos a equipe que nos esperava, partimos para um lugar seguro, que foi preparado pelos italianos antes de chegarmos aqui. Como se estivéssemos em uma cena de fuga, o carro percorre as ruas em alta velocidade. Cruzamos a cidade em trinta e dois minutos, depois chegamos ao local seguro.

Os portões se abrem e somos guiados a uma casa pequena e bem iluminada. Chamaria a atenção se tudo ao redor não estivesse igual. Entramos e lá uma refeição nos espera, assim como homens com equipamentos de escuta e rastreamento. Cada um mergulhado em seu trabalho, parando apenas para nos

cumprimentar com o respeito devido. O telefone de Haniel toca e ele se afasta para atender. Pego o meu do bolso e ligo para Sayuri, que não atende, provavelmente deve estar no silencioso. Ela faz isso enquanto trabalha. Ligo para Adhra e cai na caixa postal.

Haniel entra na sala em que estou e sua expressão diz que as notícias não são boas. Aproximo-me dele para saber que merda aconteceu agora.

— O que houve?

— Levaram Sayuri.

Meu peito, antes apertado, agora passa a doer.

— Como é? Pergunto enquanto afrouxo a gravata e esfrego peito.

— Ela se entregou a Katsuo para proteger minha mulher e meu filho.

Derrubo tudo o que está sobre a mesa.

— Filho da puta desgraçado! — chuto cadeira e viro a mesa, tentando desfazer o nó de ódio que travou em minha garganta. —

Eu vou matar aquele bastardo do caralho. Se ele encostou...

— Irmão... — Haniel tenta falar, mas neste momento não quero ouvir, só quero correr para casa e resgatar a minha mulher.

— Aprontem o maldito avião, estamos voltando.

— Rafe, ele a está trazendo para o Japão — Hunny avisa.

Meu ódio é tão palpável que o sinto amargo em minha boca.

E assim ordeno:

— Preparem-se para matarmos o desgraçado *oyabun* da Yakuza.

Capítulo 32

Aniella

— Tem que ter alguma coisa aqui — falo enquanto vasculhamos a casa em que aquele maldito japonês esteve nos últimos dias.

Quando Adhra me ligou para dizer que Sayuri foi levada, meu mundo veio ao chão. Ela estava fortemente guardada, não havia como ser levada sem *ninguém* perceber. O que não esperávamos é que uma mulher comum fosse forçada a ameaçar a vida de Mae e Eli. Sayuri em sua eterna e maldita bondade fez Mairheen prometer que cuidaríamos da família da mulher, que apontou uma arma para elas e levou minha amiga.

Enquanto íamos até a loja, dei ordens aos infiltrados para que prendam aqueles que possam ter informações que nos ajude a achar Sayuri, também para que matem todos os outros. Quando chegamos na loja em que estavam, somos levados diretamente à sala de segurança para vermos as imagens das câmeras.

Demoramos a detectar a mulher que levou Sayuri, ela entrou juntamente com outras vendedoras pelo corredor interno só para funcionários. Pelas imagens, dá para perceber que ela não estava bem. O desespero faz com que ajamos sem pensar. Isso é fato.

O banco em que elas estavam sentadas é um ponto cego, só podíamos ver as cabeças e Sayuri de frente, sem aparentar *nada*.

Quem a via, não perceberia que naquele momento estava ocorrendo uma chantagem com alguém armado. Tentei rastrear o celular da minha amiga, mas a sua bolsa foi deixada dentro do provador. Neste momento, meu telefone toca e fica mudo, grito várias vezes alô, mas há apenas barulho de carro. Enviei o número para ser rastreado e logo me passaram a localização.

Sem saber o que íamos encontrar, cruzamos a cidade até chegarmos em uma pequena casa da periferia da cidade. O celular do qual recebi a ligação estava no lixo em frente à casa. Levi e seus homens se juntaram a nós, eles entraram na casa e encontraram a tal Francie, sua mãe e filho amarrados e amordaçados. Me deram

luvas para poder mexer no celular que encontraram no lixo. De cara reconheço que é de uma das minhas meninas, que estava infiltrada, aquela que estava mais próxima a Katsuo.

Será que foi levada? Será que descobriram que ela passava informações e a mataram? Meu peito aperta, dói quando nossos soldados partem. Mexo no telefone, mas não encontro *nada* de pistas. Apenas algumas fotos aleatórias de dentro dessa casa, mas *nada* que aponte para alguma coisa. Isso me deixa ainda mais apreensiva. Nossa equipe de perícia entra e começa a vasculhar, procurar pistas, enquanto Levi e eu assistimos libertarem a família.

Assim que a tal da Francie se levanta, dou um passo para acabar com a raça dela, só que meu marido me barra.

— Por que você ameaçou a minha família, maluca? — falo entredentes. Minha vontade é de quebrar a cara dela.

— P-porque ameaçaram o meu filho e a minha mãe — ela os abraça. O menino em seus braços é tão pequeno.

Eu entendo, juro que entendo, mas é a minha família que foi ameaçada e raptada. Lágrimas enchem os meus olhos. Malditos hormônios! Maldito japonês do caralho.

— Vocês sabem de alguma coisa? Viram ou ouviram algo que possa nos ajudar? — Levi pergunta.

A senhora balança a cabeça antes de falar:

— Olha, senhor, eu sou uma mãe que aconselhou muito a própria filha a não se envolver com aquele tipo de gente. Quando Fran se envolveu com aquele homem, Enzo, eu disse a ela que ele não valia *nada*. Que tipos como ele eram perigosos. Só que a juventude de hoje não nos ouve, ficam encantados por qualquer coisa, se deixam levar facilmente — ela olha à filha com tristeza. —

Ele não vinha muito aqui, mas, há poucos dias, invadiu e não saiu mais. Nos maltratou, impediu que saíssemos. Poucos dias depois apareceu com o seu chefe, o homem asiático, ele era mais violento e nos fazia servi-lo como se fosse da realeza, qualquer coisa que o desagradasse, ele nos batia.

— Ontem, Enzo disse que eu deveria entrar no carro com o seu soldado e esperar alguém da família Saints sair...

Corto Francie.

— Ele tinha informações de dentro da casa? — questiono.

Ela balança a cabeça em negação.

— Não, e isso os deixavam muito nervosos. Até que Enzo ligou para alguém que trabalha por lá e a pessoa acabou soltando que o chefe estava chegando naquele momento. Foi assim que souberam que os recém-casados tinham voltado. Então ordenaram para que eu seguisse qualquer um para chegar a Sayuri. Eles me deram fotos de vocês e me disseram os seus nomes. Então aguardamos perto da casa, vimos um carro sair e achamos que não era *nada*, pois se um de vocês saísse, estaria fortemente guardado.

Ela viu Raffaele e Haniel saírem e não se deu conta. Isso é bom.

— Continue — insisto.

— No outro dia vimos três carros saindo e os seguimos até a loja de departamentos. Não foi difícil entrar, conheço as pessoas naquele prédio, eu só não sabia que quem estaria lá é da família Saints. Andei pela loja e não demorei muito para avistar a ruiva e Mairheen com o seu filho, era a minha chance de salvar o meu.

Porque, quando Enzo ordenou que eu saísse, o japonês disse que caso eu não voltasse com a prometida dele, meu filho e minha mãe seriam torturados até a morte. Para provar isso, ele bateu no rosto do meu filho e socou a minha mãe — lágrimas corriam pelo seu rosto e acho que do meu também.

— Eu vou matar aquele filho da puta! Vou fazer picadinho daquele *hashi* que ele tem entre as pernas e jogar todo o seu corpo para os urubus comerem — todos me olham apreensivos. — Porra!

Ele bateu em uma criança, só por isso deveria ter uma bala na testa.

— Calma, querida - Levi acaricia meu braço. Eu não estou calma e não quero estar. — Além do Enzo e de Katsuo, tinham mais alguém aqui?

— Sim, senhor - Fran responde. — Tinham mais três homens e uma mulher.

— Como era ela? — pergunto.

— Ela era quieta, falava pouco e sempre que podia nos ajudava. Acho que ela é namorada de um dos homens asiáticos.

Tinha cabelo escuro, olhos castanhos claros, muito bonita.

Um nó se forma em minha garganta ao fazer a pergunta.

— Ela foi com eles por livre e espontânea vontade? Ou a obrigaram assim como fizeram com vocês?

Ambas as mulheres balançam a cabeça, mas é a senhora que responde.

— Ela foi por livre vontade. Até apressou os homens para partirem e foi junto.

Não acredito que uma das minhas meninas tenha me traído.

Só o fato de tentar me ligar não quer dizer *nada*, talvez fosse porque queria que encontrássemos a família. Mas por que ela faria isso?

Alguém me chama em outro cômodo, que está uma bagunça.

Quem esteve aqui devia estar muito furioso para fazer essa quebradeira toda. Olho ao redor e só vejo destruição. Posso imaginar o medo dessas mulheres ao ter esses bandidos

dentro de casa, quebrando tudo e batendo nelas. Distraída, olho pela janela e amargo a traição de uma das minhas melhores soldadas. Elas são mais do que isso, elas são minhas meninas, minha equipe especial, mulheres fortes que lutam pelo bem e de vez em quando pelo mal.

Olho mais atentamente no batente da janela, caminho até ela e puxo um pedaço de papel, o que acho me faz sorrir. Uma carta de baralho com a Arlequina sorrindo e as letras “JPY” bem no meio.

— Eu sabia que a minha menina não decepcionaria!

Levi se aproxima e olha a carta em minha mão, sem entender.

— O que é isso? — pergunta.

— É a minha menina dizendo que continua conosco e que estão a caminho do Japão. Ela foi por Sayuri.

— E como saberemos onde encontrá-las? — meu marido pergunta.

Com esperança, respondo:

— Elas darão um jeito de nos mostrar — sorrio para Levi. —

Vamos à guerra, marido. Vamos botar para quebrar.

Ele pega a minha mão e aperta.

— Vamos. E que Deus nos ajude.

Capítulo 33

Raffaele

— Aniella, minha paciência está por um fio, só me conta que porra aconteceu, por que a minha esposa foi levada?

— Enzo Bernardi estava saindo com uma mulher e, alguns dias atrás, ele chegou na casa dela e a ameaçou dizendo que se não levasse Sayuri para ele, que o seu filho e sua mãe sofreriam as consequências. Para o provar o seu ponto, Katsuo foi e bateu na criança de um ano. Francie se viu desesperada...

— Quem porra é Francie, Aniella? — pergunto sem paciência.

— Namorada do Enzo, que desesperada pegou uma arma e embarcou em um carro com um dos soldados de Katsuo. O

interessante é que Enzo ligou para um colega bem na hora que você e Sayuri estavam entrando no condomínio e a pessoa acabou soltando que o chefe estava chegando. Então eles ficaram de prontidão próximo ao condomínio. Enfim, a oportunidade se apresentou à tarde, quando Mae e Sayuri saíram. Eles a seguiram e Francie adentrou pela entrada de serviço da loja de departamento, ela disse que alguns conhecidos facilitaram, isso é verdade também, investigamos. Ela viu Mairheen sentada de frente para o provador e ali encontrou a oportunidade de levar Sayuri e livrar a sua família —

Aniella faz uma pausa e me deixa ainda mais nervoso. — Para afastar a mulher de Mae e Elijah, salvando a família de Francie no processo, Sayuri se ofereceu para ir, falou com Katsuo e ele garantiu que nada aconteceria, então foi com ele.

— O quê? — suas últimas palavras foram como um tapa em meu rosto.

— Rafe, Sayuri fez o que fez para salvar a todos. Ela está se sacrificando para que a nossa família não corra mais risco com Katsuo — minha prima fala no telefone. — Ela disse que nos ama.

Inferno, Raffaele! Trabalhamos tanto para proteger aquela japa dos infernos, só para ela ir lá, se entregar e livrar nosso pescoço.

— Tem mais alguma informação? Essa Francie, ela tem alguma pista ou sabe de alguma coisa? Foi presa?

— Francie foi tão vítima quanto Mae e Sayuri. Ela não sabe e o que sabia já nos falou — mais uma vez Aniella fica em silêncio, sei que a cabeça dela está fervilhando como a minha. — Harper, aquela que estava com um dos caras de Katsuo, foi juntamente com eles.

Estamos esperando algo vindo dela, alguma informação.

— Eu não posso esperar, Ani — passo a mão pelo meu cabelo. — Não posso sequer imaginar o que ele está fazendo com a minha mulher. Preciso fazer alguma coisa, agora.

— Eu sei. Traga ela de volta, Rafe. Traga Sayuri de volta. Ela te ama.

Suas palavras mexem comigo, eu sei disso, ela me disse, só não tive coragem de devolvê-las.

— Eu farei, *sorella*. Eu a levarei de volta.

Desligo e guardo o telefone no bolso. Olho ao redor do escritório improvisado e penso, penso, penso... preciso falar com Nishiguchi e com o tal Inagawa, eles podem não saber

de *nada*, mas com certeza sabem onde poderei encontrar o maldito Katsuo.

Eles podem nem ter desembarcado aqui ainda, mas alguém poderá me dizer alguma coisa. Afinal, não há muitos lugares onde chefes malucos e egocêntricos podem se esconder.

Haniel se aproxima.

— Como está Mairheen e Elijah? — pergunto.

— Estão bem — ele passa a mão pela nuca, isso diz que ele está cansado e estressado. — Ela está se culpando.

— Não deveria, não foi culpa dela — coloco a mão em seu ombro. — Volte para casa e cuide de sua família, *fratello*.

Ele balança a cabeça.

— Não. Minha família está bem e é uma questão de honra levar Sayuri para casa.

Assinto.

— Ok — neste momento, uma lembrança me ocorre. —

Como é o nome daquele homem de Levi que mora aqui?

— O nome dele é Artióm — Hunny e eu saímos, olhando ao redor até encontrarmos o homem trabalhando em um computador.

Nos aproximamos dele.

— Artióm, Inagawa não possui restaurantes pela cidade? — pergunto.

O homem à nossa frente não é grande e forte como a maioria de seus companheiros russos, mas Levi nos disse que ele compensa com agilidade em se camuflar e com computadores.

— Sim, senhor — ele clica em alguns botões e logo um mapa se abre na tela, ele começa a circular os locais que o ancião japonês possui. — Pelas minhas pesquisas, ele frequenta mais esse aqui.

— Então é para lá que iremos — digo.

Denis vem até mim.

— Não acho uma boa ideia vocês irem. Nós podemos...

Eu levanto a mão o parando.

— Isso é de chefe para chefe. Mas concordo que Haniel deva ficar. Dois de nós correndo risco vai contra toda a nossa tradição.

— Não, porra! Não vou deixá-lo sozinho — ele diz.

Estamos correndo contra o tempo, não posso ficar e discutir com Haniel sobre a nossa responsabilidade em não morrer, mas agora preciso correr, o tempo está contra nós. Enquanto nos encaminhamos para os carros, vou falando com Denis, pedindo máxima proteção para Hunny, caso aconteça alguma coisa comigo.

Meu primo e eu somos altamente treinados e podemos lidar com quase todas as situações, mas uma bala na cabeça não é uma delas. Na tentativa de protegermos um ao outro, uma coisa dessas pode acontecer. Enfim, é meu dever preservar a vida de todos, mesmo quando eles mesmos se colocam em risco.

Saímos da casa e percorremos as ruas de Tóquio. No início, passamos por casas pequenas e bonitas, depois pelo centro da cidade movimentado. Olhar essa cidade faz com que eu me sinta mal, pois lembro de Sayuri e imaginá-la nas garras daquele bastardo me deixa furioso. Ela é minha e ninguém toca nos meus.

Todos deveriam saber disso, mas também não me importo de lembrá-los.

O carro para em frente a um pequeno restaurante, abrem a porta para nós e entramos. O lugar é movimentado, não é qualquer

restaurante, aqui se encontram os engravatados, executivos, políticos, empresários com suas esposas ou amantes, todos elegantes. O ambiente é *clean* e discreto, presaram pelo vidro, aço e a cor branca; uma composição bem interessante.

Ao entrarmos, somos recepcionados pela *hostess*, que não encontra nosso nome na lista de reservas.

— Sabe quem são? — Atióm pergunta, apontando para nós.

— Eles são a realeza italiana, os Saints. Está a fim de começar um atrito diplomático? Eu acho que não.

— Nã-não, claro que não — a moça responde um pouco desesperada.

Sem demora e arrumam uma mesa para nós, pedimos bebidas antes que todos tomem conhecimento de quem somos e tentem nos envenenar. O *maître* vem e se apresenta, enquanto o atendente que nos serve é apresentado como nosso atendente para a noite. Como falei

anteriormente, o tempo está correndo contra nós e preciso ser rápido.

— Nós queremos falar com Shigeo Inagawa — ambos se olham, apreensivos. — Diga a ele que Raffaele Saints se está aqui e exige vê-lo.

— Senhor, não sei do que está falando e...

O *maître* começa a falar, mas o interrompo.

— Apenas diga ao seu chefe que estamos bem no meio de seu restaurante e que tudo pode acontecer, caso ele não compareça. Sabemos que toda a reputação pode ir abaixo rapidamente.

Eles saem rapidamente e não demora muito para que homens fortemente tatuados apareçam e se espalhem pelo salão.

Em nossa mesa estão Haniel, Atióm e Denis, os que ficaram lá fora estão estrategicamente posicionados. Caso haja algum problema, eles terão rápido acesso ao local. Estou tenso e minha raiva aumenta mais a cada segundo, estou a um passo de explodir e levar tudo ao inferno comigo.

Depois do que parecem ser horas, um senhor alto e magro surge, bem apresentável. O que o denuncia como da Yakuza são as tatuagens, que tem os mesmos padrões das que vi em Nishiguchi.

Ele cumprimenta muitas dessas pessoas enquanto se encaminha à nossa mesa. Assim que chega, levantamos e ele nos cumprimenta formalmente, curvando-se. Como aprendemos, devemos seguir os costumes do local em que estamos. Retribuímos o seu cumprimento. Um de seus homens puxa uma cadeira para ele enquanto dispensamos

Atióm e Denis, que ficam alguns passos de nós. Se um dos clientes perceberam que há algo de estranho, ninguém aparenta.

— Disseram que gostaria de falar comigo, senhor Saints.

Observo-o antes de responder.

— Belo restaurante, Inagawa. A comida deve ser esplêndida.

Agora é a vez de ele de me analisar.

— Convido-o a degustar nosso menu a qualquer momento que quiser, mas sei que hoje está aqui por outro motivo. Estou certo?

— Estou aqui para falar sobre o seu atual *oyabun* — ele assente, não deixando *nada* de suas emoções transparecer.
—

Katsuo Shinoda raptou a minha esposa e a trouxe aqui ao seu país.

Veja só, ele saiu daqui com a promessa de tomar território nos Estados Unidos e está voltando com uma guerra. Acredite em mim, Inagawa, eu moverei terra e céus para que o inferno se instale aqui.

Sua expressão neutra falha por alguns segundos.

— Se o *oyabun* achou melhor fazer isso, quem sou eu...

Bato na mesa assustando todos que estão próximos a nós.

Falo baixo para que somente quem está na mesa ouça.

— Você é o cara que ele, filho da puta, prometeu alguma coisa e que não será capaz de cumprir porque o matarei antes —

recosto-me na cadeira novamente. — Tem esposa, Inagawa? Tem filhas? — ele se mantém calado. — Imagine que um bastardo do caralho vem até o seu território e pega a sua esposa à força, o que você faria? Imagino que iria até o inferno para resgatá-las. É onde estou neste momento, no inferno.

— Senhor Saints, eu não sei como poderei ajudar.

Sorrio para Haniel.

— Percebeu que as exportações e importações de sua família tiveram uma diminuição drástica nos últimos dias?
— o

homem à minha frente vacila pela segunda vez. — Eu posso fazer muito pior, posso trazer a guerra para cá além de acabar com o fornecimento de armas.

— O que você quer? — ele pergunta.

— Quero que me diga para onde Katsuo levou a minha esposa.

— Se eu conseguir a informação, vocês sairão do país...

Eu o corto.

— Você e Nishiguchi irão destituir Katsuo de sua cadeira, o matarei e só então pegarei minha esposa e voltarei para casa.

— Depois disso?

Dou de ombros.

— Depois disso libero todas as operações, garantindo que tudo volte ao normal sem interferências — respondo. Retiro um cartão do meu bolso e estendo para ele. — Você tem poucas horas para me dar o que quero, Inagawa.

— Vocês podem não sair vivos daqui — ele nos ameaça.

— Podemos sim e então você começará não só uma guerra entre famílias, como também um incidente internacional. A maior parte das armas usadas nas grandes organizações criminosas são fabricadas em nossas indústrias, Inagawa. Então, pense bem. O

que vale mais a pena? Morrer por um líder fora de suas faculdades mentais ou salvar a sua irmandade de uma eventual guerra?

Neste momento, meu telefone notifica uma mensagem recebida. O abro e vejo uma imagem que drena todo o sangue de mim, fazendo com que tudo a minha volta pare. Sayuri caída no chão em uma poça de sangue com Katsuo próximo a ela, seguido da seguinte mensagem:

Seu bastardo já foi eliminado.

Capítulo 34

Sayuri

Abro os olhos e estou deitada em uma cama confortável, tento me espreguiçar e sinto uma dor lancinante abaixo da minha barriga. Então a lembrança do que aconteceu, nas últimas horas, vem em torrente e choro desesperadamente. Perdi a família Saints, minhas amigas, meu marido e depois o meu filho que eu nem sabia que existia. Deus, como pôde

fazer isso comigo? Por que retirar tudo de mim assim? Por favor, tire a minha vida também, porque não há razão *nenhuma* para continuar a existir.

Quando embarcamos naquele avião, eu sabia que seria o começo do meu fim, só não imaginava que isso aconteceria rápido assim. Quando fui empurrada para a poltrona, soube que seria afivelada com o cinto de segurança, logo apareceu uma moça com uma seringa. O tal Enzo me segurou para que ela injetasse o que quer que fosse em mim, não demorou muito para que eu apagasse.

Acordei com os altos risos dos homens e gemido de mulher.

Não havia *ninguém* ao meu lado, mas a aeronave não era grande, eles deveriam estar nos bancos da frente. Aqueles sons me deixaram ainda mais enjoada, já tinha acordado com a boca seca, forte dor de cabeça e com o corpo dolorido. Consegui abrir o cinto e, quando tentei me levantar, quase fui ao chão. Minhas pernas fraquejaram e meus reflexos estavam totalmente adormecidos. Com muito esforço e na tentativa de não vomitar em mim mesma, levantei escorando-me no banco.

Foi quando o meu olhar se deteve em Katsuo e um japonês que nunca vi, com uma mulher americana em seu colo, assistindo Enzo e outro homem transando com a mulher que aplicou a injeção em mim. Não sei se a mulher estava ali por vontade ou não, mas nesse momento só pude agradecer aos céus por eles não terem feito *nada* comigo enquanto estava apagada. A primeira pessoa a me ver foi a moça no colo do japonês desconhecido, mas ela não falou nada, apenas me olhou como se quisesse me dizer alguma coisa.

Katsuo viu que eu me levantei e veio até mim.

— Que bom que acordou, *suuuti*[\[24\]](#). Estamos próximos de pousar.

— Preciso ir ao banheiro — minha voz soou grossa e minha garganta arranhou.

Ele apontou à porta no fundo da aeronave, antes de eu me virar para ir, olhei mais uma vez para trás, fazendo o meu estado piorar. Corri até o banheiro e vomitei o que pude. Meu estômago se contraía e a dor aumentava. Um verdadeiro inferno.

Depois de lavar o meu rosto e fazer o possível para melhorar o meu estado, saí do banheiro. Katsuo estava de volta ao seu lugar e ao lado dele havia um espaço. Ele bateu na poltrona ao seu lado e sabia que é para mim, mas não queria ser espectadora daquilo.

Fui para sentar na poltrona que estava, mas o homem que tinha a mulher no colo me alcançou rapidamente e me puxou para frente. Ele me jogou na poltrona e Katsuo afivelou o cinto assim que me ajeitei. Tentei sair, mas ele puxou os meus cabelos e mandou que ficasse quieta, assim o fiz. Ele segurou minha mão forte enquanto o trio à nossa frente finalizava sua transa. Fechei os meus olhos e me tentei me desligar, lembrei de todas as situações divertidas que vivi enquanto estive com os Saints e de estar nos braços de Raffaele.

Depois que o piloto anunciou o início do pouso, demorou mais uma hora para que realmente estivéssemos em solo. O jato pousou em uma pista particular, havia três carros a nossa espera.

Mais uma vez fui tratada como uma boneca, sendo puxada, arrastada e jogada para onde Katsuo queria. Foi aí que comecei sentir um desconforto abaixo da barriga. Toda a

situação estava me levando ao limite, não aguentaria aquilo por muito tempo. Em outra época, eu poderia ter aceitado e feito o meu melhor da pior situação, mas hoje... hoje não, hoje eu quero mais para mim.

Não tenho lembranças do Japão, minha mãe fez questão de manter algumas tradições e o idioma vivo em nós, porém, depois de adulta, nunca estive em meu país natal. Sempre quis vir, desfrutar de onde vem a minha linhagem, mas, infelizmente, o medo e o

cativeiro sempre falaram mais alto. Não sei como será a minha vida de agora em diante, para alimentar esperanças de conhecer alguma coisa.

Rodamos por um bom tempo até chegarmos à frente de grandes portões. Katsuo desceu o vidro da janela se mostrando, assim que os seguranças viram que era seu chefe, abriram os portões. Percorremos um longo caminho até que avistamos uma grande e luxuosa casa antiga em meio ao gramado. Não vi muitos homens andando ao redor, mas havia uma quantidade a se considerar.

Katsuo agia como se ele fosse rei de um reino inteiro, ele falava e exigia as coisas como se tudo existisse para satisfazê-lo.

Não houve educação e nem gentileza, apenas o desprezo e a obrigação de servir. Há algo estranho nele, como se fosse uma pessoa desequilibrada, não sei... ele emana essa coisa ruim e seus olhos não demonstram outro sentimento senão a indiferença.

Pessoas assim não tem uma boa alma, se é que tem uma.

Saímos do carro e caminhamos até a porta da frente, que foi aberta por um dos empregados. Ninguém olhou para o rosto

de seu senhor, apenas mantiveram o olhar em seus pés. Não houve cumprimentos e nem foram falados os seus nomes. Tão diferente dos Saints, onde cada empregado tem nome e olha diretamente para seus chefes. Falta calor, falta amor... aqui habita algo ruim.

Meu coração doeu com a constatação da minha triste realidade, esse é o meu futuro, servir a um demônio.

Não vou mentir que cogitei seriamente tirar a minha vida, o que eu teria a perder? Sei que Raffaele não virá, ele tem orgulho e até retaliará, mas provocar uma guerra entre organizações criminosas, se indispor com famílias poderosas, colocar o clã na linha de frente, não vale a pena fazer isso por mim. Eu não valho a pena para ele e todos nós sabemos disso. Raffaele apenas seguirá em frente como se tivesse ficado viúvo, terá uma nova esposa e será feliz.

A dor abaixo da minha barriga piorou e a minha respiração falhou. Tentei não demonstrar, mas estava difícil. Katsuo abriu os braços em meio à sua sala e falou para mim:

— Bem-vinda ao seu lar — ele ficou sério quando não esbocei reação. — Seja grata por tudo o que eu lhe der, mulher. Eu atravessei o mundo para te trazer para casa, mostre respeito e gratidão ao seu marido e senhor.

Oi?

— Obrigada — apenas falei para pararmos com aquilo. Não suportaria uma briga *agora*, estava me sentindo muito mal e fraca.

O homem que estava com a mulher no avião se chama Hatiro e a mulher é Harper. Eles estavam conosco na sala, assim como Enzo. Percebi que havia uma certa disputa entre Hatiro e Enzo, pois um é o braço direito dele e o outro

apenas aliado, o problema é que Enzo ainda não percebeu que ele não pode ser alguém de extrema confiança, ele é um estrangeiro, não há confiança em quem é de fora.

Olhei ao redor e vi muitas fotos, quase todas de Katsuo, em algumas um homem e uma mulher juntamente com uma criança, todos muito sérios. A casa é mobiliada com móveis antigos e caros, se vê a velha riqueza oriental por todos os lados. Não parece ser a casa de um homem jovem e rico, isso tudo combina mais com o seu pai ou avô. Nada é feio, pelo contrário, é muito elegante, mas de uma forma austera.

— Venha, querida. Sente-se aqui comigo.

Demorei a perceber que a “querida” era eu e que o lugar que ele me oferecia era em seu colo. Balancei a cabeça, recusando fazer o que pediu. Katsuo é um homem que não gosta quando as coisas lhe são negadas e isso ficou bem claro quando ele se levantou e veio até mim.

— Você me deve obediência, Sayuri. Não vou aceitar insubordinação de vadia *nenhuma*.

— Eu não sou sua vadia ou qualquer outra coisa — respondi, tentando ser firme. — Fiz o que você queria, vir de espontânea vontade. Estou aqui e você tem o que quer.

— Você deve agradecer por tudo o que eu lhe pedir ou der.

De agora em diante você é a minha vagabunda.

Sem pensar, levantei a mão e dei um tapa em seu rosto.

— Você é um idiota!

Katsuo me deu um soco na lateral do rosto e me empurrou, fazendo com que eu caísse sobre uma mesa, que me machucou. A dor em minha barriga aumentou e logo senti umedecer entre minhas pernas. Encolhida no chão, fiz o meu melhor para olhar para baixo e ver que sangue saía de mim. Katsuo se abaixou ao meu lado e tentei me afastar, mas a dor era grande demais para que eu me movimentasse. Ele começou a falar como um louco.

— Olha o que você fez, desgraçada. Fez-me te machucar.

Você é burra como meu pai, bastava só fazer o que ordenei e ficaria tudo bem. Ele morreu, mas eu não deixarei você morrer, não agora que te tenho para mim. Chamem um médico.

Katsuo ordenou que Hatiro me pegasse do chão e colocasse no sofá. Lágrimas começaram a cair dos meus olhos e quando a dor ficou insuportável, me dei o direito de chorar. Chorei por todas as dores que sentia, pela humilhação e pelo meu futuro. Senti calafrios e foi nessa hora que comecei a apagar e acordar. Uma hora havia um homem me olhando e mexendo em meu braço. Tentei retirar, mas logo caí na inconsciência novamente. Quando tornei a acordar, Harper estava em um quarto comigo, enquanto minhas pernas estavam abertas e mais uma vez tentei reagir, mas tinha poucas forças. Ela segurou forte a minha mão e a última coisa que vi foi a compaixão em seus olhos.

Não sei quanto tempo fiquei assim, mas houve um momento em que tive maior lucidez. Eu não sentia a dor forte de antes, mas sabia que algo não estava bem, o desconforto mostrava isso. Um homem alto, vestido de branco e com jaleco estava no quarto, junto com Katsuo, Hatiro e Harper, que estava com um olho roxo e com as mãos amarradas. Tentei me levantar, mas não consegui.

— O-o que está acontecendo? Por que sinto tanta dor? —
minha voz era rouca.

Katsuo se aproximou de mim com um sorriso doentio.

— Agora você está bem, *suuiti*. O doutor, Susumo, retirou todo mal que havia em você.

O homem elegante não parecia muito feliz.

— Você perdeu a criança. Ainda bem que cheguei rápido o suficiente para controlar a hemorragia. Enquanto você estava fora,

foi possível fazer uma transfusão e aumentar as chances de uma rápida recuperação.

— C-criança? — pergunto ainda atordoada.

O médico desviou o seu olhar do meu e Katsuo virou o meu rosto para encarar o seu.

— Você estava grávida, mas, ainda bem que você caiu e seu corpo acabou expelindo a criança bastarda para fora. Agora você está totalmente limpa para mim.

Comecei a tremer e suar frio. Eu estava grávida... grávida de Raffaele. Nosso primeiro filho... meu primeiro filho... que foi arrancado de mim. Ódio tomou conta de mim e me debati para sair de perto daquele maldito homem.

— Você é um monstro! — falo alto com todas as minhas forças.

O médico foi para o meu lado.

— Fique calma, por favor. Fique calma.

Meus olhos caíram em Harper.

— O que aconteceu com ela? — perguntei. Sei que ela não deve ser boa coisa, afinal, estava com esses monstros. Mas lembrei que ela segurou a minha mão e senti lá no fundo que ela fez mais do que isso.

— Ela é uma traidora do caralho — Hatiro fala. — Só está viva porque ainda a quero foder. Quando eu cansar, será morta.

E mais uma vez a lembrança de ter meu filho tirado de mim veio ao meu coração e nessa hora não consegui me conter, gritei...

gritei com todas as minhas forças. Quanto mais lágrimas caíam, mais eu gritava. Meu filho foi tirado de mim, a criança que gerei com o homem a quem amo foi arrancado de mim. Eu vou matar Katsuo e arrancar tudo o que tem dentro dele.

Hatiro e Katsuo me seguraram para que o médico aplicasse alguma droga em mim. Não demorou muito para que os meus olhos ficassem pesados e minha lucidez fosse se esvaindo. Antes que eu fechasse os meus olhos completamente, disse ao homem que me fez tanto mal:

— Eu te odeio.

Capítulo 35

Raffaele

Seu bastardo já foi eliminado.

Seu bastardo já foi eliminado.

Sayuri estava grávida? Ela não disse nada... Céus! Talvez nem ela mesma sabia. Meu filho... meu filho.

Levanto e jogo tudo que há em cima da mesa no chão. Ódio e raiva fervilham dentro de mim com imagem da minha mulher em uma poça de sangue, sangue dela e do meu filho. Todos ao redor se afastam e os homens de Inagawa apontam as armas para mim, como se eu me importasse, como se eu fosse recuar depois do que aconteceu.

Jogo o telefone sobre a mesa para que o maldito ancião veja a minha mulher ensanguentada. Eu mal estou conseguindo me controlar.

— Está vendo o que aquele maldito está fazendo a minha mulher? — passo a mão pelos meus cabelos. Alcanço o celular: —

Quer saber? Foda-se a Yakuza. Vocês querem guerra? Guerra terão. Vou virar essa cidade de cabeça para baixo, enquanto isso enviarei

mensagem

para

que

as

outras

organizações

desembarquem aqui. Foda-se tudo!

Haniel se levanta e empurramos as nossas cadeiras sem cuidado *nenhum*. Todos ao nosso redor nos olham,

estranhando a cena. Muitos clientes se levantam assustados, Denis e Atióm tiram as suas armas e homens de Inagawa também apontam as deles. As pessoas do lugar começam a gritar, alguns se jogam no chão e outros tentam sair, mas a porta está fechada. O caos é instalado e demora algum tempo até o homem mais velho sinalizar para que os seus homens guardem as armas.

Ele se levanta e tenta acalmar as pessoas.

— Senhoras e senhores, nos perdoem. Tudo não passa de um mal entendido e nós estamos deixando o recinto para que vocês possam continuar suas refeições tranquilamente — ele vira para o *maître*. — Sirva um prato para cada um deles, qualquer um de

nosso cardápio — ele vira para nós e baixa a voz. — Peça para que os seus homens guardem as armas e me sigam, por favor.

Aceno para Denis e Atióm, que guardam as suas armas.

Somos levados até o mezanino, acima do salão principal. Inagawa chama um dos garçons e pede bebidas. Ele está visivelmente nervoso, assim como nós estamos. Ao sentarmos, Haniel pega o celular e começa a disparar mensagens, provavelmente para Aniella rastrear e ver se consegue alguma informação. O tempo está passando e eu estou aqui sentado enquanto a minha mulher está em algum lugar dessa cidade, sendo torturada por aquele bastardo do caralho.

O ancião à nossa frente está caindo na real do que está se desenrolando neste momento. A decisão de uma guerra em seu território está repousando em sua mão. Porque eu não medirei esforços para transformar este lugar em um inferno. Fecho aliança com o diabo se for preciso. Percebendo meu

estado, o homem se apressa em pegar o seu telefone e nos avisa que está ligando para Nishiguchi. Mais um ancião, mais homens e mais um passo para isso acabar muito mal. Não tenho dúvidas de que Haniel já enviou a ordem para os nossos soldados venham.

— Você sabia que Katsuo não estava nos Estados Unidos para ampliar contatos ou conquistar território? — Hunny pergunta.

O garçom serve as bebidas, mas ninguém é louco o suficiente para beber *nada* agora, não quando todos na cozinha sabem quem somos e o porquê estamos aqui.

— Sabíamos somente sobre os contatos e achamos que seria muito bom ter uma célula da família por lá, isso facilitaria as travessias — ele responde.

— Eu não posso ficar aqui enquanto minha mulher está sendo machucada — falo mais do que impaciente, estou furioso. —

Assim que eu achar aquele maldito bastardo, eu o matarei com as minhas próprias mãos e destrincharei o seu corpo.

— Katsuo sempre foi instável, mas achei que com o passar dos anos ele amadureceria.

— Conversa fiada — debocho. — Você sabia muito bem que ele não amadureceria. O cara está se mostrando cada vez mais fora

da casinha e todos percebem isso. E talvez esse seja o seu plano.

Quinze minutos depois, o outro ancião entra apressadamente e a essa altura da noite, a maioria dos

clientes do restaurante já deixaram o local. Mas, por causa dos que ainda ficaram, mantemos um clima falsamente tranquilo no piso superior. Está levando tudo de mim ficar aqui.

— Qual é o problema agora? — sua pergunta foi mais em direção ao outro ancião do que exatamente para nós.

Sabemos que, por mais que eles se conversem e façam longas reuniões, os anciões não gostam um dos outros, suas famílias são rivais e cada uma carrega a morte da família do outro em suas costas.

Haniel coloca o meu celular na mesa com a imagem e mensagem que recebi de Katsuo. O homem balança a cabeça em desgosto. Seus olhos encontram os meus.

— É a sua esposa?

O riso que sai de mim é quase doentio.

— Minha esposa... o maldito matou o meu filho que ela estava esperando. Sabe o que é ter arrancado o seu herdeiro, primogênito, antes mesmo de termos conhecimento de sua existência? — pergunto entredentes, segurando-me para não acabar com tudo. — Agora que estamos todos aqui, por que não nos diz o que Katsuo Porra Shinoda fez para conquistar a sua aprovação? — aponto para Inagawa.

Ele respira fundo.

— Hoje, eu não me orgulho do que fiz. Somos conhecidos por não ligarmos para as nossas famílias e isso é errado. O ponto é que fazemos questão de que elas fiquem muito longe da irmandade.

Elas sabem que, quando saímos, podemos não voltar, pois a irmandade sempre virá em primeiro lugar.

— Ok. Ok. Só vá direto ao assunto — Haniel o corta.

— Eu não tenho filhos, somente quatro filhas, eu precisava garantir que um homem bom e forte se casasse com uma delas, mantendo a hegemonia da minha família na organização.

— E apelou para Katsuo? — Nishiguchi o questiona.

Inagawa balança a cabeça.

— Não estou orgulhoso do meu plano, não foi o mais inteligente. Katsuo é instável e apoiar sua ida aos Estados Unidos era a melhor forma de nos livrarmos dele sem sujarmos nossas mãos e começar uma guerra entre as quatro famílias que comandam a Yakuza. Se Katsuo fosse morto, o filho de Koji subiria ao poder e se casaria com uma das minhas filhas, garantindo a segurança e o poder da minha família.

— Espera aí, você está dizendo que esperava que Katsuo morresse por nossas mãos? — questiono. — Vocês declarariam guerra para vingar o líder, nos atacariam e nós revidaríamos. Então, no que isso os ajudaria? Vocês são loucos.

Ele dá de ombros.

— As coisas são mais complicadas do que imaginam, se eu não o apoiasse naquele momento, provavelmente teria matado Seiji e tantos outros. Vivemos durante anos velando os nossos mortos por causa de guerras, não queremos mais isso. O pai de Katsuo era um homem sensato e trabalhou arduamente para que houvesse essa trégua, que seu filho

tanto quer acabar. Ele não quer paz, não quer se submeter às leis da organização; Katsuo quer ser o líder supremo e eu não queria estourar uma guerra em nosso quintal.

— Vamos acabar com isso de uma vez e fazer com que esses italianos deixem o nosso território antes que as outras famílias desembarquem aqui e todos nós nos afoguem no sangue dos nossos familiares.

O telefone de Haniel toca e ele atende.

— Oi. Ok... — ele se vira para mim. — Harper foi pega tirando a foto para lhe enviar, mas Katsuo pegou e ele mesmo acabou enviando — ele volta a ouvir por mais um tempo. — Sei...

ele está onde? Quem diabos vai para casa do pai depois de ter sequestrado a esposa de um dos chefes da máfia italiana? — meu primo olha para mim e balança a cabeça, um gesto de “que idiota do caralho”. — Tudo bem. Estamos partindo. *Hum...* Ani? Sayuri está viva? — angústia enche meu peito. Eu não suportarei ouvir que não tenho mais minha esposa viva. Haniel olha para mim, abalado, ninguém está bem com a imagem que vimos há pouco tempo. Ele ouve atentamente e depois respira, aliviado. — *Grazie Dio!*

— A mulher está bem? — Nishiguchi pergunta.

— O que você acha? — pergunto ironicamente.

— Nomura não aceitará isso muito bem — o ancião volta a falar.

Inagawa enche o seu copo com o que imaginamos ser saquê.

— Para o inferno com Nomura. Essa merda não estaria à nossa porta se esse filho da puta não tivesse ao lado do Shinoda.

Por mim, vocês tem o “ok” para acabar com Katsuo.

— Por mim também. Façam o que precisam fazer e nós limpamos o que ficar para trás — Nishiguchi fala. — Enviarei alguém para assistir o desenrolar da situação, mas não nos envolveremos

— ele tira um cartão do bolso e uma caneta, anota alguma coisa no verso do cartão e me entrega. — Este é o endereço. O lugar é fortemente vigiado.

Assinto e todos nos levantamos. Não há apertos de mãos ou cumprimentos porque não somos aliados, nem parceiros. Somos chefes querendo resolver problemas sem colocarmos os nossos territórios e famílias no meio de uma guerra. Todos nós sabemos como isso acaba. Saímos para a rua e começo a caminhar sem rumo. Haniel tenta me acompanhar, mas desiste ao perceber que quero ficar sozinho. Há homens me acompanhando de longe. Sei que estou me colocando em risco agora, mas preciso esfriar a cabeça antes de me encontrar com o homem que levou embora a mulher que amo.

Porra!

Eu a amo. Amo com tudo o que tenho. Amo seu sorriso, sua ousadia, amo sua esperança de sempre ver o lado bom das coisas.

Amo sua vulnerabilidade e a forma com que se abre para novas experiências. Amo porque ama a minha família e a amo porque ela sempre foi o amor da minha vida. Porra! Porra! Não consigo controlar a dor em meu peito ao ver a

imagem dela deitada em seu sangue, perdendo o nosso filho.

— Estou indo te buscar, *preziosa*.

Capítulo 36

Raffaele

Um dos nossos carros para ao meu lado e embarco.

Viajamos até a casa onde estávamos reunidos e, quando chegamos, Haniel está ao redor de uma mesa, sobre um desenho improvisado da casa de Katsuo. Ele olha para mim, esperando as minhas ordens. Ando até ele e começo a dizer o que faremos. Com a ajuda dos que conhecem a área, começamos a traçar um plano de invasão delicado.

Ficamos horas trabalhando nisso. Por mais que eu queira ir de uma vez, reconheço que não é simples. Estamos falando de uma fortaleza fechada e protegida por homens altamente treinados.

Preciso estar preparado e com a cabeça no lugar, qualquer erro pode ser fatal. A vida de Sayuri já está em risco, nós não podemos errar e fazer com que ele a mate.

Denis sai com alguns dos nossos homens e volta depois de um tempo, carregando armas. Ele vai abrindo os compartimentos das caixas e bolsas, tira tudo o que trouxe. Minha primeira ideia é atacar de frente, explodir o portão e entrar atirando em todo mundo.

O problema é que não sabemos se ele tem conhecimento de nossa presença, se tiver, poderá usar Sayuri para se livrar do que virá sobre ele.

Enquanto a hora não chega, chamo um dos meus homens para treinar, pois preciso liberar a energia que se acumula, focar no que é importante e deixar para me lamentar depois. Todos os que não estão ocupados com alguma coisa, vão para fora a fim de assistir e até mesmo para se descontraírem. Haniel, meu primo, meu irmão e meu fiel companheiro, coloca uma música pulsante e pesada da maneira que gosto de treinar. Ele está no modo cuidado, sabe o quanto eu posso ser autodestrutivo.

Tiro o casaco e a camisa, não sei há quanto tempo estou com essa roupa, também não imaginava ficar mais de vinte e quatro horas em território japonês. Jogo as minhas roupas, meias e sapatos de lado, ficando apenas de calça. Não é o melhor jeito de

treinar, mas temos que improvisar. A música estoura no meio do gramado e luzes são acesas, iluminando um círculo de pessoas que estão se preparando para o ataque. Para alguns, será a batalha da sua vida.

(...) Eu escuto um monte de segredinhos, então diga-me o seu e guardarei. Agora você quer saber meu nome, mas é melhor pensar duas vezes, ser mau tem um preço. Eu tenho uma reputação sórdida e não sinto a hesitação. Melhor pensar duas vezes, porque ser mau tem um preço (...)

Meu oponente e eu circulamos entre nós, à espera do melhor momento para atacar. Como quero ter foco, opto por esperar o seu ataque, que não demora a vir. Desvio e o soco de volta. Ele é um oponente forte, vem para cima de mim e mais uma vez erra o golpe, fazendo com que eu o acerte novamente. Minha cabeça está começando a desanuviar, a adrenalina correndo em minhas veias me impulsiona para uma boa briga.

(...) Eu começo a me perguntar se essa é a vida real. Assopre uma vela, apague a luz. Se sua moral lhe faz pensar que é melhor do que isso, então pense duas vezes, porque ser mau tem um preço. Eu escuto um monte de segredinhos, então diga-me o seu e guardarei. Agora você quer saber meu nome, mas é melhor pensar duas vezes, ser mau tem um preço. Eu tenho uma reputação sórdida e não sinto a hesitação. Melhor pensar duas vezes, porque ser mau tem um preço (...)

O meu oponente vai ao chão e outro toma o seu lugar. todos estamos buscando uma maneira de controlar as nossas emoções e quando você é um homem iniciado, a melhor maneira é a luta.

Somos obrigados a manter o foco para não sermos atingidos, somos obrigados a atacar para não sermos atacados. Ter a cabeça no lugar, ter foco na vitória e pensar rápido para melhorar a estratégia são requisitos para um bom lutador.

(...) Eu tenho uma reputação sórdida e não sinto a hesitação.

Melhor pensar duas vezes, porque ser mau tem um preço (...).

Depois de três oponentes, deixo o treino e começo a caminhar pelo gramado, ficar longe das pessoas, Denis me alcança

e entrega o meu telefone. Olho na tela e vejo o nome do meu pai na tela. Atendo a ligação, temendo o que vou ouvir.

— Pai.

— Filho — ele responde. — Como você está?

— Ela estava grávida, pai — esfrego o meu peito para acalmar a dor. — Minha mulher carregava o meu filho.

— Eu sei, *figlio*. Eu sei. Por eles, você tem que manter a cabeça no lugar. Sei o quanto você se cobra quando se trata da família, sei que não é fácil ter sua mulher nas mãos de alguém, mas, acredite, você é forte e inteligente para salvá-la — ele fica em silêncio e quando volta a falar, sua voz é baixa, o máximo de emoção que consegue expressar. — Eu salvei sua mãe e você.

Deus sabe o quanto foi difícil ter Micaylah levada.

— Ela não foi levada, se entregou para salvar a Mairheen e Eli.

— É por isso que ela foi uma boa escolha de esposa. Porque é forte, não tem medo de defender os seus. Sayuri compartilha o mesmo senso de dever que você. Perfeita para uma Senhora Saints.

Olho para o céu estrelado.

— Eu não a mereço.

Meu pai suspira profundamente.

— Nós nunca merecemos, mas elas sempre nos amam. Vai dar tudo certo, filho. Seu avô está de prontidão para enviar quantos homens forem necessários, como nós aqui também estamos.

— Obrigado, pai.

— Vai dar tudo certo, Chefe.

— Sim, dará tudo certo.

Despeço-me e desligo o telefone. Enquanto volto para a casa, lembro do meu pai contando como minha mãe foi sequestrada e levada à Itália. Eles lutaram juntos para sair da situação. Jamais pensei que passaria por algo parecido e que no processo perderia alguém tão importante, que nem sabíamos que existia, mas significava o mundo para nós.

Assim que entro na casa, vou diretamente para a suíte em que colocaram as minhas coisas. Termino de tirar a roupa e entro

sob a ducha de água, que rapidamente fica quente. Imagens de Sayuri naquela joia que mandei fazer para ela e de saltos vêm a minha mente. Escoro-me na parede e acaricio o meu pau com a lembrança de seus grandes seios, sua bunda perfeita e sua boceta molhada.

Toco-me mais forte, imaginando sua boca em meu pau, sugando-me, fodendo-me. Posso sentir o seu cheiro, o seu gosto...

posso até mesmo ouvir os seus gemidos. Consigo imaginá-la aqui comigo, neste pequeno banheiro, se encurvando para que eu a penetre por trás em sua boceta e em sua bunda. Eu a faria gozar em minha boca e a colocaria novamente em meu pau, para que a minha mulher me cavalgasse até gritar com o seu orgasmo. Com todas essas imagens, eu gozo forte.

Depois de imagens lindas, vem aquela que tem me aterrorizado nas últimas horas, em que Sayuri está no chão. Ódio ferve e soco a parede, sangue escorre das juntas dos meus dedos e continuo socando até que a pele da minha mão se rompe e o azulejo fica vermelho com o meu sangue. A única coisa que consigo enxergar é o rosto daquele filho da puta do caralho, pousando sobre a Sayuri.

Enquanto assisto o meu sangue escorrer, levanto o rosto para que a água da ducha lave todo o meu ódio, pois esse sentimento cega as pessoas, assim como o amor. Minha cabeça deve estar no lugar ao entrar na casa daquele bastardo. Preciso estar bem para pegar Sayuri e sairmos de lá inteiros. Termino de me lavar e me seco. Vou até a minha mala, pego minha roupa e me visto. Assim que saio do quarto, vou para onde os homens estão reunidos.

Caminho até Hunny e Denis, ambos se viram para mim, ansiosos, com expectativas. Sei que todos aqui estão excitados com a iminência da invasão e ataque. A vibração no ar é outra. Atiôm faz algumas considerações e nos fala que é o momento de entrarmos em cena.

— Preocupa-me que Inagawa e Nishiguchi vazem a informação e que percamos o elemento surpresa — falo e todos ao

meu redor assentem. Olhando em volta, vejo a expectativa aumentar. Então, anuncio: — Senhores, chegou a hora.

Nos organizamos, distribuímos as armas, rádios e fones.

Repassamos todo o plano e alertamos sobre todas as coisas erradas que podem acontecer. Estamos invadindo um lugar desconhecido, as informações que temos são baseadas na descrição que um dos homens passou. Como ele esteve lá apenas duas vezes, não pôde detalhar cada cômodo, mas sabemos o essencial.

Embarcamos nos carros e partimos para o resgate da minha esposa. Todos estão avisados que, se der tudo errado, eles devem partir e levar Haniel, é importante que ele se mantenha vivo, pois não sairei de lá sem Sayuri. Os homens gritaram que estariam comigo até o fim e sou grato, porque nem todos são italianos, há russos e irlandeses nesse meio.

Famílias diferentes unidas por um bem comum, dar um fim naquele cretino.

Muitos desses homens conhecem a cidade e podemos traçar rotas diferentes para chegarmos no mesmo lugar. Pegamos o caminho mais demorado, mas também o de menor movimento.

Haniel está comigo e ambos estamos concentrados. Olho pela janela e vejo a cidade passar por nós, então faço a promessa de trazer Sayuri ao Japão, para que conheça a sua terra natal. Parece ter passado horas até que chegamos no local próximo a casa. A vizinhança é distante, mansões com muitos hectares de terras deixam as casas praticamente isoladas.

Descemos dos carros e começamos a avançar até o nosso alvo. A maioria dos homens foram treinados para serem “invisíveis”, fantasmas. Não é difícil chegar até a casa, os homens começam a escalar os muros enquanto Haniel, Denis e mais um homem esperam próximos aos portões. Eu me recuso a pular muros, vou entrar pelo portão principal e sair por ele.

Não demora e o grande portão é aberto para que eu entre. A caminhada até a casa principal é longa e já vejo homens lutando e corpos no gramado. Quando chegamos na metade do caminho, o primeiro tiro ecoa no ar, depois disso é uma chuva de balas, partindo de todos os lados. Com cuidado, continuamos o nosso

caminho até a casa. Pegamos alguns homens pela frente, mas nada que não possamos controlar. A nossa atenção está em não sermos atingidos por qualquer bala.

Desisti de entrar pela porta da frente, pois não valia a pena o risco e até porque havia mais de seis homens guardando

a porta.

No escuro, iluminados apenas pelas estrelas, seguimos até acharmos uma janela ou uma porta aberta. O caos está instalado ao nosso redor e antes que eu pule uma das janelas, que quebramos o vidro, vejo vários de meus homens no chão, feridos. Realmente não sei se sairemos daqui vivos.

Logo que entramos, enfrentamos três homens que lutavam como reza a lenda dos samurais. Lorella não colocou *nenhuma* roupa confortável em minha mala. Não é fácil lutar com um terno de três peças e sapatos finos, italianos, mas imobilizamos os três, que fazem questão de alertar aos outros que a casa foi invadida. Haniel, Denis e eu prosseguimos, contudo, o soldado que está conosco fica para trás, segurando outros homens que vêm em nossa direção.

O tempo está acabando e a casa gigantesca dificulta a nossa busca. A essa altura Katsuo já está se armando para enfrentar quem quer que seja. Neste momento, a planta descrita não ajuda muito. Entramos em um corredor longo, mal iluminado e cheio de portas. Abrimos cada uma para ver se encontrávamos alguém, mas naquele corredor não encontramos *nada*.

De repente, tudo se acalma e os únicos sons que ecoam são das lutas corporais lá fora. Então um grito vindo de dentro da casa nos alcança:

— Estou aqui, Saints. Venha me pegar!

Capítulo 37

Raffaele

Toda a casa estava mal iluminada, como foi um ataque surpresa, não poderia ser de propósito. Seguindo a voz, atravessamos mais um corredor até chegarmos à sala onde Katsuo está sentado ao lado de Sayuri. O lugar é o mais iluminado de todos e posso ver que a minha esposa está com um grande hematoma no rosto e uma faca em seu pescoço.

Aponto à porta.

— Guardem a porta porque, pelo jeito, a conversa será longa

— digo a Haniel e Denis.

Como em um passe de mágica, Enzo Bernardi aparece juntamente com um homem japonês e uma das meninas de Aniella, que está amarrada e muito machucada. Todos apontam as suas armas uns aos outros enquanto eu arrumo meu terno e sento-me no sofá, em frente ao que Katsuo está sentado.

— Você acha que ela irá com você? — ele ri. — Pode até ir, mas não viva.

Ele movimenta a faca e um fio de sangue corre pela lâmina.

Preciso reunir tudo o que há em mim para não voar sobre ele e acabar com isso. Mantenho-me aparentemente tranquilo.

— Estou aqui para saber; por que persegue a minha família e a mim? O que no inferno te motivou?

O assunto parece o ter surpreendido e em todo tempo evito olhar para Sayuri. Ele afasta a faca do pescoço dela e coloca os braços sobre o encosto do sofá.

— Porque você pegou o que é meu — espero pacientemente o restante da sua resposta. — Anos atrás o meu pai me falou que eu deveria escolher uma noiva, mas eu não queria, porque já tinha uma — ele balança a cabeça. — Meu pai sempre foi um fraco para os outros, mas quando se tratava de mim, era um bastardo ignorante. Eu disse isso a ele, disse que em breve eu me casaria com a bela Sayuri Inagawa. Ele me disse que ela havia

desaparecido com a sua família e eu não descansei até encontrá-los.

Bufo.

— Sua história com o seu papai é linda, mas onde a minha família e eu entramos?

Ele faz uma careta.

— Estive nos Estados Unidos assim que descobri sobre Ren, o irmão da minha prometida. Eu o encontrei e contei a história da sua família...

— Foi você? Você quem foi até o meu irmão? — Sayuri o questiona.

— Fui sim. Também pedi uma prova de lealdade. Sua mãe te tirou de mim, então ela merecia morrer.

Sayuri coloca a mão na boca e suas lágrimas caem. Isso quebra um pouco do meu coração, mas me mantenho firme, por nós.

— Você é um monstro nojento!

Katsuo segura os cabelos dela e a sacode. Minha resposta é apertar as mãos, mas me controlo. Olho para Sayuri e rezo

para que ela entenda o meu olhar.

— Voltando ao assunto. Um pouco antes, Ren me falou que sua irmã estava cursando a faculdade e um belo dia fui vê-la.

Acreditei que ela me veria e me reconheceria como seu prometido

— ele faz uma careta pensativa. — Tudo bem que éramos pequenos, mas os laços sempre falam mais alto. Porém, quando cheguei à universidade, a encontrei abraçada com um italiano desgraçado.

— No caso, eu sou o italiano desgraçado — digo.

Katsuo faz uma expressão de desgosto.

— Eu os vi diversas vezes agarrados e soube que você havia corrompido a minha pequena prometida. Naquele dia jurei que te mataria, depois de acabar com o meu pai por ter falhado em guardá-la e a mãe dela por tê-la levado embora. Depois, acabei gostando do jogo e quanto mais as famílias se interligavam, mais ataques eu ordenava. Eu queria que todos soubessem o quanto os Saints são mentirosos imundos, corrompidos, imorais.

Sorrio.

— Você nos descreveu lindamente, Shinoda. Agora me diga, todo esse circo foi montado só para você se vingar por eu ter comido a mulher que achou que seria sua?

Ele perde o controle e grita:

— ELA ERA MINHA! — ele acaricia o seu rosto. — Ainda é.

Isso é o que você pensa, idiota.

— E o que você fará agora? — pergunto, mas o olhar frio de Sayuri me tira a atenção.

Ela está tramando alguma coisa e não consigo adivinhar o que é. Pelo olhar periférico, vejo que os homens estão com armas apontadas uns para os outros. Seja o que for que venha a acontecer, terá que ser rápido para sairmos vivos. Minha esposa sorri para o homem que a tem cativa e pergunta em sua voz mais doce:

— Você me quer? — ele sorri e assente. Neste meio tempo, alcanço a minha arma discretamente enquanto ela insiste:
— De verdade?

Ainda sorrindo, ele responde:

— Claro que sim, *suuiti*.

A expressão dela muda de doce para outra que nunca vi. O rosto de Sayuri se converte em uma máscara de ódio e rancor.

— Então, toma, desgraçado do caralho — ela começa a esfaqueá-lo sem parar com a faca que antes ele segurava.

Foi a distração que eu precisava para atirar no homem que segurava Harper enquanto Hunny e Denis se ocupavam do outro.

Gritos enchiam a casa, barulho de coisas se quebrando e gemidos.

Corro para Sayuri, que ainda perfura Katsuo. Puxo-a para mim e tiro a faca de suas mãos. Ela grita pedindo para que

a deixe matar o assassino de sua mãe, mas a coloco de lado, Haniel a pega e eu vou para cima do desgraçado.

Katsuo já está debilitado, mas ainda tem força para tentar fugir. Eu atiro em suas pernas e ele acaba por cair de joelhos.

Aproximo-me dele, que ainda ostenta um sorriso doente e que só um louco teria em uma hora dessas. Agarro-o pela camisa.

— Todos sabem que nunca se encosta um dedo em um Saints, principalmente em uma Senhora Saints — enfio dois dedos no corte em seu estômago e os torço. — Sayuri Saints, o nome da minha esposa é Sayuri Saints e ela sempre foi minha, desde que a vi pela primeira vez — junto mais dois dedos, o abrindo ainda mais, assisto com prazer o seu sorriso se desfazer. Repito o gesto de abrir as suas feridas em mais dois cortes profundos. — Você a tomou de mim, a trouxe para longe e, como não fosse o bastante, tirou o nosso filho que ela gerava.

Sangue escorre pela sua boca e nariz. Eu poderia facilitar a sua morte, mas ele não merece. Largo-o no chão e pego a faca, que antes usou contra a minha mulher.

— E-les te m-matarão — Katsuo fala e se engasga em seu próprio sangue.

Um riso louco sai de mim.

— A Yakuza? Sua organização? Não, meu caro, eles não virão. Na verdade, me deram aval para te torturar até a morte —

com a faca, abro seu peito de cima para baixo. — Isso é por ter pego a minha esposa... — depois quebro as suas mãos.

— Isso é por ter machucado Sayuri, por ter tocado nela... — traço a faca em seu pescoço, fundo o suficiente para causar dano. — Isso é por tirar a vida do meu filho.

Largo-o no chão e vou até Sayuri, que segura um pedaço de pano em seu pescoço. Ela não chora, mas seus olhos estão vidrados, provavelmente está em estado de choque, é a dormência depois de ouvir tudo o que ouviu. Beijo a sua cabeça e juntos assistimos o homem à nossa frente morrer. Não sabemos quanto tempo leva, mas assistimos até que não haja mais vida em seus olhos.

A porta é aberta e ouvimos sirenes vindo ao longe. Os homens que estavam conosco e outros japoneses, que provavelmente vieram dar suporte por ordem de seus chefes, nos ajudam a sair antes que a polícia chegue. Corremos para alcançar os carros que já estavam preparados para a fuga. Deixamos tudo para trás e nos levam direto ao pequeno aeroporto, onde nosso avião nos espera.

Estamos cansados, machucados e sujos de sangue, mas, ainda assim ela é a mulher mais bonita que já vi. Assim que embarcamos no avião, olhamos para fora, em direção a sua cidade.

O dia já está amanhecendo e aqui, parados na porta e tendo como pano de fundo um dos mais lindos nascer do sol, emolduro o seu rosto em minhas mãos sujas de sangue.

— Você é a mulher mais linda que já vi — ela sorri. — Você, Sayuri Saints, sempre será minha. Sempre, para todo o sempre.

— Meu Fael, tão lindo...

— Eu amo você — digo olhando-a em seus olhos. — Você é a mulher da minha vida e eu morreria se não conseguisse te resgatar com vida. Iria ao seu encontro, onde quer que você estivesse.

Lágrimas caem de seus olhos.

— E eu sempre o seguirei. Sempre.

— Vamos para casa, Senhora Saints. Sua família te espera.

Capítulo 38

Sayuri

Duas semanas depois...

Coloco a mão onde meu marido compartilha a cama comigo e não o sinto, está frio. Abro os olhos e vejo que estou sozinha em nosso quarto... nosso. Sorrio e me espreguiço, sinto o meu corpo dolorido pela noite tórrida de amor que tivemos. Desde que voltamos do Japão, Raffaele tem feito amor comigo e repete constantemente o quanto me ama. Não vou mentir que tenho economizado nos “eu te amo”, mas é só para vê-lo se esforçando cada dia mais para me fazer feliz. Acho que tenho esse direito.

Raffaele demorou para dar-me o que quero, sexo selvagem com palmadas, puxões de cabelo e palavras sujas. Sexo que só Raffaele Saints pode me dar. Ele adorou o meu corpo com a boca, beijou cada pedaço e chupou cada centímetro. Depois me fodeu de quatro, cavalgando em mim enquanto segurava meu cabelo, chamando-me das coisas obscenas possíveis. Eu adoro. Amo suas mãos em mim, seu corpo sobre o meu e dentro de mim.

Ele vem cuidando, não somente das minhas feridas físicas, mas também das emocionais. Saber que Katsuo conspirou para morte da minha mãe foi cruel... ele foi cruel. Há também a perda da criança que eu estava gerando, essa dor me aflige até hoje. Não só a mim, mas ao Raffaele e aos Saints. Eles vêm cuidando e zelando por mim como se eu tivesse nascido como um deles. Aniella e Mairheen passam por aqui todos os dias, ambas com suas barrigas lindas de grávidas.

Raffaele queria proibi-las de vir aqui, mas o cortei, além de elas serem minhas amigas, quero estar perto e viver este momento com elas. Assim que desembarcamos, parte da família estava lá para nos receber e depois não me trouxeram para casa, fomos direto à clínica, onde fui examinada por dois médicos que coletaram sangue para fazer exames. Tive que ficar lá até que saíssem os resultados de todos os exames e ultrassonografias.

Os médicos disseram que está tudo bem, que não tive *nenhuma* sequela do aborto e que meu organismo está saudável, podendo gerar quantos filhos eu quiser. Isso tirou um peso do meu coração porque desejo ser mãe, desejo que meus filhos vivam esse amor e generosidade da família que me acolheu com tanto carinho.

Naquele dia, depois dos resultados, me dei ao direito de chorar e lamentar por tudo o que havia vivido naqueles dias. Meu marido esteve ao meu lado, sempre reafirmando que não estarei mais sozinha no mundo.

Não falamos sobre filhos, acho que é cedo para conversar sobre isso. Quero me curar primeiro, porque a criança que vamos conceber deve vir quando eu estiver pronta e curada. É difícil digerir a maldade em sua essência e é o que venho fazendo nos últimos dias. Tenho deixado tudo de ruim

que aconteceu, durante toda a minha vida, ir embora. Venho trabalhando para ser uma pessoa melhor, para deixar o passado no passado. As lembranças boas no coração e as ruins no mar do esquecimento. Não é fácil, mas fica mais simples quando trabalhamos dia a dia.

A família Shinoda entrou em contato para exigir que eu voltasse para “casa”. Essa história precisava de um ponto final, então meu marido e seus primos trataram do assunto sem precisar colocar os pés no Japão novamente. Depois disso, o governo japonês enviou uma carta oficial pedindo imensas desculpas e que o país “estará sempre aberto para receber sua filha e sua família”.

Não entendo muito bem o que aconteceu, o porquê envolveram o governo, mas quando se trata dos Saints, nada é simples.

Também quis saber sobre Harper, que depois eu vim a saber que é uma das meninas de Aniella e que partiu com eles para tentar me ajudar de alguma maneira. Quando saímos da casa, não lembrei de perguntar sobre *ninguém*, mas com o passar dos dias Ani foi respondendo cada pergunta que eu tinha. Harper voltou depois com os outros homens, não houve mortes na equipe, mas muitos foram feridos gravemente. Os Saints sempre ficam ao lado daqueles que estão ou estiveram ao lado deles.

Perguntei sobre Francie e Ani fez cara feia, mas Mae me garantiu que a levaram para um lugar seguro junto com a sua

família, longe daqui. Ela conseguiu um emprego e sua mãe está se recuperando de todo trauma que passou. Ao que parece, os Saints cuidaram de tudo, até mesmo das novas

identidades que a família agora usa. Não acredito que haverá retaliação para ela, mas todo cuidado é pouco.

Depois de alguns dias, mais especificamente no primeiro final de semana que estávamos em casa, Raffaele e toda a família me levou à casa do lago... na verdade, está mais para mansão do lago.

Mas entendi a ostentação, é uma casa para abrigar toda a família Saints. Eu não queria ir, preferia ficar em casa com Raffaele, mas eles insistiram e fui. Jamais imaginei que fariam uma surpresa tão linda quanto fizeram.

No final da tarde, todos se encaminharam à beira do lago, onde havia algumas lanternas *chouchin*, as famosas lanternas flutuantes japonesas usadas na cerimônia Toro Nagashi, para homenagear os mortos. Elas são feitas com armação de bambu, coberto por papel em que se coloca uma vela acesa em seu interior, além de possuir uma base para que flutue sobre as águas.

Quando vi tudo aquilo, fiquei muito emocionada. Estavam presentes as famílias de Raffaele, Aniella e Haniel, seus pais e irmãos, esposas e filhos. Todos estavam ali para que eu pudesse homenagear a minha mãe de acordo com a minha cultura. Naquele dia, eles afirmaram que não importa de onde venho ou qual é a minha história. Disseram-me que me amam por quem sou e a minha história foi o que me trouxe até aqui.

Raffaele me levou para pegar a primeira lanterna e esperou que eu colocasse o nome da minha mãe. Juntos, entramos no lago até a água bater em nossos joelhos e soltamos a lanterna. Quando ela estava a uma certa distância, cada família pegou uma lanterna e as soltaram. Saímos da água

e assistimos as lanternas iluminadas sumirem nas águas. A noite já havia caído e estava escuro demais.

No caminho de volta para a casa, Danio tropeçou e caiu. Eu tenho certeza de que Haniel provocou a queda. Todos voltamos rindo, até mesmo o meu marido e foi a risada mais deliciosa que já ouvi.

Como não amá-los? Como não ser grata pelo que essa família tem feito por mim e por tantos outros? Eu faria tudo

novamente só para protegê-los, para que nenhum mal venha a acontecer. Mesmo que o início do meu casamento tenha sido difícil, que Raffaele não tenha se entregado, ainda assim, sua família zelou por mim, respeitou o meu tempo e me abraçou quando foi necessário. Mesmo que eu tivesse que partir hoje, ainda teria lindas lembranças.

Levanto-me e me enrolo no roupão que está aos pés da cama. Desço as escadas e procuro Raffaele no escritório, sala de estar, cozinha, piscina e *nada*. Lorella diz que ele saiu com roupa esportiva, então meu marido deve estar no ginásio. Saio de casa, caminho até o ginásio e assim que abro a porta, ouço a música alta e pesada ecoando pelo lugar. Vou até os aparelhos e lá o vejo torturar um saco de areia.

(...) Você vai segurar a barra? Quando cada um deles desistirem ou cederem? Diga-me. Nesta minha fortaleza, nada vem sem uma consequência ou custo. Diga-me. As estrelas se alinharão? O paraíso intervirá? Nos salvará de nossos pecados?

Vão? Porque a minha fortaleza se mantém firme. Este é o preço que se paga. Deixe para trás o seu coração e o jogue fora. Apenas mais um produto do hoje. Melhor ser o caçador do que a presa (...) [\[25\]](#).

Fico parada, olhando e desejando o homem mais bonito que já vi em minha vida... e gostoso também. O suor descendo por seu rosto, pescoço e abdômen, o seu *short* abaixo da cintura deixando seu “v” à mostra. Ele é meu, só meu. Raffaele está concentrado e entregue ao treino, não percebendo a minha presença. Então fico aqui, assistindo ao meu homem.

(...) E você está parado no limite, encare. Porque você é assim, um coração de pedra pulsante. Você precisa ser muito insensível para vencer neste mundo. Sim, você é assim, vivendo sua vida ferozmente. Você precisa ser muito insensível. Sim, você é assim (...)

Caminho até ele e, no meio do caminho, tiro o meu roupão, ficando nua. Não preciso chegar muito perto para que ele sinta a minha presença. Assim que me vê, vem ao meu encontro sorrindo.

Eu nunca me cansarei desse sorriso. Suado, ele me abraça e me

beija. Raffaele levanta a minha perna e, em um impulso, levanto a outra e as cruço em sua cintura. Eu amo esse homem, sou completamente apaixonada por ele e hoje tenho a mais absoluta certeza de que ele sente o mesmo por mim.

Raffaele me pressiona contra a parede e esfrega a minha bunda, seus dedos encontram a minha boceta, que está molhada só de vê-lo treinar. Contorço-me com a mais pura excitação por ele, que quando sente que estou pronta, baixa seu *short* o suficiente para livrar o seu pau e penetrar em mim. Sim! Ele é grande e cada vez que come, faz com que eu sinta que está me rasgando e eu adoro isso.

(...) Alguém me deixará ver a luz entre as sombras das árvores escuras. O que está acontecendo? Olhando no espelho, encontrando o erro no passado, sabendo que somos jovens. Corte até sangrar, dentro de um mundo sem paz, encare um pouco da verdade, da verdade. Este é o preço que se paga (...).

Meu marido me fode contra a parede, nossas bocas grudadas uma na outra como se não pudéssemos ter o suficiente um do outro. Ele se afasta o bastante para pegar um de meus mamilos em sua boca, o morde e acaricia com a língua. Sem perder o ritmo da penetração. Seguro o seu cabelo e o puxo para trazer a sua boca até a minha. Raffaele me pressiona ainda mais contra a parede e enfia um de seus dedos em minha boceta, lubrificando-o, depois o leva em minha bunda.

Ele me leva até um dos bancos dos aparelhos de ginástica e se senta, mantendo-me em seu colo. Agora é a minha vez de cavalgá-lo. Sento e rebolo, levando-o mais fundo. Raffaele me estimula a ir mais forte e rápido.

— Isso, *preziosa*. Assim... leve tudo.

Ouvir suas palavras em meu ouvido, ambos suados e ofegantes, tendo o melhor sexo de todos. Isso é amor... é fazer amor, só que com mais tesão e selvageria. Nós gostamos assim, nos completamos assim. É o que importa, não? E, com esse pensamento, eu gozo repetindo o seu nome como um mantra.

Raffaele aumenta suas estocadas, em busca da sua libertação e quando a encontra, goza recitando o meu nome como uma oração.

— Deus! Como eu te amo, mulher.

— Eu também amo você, meu Fael.

— Seu. Sempre. Para sempre.

FIM.

Epílogo

Raffaele

Quatro meses depois...

— Faremos uma ronda pelos clubes para identificarmos os problemas, trocaremos alguns dos gerentes e daremos fim aos ratos. Eliminaremos aqueles que...

Minhas ordens são interrompidas quando a porta se abre e uma Aniella grávida e irritada entra na sala.

— Eu não acredito que não me deixam fazer *nada*! Eu apenas estou grávida e não com uma doença terminal.

Hunny olha para mim.

— É a sua vez de lidar com a Senhora Nikolov.

Antes que eu pudesse responder, Sayuri entra com o seu inseparável *tablet*. Ani achou uma boa ideia colocar a minha esposa para substituí-la enquanto estiver de licença maternidade. Aquela licença que a mulher fez uma guerra para não pegar, até seu marido entrar na jogada e exigir. *Dio!* Levi merece uma estátua na praça mais famosa da cidade. Os hormônios da gravidez deixaram a minha prima ainda pior do que já era.

— Ani, apenas sente-se e coloque os pés para cima —

Sayuri pega o telefone sobre a minha mesa e ordena para que a secretária de Aniella traga as vitaminas e água.

Ela aponta à minha esposa.

— Eu não gosto dela quando está assim, no modo sargento

— ela coloca a mão sob a barriga. — Estou sentindo desconforto.

— Estou dizendo há horas para irmos ao hospital — Sayuri fala e eu a puxo para o meu colo. Ela me beija, mas logo sai.

Voltamos a falar do que deve ser feito nos próximos dias, então Aniella solta um grito de gelar os ossos. Nos colocamos ao lado dela, que segurara a sua barriga. Desespero começa a tomar conta de nós enquanto a minha prima se contorce, da mesma maneira que a dor veio, passou em seguida. Não demora muito para que Sayuri invada a minha sala novamente.

— Essa criança me chuta, brinca com a minha bexiga, me faz chorar horrores, agora está... eu não sei o que ela quer.

— Já falei com Mairheen e ela está indo nos encontrar na clínica — Sayuri passa a mão pelo cabelo de Aniella. — Giorgia Karyn Saints Nikolov pode estar querendo vir ao mundo — ela fala, sorrindo.

Aniella não sorri e mais uma vez grita com dor. Eu a pego no colo e a levo até o carro, Haniel vem atrás de mim já falando com Levi enquanto Sayuri pega as bolsas e corre para nos alcançar.

Quando a colocamos no carro, ela xinga todas as gerações Nikolov e continua a esbravejar. Eu caí na besteira de pedir

para que ficasse calma, ela virou para mim como a menina do Exorcista e falou:

— Tente passar uma melancia pela sua boca — ela sorriu porque sabe que imaginei a cena. — Pensa no quanto vai doer quando eu enfiá-la inteira em você. Então, essa é a maldita dor que estou começando a sentir, Chefe — a última palavra a mulher praticamente cuspiu.

Olho para Haniel, que está sentado ao meu lado, e ele ri.

— acredite, esse é só o começo.

— Logo sua mulher passará por isso novamente — o lembro.

O sorriso em seu rosto se desfaz.

— As duas comadres podem parar de falar e dirigir esse carro, rápido! — Ani fala antes de gritar com uma nova contração.

Devido ao trânsito, nós demoramos quase uma hora para chegar na *WellCare* e logo que paro o carro na entrada de emergência, Mae já está com uma equipe a espera de Aniella.

Coloco-a na cadeira de rodas e Mae, com a sua barriga de grávida bem proeminente, juntamente com outra médica a levam para dentro. Nos encaminhamos à sala de espera e sentamos para ver se realmente o bebê está vindo ao mundo ou se foi apenas uma ameaça.

Logo, entra Levi desesperado atrás de sua mulher. As enfermeiras o levam até ela. Depois, chegam os pais de Ani, seguidos pelos meus pais e os pais de Hunny. Nikolov pai chega junto com a sua esposa, fazendo com que a sala de

espera fique lotada. Todos impacientes e na expectativa de outra princesa, agora

Saints-Nikolov, vir ao mundo. É interessante olhar ao redor e ver os homens muito desconfortáveis enquanto as mulheres estão sorrindo. Realmente, gerar uma criança é um dos milagres da vida, mas o que vi até aqui assusta um pouco.

Mairheen vem nos dar notícias. Ela sorri e anuncia:

— Aniella está em trabalho de parto e logo Giorgia estará entre nós.

Todos na sala comemoram a grande notícia. Abraço Sayuri, que vem para o meu colo, visivelmente emocionada. Acaricio as suas costas. Sei que ela está feliz, mas também sei que isso mexe com ela. Nos mantemos todos expectantes até Levi aparecer com um grande sorriso, ele anuncia que o parto ocorreu bem e que sua filha nasceu com mais de três quilos, forte e saudável. Aniella está bem, mas muito esgotada pelo esforço que fez.

Todos ficamos emocionados, assim como no nascimento de Elijah. Lembro que foi um grande acontecimento. Haniel chorou, muito emocionando, me deixando surpreso. Nunca imaginei que uma criança poderia gerar tamanha emoção em homens como nós.

Levi à nossa frente é a constatação do fato. Seus olhos estão vermelhos e ele tenta disfarçar a emoção, mas não tem muito êxito.

Depois de algum tempo, somos levados até o berçário em repouso algumas crianças e como elas são meio parecidas, tenho dificuldade em identificar a menina de Ani. Mas Levi a pega no colo e se aproxima do vidro para que possamos vê-la de perto. Esse serzinho tão pequenino fez a sua mãe se

tornar em um monstro hormonal que ia do riso ao choro, da raiva ao choro, do choro ao choro, durante meses. Mairheen é mais tranquila, mas já testemunhamos seus ataques de raiva, que estão ficando bem frequentes. Boa sorte para Hunny, novamente.

Enfim, mais um herdeiro, mais um Saints, mais um para ser protegido com todas as nossas forças até que chegue o tempo de tomar sua cadeira e assumir a família. Com esse pensamento, deixamos o hospital para descansarmos. Em todo esse tempo, seguro a mão de Sayuri, que se mantém serena, mas estou realmente preocupado com ela, com os seus sentimentos. Não conversamos se estamos tentando ter outro filho, apenas estamos

levando, se acontecer, com certeza será um presente dos céus para nós.

Ao chegarmos em casa, vou para o banho enquanto a minha esposa vai ver alguma coisa com Lorella. Estou cansado, mais pelo estresse do parto de Aniella do que pelo trabalho. Espero Sayuri para tomar banho com ela, mas a mulher não aparece. Sim, eu quero transar com ela no banho, passar as minhas mãos naquele corpo extraordinário e fazer com que se sintam bem. Desisto da ideia quando ela não aparece.

Seco-me, enrolo a toalha na cintura e saio do banheiro, então encontro uma caixa branca sobre a cama. Deduzo que seja de Sayuri, passo direto e vou ao *closet* para me vestir. Volto ao quarto e a caixa ainda está aqui e minha esposa está no banho. Estranho o fato de ela não ter aberto a caixa, por isso me sento na cama para ver o que há dentro. Retiro a tampa e encontro dois pares de pequenos sapatos, um azul e outro rosa. Meu coração acelera e tento

controlar a emoção que está subindo em meu peito. Não pode ser... pode?

Fico olhando estes pequenos sapatos até que a minha esposa sai do banheiro e vem até mim, enrolada em seu roupão favorito. Olho para ela e vejo o lindo sorriso em seu rosto. Neste momento, forma-se um nó em minha garganta e a realização do que está acontecendo realmente afunda em mim.

— Você está grávida — minha voz sai embargada.

— Sim, estamos grávidos.

Sorrio.

— Grávidos — repito. Pego os dois pares de sapatos e os observo. — Não sabemos ainda se é menino ou menina, por isso coloquei os dois — olho para a minha esposa, que está mais linda do que nunca. — Não importa, *preziosa*. Não importa, estaremos prontos para receber ele ou ela — Sayuri acaricia meu cabelo enquanto abro o seu roupão e beijo a sua barriga. — Será bem-vindo, nosso filho ou filha será bem-vindo.

Ela segura o meu rosto entre as suas mãos com um sorriso ainda maior.

— Querido, nós teremos os dois.

Sorrio.

— Eu sei, teremos muitos para correr por essa casa e...

Sayuri dá um beijo doce em meus lábios.

— Tão inteligente, mas há horas que você realmente precisa de ajuda. Fael, nós teremos os dois.

Então a ficha realmente cai.

— Gêmeos? Nós teremos gêmeos? Um menino e uma menina? É isso?

Ela assente.

— Em sete meses você será pai de dois.

Agarro-a e a trago ao meu colo. Abraço o seu corpo junto ao meu e pela primeira vez me permito chorar, até porque as lágrimas descem pelo meu rosto sem a minha permissão.

— Eu te amo, Sayuri. Amo mais do que a mim mesmo.

— Amo você, meu Fael. Meu Raffaele.

Olhando no fundo de seus olhos, faço a promessa da minha vida:

— Prometo amar você e os nossos filhos, protegê-los com a minha vida. Nada de ruim acontecerá com vocês. Eu não permitirei e morrerei tentando se for necessário.

— Eu sei e por isso amo você com todas as minhas forças.

Para sempre.

Encosto a minha boca na sua.

— Para sempre.

Dois anos depois...

— Pelo amor de Deus, Giorgia, solte o seu primo e venha para cá antes que suje esse vestido branco. Por que mesmo inventamos de colocar branco em crianças? — Aniella questiona.

Minha mãe insistiu para que tirássemos uma foto de família e desde então estamos aqui nos jardins do condomínio, batendo fotos sem parar. Nós, adultos, estamos cansados, mas essas crianças não param de correr desesperadamente. Olho para os meus filhos, que estão sentados em frente à sua mãe. Eles estão com um pouco

mais de um ano, mas já me deram sustos que levaram dez anos da minha vida.

— Vamos! Vamos! Essa será a última. A foto principal, a imagem que eternizará três gerações de herdeiros do clã Saints —

minha mãe anuncia.

Sayuri e eu sentamos no meio com os nossos filhos, Uriel e Micaela. Ao nosso lado direito, Haniel e Mairheen com seus filhos, Elijah e Riccardo. No lado esquerdo, Aniella grávida e Levi com sua filha, Giorgia. Atrás de mim estão os meus pais, atrás de Aniella estão tio Elemiah e Francesca, atrás de Haniel está tio Raziel e Lisabeth.

Somos os Saints e essa é a nossa história de amor.

[1] Música: Bang Bang. Intérpretes: Ariana Grande, Jessie J e Nicki Minaj.

Republic Records, 2014.

[2] Okaasan: mãe em japonês

[3] Chichi: pai em japonês.

[4] Haha: mãe em japonês.

[5] Obon: festividade do Japão para homenagear os ancestrais; algo parecido como o dia dos finados no Brasil.

[6] Bon Odori: dança tradicional japonesa realizada no Obon.

[7] Butsudan: “Altar do Buda”. Altar que as famílias tradicionais budistas japonesas têm em suas casas.

[8] Ivy League: grupo formado por oito das universidades mais prestigiadas dos Estados Unidos

[9] Música: Being Evil Has a Price. Heavy Young Heathens. EUA, 2016.

[10] Cloche: peça de inox usada para servir pratos que precisam se manter aquecidos.

[11] ゴミをクソ (Gomi o kuso) – xingamento em japonês equivalente a “lixo maldito”.

[12] 痴女 (Chijo) – Ofensa em japonês equivalente a “vagabunda”.

[13] Música Luna, intérprete Vincent Niclo. Álbum Esperanto. França, 2020.

[14] Música Fly Me to the Moon, por Corneille, Vincent Niclo, Roch Voisine. TF1

Musique. França, 2013.

[15] Dock station: base que cria uma estação de trabalho e deixa todos os acessórios tecnológicos e monitores

conectados entre si.

[16] Cristais Swarovski: são conhecidos por em todo o mundo por seu tamanho, brilho e delicadeza. São fabricados pela empresa Swarovski, sediada na Áustria.

[17] Música Devil Like You. Compositor e Intérprete: Gareth Dunlop; Álbum: Many Moons Ago. USA, 2018.

[18] Gato de Cheshire: gato fictício que ficou famoso após o sucesso do livro

“Alice no País das Maravilhas”, de Lewis Carroll, por causa de seu sorriso icônico.

[19] Música You and I. Intérprete: John Legend. Álbum: Love In The Future.

USA, 2013.

[20] [Filme Memórias de uma Gueixa. Drama Épico. USA, 2005](#)

[21] 殿下, lê-se Denka: título honorífico que se traduz como “Alteza Real”.

[22] *Bloomingdale's*: rede de lojas de departamento norte-americana de alto padrão, pertencente ao grupo Macys's Inc.

[23] No Japão, chamar alguém pelo nome, ao invés do sobrenome acompanhado do sufixo *san*, demonstra carinho e intimidade.

[24] スウィーティー , lê-se: Suuiti que significa querida em japonês.

[25] Música Natural. Intérprete: Imagine Dragons. Álbum: Origins. USA, 2018.

Document Outline

- [Prólogo](#)
- [Capítulo 01](#)
- [Capítulo 02](#)
- [Capítulo 03](#)
- [Capítulo 04](#)
- [Capítulo 05](#)
- [Capítulo 06](#)
- [Capítulo 07](#)
- [Capítulo 08](#)
- [Capítulo 09](#)
- [Capítulo 10](#)
- [Capítulo 11](#)
- [Capítulo 12](#)
- [Capítulo 13](#)
- [Capítulo 14](#)
- [Capítulo 15](#)
- [Capítulo 16](#)
- [Capítulo 17](#)
- [Capítulo 19](#)
- [Capítulo 20](#)
- [Capítulo 21](#)
- [Capítulo 22](#)
- [Capítulo 23](#)
- [Capítulo 24](#)
- [Capítulo 25](#)
- [Capítulo 26](#)
- [Capítulo 27](#)
- [Capítulo 28](#)
- [Capítulo 29](#)
- [Capítulo 30](#)
- [Capítulo 31](#)
- [Capítulo 32](#)

- [Capítulo 33](#)
- [Capítulo 34](#)
- [Capítulo 35](#)
- [Capítulo 36](#)
- [Capítulo 37](#)
- [Capítulo 38](#)
- [Epílogo](#)